



RICKLEY LEANDRO MARQUES

# A Condição Mariel

Memórias Subterrâneas da Revolução Cubana



EDUFMA

Editora da  
PUC  
GOIÁS

# A Condição Mariel

*Memórias Subterrâneas da Revolução Cubana*

Apoio:





## UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

*Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva*  
Reitor

*Prof. Dr. Leonardo Silva Soares*  
Vice-Reitor

## EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

*Dra. Suênia Oliveira Mendes*  
Diretora



### CONSELHO EDITORIAL

*Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso*  
*Prof. Dr. Elídio Armando Expосто Guarçoni*  
*Prof. Dr. André da Silva Freires*  
*Prof. Dr. Márcio José Celeri*  
*Profª. Dra. Diana Rocha da Silva*  
*Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos*  
*Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa*  
*Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva*  
*Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues*  
*Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro*  
*Profª. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa*  
*Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas*  
*Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire*  
*Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior*



## ASSOCIAÇÃO BRAISLEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



GRÃO CHANCELER  
Dom Washington Cruz, CP

REITOR  
Prof. Wolmir Therezio Amado

EDITORA DA PUC GOIÁS

PRÓ-REITORA DA PROPE E PRESIDENTE DO CONSELHO EDITORIAL  
Profa. Dra. Sandra de Faria

COORDENADOR GERAL DA EDITORA DA PUC GOIÁS  
Profa. Nair Maria Di Oliveira

### CONSELHO EDITORIAL

Aidenor Aires Pereira - Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás  
Edival Lourenço - União Brasileira de Escritores  
Hélio Moreira - Academia Goiana de Letras  
Heloisa Helena de Campos Borges - Presidente da Academia Feminina de Letras  
Profa. Heloísa Selma Fernandes Capel - Universidade Federal de Goiás  
Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante - Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profa. Dra. Márcia de Alencar Santana - Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Maria Luísa Ribeiro - Presidente da Academia Goianiense de Letras  
Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo - Pesquisadora  
Prof. Ms. Roberto Malheiros - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

RICKLEY LEANDRO MARQUES

# A Condição Mariel

*Memórias Subterrâneas da Revolução Cubana*

São Luís



**PUC  
GOIÁS**

2024

Copyright 2024 by Rickley Leandro Marques

# A Condição Mariel

*Memórias Subterrâneas da Revolução Cubana*

Comissão Técnica

Biblioteca Central da PUC Goiás  
Normalização

Humberto Acioli  
Revisão

Félix Pádua  
Editoração Eletrônica e Capa

Gil Barreto Ribeiro  
Editor

Amaury Araujo Santos  
Versão E-book

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Marques, Rickley Leandro

A condição Mariel [recurso eletrônico]: memórias subterrâneas da revolução cubana / Rickley Leandro Marques. — São Luís: EDUFMA, 2024.

314 p. il.: 21,9 cm

ISBN 978-85-7862-204-6 (impresso)

ISBN 978-65-5363-341-4 (e-book)

1. Cuba – História- Revolução. 2. Intelectuais cubanos - Identidade.  
3. Cuba Política. I. Título.

CDD 972.91

CDU 94(729.1)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Neli Pereira Lima CRB 13 / 600

Criado no Brasil [2024]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA | Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga CEP: 65080-805  
São Luís | MA | Brasil Telefone: (98) 3272-8157 | [www.edufma.ufma.br](http://www.edufma.ufma.br) | [edufma@ufma.br](mailto:edufma@ufma.br)

Dedico este livro a minha companheira Isabel Ibarra que me aturou nos momentos em que me perdia na investigação e, posteriormente, na redação da tese. E as minhas meninas, Marina e Beatriz, que mesmo sem auxiliar em nada!

Significam tudo!



# Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador Jaime de Almeida que sempre acreditou na viabilidade do tema e me ajudou sobre maneira em todo percurso da tese. Não poderia deixar de citar à pós-graduação da UnB e de todos seus representantes: professores, alunos e funcionários, que sempre estiveram prontos para me auxiliar.

Ao Centro de Estudos do Caribe no Brasil, e a sua fundadora a professora Olga Cabrera.

Às professoras Tereza Negrão e Cleria Botelho pelas sugestões dadas durante a qualificação e defesa da tese. À professora Tereza Kirschner, que me orientou na dissertação de mestrado.

Ao sociólogo e amigo Rubens Benevides pelos debates e por vários livros que eu ainda hei de lhe devolver! A João Paulo e Suiane pelo apoio. Ao amigo José Carlos Aragão colega de luta outrora na UnB e hoje na UFMA, por fim a Libertad Bittencourt, professora, orientadora, amiga e cúmplice!

Ao Senhor Jorge Portilho, da Empresa MGI Tecnogin, no Rio de Janeiro que digitalizou sem custos para mim, o rolo Culture in Cuba (P0909) onde se encontram as revistas Termino, Unveiling Cuba e Mariel de Arte y Literatura produzidas pela Geração Mariel no exílio sendo que os originais desta coleção se encontram na Princeton University Latin American Collection.

Em Cuba, agradeço a algumas pessoas que permaneceram no anonimato, por ter oferecido o acesso à documentação relativa ao fenômeno Mariel.

Agradeço à revisora do livro Vera Maria Tietzmann e também a Adriana Mendonça que fez a capa deste livro.

À CAPES e o CNPq pelo auxílio durante o doutorado. Por fim, a Fapema pelo apoio para a publicação deste livro.





# Sumário

<i>Abreviaturas e Siglas</i> .....	7
<i>Prefácio</i> .....	9
<i>Situando a Questão</i> .....	13

## PARTE I

### **A Revolução Cubana e a Formação da Condição Mariel**

A Ilha .....	27
A Revolução Cubana, Fidel Castro e a Busca de um Projeto Hegemônico ...	29
A Atmosfera Social em Cuba e suas Ressonâncias no Mundo: os principais órgãos da cultura cubana Icaic e Casa de Las Américas .....	57
“Palavras aos Intelectuais” ou a Primeira Censura do Governo Revolucionário: o Caso do Documentário PM .....	62
O Homem Novo .....	73
A Construção do Homem Novo em Cuba .....	73
A Escola dos Trabalhadores em Cuba .....	90
A Repressão aos Homossexuais em Cuba: a Nova Moral Revolucionária...	107
O Satélite .....	123
O Caso Padilla .....	123
O Modelo Soviético e o Congresso de Educação e Cultura de 1971 .....	142

PARTE II

**A Condição Mariel**

O Porto .....	159
Introdução .....	159
O Mariel como Fenômeno .....	165
Da Invasão da Embaixada do Peru até a Abertura do Porto de Mariel: o acirramento nas relações entre Cuba e os EUA.....	168
O Discurso do Governo Cubano, as Manifestações dos “Estabelecidos” e a Estigmatização dos <i>Marielitos</i> .....	180
A Travessia .....	199
A “Recepção” nos Estados Unidos da América .....	199
A Geração Mariel e a Alternativa Mariel de Identidade.....	211
A Revista Mariel de Arte e Literatura e a Sua Comunidade de Leitores..	232
O Naufrágio .....	245
Ao Norte do Inferno.....	246
<i>Boarding Home</i> .....	265
O Porteiro.....	274
<i>Considerações Finais</i> .....	291
<i>Referências</i> .....	299

# Abreviaturas e Siglas

AINC – Associação Nacional de Industriais de Cuba  
AJR – Associação de Jovens Rebeldes  
ANAP – Associação Nacional de Pequenos Agricultores  
CDR – Comitês de Defesa da Revolução  
CIA – Agência Central de Inteligência  
CTC – Central de Trabalhadores de Cuba  
DRE – Diretório Revolucionário Estudantil  
FAR – Forças Armadas Revolucionárias  
FEU – Federação Estudantil Universitária  
FMC – Federação de Mulheres Cubanas  
FOH – Frente Operário Humanista  
ICAIC – Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica  
ISN – Serviços de Imigração e Naturalização  
JUCEPLAN – Junta Central de Planificação  
MININT – Ministério do Interior de Cuba  
OEA – Organização dos Estados Americanos  
ONU – Organização das Nações Unidas  
ORI – Organizações Revolucionárias Integradas  
PCC – Partido Comunista de Cuba  
PM – Post - Meridiam  
PSP – Partido Socialista Popular  
PURS – Partido Unido da Revolução Socialista  
UMAP – Unidades Militares de Ajuda à Produção  
UNEAC – União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba  
UPEC – União de Periodistas e Escritores de Cuba



## Prefácio

Pouco antes de falecer, o historiador marxista polonês Isaac Deutscher privilegiou em sua sofisticada interpretação do sentido da revolução soviética, que completava 50 anos, uma categoria de análise sistematicamente criticada pelo marxismo, a de geração. A justificativa para tal excentricidade metodológica era absolutamente lógica: já que o comunismo soviético havia eliminado radicalmente a burguesia e outras antigas classes dominantes, a melhor maneira de verificar e avaliar eventuais diferenças de atitude perante as realizações da revolução era observar separadamente os grupos de idade em que se diferenciava a população.

O grau de identificação (ou de satisfação) com o regime soviético era visivelmente mais alto entre quem tinha 60 anos ou mais. Eram aqueles que, tendo conhecido os últimos tempos do tsarismo e vivenciado todas as conjunturas que se sucederam a partir da primeira guerra mundial e da revolução bolchevique, faziam um balanço positivo da experiência socialista. O próprio Isaac Deutscher, mais conhecido pelas suas primorosas biografias de Trotsky e de Stalin, embora fosse um crítico severo da burocracia soviética, inclinou-se compreensivelmente na mesma direção, sem nenhuma dúvida quanto ao futuro da *Revolução Inacabada*. Em direção radicalmente oposta, o dissidente russo Aleksandr Solzhenitsyn – que lograra publicar sem censura *Um dia na vida de Iván Denisovich* em 1962, relatando o cotidiano de um campo de trabalho da época estalinista

– começava a divulgar no exterior a série de testemunhos diretos de sua longuíssima experiência de vida carcerária no *Arquipélago de Gulag*: leituras que impactariam enormemente a opinião pública internacional.

O dado inquietante revelado pela análise relativamente otimista de Deutscher era o visível descontentamento dos estratos mais jovens da população. Nascidos após a segunda guerra mundial, incapazes de sentir em sua própria pele as agruras vividas pelas gerações anteriores, ao comparar a retórica oficial, as suas condições de existência e, sobretudo, as alternativas que lhes reservava o futuro, os jovens soviéticos tendiam ao inconformismo incorporando-se, à sua maneira pouco ruidosa, no padrão quase universal de contestação juvenil que ganhou visibilidade um ano depois em 1968.

Passado mais meio século, dentro em breve ocorrerá o centenário da Revolução de Outubro. Tão ou mais importante que o balanço das sete décadas e meia da experiência histórica do socialismo real será, por contraste, a avaliação do primeiro quarto de século do pós-comunismo. É bastante provável que uma parcela significativa dos cidadãos russos mais idosos tenderá então a valorizar melhor aquela sociedade que lhes parecia insatisfatória na época de sua juventude.

Assim costumamos ser. Nossas experiências e expectativas são periodicamente recicladas e, de vez em quando, temos a sensação desagradável de não reconhecer quem que nos observa no espelho. Somos ainda aquela pessoa jovem cheia de promessas e convicções que habita a nossa memória, ou somos efetivamente este/a sobrevivente cujas rugas e cicatrizes atestam que viver é muito perigoso? O que representa para nós a memória dos que morreram sem nos deixar nenhum depoimento?

Inquietações trazidas por Rickley Leandro Marques com este livro que focaliza em profundidade um momento crucial da revolução cubana, quando o inesperado êxodo de 125.000 pessoas pelo porto de Mariel rumo a Miami mostrou ao mundo que havia alguma séria discrepância entre a retórica oficial do regime e as expectativas de uma parcela importante da população. Mais ousados e ruidosos que a juventude soviética dos anos 60 analisada por Isaac Deutscher, os “marielitos” de 1980 analisados por Rickley Leandro Marques recusam-se a vestir a farda do “homem novo” e pedem para sair.

Este livro se publica justamente quando a revolução comemora, por sua vez, os seus cinquenta anos, num quadro de penúria que contrasta com

as três décadas de fartura em que Cuba recebeu ajuda dos extintos países socialistas no valor de 100 bilhões de dólares. A escassez extrema da época mais dura do “Período Especial” abrandou-se relativamente com os mais de 100.000 barris diários de petróleo subsidiado pela Venezuela, exportações de níquel, ajuda internacional, venda de serviços médicos, turismo estrangeiro, remessas de dólares de cubanos expatriados a seus familiares, etc. A 31/07/2006, o presidente Fidel Castro foi operado de urgência, ao que tudo indica por uma crise de diverticulite. Sob segredo de estado, vítima de um possível erro médico inicial e de outras complicações, esteve meses entre a vida e a morte, e permaneceu hospitalizado por cerca de dois anos. Hoje, neste momento, o segredo de estado está criado em torno do presidente da Venezuela cuja saúde é crucial para que os dirigentes octogenários da revolução consigam administrar a viagem de volta, do socialismo à sociedade de mercado, sem perder o poder.

Em tal contexto é que este livro começa a circular no Brasil, convidando cada um de nós a indagar pelos capítulos da história de nossa experiência de contato com a ideia e a prática da revolução. Pela minha parte, percebo que atuar como orientador da tese de doutorado que deu origem a este livro, por um lado, ajudou-me a compreender melhor, a identificar com mais clareza algumas questões que pressentia por analogia com meus próprios encontros e desencontros; e por outro, foi um privilégio. O projeto de pesquisa era ousado e o pesquisador mostrava-se capacitado para desenvolvê-lo, mas não era possível antecipar os resultados da pesquisa, já que o acesso aos arquivos não seria nada fácil. Alguns anos mais tarde, na etapa da revisão, vi que a tese de doutoramento de Rickley Leandro Marques ultrapassava as minhas expectativas e confirmava o sábio Guimarães Rosa: o prazer de ensinar (e, no caso, de orientar) está nesses momentos tão especiais em que a gente (no caso, eu), de repente, aprende. Obrigado, Rickley!

*Jaime de Almeida*

29 de agosto de 2011





## Situando a Questão

Este estudo teve o seu início nos anos 90, não como um projeto de pesquisa, mas como um estranhamento, quando tomei conhecimento da crise política de 1980 em Havana que levou aproximadamente 125.000 cidadãos cubanos a atravessar o estreito da Flórida, criando a rota Mariel-Cayo Hueso, de Havana a Miami. Não me parecia aceitável que uma migração desse porte, uma das maiores evasões durante a guerra fria, tivesse sido tão pouco analisada e debatida no Brasil, que sempre teve a revolução cubana e a ilha socialista como um instigante objeto de investigação. *A Ilha* de Fernando Morais, por exemplo, havia sido publicada em 1979, um ano antes do Mariel, e se converteu num dos maiores sucessos editoriais daqueles anos. Também o livro *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*, de Florestan Fernandes, foi amplamente divulgado e bem recebido nos meios acadêmicos brasileiros a partir de 1979.

Em uma visita ao Brasil, Jean Paul Sartre declarou-se surpreso com o interesse dos brasileiros pela revolução cubana, tema recorrente em quase todas as palestras e colóquios de que participou. Isso levou-o a concluir que o destino da revolução cubana era mais instigante para os brasileiros que o próprio futuro do país. O Brasil, com efeito, não atravessava então um momento de grandes expectativas, enquanto o destino da ilha caribenha era acompanhado com ansiedade por todas as nações da América Latina. Naquele momento ainda não se questionava, pelo menos não como se

faz hoje, em tempos de globalização, a viabilidade do próprio conceito de América Latina.

A questão, contudo, continuava latente. Ora, se a revolução cubana era tão relevante para o Brasil e a América Latina, por que o fenômeno Mariel havia sido tão pouco explorado? Por que até aquele momento eu mesmo nunca havia me deparado com um debate sobre a crise política cubana que culminou na migração pelo porto de Mariel?

A princípio julguei que não era o fenômeno Mariel que havia sido pouco explorado, mas o meu alcance sobre o tema é que não era vasto. Naquele momento passei a me indagar de que maneira eu, um historiador brasileiro dos sertões do hemisfério sul, vivendo em um local que sequer era banhado pelo mar, poderia acrescentar algo à história da ilha. Contudo, a minha ligação com a Cuba ia um pouco além das restrições geográficas e linguísticas, estendia-se pelo terreno afetivo, pois compartilha a minha vida com uma cubana. Além disso, pertencia ao CECAB (Centro de Estudos do Caribe no Brasil), núcleo que procurava se afirmar desde os anos 90 como uma referência de estudos caribenhos no Brasil, a partir de Goiânia, sob a direção obstinada de Olga Cabrera, intelectual cubana radicada no Brasil. Desta forma, as distâncias e as fronteiras foram aos poucos sendo encurtadas, embora jamais superadas completamente, sobretudo em relação à procura das fontes.

A leitura da obra do escritor Reinaldo Arenas, um dos principais representantes da autodenominada Geração Mariel, acentuou meu interesse, levando-me à construção de um projeto sobre o tema. A Geração Mariel enquanto um grupo de exilados cubanos em busca de uma nova identidade no exílio passou a ser o meu objeto de pesquisa. Procurei observar, a partir das narrativas de seus integrantes, como eles representavam a travessia de Mariel-Havana a Cayo Hueso-Miami, entre a ilha que representava o paraíso da esquerda latino-americana da época e o “monstro” imperialista como afirmava José Martí, uma travessia no mundo bipolar da guerra fria. Tentei compreender o fenômeno Mariel e, sobretudo, analisar a representação que um grupo de escritores, intelectuais e artistas exilados nos Estados Unidos da América, a Geração Mariel, fazia destes episódios.

Logo percebi que o tema não havia sido tão bem estudado, como eu havia imaginado a princípio. Em Cuba a historiografia não trabalhava com assuntos pós-revolução de 1959, alegando que esses temas eram muito re-

centes e não poderiam ser observados historicamente ainda. Desta forma, o fenômeno Mariel era quase intocável na ilha. Passei a investigar a historiografia produzida em Miami onde há vários grupos de pesquisa, principalmente sociológicos, que se dedicam a estudar imigrantes, especialmente, os cubanos. Para minha surpresa, eram poucos os trabalhos sobre o Mariel e os marielitos e, em geral, mantinham um enfoque exclusivamente socioeconômico. Por fim, era praticamente inexistente naquela época um trabalho historiográfico particularizado sobre o Mariel, sobretudo sobre a Geração Mariel fora do eixo Havana-Miami. Assim, em 1999, ingressando no mestrado da UnB, apresentei o projeto: *Geração Mariel: a construção de uma identidade*, que foi aprovado e teve a orientação da professora Tereza Cristina Kirschner.

A dissertação, mesmo com o apoio irrestrito da orientadora, limitou-se à construção da alternativa Mariel de identidade. Percebi que discutir a Geração Mariel por esse viés era restringir muito o objeto, e que seria necessário interligar as suas representações a outros pontos, por meio de uma pesquisa com maior amplitude e profundidade, o que infelizmente não pude na época realizar, até por se tratar de uma dissertação de mestrado. Três anos depois, retomei meu objeto de pesquisa em nível de doutorado, novamente na UnB, decidido a preencher as lacunas que havia deixado em minha dissertação. Em finais de 2004 ingressei na pós-graduação da UnB onde tive como orientador o professor Jaime de Almeida, que era na época integrante do projeto Procad, do qual eu também fazia parte.

Acredito que todo investigador, enquanto constrói e demarca o seu objeto, é também por ele instigado e provocado. Ou seja, a delimitação do objeto se entrecruza com os desafios da pesquisa. A pesquisa teve como objeto de estudo as múltiplas identidades da autodenominada Geração Mariel. Seus integrantes percebiam, ao chegarem aos Estados Unidos da América, que possuíam experiências e expectativas que os impulsionavam a uma postura crítica em perspectiva dupla: tanto questionavam os valores morais da sociedade cubana permeada pelo ideal do “homem novo” instituído pela revolução, quanto os valores morais da comunidade cubana de Miami, que procurava manter vivas as tradições anteriores ao movimento de 1959, além de posicionar-se como o principal foco de resistência à política social implantada na ilha desde essa data.

A Geração Mariel foi, antes de tudo, uma tomada de consciência de seus integrantes, ao chegarem aos Estados Unidos em 1980, de sua con-

dição marginal na sociedade e na cultura cubana. Eles perceberam estar excluídos de todo e qualquer projeto holístico nacional da cubanidade: seja do projeto revolucionário historicamente calcado na luta nacionalista e anti-imperialista por uma Cuba Livre, seja da hegemonia da comunidade cubana de Miami com sua defesa da aproximação aos Estados Unidos América e do capitalismo como única forma de desenvolvimento do país – além, é claro, dos pressupostos morais anteriores à revolução de 1959.

Este estudo, originalmente minha tese de doutoramento, não significou propriamente uma mudança de objeto em relação à dissertação *Geração Mariel: a construção de uma identidade*, mas antes a sua ampliação e aprofundamento. Para tanto, optei por um âmbito maior nas alternativas teórico-metodológicas de pesquisa para melhor compreender esse fenômeno, bem como por um alargamento cronológico de seu alcance. Ou seja, busquei compreender os atritos havidos durante os mais de vinte anos em que seus personagens viveram na ilha antes de sua evasão pelo porto de Mariel com destino a Miami. Por outro lado, o acesso a novas fontes enriqueceu e aprofundou o estudo. Desta forma, no doutorado tive, antes de mais nada, que abandonar minha relutância em discorrer sobre a revolução cubana. Percebi, com o apoio do meu orientador, que eu não poderia falar sobre *A Condição Mariel* e sua alternativa identitária sem abordar o processo revolucionário na ilha e as representações que seus integrantes elaboraram com relação a tal processo; e, principalmente, não poderia ignorar o confronto desses protagonistas com as propostas de construção de uma nova sociedade e com os papéis destinados aos jovens, aos intelectuais e artistas e, por fim, aos homossexuais.

Paul Ricoeur aponta em seu livro *Interpretação e ideologias* a impossibilidade de uma visão científica (ou de qualquer percepção) alheia à ideologia. A ideologia é um “fenômeno insuperável da existência social, na medida em que a realidade social possui uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social” (RICOEUR, 1977, p. 77). Portanto, é impossível não ter como pressuposto o papel das ideologias nas sociedades ao longo do tempo, pois é principalmente nelas que encontramos as origens das interpretações sociais. Procurei acompanhar a perspectiva apontada por Ricoeur, mas tomando como pressuposto teórico-metodológico a hermenêutica dos tempos históricos de Koselleck que, por sua vez, tem como objetivo central verificar como

as sociedades se interpretam em cada momento histórico. Na ótica histórico-hermenêutica de Koselleck, essas interpretações não são condicionadas por um sistema ideológico mecânico, como uma camisa de força teórica, mas por um tempo em que o passado, presente e futuro se encontram na junção entre os espaços de experiência (passado) e os horizontes de expectativa (futuro), que se manifestam invariavelmente no presente e interferem na elaboração das visões de mundo de uma determinada época e cultura.

Nas narrativas da Geração Mariel uma questão me havia intrigado: onde começam e onde terminam as relações entre ficção e realidade? Muitas vezes, as obras e os artigos publicados na revista constituem-se como “testemunhos” dos escritores numa busca incansável de sua identidade. São narrativas povoadas de solidão, sofrimento maior que assinala muitos exilados políticos. Umberto Eco, em *Obra aberta*, afirma que a arte nasce de um contexto histórico, reflete-o e promove sua redefinição. Neste sentido, acredito que o grupo de escritores contemplados neste estudo pretendeu realizar uma redefinição do Mariel e dos acontecimentos vivenciados por essa geração, tanto em Cuba como em Miami. E aqui cabe uma outra dúvida: até onde esse processo de construção da identidade Mariel é afetado pela crise da modernidade, ou pós-modernidade, que vem deslocando identidades antes consideradas seguras e aglutinadoras, como a nacional, por outras mais restritas, como as de grupos e tribos?

Outro traço da literatura do Mariel aqui apresentada é como, sobretudo, nas três obras analisadas, os sujeitos narrados revelam seu desenraizamento e desconsolo. Neste sentido, Ileana Piñera (2000, 75) destaca que na literatura desta migração “não existem heróis, talvez possamos encontrar anti-heróis, seres comuns e cotidianos desprendidos de todo enaltecimento literário que pudesse deformá-los”.

Embora se possam detectar polarizações interpretativas e estilísticas entre os intelectuais e artistas que se afirmaram como Geração Mariel, eles partilham várias características que permitem seu reconhecimento como um grupo geracional, visto aqui como um conjunto de pessoas que viveram os mesmos espaços de experiência e horizontes de expectativa. Há um perfil sociocultural comum: são formados durante os primeiros anos da revolução cubana, perseguidos e presos entre os anos de 1965 a 1979, saídos pelo porto do Mariel e por fim levantavam, já no exílio, suas vozes inconformadas num mundo que não queria ouvi-los.

A Geração Mariel é vista neste trabalho como uma comunidade simbólica sustentada por experiências e expectativas comuns. Sendo assim, o grupo estava conectado ainda na ilha, embora só tenha surgido no exílio enquanto Geração Mariel. Nos Estados Unidos da América, muitos de seus futuros representantes puderam se encontrar e/ou reencontrar e passaram assim a lutar, a partir de narrativas semelhantes, extraídas de “suas memórias subterrâneas” – que, como observou Pollak, aguardam um ensejo para poderem emergir –, pela narrativa de suas experiências vividas na ilha, ou seja, de suas memórias e de suas histórias de vida. A forma encontrada pela Geração Mariel para travar a luta pelas suas histórias de vida foi a atividade literária, que a maioria deles não pudera exercer em Cuba.

Em que sentido a Geração Mariel é a consciência crítica de uma condição marginal dentro dos dois principais projetos nacionais existentes na cultura cubana? Será que seus integrantes reivindicavam o direito de construção de sua própria história? Para tentar responder a algumas dessas indagações, trabalhei conceitos como: exílio, identidade, representação, memória, geração, estigma.

O recorte temporal deste estudo abarca de 1959 a 1990 – o ponto inicial se justifica por ser o ano do triunfo da revolução cubana (que é uma referência recorrente nas memórias destes autores para demarcar o início de um novo projeto de sociedade), e o ano de 1990 corresponde ao momento em que vários integrantes da Geração Mariel lançaram suas obras individuais introspectivas, prolongando os intensos debates sobre a identidade da Geração Mariel, já expostos principalmente em sua revista manifesto: *Revista Mariel de Arte e Literatura* entre 1983 a 1985.

Assim, trabalhei com a memória recolhida nos textos literários da Geração Mariel, na procura de apreender o significado que os fenômenos tiveram para os seus narradores. A questão era verificar como seus protagonistas interpretavam esses fenômenos e explorar a diversidade das interpretações, diferenças e contradições contidas nas narrativas, tomando-as não apenas como depoimento sobre o “estado de coisas”, mas também como reveladoras de um horizonte de expectativas. Segundo Koselleck (1993), é no horizonte de expectativa e no espaço de experiência de cada indivíduo que convergem o terror e os sonhos.

Este livro divide-se em duas partes. A primeira, que corresponde aos três primeiros capítulos, foi restrita à trajetória da revolução cubana de

1959 a 1979, tomando tal período como o prelúdio da maior crise interna na ilha até então: a invasão da Embaixada do Peru em 1980, que desencadeou o fenômeno Mariel, que marca o início da segunda parte.

No primeiro capítulo da primeira parte, *A ILHA*, não me propus realizar um panorama da trajetória da revolução cubana, embora este limite seja quase inevitável. Contudo, a principal intenção foi analisar alguns pontos específicos, como a euforia que tomou conta de Cuba em 1959, o que levou ao avanço da revolução cubana por meio de uma inegável participação popular, fundamental para a sua consolidação; a capacidade estratégica do comando revolucionário para a mobilização da ilha, além da incontestável liderança de Fidel Castro, que soube aproveitar aquele momento de apoio quase incondicional da sociedade cubana para viabilizar o seu projeto revolucionário. A liderança de Fidel Castro não é apontada aqui sob a ótica do culto à personalidade, mas antes como a capacidade política de articular o movimento revolucionário e de compreender os desdobramentos da conjuntura internacional, junto com outros comandantes da revolução. Já se pode perceber o início dos conflitos entre parte da juventude, de intelectuais e de homossexuais cubanos com os pressupostos que estavam sendo estabelecidos pelo comando revolucionário, principalmente após 1961 com a consolidação efetiva da revolução socialista.

No segundo capítulo da primeira parte, tentei debater a proposta de construção do “homem novo” cubano e os pressupostos metodológicos para a consolidação desse projeto, que teve como principal objetivo a formação de uma juventude emancipada dos vícios da ideologia burguesa, liberal e imperialista. Na opinião da direção revolucionária cubana, a ideologia burguesa havia contaminado irremediavelmente a maioria dos cidadãos adultos na ilha. O principal mecanismo desse projeto revolucionário era transformar a ilha em uma escola do trabalho. Para formar uma juventude revolucionária, era preciso educá-la a partir do pressuposto de que o trabalho coletivo e voluntário era essencial para a construção de uma sociedade socialista. A tentativa obstinada da direção revolucionária em apagar algumas tradições cubanas e edificar uma nova tradição é o principal objetivo desse segundo capítulo. A tese proposta por Hobsbawm e Ranger de que as tradições são construídas e que são, antes de tudo, uma invenção humana para justificar um comportamento sociocultural foi uma das principais referências teóricas desse capítulo. Contudo, procuro demonstrar que o projeto



de construção de novas tradições na ilha por parte da direção revolucionária choca-se com a impossibilidade de se demolir o passado por inteiro e de construir uma nova tradição a partir apenas da obstinada vontade de um governo, por mais forte e popular que este seja. Ainda que toda tradição seja uma invenção humana, não existe a possibilidade de uma intervenção cirúrgica capaz de efetuar uma total reconstrução de valores socioculturais. Assim, procuro demonstrar que, aos poucos, a euforia revolucionária foi cedendo espaço e que a tentativa de moldar a nova juventude cubana trazia consigo atritos e contradições fundamentais para que se possa compreender a Geração Mariel.

O SATÉLITE, terceiro capítulo da primeira parte, estende-se pela década de 1970. Nele tento demonstrar o fim da alternativa cubana de socialismo, popularmente conhecido como “socialismo com sol”, numa clara referência à alegria e ao clima tropical da ilha que em nada lembravam a chamada Cortina de Ferro representada pela União Soviética e leste europeu. A crise econômica enfrentada na ilha após o fracasso da grande safra do açúcar projetada para 1970 levou o país a uma grande dependência econômica com respeito à União Soviética, fazendo da aceitação do modelo socialista soviético o único caminho possível para a nação.

A adoção efetiva do modelo soviético acirrou o debate e a repressão na ilha. Em poucos anos, várias personalidades da intelectualidade cubana passaram a ser repreendidas. Para melhor compreendermos este momento que antecede o fenômeno Mariel, analiso o chamado “caso Padilla”, de 1971, que teve uma grande repercussão internacional e levou ao rompimento de muitos intelectuais e artistas estrangeiros com a revolução cubana. O governo cubano, então, entrou em rota de colisão contra todos os intelectuais e artistas cubanos e estrangeiros que passavam a criticá-lo. Um dos referenciais utilizado neste capítulo é o ensaio “Representações do intelectual” de Edward Said, no qual ele afirma ser o intelectual uma espécie de *outsider* frente ao poder estabelecido. O debate durante os anos de 1970 atingiu parte da juventude cubana, considerada rebelde por não se manter dentro do novo modelo estabelecido. Assim, uma parcela da juventude é duramente repreendida com as leis promulgadas pelo regime cubano.

A segunda parte deste estudo, A CONDIÇÃO MARIEL, inicia com o capítulo O PORTO, onde é descrito o incidente da invasão da Embaixada do Peru e seus desdobramentos, o que levou à massiva emigração pelo porto de

Mariel em Havana com destino ao porto de Cayo Hueso em Miami. A partir da análise das imagens e reportagens da época, nesse capítulo observo a resistência do governo cubano em aceitar que os refugiados de 1980 fossem qualificados como dissidentes políticos. A alternativa do governo da ilha foi desqualificá-los como a escória social cubana que não se adaptara a um modelo mais justo de sociedade. Observo também como foi descrita e representada na imprensa cubana a relação entre estabelecidos e *outsiders*, ou entre revolucionários e *gusanos* (vermes). O conceito de estigma é trabalhado durante todo o capítulo, iniciando com as observações de Goffman sobre o tema e centrando-me no trabalho de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, no qual, a partir de um estudo sociológico feito em uma pequena comunidade da Inglaterra, os autores concluem que o estigma supera fatores ideológicos, religiosos, nacionais ou de classes. O processo de estigmatização social, na sua opinião, deveria ser estudado como um fenômeno de natureza humana que não pode ser explicado apenas por condicionantes sociais rígidos. Elias e Scotson afirmam que a comunidade de Winston Parva, nome fictício, era constituída de representantes da mesma nacionalidade, etnia, religião e oriundos da mesma classe social, o que impediu que o estigma se manifestasse em relação aos *outsiders*. A tese proposta pelos dois autores é que fatores como a luta de classes, entre outros, seriam relevantes, mas incapazes de determinar os significados do estigma como um fator humano que se manifesta em todas as sociedades conhecidas. De forma semelhante, passo a ver os que se sentiam adaptados à nova sociedade cubana como estabelecidos, e os que quiseram ou não puderam como *outsiders* da nova sociedade que estava em construção. Numa sociedade comprometida por uma revolução que tinha o objetivo de abolir a luta de classes, que nunca foi alcançado em toda sua amplitude, a luta passou a manifestar-se entre os que se sentiam estabelecidos e contemplados pelos ideais da revolução e os que não pretendiam ou não puderam a eles se adaptar.

No segundo capítulo, A TRAVESSIA, procuro demonstrar como o conflito social e de identidade da Geração Mariel enquanto grupo se expande após a travessia do estreito da Flórida. O confronto com a maioria da comunidade cubana estabelecida em Miami, que rejeitou os refugiados do porto de Mariel, se expressa por meio de estigmas semelhantes àqueles já por eles vivenciados em Cuba. Os sujeitos que haviam sido apontados como lumpen

e escória em Cuba passam em Miami a carregar o estigma de marielitos que, por sua vez, tem como principal objetivo diferenciá-los da comunidade de cubanos estabelecida em Miami que era vista como de refugiados políticos. A insólita condição de *outsiders* na pátria socialista e no exílio junto à maior potência capitalista leva os representantes da Geração Mariel a tomar consciência de sua condição de isolamento num mundo dividido pela guerra fria entre os blocos socialista e capitalista, sendo que eles não representavam uma perda para a primeira e tampouco eram bem-vindos na segunda. Isso leva ao grupo a uma luta pelo reconhecimento social. Adoto aqui o conceito de luta por reconhecimento, proposto pelo sociólogo Axel Honneth, que procurou sistematizar uma gramática moral dos conflitos sociais e que demonstra a importância da luta por reconhecimento social, muitas vezes ignorada pela valorização de outros vetores. A Geração Mariel luta pela sua história de vida na ilha e pelo reconhecimento social no exílio. A partir dessas considerações, a Condição Mariel pode ser vista aqui como propõe Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minhas circunstâncias; ou salvo as minhas circunstâncias ou não salvo a mim mesmo”.

Os integrantes da Geração Mariel passam a editar, com seus próprios recursos, a *Revista Mariel de Arte e Literatura*, publicada a partir de 1983, que se converte – como veremos – numa espécie de manifesto de identidade dos escritores, intelectuais e artistas que compõem o grupo. A literatura foi vista por eles como a única arma de que eles dispunham para enfrentar seus inúmeros adversários. A narrativa é vista como redenção.

No terceiro e último capítulo dessa segunda parte do livro, O NAUFRÁGIO, observo que o fim das atividades da *Revista Mariel de arte e Literatura* em 1985 não significou o fim da Geração Mariel enquanto comunidade simbólica. Nas três subdivisões desse capítulo, são analisados três de seus representantes e suas respectivas obras, que refletem suas experiências de vida e expectativas quanto ao futuro. São elas: *Ao norte do inferno*, de Miguel Correa; *Boarding home*, de Guillermo Rosales; e *O porteiro*, de Reinaldo Arenas. A leitura dessas obras demonstra como o projeto da Geração Mariel esteve demarcado na narrativa da sua diferença com relação à identidade representativa dos cubanos que apoiavam a revolução na ilha e da comunidade cubana, hegemônica em Miami. O grupo se sentia rejeitado e distante de ambos e sedimentou-se na comunhão desse sentimento, representado por meio da arte e da literatura como um importante ponto aglutinador.

Nesse último capítulo decidi levantar algumas questões: será que o conflito entre os projetos de sociedade que marca tanto as obras literárias e artísticas da Geração Mariel era uniforme? Será que suas expectativas sobre o grupo e o seu futuro eram tão próximas quanto eram suas experiências vivenciadas em Cuba e no exílio? Ou o que os unia seria apenas a insólita condição vivenciada na ilha e no exílio? Pode-se ainda hoje falar de Geração Mariel como uma identidade em curso no exílio, ou ela se teria estagnado com o grupo que a fundou? Foram estas as indagações que nortearam o presente estudo, que teve como objetivo maior delimitar as circunstâncias de vida dos integrantes da Geração Mariel, buscar em suas memórias e narrativas as condições em meio às quais surgiu o grupo e desvendar os anseios quanto ao futuro de alguns de seus integrantes, submersos no naufrágio de sua época.



PARTE I

---

# A REVOLUÇÃO CUBANA E A FORMAÇÃO DA CONDIÇÃO MARIEL



Figura 1- A ilha que sonhava ser continente (Sandra Ramos). Extraída da revista Encuentro de la Cultura Cubana, No. 16/17, primavera/verão de 2000.



## A REVOLUÇÃO CUBANA E A FORMAÇÃO DA CONDIÇÃO MARIEL

### A Ilha

“A batalha é vencida pelo jogador que enxerga mais longe, isto é, o que pode ver através do movimento do oponente, que pode adivinhar seu plano e se opor a ele, e que, ao atacar, antecipa todos os movimentos defensivos do adversário”. **THE GAME OF WEI-CHI**



Imagem 1 - Revolução triunfante (08.01.1959). Disponível em: [http://www.bohemia.cu/dossiers/política/01-fidel/hist/Fidel\\_trayect03.html](http://www.bohemia.cu/dossiers/política/01-fidel/hist/Fidel_trayect03.html)

Há cinquenta anos era escrita uma das páginas mais debatidas da história latino-americana, a revolução cubana de 1959, que enfrentou duros problemas na luta pela consolidação de sua hegemonia política. Após a fuga de Fulgencio Batista e a chegada triunfante de Fidel Castro e de seus companheiros a Havana em 8 de janeiro de



1959, os revolucionários cubanos passam a vivenciar um novo desafio: a construção de uma nova sociedade, o que exigia a desconstrução dos alicerces que até então sustentavam o Estado cubano. Isso não era nenhuma novidade, mas tarefa necessária também cumprida por outras revoluções, desde as liberais dos Estados Unidos da América até as revoluções socialistas, como a russa e a chinesa, por exemplo. Desta forma, o desafio não poderia restringir-se ao âmbito institucional, ou seja, à redefinição das estruturas de poder e das ousadas reformas econômicas e políticas. A revolução devia ir além edificar uma nova sociedade.

Assim, a revolução cubana trouxe consigo, principalmente depois da queda do governo provisório de Manuel Urrutia e da consolidação efetiva de Fidel Castro no poder em julho de 1959, não só a necessidade de se construir um novo Estado que, aliás, só se define como socialista a partir de 1961, mas também um novo modelo de sociedade. As principais reformas estruturais, como a reforma agrária, a desapropriação de bens de capital estrangeiro e a reforma urbana deveriam, na opinião da direção revolucionária, estar acompanhadas de reformas socioculturais. Dentre estas, sobressaiu a educação do povo, até então analfabeto em sua grande maioria. As conhecidas brigadas pela educação e os seus inegáveis resultados foram vistos por todo mundo como um dos melhores exemplos já realizados contra o analfabetismo.

As conquistas na área da educação, da saúde popular, a reforma agrária, a estatização do capital estrangeiro e os esforços pela transformação do país eram acompanhados com ansiedade por toda a América Latina. O sonho americanista de independência político-econômica era enfim realizado na maior ilha do Caribe.

O apoio popular, cristalizado nos primeiros anos de embate da revolução, ampliava-se a cada nova conquista. A fundação de uma nação independente e socialmente mais justa colocava a ilha no centro dos debates internacionais. O projeto da revolução cubana em seu início aproximava-se muito mais dos ideais humanistas e americanistas apropriados da tradição independentista latino-americana de San Martín, Simón Bolívar e, principalmente, do cubano José Martí, do que propriamente da teoria política marxista.

A revolução cubana teve a principio um grande leque de apoio. Por uma parte estavam os nacionalistas que não simpatizavam com o socialismo, mas que eram contra a ditadura de Batista, a corrupção do país e a

interferência dos Estados Unidos da América na política interna de Cuba. E por outra parte, existiam diversos grupos de esquerda das mais variadas tendências: social-democratas, humanistas, trotskistas, maoístas, pró-soviéticos entre outros que apoiaram a revolução.

Mais tarde, o bloqueio econômico norte-americano a Cuba em represália à desapropriação dos bens de seus cidadãos e de empresas norte-americanas leva o governo cubano, em pouco tempo, a realizar uma aliança comercial com o bloco comunista liderado pela União Soviética. A guerra fria entre os blocos comunista e capitalista irá colocar a ilha no centro dos debates, sobretudo devido às poucas milhas que a separam dos Estados Unidos da América. Hoje, quando se completam cinquenta anos da revolução cubana, muito se debate sobre se esta foi uma decisão acertada e se havia naquele momento alguma possibilidade de a revolução cubana sustentar-se sem o apoio soviético.

Nesta abordagem inicial, cumpre levantar alguns princípios erguidos pela revolução de 1959 que, em nossa opinião, estão intrinsecamente relacionados ao projeto de construção de identidade forjado pelos exilados da autodenominada *Geração Mariel*. Acreditamos que compreender a revolução cubana e a consolidação de sua hegemonia política é essencial para se chegar a entender a insólita condição Mariel.

## **A REVOLUÇÃO CUBANA, FIDEL CASTRO E A BUSCA DE UM PROJETO HEGEMÔNICO**

O Exército Rebelde liderado pelo comandante Fidel Castro chegou a Havana no dia oito de janeiro de 1959, em marcha iniciada no dia três de janeiro. A demora em chegar ao seu destino, no entanto, não se deveu à resistência da ditadura de Fulgencio Batista, que havia fugido da ilha às pressas com sua família na madrugada de 1º de janeiro, tampouco dos que o apoiavam e ficaram para negociar a derrota. A razão foi mais inusitada, a marcha a Havana era interrompida por multidões que queriam festejar a coluna e ver pessoalmente o líder Fidel Castro, o que dificultava o seu avanço, ao mesmo tempo em que comprovava a popularidade do Exército Rebelde e de seu comandante (v. NUÑEZ JIMÉNEZ, 1982).

O apoio popular ao Exército Rebelde era naquele momento inquestionável. A rádio rebelde – que talvez tenha sido o principal instrumento da

guerrilha – era ouvida em toda a ilha. A rádio noticiava a vitória e a iminente chegada de Fidel Castro e da sua coluna a Havana. O governo do ditador Batista, por sua vez, estava completamente desgastado. Havia poucos setores da população que ainda o apoiavam em Cuba e é precisamente por isso que a ditadura de Batista desmoronou sem que houvesse qualquer combate militar na capital do país. Na realidade, nem os Estados Unidos da América ou qualquer outra nação havia demonstrado qualquer resistência à queda do governo Batista em 1959. No *Museo de la revolución*, em Havana, pode-se verificar o modesto equipamento militar com que o Exército Rebelde fez a revolução em 1959, o que corrobora a tese de que o Departamento de Estado dos Estados Unidos da América não avaliou que a queda da ditadura de Batista pela revolução poderia ser uma ameaça relevante aos seus interesses em Cuba, nem a posterior ressonância da revolução em toda América Latina e, muito menos, a possibilidade de a ilha tornar-se um aliado da União Soviética “em seu próprio quintal”.

Os Estados Unidos da América não intervieram naquele momento porque não acreditavam nas possibilidades de a revolução cubana e do seu quase desarmado Exército Rebelde serem capazes de opor resistência à sólida política norte-americana na ilha. Ademais, eles não viam o líder dos rebeldes, Fidel Castro, como um radical de esquerda, por ele ser filho de grandes proprietários rurais cubanos e por nunca ter, até então, se aproximado do partido comunista cubano (antigo PSP), além de não manter quaisquer relações com a União Soviética. Aliás, até por isso os rebeldes contavam com pouco arsenal bélico durante a guerrilha. O único partido ao qual Fidel Castro havia sido filiado era o Partido Ortodoxo Cubano, visto como um partido populista moderado, como tantos outros na América Latina. Desta forma, a inteligência norte-americana acreditava que com diplomacia tudo seria contornado e que não seria necessária uma intervenção direta de Washington.

O PSP, Partido Socialista Popular, (sigla que o partido comunista cubano passou a utilizar, segundo seus próprios militantes, devido ao profundo sentimento anticomunista na ilha) não apoiou o exército rebelde e sua ofensiva insurrecional até 1958, quando estava prestes a queda de Fulgencio Batista e quando já havia uma convergência nacional junto à revolução. Nesse sentido, em sua análise da revolução cubana, Pérez-Stable afirma:

De fato, os comunistas, da mesma forma que a oposição moderada, só incentivaram a rebelião armada quando praticamente não existiam outras formas de enfrentamento a Batista<sup>1</sup> (PÉREZ-STABLE, 1993, p. 124).

Acreditava-se que a revolução cubana de 1959 era mais um movimento com faceta populista-reformista que, chegando ao poder, seria facilmente contornado ou subornado, como acontecera em tantos outros momentos em Cuba e na América Latina. Tais rebeliões eram encaradas como pequenos “abalos sísmicos” que ocorriam sistematicamente em um ponto ou outro na região. O governo norte-americano utilizou a diplomacia primeiramente, como lhe era de praxe, para conter esses movimentos “sísmicos”, tão comuns e, contudo, previsíveis e contornáveis.

O próprio suceder dos acontecimentos no início de 1959, com a aprovação do Pacto de Caracas pela guerrilha, dava a impressão de que o governo revolucionário seria moderado e integraria todos os grupos e movimentos que se opunham a Batista. O Pacto de Caracas, assinado em 20 de julho de 1958, estabeleceu como estratégia três pontos: o primeiro seria a unidade e luta para derrocar a ditadura de Batista; o segundo, criar um governo provisório; e, em terceiro, realizar um programa mínimo que garantisse castigo aos culpados, restabelecesse a paz, a liberdade, o cumprimento dos compromissos internacionais e o progresso econômico da nação.<sup>2</sup>

Conjuntamente com a aprovação do Pacto de Caracas, foi nomeado o moderado Manuel Urrutia como presidente do Governo Provisório

---

1 As transcrições usadas neste estudo, originalmente colhidas em espanhol, aparecem em tradução de Isabel Ibarra.

2 Assinaram o Pacto de Caracas em 20 de julho de 1958 os principais líderes dos movimentos, organizações e partidos políticos que então existiam em Cuba: Fidel Castro, Movimiento 26 de Julio; Carlos Prío Socarrás, Organización Auténtica; E. Rodriguez Loeche, Directorio Revolucionario; David Salvador, Orlando Blanco, Pascasio Lineras, Lauro Blanco, José Maria Aguilera, Angel Cofiño, Unidad Obrera; Manuel A. de Varona, Partido Cubano Revolucionario (A); Lincoln Rodón, Partido Demócrata; José Puente y Omar Fernández, Federación de Estudiantes de la Universidad; capitão Gabino Rodríguez Villaverde, ex-oficial do Exército; Justo Carrillo Hernández, Grupo Montecristi; Angel María Santos Buch, Movimiento de Resistencia Cívica; e doutor José Miró Cardona, coordenador secretário geral. Ver: Pacto de Caracas: 20 de Julio 1958. Disponível em: <http://newsgroups.derkeiler.com/archive/soc/soc.culture.cuba>. Acesso em: 12 de dezembro de 2008.

(que inclusive lhe deu amplos poderes para escolher o Primeiro-Ministro e o restante do gabinete), o que levou os Estados Unidos a acreditar que a revolução de 1959 não era mais que uma convergência cívica contra a ditadura de Fulgencio Batista, decidindo não intervir diretamente. Mesmo que o governo norte-americano houvesse apoiado a ditadura de Batista, não via necessidade da permanência de um governo tão impopular. Contudo, desde os primeiros dias do Governo Provisório, podia-se notar que Fidel Castro e o Exército Rebelde não se contentariam com tão pouco, como supunham os seus futuros adversários. Fidel Castro não assume o poder que ele e o Exército Rebelde conquistaram. Aceita todas as imposições do Pacto de Caracas, mas mantém o poder militar e logo passa a articular uma nova etapa para a revolução:

Fidel Castro não se sentia seguro quanto à lealdade de seu movimento, particularmente com relação ao setor que ele qualificava como a ala burguesa de direita. A principal base de apoio político de Fidel era o “Ejército Rebelde”, cegamente leal. Porém o “Ejército Rebelde”, composto basicamente por camponeses em sua maioria analfabetos, não poderia fornecer administradores em nenhum nível, muito menos em nível ministerial. Por este motivo, Fidel Castro, desde as primeiras semanas em Havana, procurou estabelecer contatos e aproximar-se dos comunistas do Partido Socialista Popular (MAO JÚNIOR, 2007, p. 322).

A decisão de não participar nem de indicar nomes de seus companheiros para o gabinete ministerial do governo provisório evidencia que esse não era o governo em que Fidel Castro e o Movimento 26 de Julho apostavam. De fato, acreditamos que ele trabalhava a ideia de construir uma alternativa ao governo de Manuel Urrutia, que não tinha apoio popular, e preparava pacientemente a conjuntura ideal para uma sucessão de poder. Desta forma, o governo provisório foi visto apenas como mais uma etapa da consolidação institucional, constitucional e diplomática do processo revolucionário cubano. Os principais líderes revolucionários, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Raúl Castro, entre outros, preparavam-se e, ao mesmo tempo, construía as condições necessárias para se estabelecer de fato a revolução que, para eles, estava inacabada e, diferentemente do que pensava a inteligência norte-americana, não se restringiria à queda da ditadura de Fulgencio Batista.

Sintonizado com o ponto de vista da historiografia comunista próxima ao PSP cubano, Mao Júnior (2007), afiançado na posição de Carlos Rafael Rodríguez (1983), que era um dos principais dirigentes do PSP, a aproximação de Fidel Castro a esse partido devia-se exclusivamente a um único fator: Fidel não tinha quadros para dar prosseguimento à revolução cubana. O que é contraditório. Ora, por um lado havia um Exército exemplar na luta que, mesmo sem o apoio do PSP e da União Soviética, derrubara a ditadura de Batista. Por outro, esse exército formado por camponeses analfabetos era incapaz de assumir a dura vida burocrática ministerial. Já os quadros urbanos do Movimento 26 de Julho seriam todos, segundo o autor, vistos por Fidel Castro como a ala da burguesia de direita do movimento revolucionário<sup>3</sup>. Por isso, para Mao Júnior (2007), Fidel Castro necessitava de quadros preparados e foi à busca dos militantes do PSP. Ora, não há dúvida de que ele havia tido no Exército Rebelde e em seus comandantes – Ernesto Che Guevara, Raúl Castro, Camilo Cienfuegos entre outros – a principal base de apoio dentro do Movimento 26 de Julho e da revolução. Ademais, havia de fato a divergência interna dentro do Movimento 26 de Julho: entre o Exército Rebelde da Sierra Maestra e os setores urbanos, chamados de *Llano* (planície). Mas a partir daqui é preciso ampliar a análise e não ficar preso a uma suposta falta de quadros.

O principal conflito dentro do Movimento 26 de Julho era decidir qual a tática mais viável para a queda da ditadura Batista, se a guerrilha urbana ou rural. Porém como um todo o Movimento 26 de Julho era “fidelista”, e essa liderança estava acima da disputa interna. Já o PSP foi, a princípio, contra o movimento e condenava ambas as opções: a do campo, que eles acusavam de maoísta, e a urbana, que eles viam como golpista. Segundo Mao Júnior, após o fracasso da greve de abril de 1958, acentuaram-se as divergências. Diante dessas divergências internas, “*a estrutura clandestina do PSP havia se tornado, aos olhos de Fidel, mais confiável do que o setor urbano do Movimento 26 de Julho*” (MAO JÚNIOR, 2007, p. 323).

Nessa afirmação há, evidentemente, uma tentativa de legitimação histórica e política. Entretanto, o Movimento 26 de Julho surgiu após o

---

3 Dentro do Movimento 26 de Julho, o grupo chamado *Llano* era formado por nacionalistas que defendiam a democracia liberal. Entre os principais líderes estavam Frank País (assassinado em 30 de julho de 1957), Huber Matos, Pedro Boitel, Carlos Franqui, Armando Hart e René Ramos Latour.

fracasso do assalto ao quartel Moncada, liderado por Fidel Castro em 26 de julho de 1953; não seria pelo fracasso da greve geral de 1958 que os *Llanos* cairiam em desgraça na visão do líder. Divergências internas havia, e o resultado da greve geral fortaleceu a tese da luta armada no interior de Cuba como a melhor tática, dando mostras a Fidel Castro de que era preciso ampliar o apoio ao Movimento 26 de Julho nas grandes cidades. Mas isso não significa que o PSP passava a ser tão ou mais importante que o setor urbano do Movimento. Deve-se ressaltar que o PSP, fiel à orientação política do Partido Comunista da União Soviética, acusou os integrantes do grupo que participaram do assalto ao quartel Moncada, sob a liderança de Fidel Castro, de golpistas e aventureiros, além de excluir de suas fileiras os militantes da Juventude Comunista que haviam participado direta ou indiretamente da operação, inclusive Raúl Castro<sup>4</sup> (HILL & WANG, 1970, P.139).

O PSP foi até 1958 um ferrenho adversário do Movimento 26 de Julho como um todo, e não somente dos *Llanos* (LÖWY, 2006, 585 p). Não era admissível para um partido marxista-leninista ortodoxo aceitar um movimento que não se definia ideologicamente e que era sustentado apenas na convergência insurrecional contra uma ditadura. Além disso, o Movimento 26 de Julho teve posições e militantes que eram adversários da hegemonia soviética, como alguns maoístas, trotskistas ou nacionalistas. Fidel Castro, como líder do movimento, foi o principal responsável pela recusa do debate ideológico e pela proposta de convergência nacional. A posição de Fidel Castro tinha um objetivo preciso: defender um movimento amplo e evitar que os conflitos ideológicos pudessem causar fissuras internas e, para isso, referenciava-se apenas em José Martí e na tradição da luta nacional-independente de Cuba. Isso não quer dizer que Fidel Castro não defendesse ser a luta armada travada pelo Exército Rebelde em Sierra Maestra taticamente mais eficaz do que as ações nas cidades; no entanto, não deixou de dar apoio aos *Llanos* e sempre cumpriu o papel de líder para sedimentar o grupo (GARCIA – PÉREZ, 2006).

Outro ponto importante é que após a morte de Frank Pais e do fracasso da greve geral em 1958, os *Llanos* haviam reconhecido a hegemonia da

---

4 Ver Carta do Comitê Executivo do PSP aos militantes, datada em 30 de agosto de 1953, onde foi denunciado o ataque ao Quartel Moncada em 26 de julho de 1953 como: “una tentativa golpista, una forma desesperada de aventurismo, típica de los círculos burgueses, sin principios y envueltos en un gangsterismo”.

Sierra na luta armada em Cuba, e seus principais líderes tornaram-se, inclusive, combatentes e comandantes do Exército Rebelde. Aliás, não foram poucos os que acabaram mortos antes do triunfo da revolução. No entanto, a militância urbana do Movimento 26 de Julho, sobretudo em Santiago de Cuba e Havana, mantinha a característica de ser composta em sua ampla maioria de anticomunistas e antissoviéticos, e é por isso que eram considerados pelo PSP como a “ala burguesa” do Movimento 26 de Julho.

Fidel Castro, por sua vez, aproveitando o entusiasmo da população cubana e o seu carisma de líder revolucionário, evitava bater-se com quem poderia ser um futuro aliado. Portanto, a aproximação ao PSP e suas organizações significaria atrair mais forças para uma nova etapa da revolução e não obedeceria à necessidade de quadros bem preparados para compor um futuro governo. Tampouco se deveria à desconfiança dos quadros urbanos do Movimento 26 de Julho, embora seja plausível acreditar que Fidel Castro, entre outros líderes de Sierra Maestra, desconfiassem dos *Llanos*, o que por certo não significa que eles confiassem mais no PSP do que no setor urbano do Movimento 26 de Julho. O Exército Rebelde controlava o interior de Cuba, mas precisava de mais suporte em Havana e procurou o PSP, bem como outros grupos, para consolidar a revolução na capital da ilha.

Os principais líderes revolucionários sabiam que deviam obter apoio de todos os setores à esquerda e de quem mais pudesse para a nova fase da revolução. A única forma de poder da qual Fidel Castro acertadamente não abriu mão naquele primeiro momento foi o controle absoluto do Exército Rebelde, que, ao incorporar o Exército regular, tornara-se a maior força militar da ilha. O PSP, por sua vez, tinha pretensões de ocupar cargos burocráticos no futuro governo, e isso não era um problema para os líderes revolucionários que haviam desprezado os cargos ministeriais do Governo Provisório.

Nas grandes cidades e em especial em Havana, era impossível evitar o choque ideológico entre o PSP e o Movimento 26 de Julho em meio à luta revolucionária. Eles precisavam travar o debate ideológico e o fizeram com a máxima energia possível, por meio de jornais, nas universidades, nos sindicatos, entre outros fóruns que a vida urbana favorece. Os debates teóricos entre os dois grupos eram muitos: a propósito do humanismo, do socialismo, do futuro de Cuba, da alternativa de guerrilha, etc. Esses debates em pouco tempo levaram os militantes do Movimento 26 de Julho e do PSP em Ha-



vana a ressentimentos irreconciliáveis. Desta forma, no momento em que Fidel Castro achou conveniente dialogar com o PSP, ele pôde, juntamente com Che Guevara e Raúl Castro – este último, mesmo tendo sido expulso, não escondia sua admiração pelo partido, por seus quadros e pela política do Kremlin – e outros integrantes do Exército Rebelde, ignorar as mágoas do núcleo urbano do movimento. O pragmatismo de Fidel Castro e do marxismo ortodoxo do partido próximo a Moscou foi o cimento para a consolidação da união entre esses adversários históricos. No entanto, as principais lideranças do grupo urbano do Movimento 26 de Julho, como Carlos Franqui e Huber Matos, nunca aceitaram essa aliança (FRANQUI, 1981).

Assim, desde o início do governo provisório de 1959, os debates entre o Movimento 26 de Julho e o PSP estiveram no centro das lutas internas em curso na revolução. O primeiro ato foi a reorganização sindical da CTC – Central dos Trabalhadores Cubanos – que antes da revolução era controlada pelo chamado grupo Mujalista, liderado por Eusébio Mujal, que colaborou diretamente com a ditadura de Batista. Mujal, juntamente com a maioria da direção do sindicato, fuge da ilha com temor da justiça revolucionária. Na reorganização da CTC, o Movimento 26 de Julho garantiu a maioria da executiva, mas não conseguiu impedir a presença do PSP e até mesmo de antigos colaboradores de Eusébio Mujal. A esse respeito, Pérez-Stable pondera:

Os líderes sindicais do Movimiento 26 de Julho tomaram o controle do executivo, o PSP assumiu muitas das posições na base e alguns dirigentes mujalistas mantiveram suas posições em diversas seções locais. No entanto, os integrantes do Movimiento 26 de Julho eram geralmente mais jovens e menos experientes que o resto dos integrantes dos outros movimentos e partidos; também eram menos numerosos e não eram suficientes para ocupar todos os cargos restantes, assim, comunistas e mujalistas ocuparam esse vazio (PÉREZ-STABLE, 1993, p.120).

A principal meta da revolução era a desestruturação da hierarquia mujalista, mas os embates entre o Movimento 26 de Julho e o PSP acabaram por desfocar esse objetivo. A contradição era tão grande que, ainda em fevereiro de 1959, o Movimento 26 de Julho aliou-se aos quadros sindicais que pertenciam ao *Directorio Revolucionario Estudiantil* (DRE) na luta contra o PSP e o expulsaram do Comitê Executivo da Central de

Trabalhadores Cubanos (CTC). Mas a experiência dos quadros do PSP, a continuidade dos mujalistas e a impossibilidade numérica do Movimento 26 de Julho de cobrir toda a demanda na base mantêm a luta sindical acesa. A disputa era sectária: o Movimento 26 de Julho pretendia eliminar a influência do PSP no movimento sindical:

Desde o momento em que Fidel Castro proclamou que a ideologia da revolução não era nem capitalista nem socialista, mas “humanista”, os dirigentes sindicais do Movimento 26 de Julho repetiram em eco essa declaração (PÉREZ-STABLE, 1993, p.128).

Desse modo, Pérez-Stable esclarece que a facção mais anticomunista do Movimento 26 de Julho formou a Frente Obrero Humanista (FOH). Em contrapartida, o PSP fazia duras críticas à direção da CTC não só por impedir as greves mas também por atender constantemente aos pedidos do governo e do Ministério do Trabalho para negociar e evitá-las. As divergências eram tão declaradas que o jornal *Revolución*, ligado ao Movimento 26 de Julho, desencadeou uma campanha contra o PSP, na qual mostrava a história de colaboração do partido em vários governos passados em Cuba, inclusive no primeiro governo de Fulgencio Batista no final dos anos 30 e início dos anos 40. A autora ainda relata que no congresso da CTC, em maio de 1959, Fidel Castro pessoalmente pediu moderação a ambos os lados, insinuando que a cooperação entre o Movimento 26 de Julho e o PSP “*era um elemento fundamental na luta contra os inimigos da revolução*” (PÉREZ-STABLE, 1993, p.129). Contudo, as partes não chegaram a um acordo, os ânimos e as acusações eram intermináveis. Fidel Castro vinha concentrando cada vez mais o poder em suas mãos e retorna ao congresso para demonstrar sua insatisfação com o sectarismo:

Foi então que Fidel regressou ao congresso e repreendeu aos delegados por seu comportamento quase sedicioso; perguntou o que teria acontecido se os delegados tivessem estado armados e disse que procedimentos semelhantes aniquilavam a moral da classe operária. Afirmou que ele também tinha o direito de falar em nome do Movimento 26 de Julho, e que por isso pedia a unidade dos líderes da CTC (PÉREZ-STABLE, 1993, p. 129).

Não houve um acordo amplo, e o máximo de costura política alcançado, mesmo com o empenho do próprio Primeiro-Ministro da revolução, foi um comitê executivo sem os quadros do PSP e os membros da facção radical Frente Obrero Humanista, contudo mantendo-se a hegemonia sindical do Movimento 26 de Julho. Os debates entre o PSP e esse movimento continuaram até meados de 1960 quando a ilha se unifica na luta nacionalista contra o imperialismo norte-americano, sem, no entanto, desaparecerem as contradições entre os dois ferrenhos adversários. Essas lutas intestinas descontentavam os principais líderes revolucionários, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Raúl Castro entre outros, e levaram-nos a defender a centralização do movimento social e a construção de um partido único em defesa da revolução, como veremos mais adiante.

Com pouco mais de um mês de governo provisório, o Primeiro-Ministro escolhido pelo presidente Manuel Urrutia, José Miró Cardona, foi demitido. Na Constituição assinada às pressas no dia 7 de fevereiro de 1959, os poderes do cargo de Primeiro-Ministro haviam sido consideravelmente ampliados. Não por coincidência, no dia 13 de fevereiro desse mesmo ano, José Miró Cardona caiu. Fidel Castro assume o poder imediatamente e o Presidente Manuel Urrutia é posto em segundo plano. Desta forma, Fidel Castro, como líder do Movimento 26 de Julho, demonstrou por que não se impôs ao tratado de Caracas: ele sabia esperar e novamente surpreendia. Após menos de dois meses, o governo já estava nas suas mãos, o que prova que os comandantes do Exército Rebelde sabiam quem de fato detinha o poder na ilha.

O governo dos Estados Unidos da América, já em 1959, passa a perceber que as principais lideranças da Sierra, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Raúl Castro, tinham um projeto político bem delineado. Começaram, então, as campanhas internacionais contra Cuba. As imagens dos fuzilamentos, *los paredones*, tornam-se alvo de uma campanha internacional contra o governo cubano. Em Cuba essas mesmas imagens tinham outro significado, chamados de Tribunais Revolucionários, eram públicos e, inclusive, televisionados. Era a própria população quem condenava ou não os réus. O tema é controverso:

Ao contrário do que era divulgado, as pessoas não eram pegas a esmo [...] consistia em estabelecer julgamentos públicos de elementos que comprovadamente haviam cometido crimes em larga escala contra a população. Ao se estabelecer os “Tribunais Revolucionários” com

seus televisionados julgamentos públicos, a revolução evitou que os populares procedessem a desordenados atos de vingança que poderiam resultar em verdadeiros assassinatos em massa. Partindo do princípio de que se o Estado não administrasse a justiça, o povo a faria com as próprias mãos, a justiça revolucionária, na verdade, impediu um verdadeiro derramamento de sangue (MAO JUNIOR, 2007, p. 324- 325).

Não é de se estranhar que após uma revolução o povo exija vingança contra os que cometeram crimes no regime anterior. O Estado e o Governo Provisório não tinham como ignorar essa exigência de justiça. Mas a afirmação de que o governo revolucionário não intervinha diretamente nos julgamentos públicos tem sido muito discutida pela historiografia sobre a revolução cubana. De fato, há um julgamento público em que ficou notória a intervenção oficial: foi o julgamento de pilotos da antiga força aérea cubana. Pérez-Stable relata que *“poucos protestaram quando, por ordem de Fidel Castro, alguns pilotos da força aérea, que haviam sido absolvidos dos crimes de guerra que lhes atribuíam, voltaram a ser julgados e, desta vez, condenados”* (1993, p.118).

Como podemos perceber, o prestígio de Fidel Castro interferiu diretamente no resultado. Naquele momento, a ampla maioria da população cubana queria que se fizesse justiça aos anos de ditadura e aos crimes cometidos por Batista e pedia que condenassem à morte seus principais colaboradores. Sobre isso, Carlos Franqui testemunha:

Os crimes e as torturas cometidos pelo regime de Batista foram inumeráveis. Mas incluíam a experiência da revolução frustrada de 1930, que traumatizou a nação. Os criminosos do regime de Machado nunca foram levados a julgamento: eles matavam pessoas, com Batista de 1934 a 1939, e novamente com Batista, de 1952 a 1958. O fato de a justiça nunca ter sido feita acarretou um desejo de vingança. [...] Fidel convocou o povo ao Palácio Nacional. Lá ele perguntou à multidão – inaugurando um estilo que posteriormente chamaria de democracia direta – se achavam que os criminosos de guerra deveriam ser fuzilados. “Ponham eles contra a parede!”, alguns gritaram. Então, um “Sim!” colossal ressoou em resposta à pergunta de Fidel. Uma pesquisa nacional, feita confidencialmente, indicou que 93% dos entrevistados concordavam com as sentenças e as execuções. Eu também concordava (FRANQUI, 1981, p.36).



Dessa maneira, o governo cubano, agora chefiado por Fidel Castro, deu à maioria da população cubana a possibilidade de fazer a justiça que ela almejava. Mas o governo não deixou de utilizar esses mecanismos também para eliminar adversários, como foi o caso dos pilotos das Forças Aéreas da ditadura de Batista. É importante não esquecer que, embora a revolução tivesse o apoio da ampla maioria dos cubanos, ainda havia opositores, sobretudo nas serras do Escambray<sup>5</sup>.

5 A região do Escambray, no centro da ilha, teve uma oposição organizada desde início de 1960 até 1965. Fidel Castro declarou a 26 de julho de 1965 que não existia mais contrarrevolução na Serra do Escambray. Desde o surgimento das guerrilhas no Escambray, o governo revolucionário tentou várias táticas para liquidá-las. Em 1960 o governo mobilizou 60.000 milicianos para combater a dissidência. Mas outras estratégias possivelmente surtiram maior efeito: o governo organizou milhares de civis que participaram das campanhas de alfabetização nos anos de 1960 a 1961 com o intuito de levar a revolução aos camponeses do Escambray. O governo cubano denuncia que em 1961 o alfabetizador Conrado Benitez foi morto pelo grupo de Osvaldo Ramirez;



Portanto, o governo revolucionário não podia admitir que os pilotos estivessem livres para se unirem aos contrarrevolucionários ou a uma possível invasão estrangeira. No final dos anos cinquenta, um piloto aéreo com experiência militar poderia ser uma arma relevante para a resistência à revolução. Fidel Castro, mais do que ninguém, sabia disso.

Em maio de 1959, o governo chefiado pelo Primeiro-Ministro Fidel Castro estabeleceu a tão aguardada reforma agrária. Nela, os camponeses, arrendatários e colonos passam a adquirir gratuitamente o seu espaço de

---

nesse mesmo ano são assassinados o alfabetizador Manuel Ascunce Domenech e seu aluno Pedro Lantigua. Em novembro de 1961, o governo revolucionário cria a Lei 988 para sancionar quem apoie o banditismo. Em 1963 o governo cubano determina o desalojamento dos camponeses dessa região. Contudo, o último golpe contra os grupos que ainda resistiam nas Serras do Escambray é dado pela Operação Maisinicu, quando o governo infiltrou o agente Alberto Delgado e capturou vários chefes das bandas chamadas contrarrevolucionárias. O isolamento da região, a retirada dos camponeses, a derrota em Playa Girón, a falta de apoio, tanto interno quanto externo, terminam liquidando os grupos que ainda sobreviviam nas Serras do Escambray.

terra. Tratava-se de uma antiga promessa da revolução<sup>6</sup> que já havia sido realizada pelo Exército Rebelde no Território Livre da Sierra Maestra.<sup>7</sup> A primeira Lei de Reforma Agrária de Cuba foi promulgada no dia 17 de maio de 1959. A lei era uma medida reformista e popular e estava distante de um ideal socialista ou excessivamente radical. Porém, à medida que limitava o direito à posse de terras a 402 hectares (o que não era pouco, levando-se em conta as dimensões da ilha), atingiu os interesses dos grandes proprietários rurais cubanos – que não eram muitos – e, principalmente os interesses das multinacionais norte-americanas. A medida foi muito mal vista pelos Estados Unidos, que já estavam em conflito com o governo cubano (V. PAZ, 1997, p.74).

Com efeito, a reforma agrária de 1959 foi de encontro aos interesses norte-americanos na ilha, dos grandes latifundiários cubanos e de alguns setores da classe média alta que ocupavam cargos estratégicos em multinacionais, os quais rompem imediatamente com a revolução. Contudo, a maioria da população cubana, inclusive uma grande parcela da classe média alta e da burguesia nacional, mantém-se firme nas colunas revolucionárias, porque a reforma agrária era uma antiga reivindicação nacional,<sup>8</sup> e os interesses das multinacionais, sobretudo as norte-americanas, não eram muito populares naquele momento na ilha. Assim, a maioria que não foi atingida diretamente pela reforma agrária de 1959 apoia a decisão do governo revolucionário.

A imprensa internacional, que cobria com ansiedade a polêmica entre os dois países, esperava a cada dia novas medidas de retaliação por parte de ambos. Fidel Castro fazia-se passar por um líder arrivista, uma espécie de um jogador de pôquer que sempre pagava para ver e que cedo ou tarde perderia tudo. Mas ele não era um irresponsável, embora gostasse de passar essa imagem. A certeza de sua irresponsabilidade e de que ele cairia por si mesmo foi um erro estratégico da inteligência norte-americana. Foi desta forma que no dia de 16 de julho de 1959 as emissoras de rádio e televisão cubanas noticiaram a renúncia de Fidel Castro ao cargo de Primeiro-Ministro. No dia seguinte, Fidel Castro compareceu à televisão cubana para fazer

---

6 Fidel Castro prometera em “La historia me absolverá” (1953) distribuir terras aos camponeses.

7 Lei Nº 3 do Exército Rebelde de 1958, Ed. Lex, La Habana, 1959.

8 Desde a Constituição de 1940, em Cuba se prevê a reforma agrária.

um discurso no qual esclarecia os motivos de sua renúncia. Nele, Fidel Castro acusava o então presidente Manuel Urrutia de impedir a aprovação de leis que fizessem avançar a revolução:

Fidel acusou Urrutia de “fabricar uma lenda comunista em Cuba” para continuar defendendo interesses dos Estados Unidos e impedir a consolidação da revolução. Imediatamente, a multidão tomou conta das ruas e começou a exigir a renúncia de Manuel Urrutia que assinou a renúncia antes mesmo que Fidel terminasse o discurso na televisão (SZULC, 1987, p. 594).

O pedido de renúncia do presidente Manuel Urrutia foi aceito pelo conselho de ministros, que nomeou Osvaldo Dorticós, um renomado advogado que tinha a confiança dos comandantes revolucionários como Presidente provisório. Tudo ocorre de forma tão acelerada que nem parece que haviam se passado apenas seis meses desde a queda de Fulgencio Batista. A revolução cubana antecipou a sociedade midiática do espetáculo. A estratégia de seu comando, aparentemente, é não dar tempo para que os adversários entendam para onde será o seu próximo passo, ou melhor, o seu próximo ataque. A imagem de Fidel Castro como um aventureiro não correspondia; ele não erra porque sabe, juntamente com seus comandantes, qual vai ser a reação dos seus inimigos, da opinião pública interna e externa e das forças conjuntas denominadas por ele “o povo cubano”. Fidel Castro sabia que não teria forças para enfrentar o governo dos Estados Unidos da América e os seus aliados na ilha em outro momento. O futuro tinha que ser construído naquele instante, enquanto havia uma euforia e convergência nacional em torno dele e da revolução. O Primeiro-Ministro cubano era muito mais que um jogador de pôquer latino-americano embriagado pelo poder, como pensava a inteligência norte-americana<sup>9</sup>. Estava mais próximo de um jogador de xadrez muito à frente dos adversários e que se antecipa ao prever os próximos movimentos dos seus oponentes.

---

9 De acordo com Louis Pérez Junior, Fidel Castro não era tomado a sério pela CIA. O autor demonstra que o diretor da Agencia Central de Inteligência, Allen Dulles expressou numa reunião sobre Cuba em fevereiro de 1959 que “os novos funcionários cubanos devem ser tratados mais ou menos como crianças, tem de ser dirigidos, em vez de contrariados, porque se forem contrariados, como crianças, seriam capazes de fazer quase qualquer coisa” (PEREZ JR, 2006, p.705-706).



Inesperadamente para os Estados Unidos da América, a maior parte da classe média alta e da própria burguesia cubana mantém o seu apoio ao governo revolucionário:

Em 1º de janeiro de 1960 a AINC felicitou o governo revolucionário por ocasião de seu primeiro aniversário e elogiou o programa de industrialização, a honestidade administrativa, a expansão do mercado nacional e as regulações do comércio exterior. [...] a promulgação da reforma agrária renovava o fervor popular que comovia o país, enquanto Fidel e o Exército Rebelde colocavam-se à frente dessa onda revolucionária (PÉREZ-STABLE, 1993, p. 117-118).

Como podemos notar neste primeiro momento a revolução cubana não propunha uma luta de classes. A AINC (Asociación Nacional de Industriales de Cuba) parabeniza a revolução pela reforma agrária e pela sua política voltada à industrialização do país. O Ministério do Trabalho mantinha um papel mediador durante as greves por aumentos salariais. Mesmo que os trabalhadores tivessem alcançado conquistas inegáveis, não há naquele momento qualquer referência ao socialismo ou à luta de classes por parte do governo cubano ou de Fidel Castro. A revolução procura sustentação junto aos operários, camponeses, pequenos e médios proprietários rurais e junto ao setor produtivo nacional, como os industriais. Ao mesmo tempo, escolhe os adversários: os grandes proprietários rurais, as multinacionais norte-americanas e o governo dos Estados Unidos da América.

Assim, a convergência na ilha em 1960 é em torno de um nacionalismo radical e contra a dependência político-econômica que sempre marcou a história do país. Naquele momento, o imperialismo norte-americano e sua política intervencionista em Cuba eram representados pelas multinacionais norte-americanas, assim como pelo apoio do governo dos Estados Unidos da América à ditadura de Batista por vários anos. Os líderes da revolução cubana de 1959 reiteravam em seus discursos que esta revolução não poderia retroceder ao passado. A esse respeito Louis Pérez Jr salienta que

as elites cubanas eram as beneficiárias da hegemonia dos Estados Unidos, mas isto não significava que estivessem resignadas e des preocupadas ante essa situação de dependência. Em circunstâncias adequadas, também poderiam ser “nacionalistas” devido à incerteza

social e à insegurança econômica [...] Pode argumentar-se, e de fato há uma grande evidência que indica isso, que as medidas adotadas nos primeiros 12 meses tiveram o consenso de quase todos os cubanos, inclusive dos que foram afetados pelas reformas (PÉREZ JÚNIOR, 2006, p.706-707).

Dessa maneira, a euforia revolucionária cobria a ilha, não que não houvesse descontentes, mas a maioria da população acreditava que uma “Nova Cuba” nascia e que o passado colonial de dependência devia ser enterrado. A tradição anti-imperialista cubana ganhou força com a revolução de 1959 e uma ampla maioria heterogênea em sua essência clamava pelo fim da dominação norte-americana e pelos ideais de “Cuba Libre”. Fidel Castro soube apropriar-se dessa imagem e discursava em público por horas seguidas. A sua imagem jovem, o tom destemido e o seu uniforme verde-oliva eram símbolos da revolução cubana. A expressão “fidelidade” era utilizada com frequência na ilha. Ele era visto como o comandante que levaria a cabo a tão sonhada independência cubana. A tradição ibérica que sempre se ancorava em líderes carismáticos foi muito bem explorada por Fidel Castro e pelos principais líderes da revolução que reafirmavam a todo instante a sua liderança heróica e messiânica.

Já os Estados Unidos da América, nos primeiros meses de 1960, por meio de seu presidente Eisenhower, aprova as primeiras leis de embargo contra Cuba. Eram leis que diplomaticamente pretendiam isolar a economia cubana que era dependente da exportação açucareira. O governo cubano reagiu às medidas e estatizou as empresas de capital estrangeiro, bancos, terras, telefonia, correios, etc., sobretudo as de capital norte-americano, que evidentemente eram a maioria. A política de Eisenhower favoreceu a multiplicação dos discursos ásperos do governo cubano contra a política intervencionista do governo de Washington. O nacionalismo radical sedimentava-se na união contra uma possível intervenção estrangeira.

Em represália às nacionalizações do governo cubano, o presidente norte-americano decide suspender a cota açucareira de seu país. A suspensão completa, inclusive do restante daquele ano, aliada ao embargo econômico imposto pelo governo norte-americano, deixava a economia cubana seriamente comprometida. Contudo, naquele momento Cuba já se havia aproximado diplomaticamente da União Soviética. Ou, melhor dizendo, Moscou passou a se interessar pelos estragos que a revolução

cubana causava a seu adversário junto à opinião pública internacional, sobretudo entre intelectuais e artistas da Europa e da América Latina. O governo soviético declara, então, publicamente sua solidariedade à revolução cubana e critica a tentativa de seu estrangulamento por parte do imperialismo dos Estados Unidos da América. Nesse sentido, Carlos Franqui relata:

Nos primeiros dias de fevereiro, Anastas Mikoyan, Vice Primeiro-Ministro da União Soviética, veio a Cuba. [...] Um assunto de importância foi a compra de açúcar cubano pela União Soviética e a importação do petróleo russo por Cuba. Todos esses convênios pareciam expressar nossas relações abertas com o mundo inteiro, em vez de “apenas uma parte do mundo”. Todos nós pensamos que era uma boa coisa, uma declaração e afirmação de nossa independência assim como um gesto de boa vontade. Embora os contratos fossem importantes, na época não nos pareciam absolutamente. Uma vez mais, as coisas aconteciam tão rápido que eu não conseguia assimilar o significado de grandes eventos (FRANQUI, 1981, p.78).

Franqui, um dos principais representantes do Movimento 26 de Julho e editor, na época, do jornal *Revolución*, comprova que a aproximação da União Soviética com Cuba naquele momento era comercial e amistosa, e que não foi vista pela população como uma aproximação política. Os comandantes da revolução não pretendiam rotulá-la de comunista, pois isso certamente comprometeria a unidade nacional. Para grande parte da população, a negociação entre os dois países parecia uma resposta diplomática e comercial ao embargo dos Estados Unidos, além de uma importante estratégia política. Franqui reitera:

O resultado foi, como já vimos, que os soviéticos comprariam nosso açúcar e nós compraríamos seu petróleo bruto. Mas ninguém precisaria ser um profeta para deduzir que a Esso e a Shell não aceitariam refinar petróleo. Era assim uma armadilha que funcionaria. Na época, isso parecia uma resposta razoável ao bloqueio econômico americano. [...] Assim, o orgulho imperialista trabalhava a favor de Fidel Castro: se a Esso e a Shell não refinassem o petróleo russo, Cuba estatizaria as refinarias (FRANQUI, 1981, p.79).

Cuba, então, estatizou também as refinarias e mais uma vez encolerizou o governo americano. Como afirmou Franqui, “as coisas aconteciam muito rápido” e quase ninguém conseguia compreender o que realmente ocorria. Todos pareciam perdidos, com exceção de Fidel Castro e do comando político da revolução, que se apropriavam do crescente sentimento de orgulho nacional a seu favor. Segundo Pérez Jr (2006), os norte-americanos em Cuba viviam experiências diferentes às que tinham antes da revolução. As principais reclamações eram de brigas nas escolas privadas, onde sempre haviam convivido estudantes cubanos e norte-americanos de classe média alta e da elite cubana. Havia também confronto de trabalhadores cubanos em multinacionais que, depois de anos como bons cumpridores de suas tarefas, passaram a ser indisciplinados e demonstravam um “reservado ressentimento”. Pérez Jr relata a partir de declarações de norte-americanos que vivenciaram esses anos em Cuba:

Rubi Hart Philips, correspondente do “The New York Times”, relatava em setembro de 1959 incidentes nos quais “estudantes americanos, que falam o espanhol tão bem quanto o inglês, não falavam mais em inglês nos ônibus por medo de serem insultados” [...] Milton Guss contou sua experiência de quando encontrou um velho amigo numa demonstração antiestadunidense, levando um cartaz que dizia: “Yanqui Go Home”. “Não podia acreditar – escreveu Guss – Eu [...] perguntei: Pepe? Que é isso, uma brincadeira ou algo assim? Mas meu amigo de outrora somente me mostrou seu dedo médio e me gritou: Latifundiário! Ianque imperialista de Wall Street!” (PÉREZ JÚNIOR, 2006, p.712-713).

O acirramento das relações entre o governo revolucionário cubano e o governo dos Estados Unidos da América leva uma parcela cada vez maior da elite cubana a boicotar o governo revolucionário e, sob o efeito do “terror comunista”, enviar todas as divisas que pode para o estrangeiro. Várias empresas cubanas fecham as suas portas. Uma grande parte dos industriais que até então apoiavam a revolução ficam contra as medidas de estatização das indústrias e dos bancos norte-americanos. Além disso, as reivindicações e conquistas dos operários estavam tornando-se insustentáveis para eles.

A partir daí se estabelece uma intensa batalha; por um lado estavam o governo revolucionário cubano e seus aliados, vários setores da população

cubana favoráveis à reforma agrária, à nacionalização de multinacionais estrangeiras e à independência político-econômica de Cuba e, no outro lado, havia os chamados contrarrevolucionários, em geral representados por setores da classe alta e média cubana, intrinsecamente ligados aos interesses norte-americanos na Ilha e que, por isso, se sentiram prejudicados pelas medidas nacionalistas. O governo revolucionário procurou a articulação de todos os movimentos sociais em defesa da nação. Para tanto, as diferenças tinham que ser deixadas de lado e todos deviam engajar-se na resistência aos inimigos da revolução, que evidentemente se materializavam nos “ianques” e em seus aliados internos. A proposta do governo cubano era que somente uma ampla unidade poderia garantir a resistência a uma iminente invasão estrangeira.

O radicalismo nacionalista incentivava a revolução a seguir da mesma forma como foram conduzidos os julgamentos públicos. Vale lembrar que em algumas regiões de Cuba havia ainda a resistência armada contra o governo revolucionário, como nas serras na região de Escambray, que se torna por vários anos o principal foco de combate à revolução, só definitivamente erradicado em 1965.

Nesse momento, as divergências internas, principalmente entre os militantes do PSP e os militantes urbanos do Movimento 26 de Julho, diminuem, e a direção da revolução finalmente consegue uma trégua e uma certa unidade política em Cuba. A iminente invasão estrangeira comove a ilha. Por outro lado, as medidas diplomáticas de embargo econômico por parte do governo dos Estados Unidos da América tentam impedir que o governo cubano consiga negociar a compra de armas com outros países e desta forma impedir a resistência cubana. O que chama atenção é que o governo revolucionário assina vários acordos de cooperação comercial com a União Soviética, mas não compra dela um arsenal bélico capaz de enfrentar uma possível invasão norte-americana. O governo cubano não pretendia naquele momento associar a imagem da revolução cubana com o comunismo soviético, provavelmente porque sabia que esse movimento brusco poderia desfazer a unidade interna dos que apoiavam a revolução cubana, por despertar um sentimento anticomunista.

Após muita dificuldade, Cuba conseguiu importar um modesto arsenal bélico da Bélgica. Mas, ao chegar a Havana em 4 de março de 1960, ocorreu um incidente dentro do cargueiro francês *La Coubre*, uma explosão

matou alguns tripulantes e estivadores. Após poucos minutos, aconteceu uma nova explosão em que morreu um grande número de soldados, milicianos e bombeiros cubanos que trabalhavam no resgate do primeiro incidente. Segundo o Granma Internacional, “as explosões deixaram 76 mortos e mais de 200 feridos”.<sup>10</sup>

No dia seguinte ao atentado contra o navio *La Coubre*, 5 de março de 1960, Fidel Castro realizou um dos seus mais emocionados discursos, no qual acusou à CIA deste ato<sup>11</sup>. Nesse momento, o líder da revolução cubana utilizou o sentimento anti-imperialista para tecer ainda mais a coesão nacional. A força do nacionalismo radical passou a intimidar a minoria dos que se opunham à revolução, principalmente após o incidente com o *La Coubre*. Entre agosto e setembro de 1960, um grande número de cidadãos cubanos – quase todos pertencentes à elite e à classe média alta cubana – evadiu-se da ilha em direção a Miami. Essa primeira migração feita após a revolução de 1959 ficou conhecida como a migração histórica de 1960. Além deles, os cidadãos norte-americanos que trabalhavam nas multinacionais e alguns residentes, sentindo-se ameaçados, decidiram partir. O quase inevitável confronto entre os governos dos Estados Unidos da América e de Cuba levou muitas famílias cubanas a se separarem devido às divergências político-ideológicas:

Pode ser que não se conheça nunca em toda a sua dimensão as tensões psicológicas e o estresse experimentado por inúmeras famílias. [...] À proporção em que a revolução se radicalizou – lembrava Nicolas Rivero – alienou as altas classes em Cuba e criou em mim, pessoalmente, um conflito psicológico, entre minha identificação ideológica com os propósitos da Revolução e meus laços familiares. O mundo desmoronava para famílias como a de Rivero, que se sentiam agora num terreno estranho. O universo moral se transformou em algo irreconhecível e inaceitável, tudo estava se transformando em algo diferente do que eles tinham chamado de lar: eram estranhos em sua própria terra (PÉREZ JÚNIOR, 2006, p.715).

10 Ver a matéria “Washington mantém silêncio estrito sobre a sabotagem ao navio francês”. [www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html](http://www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html).

11 Ver discurso de Fidel Castro, 5 de março de 1960, [www.cuba.cu/governo/discursos/1960](http://www.cuba.cu/governo/discursos/1960). Apesar das acusações do governo cubano, ainda hoje não se tem provas concretas do envolvimento do governo dos Estados Unidos e da CIA no atentado.

Paralelamente a esses acontecimentos, o governo revolucionário passou a organizar a mobilização popular para a resistência. Milícias civis foram criadas, a população se armou e aguardou o confronto. Podemos afirmar que o ano de 1960 foi o período de construção do novo Estado cubano, considerado pela historiografia como o momento de ruptura com as estruturas que sustentavam Cuba até aquele momento. No discurso oficial tudo tinha que ser reconstruído. A nação devia ser reinventada e preparar-se para os novos desafios que a revolução abraçava. A guerra iminente e o prestígio pessoal do Primeiro Ministro e "Comandante en Jefe de las fuerzas armadas revolucionarias", Fidel Castro, e dos demais líderes revolucionários levaram à criação de instituições que foram importantes para a organização e controle da sociedade civil cubana.

Em fevereiro de 1960, quando as relações com as classes econômicas começaram a deteriorar-se, foi criada a Junta Central de Planificação (JUCEPLAN). A Associação de Jovens Rebeldes (AJR) foi fundada em março e alistou uma juventude cheia de energia e entusiasmo. Em setembro desse mesmo ano, depois que a Organização de Estados Americanos criticou Cuba duramente e uma invasão norte-americana parecia iminente, Fidel Castro criou os Comitês de Defesa da Revolução (CDR). Outra organização nascida no calor da revolução social foi a Federação de Mulheres Cubanas, fundada em agosto de 1960 (PÉREZ-STABLE, 1993, p. 135).

Como podemos notar, o governo revolucionário dedicou-se durante todo o ano de 1960 à construção dos alicerces que ele julgou necessário para o esteio da nova sociedade cubana. A JUCEPLAN, a Asociación de Jóvenes Rebeldes, a Federación de Mujeres Cubanas, juntamente com o Ejército Rebelde, tornaram-se instrumentos eficazes. O governo revolucionário passou a direcioná-los na mobilização, na defesa da revolução e contra uma iminente invasão dos inimigos do norte. Os CDR foram outro importante instrumento para o controle das cidades cubanas e ainda contribuiu para a mobilização popular. Ainda no final dos anos 60, foram tomadas outras medidas para unificar e ampliar a revolução e a coesão dos seus poderes:

Algumas se reorganizaram e integraram-se à revolução: os pequenos colonos da Associação Nacional de Colonos, por exemplo, formaram

a Associação Nacional de Pequenos Agricultores (ANAP). Como fizera a Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), a Federação de Estudantes Universitários (FEU) cedeu sua direção à revolução depois de consideráveis conflitos. Em outubro de 1960, quando foram nacionalizadas as indústrias e o comércio, a revolução entrou numa nova etapa: o Partido Socialista Popular (PSP), o Diretório Revolucionário Estudantil (DRE), inclusive pequenos grupos de ortodoxos autênticos se uniram ao Movimento 26 de Julho e formaram uma coalizão mais flexível que, em 1961, transformou-se nas Organizações Revolucionárias Integradas (ORI). A política cubana ia assumindo o perfil de um sistema de partido único e, nesse processo, o governo revolucionário estabelecia uma nova autoridade. A nova política era contrária à tradicional relação entre Cuba e os Estados Unidos. Assim, o governo norte-americano ficou profundamente surpreso ante a ousadia revolucionária (PÉREZ-STABLE, 1993, p.139).

Conforme se viu, o governo revolucionário utilizou-se do perigo iminente de invasão por parte dos Estados Unidos da América para unificar a resistência em torno de ideais nacionalistas e anti-imperialistas. Toda disputa político-ideológica passou a ser vista como um desperdício desnecessário de força. Todo o movimento social passou a estar centralizado pela revolução. A partir de 1961, as Organizaciones Revolucionarias Integradas (ORI) passaram a controlar as disputas entre antigos integrantes de partidos e facções. Assim, a esfera social era agora controlada de cima para baixo, ou seja, a revolução detém todo o poder político na ilha. O ideal predominante era que a revolução estava em guerra e não poderia dispersar suas forças. O desafio dos cubanos era preparar-se para resistir à invasão estrangeira e defender a revolução e a soberania nacional. As evidências de perigo, infelizmente, não eram poucas.

No dia 3 de janeiro de 1961, o presidente dos Estados Unidos da América, Dwight Eisenhower, num dos últimos atos de seu governo, rompe oficialmente as relações com Cuba. Desde 1960, como vimos anteriormente, já havia sido imposto o embargo comercial à ilha. A tensão aumentava a cada dia e, no dia 5 de janeiro de 1961, Conrado Benítez, um jovem alfabetizador voluntário de 16 anos, foi assassinado nas proximidades das Serras do Escambray, foco da resistência à revolução. Fidel Castro faz um novo discurso no qual culpa novamente a CIA por financiar e dar apoio técnico aos



contrarrevolucionários e elegeu o ano de 1961 como o ano da educação.<sup>12</sup> A comoção nacional devido ao assassinato do jovem cubano leva milhares de pessoas a entrarem nas brigadas, que passaram a ter o nome de Conrado Benítez<sup>13</sup>. O sucesso deste empreendimento levou em poucos anos a ilha a livrar-se do analfabetismo, fato sem precedentes na história latino-americana, o que elevou o orgulho dos cubanos e, conseqüentemente, promoveu o fortalecimento do apoio popular à revolução. Isso demonstra a incrível capacidade de mobilização na ilha naqueles anos e a sua energia em defesa do movimento revolucionário e da construção da nova nação cubana em curso.

Podemos afirmar que o apoio da maioria da população à revolução cubana de 1959 nesses primeiros semestres é incontestável. Os cubanos, liderados por Fidel Castro, Che Guevara, Raúl Castro e outros estavam dispostos a tudo na defesa da sua revolução. Na manhã do sábado, dia 15 de abril de 1961, os aeroportos de Santiago e de Havana foram bombardeados. Mas, para surpresa do governo cubano, os bombardeios duraram apenas algumas horas. Segundo Carlos Franqui (1981, p.125), o primeiro objetivo do governo norte-americano era a destruição dos poucos aviões militares cubanos. Contudo, estes estavam estrategicamente bem guardados. No enterro das vítimas dos bombardeios, Fidel Castro faz um novo discurso no cemitério de Colón, em Havana, no qual declarou pela primeira vez que a revolução cubana era uma revolução socialista, finalizando assim:

Companheiros operários e camponeses da pátria, o ataque de ontem foi o prelúdio da agressão dos mercenários, o ataque de ontem que custou sete vidas heróicas teve o propósito de destruir nossos aviões em terra, mas fracassaram... Viva a classe operária! Vivam os camponeses! Vivam os humildes! Vivam eternamente os heróis da pátria! Viva a Revolução Socialista! Viva Cuba Livre! Pátria ou Morte! Venceremos! (CASTRO, 1961a, p. 9).

12 As brigadas de alfabetizadores começaram em 1960 e terminaram oficialmente no dia 22 de dezembro de 1961, quando Fidel Castro declara Cuba “território livre do analfabetismo”.

13 Segundo dados oficiais, as brigadas Conrado Benítez foram criadas em 1961 e mobilizaram 100.000 jovens entre 10 e 19 anos para alfabetizar. Ver PÉREZ, Eugenio Suárez. “Campaña de Alfabetización 1961. Una batalla verdaderamente épica”. Disponível em: [www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html](http://www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html). Ver também GOTT, Richard. *Cuba, uma nova história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Após pouco mais de dois anos e três meses, Fidel Castro pronuncia pela primeira vez a palavra socialismo. O momento era propício. O capital estrangeiro está completamente estatizado. O governo revolucionário já realizou as principais reformas: a reforma agrária, a reforma urbana, as campanhas de alfabetização, as reformas da educação, a estatização do setor de serviços e a maioria das empresas de capital privado cubano haviam fechado as suas portas. Deste modo, quando Fidel Castro emprega pela primeira vez o termo socialismo, apenas confirma o que já era uma realidade na ilha.

No dia 17 de abril desse mesmo ano ocorre o inevitável. A invasão tem início em *Playa Girón*, quando um grupo de exilados cubanos treinados, armados e organizados pela CIA, tentam construir uma “cabeça-de-praia”. O plano consistia em apoderar-se da praia e organizar a resistência à revolução. No projeto elaborado pela CIA, os descontentes do novo regime socialista se uniriam aos invasores e, juntamente com os combatentes armados de Escambray, proclamariam Miró Cordonas, ex-ministro do governo provisório, como novo presidente. O governo dos Estados Unidos da América entraria oficialmente em seguida com o apoio imediato ao governo insurrecional contra a revolução, Fidel Castro e suas pretensões socialistas. O plano, como é notório, fracassou. O grupo, embora muito bem treinado e com equipamento militar muito superior ao do Exército Rebelde, foi recebido por milhares de cubanos dispostos a morrer na defesa da ilha e contra a invasão estrangeira. A imagem construída por Fidel Castro se materializava na frase “Pátria ou Morte!” e não foram poucos os cubanos que a encontraram nas setenta e duas horas de combate em Girón:

Em 17 de abril, quando John F. Kennedy enviou uma brigada invasora composta por exilados cubanos com a missão de derrubar Fidel Castro, seu governo esperava o mesmo êxito que teve no golpe de estado que a CIA preparou contra Jacobo Arbenz na Guatemala sete anos antes. Mas, diferentemente da Guatemala, a revolução social em Cuba tinha profundas raízes históricas e contava com um extraordinário apoio popular. Os Estados Unidos, por outra parte, nunca deram o apoio aéreo que os exilados requeriam para estabelecer uma cabeça de praia (PÉREZ-STABLE, 1993, p.141).

Ao que tudo indica, o que Kennedy, a CIA e tampouco os invasores cubanos não previam era a grande mobilização popular que se formou na

ilha contra o ataque. Carlos Franqui (1981, p. 127) assegura que muitos voluntários cubanos foram mortos na batalha contra os invasores. *“Esse ataque frontal de homens contra máquinas (tanques inimigos) não tinha nada que ver com guerra de guerrilha”*. O Exército Rebelde não sabia como atuar nessas circunstâncias. *“O verdadeiro fator a nosso favor em Girón eram as milícias: a coluna de Amejeiras embarcou numa missão suicida. Foram massacrados, mas alcançaram a praia”*. Após mais de 72 horas de combate e centenas de mortos, em sua maioria milicianos, os invasores fazem um acordo e se entregam. O acordo feito pelo próprio Fidel Castro, que estava na linha de frente da resistência, consistia em que os invasores entregassem as armas, se tornassem prisioneiros de guerra e admitissem publicamente na rede de televisão cubana que a operação havia sido organizada e financiada pela CIA. Em contrapartida, os invasores teriam a garantia de não serem executados. Após assumirem os seus crimes contra a revolução, seriam enviados de volta ao exílio. O acordo era bom para os exilados que, ao perceberem que os Estados Unidos da América não interviriam diretamente na ilha e que o número de compatriotas dispostos a morrer em sua defesa era interminável, não encontraram alternativa que não fosse a capitulação. A esse respeito, o relato de Franqui é esclarecedor:

Mas a maioria dos prisioneiros, mesmo após terem dito coisas um tanto duras ao próprio Fidel, acabaram aplaudindo-o – pela televisão – numa transmissão vista em todo o mundo. [...] Levando-se em conta que os invasores perderam bem menos homens que nós, se considerarmos que os prisioneiros passaram bem pouco tempo na prisão, ver-se-á que Fidel Castro conduziu todo o negócio com uma presença de espírito muito maior do que controlou o resto da Ilha (FRANQUI, 1981, p.129).

Fidel Castro, ao fazer o acordo, eleva o orgulho nacional. Os cubanos haviam resistido aos ataques dos Estados Unidos da América (os bombardeios do dia 15 e a fracassada invasão em Girón) e, mesmo com um arsenal bélico muito inferior aos navios e tanques “ianques”, conseguiram vencer. A imagem que predominava na ilha era de que ninguém poderia deter a autodeterminação do povo cubano. A multidão saía às ruas para celebrar o acontecimento histórico. A partir de então, o dia 20 de abril passa a ser uma data celebrada em Cuba. Fidel Castro e a direção revolucionária souberam

explorar cada milímetro da vitória: comprovaram o golpe orquestrado pela CIA, a política de intervenção imperialista dos Estados Unidos da América e, por fim, desgastaram a imagem do jovem Presidente Kennedy, recém-eleito pelos democratas, e que ostentava um perfil liberal e moderno.

A vitória em Girón foi um triunfo extraordinário para Cuba e uma derrota para os Estados Unidos e a CIA. Dali em diante, todo potencial contrarrevolucionário estava liquidado. A possibilidade de uma guerra longa e perigosa, um governo fantoche que pediria e receberia auxílio (leia-se intervenção) dos Estados Unidos, havia cessado de existir. A “união” imposta do alto pela CIA simplesmente caiu por terra. Miró Cardona, o pretense presidente nomeado, não era mais que um prisioneiro numa base militar americana bem protegida; mais tarde ele escreveria uma carta aberta na qual explicaria que o auxílio dos poderosos tem seu preço – você tem que se tornar um fantoche. Kennedy havia herdado a operação dos republicanos Eisenhower e Nixon, mas assumiu completa responsabilidade. Foi ele quem deu o sinal verde para o desembarque e o sinal vermelho para qualquer cobertura aérea americana. A falha foi dele; e foi então que começou a guerra entre ele e a CIA (FRANQUI, 1981, p.129-130).

Assim, a decisão de Kennedy de não dar apoio aéreo foi crucial para a derrota dos invasores em Girón. A questão que deve ser esclarecida é: por que Kennedy recusou-se a bombardear a ilha? Ele não havia autorizado bombardeios aos aeroportos cubanos dois dias antes? O que ocorreu nesse ínterim que levou o presidente norte-americano a arrefecer o seu ímpeto pela guerra? A resposta pode estar guardada nos porões da Guerra Fria. Naqueles dias, a União Soviética deve ter exercido uma grande pressão diplomática para impedir a intervenção direta dos Estados Unidos da América em Cuba.

Kennedy, segundo Carlos Franqui, herdou o plano de seus antecessores, onde não constava uma invasão aérea por parte de seu governo, pelo menos até que a cabeça-de-praia fosse estabelecida juntamente com o novo – mais velho do que nunca – governo provisório. Os bombardeios do dia 15 eram apenas estratégicos. Os aviões estavam pintados com insígnias das “Fuerzas Armadas Revolucionarias” (FAR) e haviam partido da Nicarágua, e não dos Estados Unidos da América. Embora o governo norte-americano

sustentasse a versão de que não havia participado do ataque, um dos aviões avariados pela bateria antiaérea cubana pousou em Miami, e as fotos divulgadas pela própria imprensa norte-americana demonstraram que as FAR não dispunham daquela versão do B-26 que aterrissara em Miami. O resultado da divulgação dessas imagens foi uma reunião de emergência do Comitê Político da Assembleia Geral da ONU, convocada a pedido de Cuba (PÉREZ-STABLE, 1993). Como o bombardeio do dia 15 de abril de 1961 já havia deixado Kennedy numa posição incômoda, no momento em que ele percebeu que a invasão tinha graves erros de planejamento e, certamente, pressionado pelos soviéticos e pela opinião pública internacional, preferiu abortar o projeto a levá-lo às últimas consequências. Isso com certeza não agradou a todos os envolvidos no episódio, como a direção da CIA, responsável pelo plano. A vitória do dia 19 de Abril de 1961 consolidou a revolução cubana de 1959. O governo americano não podia arriscar-se a uma nova tentativa, após naufragar na praia de Girón. A opinião pública internacional e a pressão da União Soviética deixavam a posição do governo norte-americano enfraquecida.

A revolução cubana conseguiu criar uma imagem forte em todo mundo. Era a luta de um povo pela construção de sua nação, da sua soberania e de seu futuro. Os cubanos haviam se lançado à praia de Girón sem medir as consequências de sua ousadia, apenas para alcançar o controle do destino de seu país. A pequena ilha enfim vencera o poderoso continente. O mito da luta entre Davi e Golias era reinventado.

A revolução cubana e os cubanos que lutaram naqueles anos fazem-nos recordar o romance *O velho e o mar*. Escrito na ilha em 1951 e publicado em 1952 pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway, conta como um velho pescador cubano enfrenta todas as adversidades para superar um peixe espada no meio do Mar Caribe. A prudência exigia que o pescador desistisse, pois com a sua precária embarcação, seu rústico equipamento de pesca e sozinho em alto mar, não havia como enfrentar um peixe dessa envergadura. Mas, tal como a ilha, o pescador não se desencoraja e o enfrenta dia e noite numa luta em que se destaca a firmeza da ação e a ideia de que o importante era não desistir jamais.

A determinação dos cubanos na defesa de sua revolução e do ideal de “Cuba Livre”, assim como a célebre frase “Pátria ou morte, venceremos” que encerra os discursos de Fidel Castro evocam esse belo romance. Fidel

Castro conheceu pessoalmente Hemingway e era seu admirador e pode ter-se inspirado no romance naqueles anos. *O Velho e o mar* e o discurso do *Comandante en Jefe de la Revolución* têm em comum a ideia de que o que realmente importa não é vencer ou perder, mas a necessidade e, principalmente, a justiça da luta em si.<sup>14</sup>

A geração que fez e consolidou a revolução cubana apropriou-se dessas imagens. Mas as gerações seguintes manteriam vivas essas mesmas representações? Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, entre outros revolucionários, acreditavam que manter essas representações e a mobilização popular que garantiu a resistência seria o maior desafio da revolução e da alternativa cubana de socialismo. A Geração Mariel, por outro lado, veio a constituir-se num sinal de alerta na implantação do projeto de formação do “homem novo” na ilha junto a uma nova geração de cubanos.

### **A ATMOSFERA SOCIAL EM CUBA E SUAS RESSONÂNCIAS NO MUNDO: OS PRINCIPAIS ÓRGÃOS DA CULTURA CUBANA, ICAIC E CASA DE LAS AMÉRICAS**

A revolução cubana de 1959 foi muito debatida no meio intelectual e artístico, onde se encontravam árdus e respeitados defensores da ilha e da revolução de 1959. Entre os chamados amigos de Cuba encontravam-se Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Eduardo Galeano, Jean Paul Sartre, Mario Vargas Llosa e muitos outros. O que chama a atenção é que havia uma quase unanimidade entre intelectuais e artistas estrangeiros, especialmente entre os latino-americanos, em defesa da soberania da ilha. Como se sabe, a revolução de 1959 teve uma grande ressonância em toda a América Latina. Isso não se deve apenas a seu caráter socialista, que só se definiu como tal em 1961, mas principalmente à sua postura americanista, anti-imperialista e às suas reformas sociais. Após o triunfo de Fidel Castro

---

14 No seu estudo, Louis Pérez Junior (2006) descreve como nesses primeiros anos de consenso e de tantas tensões e incertezas, de certa forma Fidel Castro personificou por meio de seus discursos acalorados a posição de Cuba frente aos Estados Unidos. Neste sentido, ele escreve: “no seu início, quase todo o mundo o seguia porque muitas verdades precisavam ser ditas e, se Fidel as dizia, isso era bom. Depois, era um momento de celebração eufórica, intoxicante e aturdida; era a ocasião perfeita para a catarse e o excesso, inclusive para ser um tanto irresponsável e deixar sair a inflamada retórica” (PÉREZ JUNIOR, 2006, p.714).

e de seus companheiros sobre o governo de Fulgencio Batista em janeiro de 1959, inaugura-se na ilha um período de grandes expectativas que rapidamente se espalha por toda a América Latina e pelo mundo, principalmente junto à esquerda e seus intelectuais e artistas.

Em Cuba, a grande maioria da intelectualidade brindou a revolução e a ela foi fiel, sobretudo até o final dos anos de 1960. Carlos Monsiváis (2000) denomina esse período *los años del consenso*. Em sua opinião, nunca houve na história um feito político capaz de articular em torno de si tantos artistas e intelectuais. Segundo Monsiváis, a ressonância da revolução aumentou ainda mais quando, em 1959, as autoridades cubanas decidiram fundar a Casa de las Américas em Havana, instituição cujo objetivo era obter o apoio de artistas, escritores e intelectuais de esquerda de todo mundo junto à revolução cubana. A direção da casa foi entregue a Haydée Santamaría, militante do *Movimento 26 de Julho*, a única mulher a engajar-se na luta revolucionária desde o seu início, participando do assalto ao quartel Moncada em 1953. Em 1960, foi criada também a revista homônima, dirigida inicialmente por Antón Arrufat e Fausto Masó.

Havana era tomada por centenas de intelectuais e artistas, todos os anos, para a cerimônia de premiação da Casa de las Américas, na qual, além da distribuição dos prêmios, faziam-se debates sobre artes plásticas, música, o papel do intelectual na sociedade e no socialismo. Os prêmios eram concedidos aos escritores de ficção e de ciências humanas, e a sua obtenção, embora simbólica, significava reconhecimento imediato pela crítica internacional. Era um dos momentos de maior esplendor da ilha, naqueles anos. Os artistas, escritores e intelectuais cubanos sentiam-se no centro das transformações em curso no mundo. Monsiváis diz que a exclusão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) foi o apogeu desse momento:

Se a Revolução Cubana é recebida com júbilo quase unânime em 1959, a solidariedade aumenta em 1962, quando Cuba é expulsa da Organização de Estados Americanos (OEA). A Casa [de las Américas] converte-se no centro de agitação da intelectualidade de esquerda, e sua mensagem se expande e nela todos acreditam: a utopia existe e sua primeira manifestação é Cuba (MONSIVAIS, 2000, p. 75).

A Casa de las Américas e a revolução de Cuba representavam, assim, mais que uma vitória do bloco socialista sobre o capitalista, foi a tomada do

poder na ilha por uma juventude rebelde, acatada como alternativa possível para velhos problemas latino-americanos, como a reforma agrária, a distribuição de renda, a erradicação do analfabetismo, a universalização da saúde pública, a redução da mortalidade infantil.

Em 1965, a Casa de las Américas lançou a política tricontinental. No editorial de sua revista, Roberto Fernández Retamar propôs que se estendessem os vínculos entre os três continentes: “Somente uma tarefa histórica não é mais bela que o velho sonho bolivariano da unidade continental: o novo sonho de unidade tricontinental” (*apud* MONSIVÁIS, 2000, p. 37).

A proposta de unidade tricontinental é uma clara demarcação da política revolucionária cubana que, a partir de 1965, tenta definitivamente tornar-se um modelo revolucionário para os então chamados países do terceiro mundo, distanciando-se politicamente do bloco soviético. Embora Cuba mantivesse vínculos políticos, diplomáticos e principalmente comerciais com a União Soviética, prevalecia, nesse momento, a tendência de independência e autonomia da ilha e do seu socialismo. A crise dos mísseis em 1962 havia deixado marcas indeléveis em Fidel Castro, em Ernesto Che Guevara entre outros comandantes da revolução. Os líderes revolucionários não pretenderam que Cuba fosse dependente de outra potência estrangeira, mas, ao mesmo tempo, não conseguiriam resistir ao bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos da América sem o apoio de Moscou. O caminho tomado após a crise dos mísseis foi a construção de um modelo cubano de socialismo que criticava alguns supostos equívocos das propostas soviéticas e defendia uma revolução continental – na América latina – e até tricontinental, como foi visto na proposta de Roberto Fernandez Retamar.

A teoria do foco guerrilheiro levou Cuba a apoiar, treinar e armar guerrilheiros de várias partes da América Latina (Cf. KAROL, K.S. op. Citada). A União Soviética e os partidos comunistas, que eram seus aliados no continente, contestavam essa estratégia de guerrilha, o que causava tensão entre os dois países. Fidel Castro, em sua posição de Primeiro-Ministro, evitava defender abertamente as guerrilhas latino-americanas e tecer críticas diretas à União Soviética, mas é evidente que não se apoiariam as guerrilhas na ilha sem o seu consentimento e, em alguns discursos, ele mesmo questionou o modelo socialista soviético. Contudo, Régis Debray e principalmente Ernesto Che Guevara foram os embaixadores do “foquismo” e do modelo socialista cubano:



Os guevaristas criticavam abertamente a URSS, porque, segundo seus critérios, a política interior e exterior desse país não estava de acordo com o que devia ser o socialismo. Os guevaristas eram favoráveis ao princípio da revolução permanente, sentiam-se incomodados com a sua institucionalização, não faziam nenhum aporte sobre o papel que o partido deveria desempenhar e proclamavam que os sindicatos eram desnecessários (MESA-LAGO, 1979, p. 30).

A tese da revolução permanente de Trotsky não era aceita pelos soviéticos que, mesmo após a queda do stalinismo, defendiam a supremacia da União Soviética no bloco socialista. Os anos 1960 em Cuba foram anos de um profundo debate ideológico: de um lado, encontravam-se os militantes e simpatizantes do extinto PSP que apoiavam a adesão ao modelo soviético e tinham em Carlos Rafael Rodríguez um dos seus principais porta-vozes. De outro, encontravam-se os guevaristas, que contavam com vários ex-combatentes do Exército Rebelde, a começar pelo próprio Guevara.<sup>15</sup> Fidel Castro, mesmo sem tomar partido inicialmente, devido à sua posição de Primeiro-Ministro, era favorável a muitas posições defendidas pelos chamados “guevaristas” as quais, em grande medida, eram também as suas. Deve-se ressaltar que oficialmente não se podia falar em divergências entre “guevaristas” e pró-soviéticos. Essa construção se dá posteriormente, na historiografia cubana no exílio. Na época predominava, como ainda hoje, a tese do partido comunista único leninista que, invocando o centralismo democrático, proibia a existência de tendências políticas em suas fileiras. Por isso é difícil identificar, hoje principalmente, quem era “guevarista” naquela época. É mais fácil identificar os quadros do antigo PSP, pois não tinham a hegemonia no partido e desta forma sofriam o estigma de quem não está em consonância com a política vigente. Em 1968, inclusive, alguns ex-militantes do PSP chegaram a ser presos sob a alegação de construir uma microfusão no interior do PCC (MESA LAGO, 1979).

A imagem jovem e combatente de Fidel Castro e de Ernesto Che Guevara em nada lembrava a burocracia soviética, o que favorecia que as dissidências de esquerda do modelo soviético vissem Cuba como algo dis-

---

15 Ver a este respeito um recente artigo de Rafael Rojas intitulado “Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971)” in *Tempo social*, vol. 19, nº 1, São Paulo, 2007.

tinto do tradicional bloco comunista. Desta forma, os intelectuais e artistas dissidentes do partido comunista de seus países visitavam a Casa de las Américas ou o ICAIC em Cuba, acreditando que estavam defendendo um novo modelo de sociedade. Nesse sentido, Allen Young testemunha,

Fui um dos muitos jovens nos Estados Unidos que durante a década de 1960 pertenciam ao que se chamou “a nova esquerda”. Víamos em Cuba uma maneira diferente de expressar os ideais revolucionários, diferente da realidade repressiva da União Soviética, realidade já reconhecida pela maioria das pessoas de esquerda, exceção feita aos membros do partido comunista (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p. 172).

Assim, autores consagrados internacionalmente eram convidados a Havana onde sem nenhum constrangimento criticavam o “realismo socialista”, que era o modelo estético adotado na União Soviética e no leste europeu. Autores latino-americanos propunham debates a respeito de uma nova literatura e uma nova estética em que se encenasse a realidade da região<sup>16</sup>. A proposta de unidade tricontinental, deste modo, foi apenas mais uma confirmação da independência política de Cuba em relação aos soviéticos. O projeto de revolução no Terceiro Mundo não ficou apenas nas páginas da revista *Casa de las Américas*. Vale lembrar que a teoria do foco guerrilheiro defendido por Ernesto Che Guevara e Régis Debray, entre outros, foi importada para algumas regiões da África e da América Latina.

As ideias eram debatidas abertamente na ilha no início dos anos 60 durante os encontros internacionais. Os líderes do governo revolucionário eram muito hospitaleiros e simpáticos aos visitantes da Casa de las Américas e do ICAIC. A arte e cultura latino-americanas de esquerda passam a

---

16 Outra evidência de como não era aceita na época a estética socialista é o fracasso na estréia do filme *Soy Cuba* realizado pelo diretor russo Mikheil Kalatozihvili em 1964, cujo roteiro foi escrito a quatro mãos pelo cubano Enrique Pineda Barnet e o russo Yegheny Yevtushenko. O filme, que foi duramente criticado em Cuba e na União Soviética, foi rodado na Ilha caribenha de 1962 a 1964. Na década de 1990 foi descoberto por Martin Scorsese e Francis F. Coppola que o reconheceram como um clássico do cinema internacional. Em 2005, Vicente Ferraz dirigiu o documentário “Soy Cuba: O Mamute Siberiano”, que retoma a história do filme cubano-soviético trinta anos depois. O documentário mostra as entrevistas com vários atores que participaram na rodagem na década de 1960 e também com Alfredo Guevara (diretor do ICAIC na época).

ser muito mais unificadas, e a interação entre elas aumenta, o que favoreceu que muitos autores e cineastas se tornassem conhecidos em todo o mundo. Havana tornava-se a capital cultural do Terceiro Mundo, e as evidências das inegáveis conquistas sociais dos primeiros anos da revolução cruzavam oceanos e fronteiras difundindo a esperança revolucionária cubana.

A Casa de las Américas e o ICAIC permaneceram como os principais fóruns da esquerda mundial durante toda a década de 60. Os intelectuais e artistas estrangeiros relevavam algumas posições do governo cubano em relação à liberdade de expressão, embora a cumplicidade entre o governo cubano e os intelectuais e artistas estrangeiros, amigos da revolução, talvez se devesse à ignorância da maioria deles sobre o que acontecia na ilha fora dos períodos festivos. Os intelectuais cubanos já haviam percebido a falta de liberdade de expressão, mas não estavam dispostos a desistir da revolução e das suas inegáveis conquistas no campo social e cultural, justificando alguns deslizes do governo. Da mesma forma, alguns intelectuais estrangeiros mais presentes na ilha e que colaboravam mais assiduamente com a revista *Casa de las Américas* também perceberam os equívocos e, como a maioria dos intelectuais e artistas cubanos e pelos mesmos motivos referidos, os desculpavam. A guerra fria, juntamente com os golpes de Estado em vários países da América Latina e do Caribe levavam a intelectualidade latino-americana a justificar algumas falhas do governo cubano. Na opinião de Edward Said, este é um erro recorrente de muitos intelectuais que se engajam numa causa e por ela anulam suas opiniões:

A liberdade de opinião e de expressão é o principal bastião do intelectual secular: abandonar sua defesa ou tolerar adulterações de qualquer dos seus fundamentos é, com efeito, trair a vocação do intelectual (SAID, 2005, p. 92).

### **“PALAVRAS AOS INTELECTUAIS”, OU A PRIMEIRA CENSURA DO GOVERNO REVOLUCIONÁRIO: O CASO DO DOCUMENTÁRIO *PM***

O primeiro choque entre o comando revolucionário e a intelectualidade cubana ocorreu ainda em maio de 1961 quando o documentário sobre a noite de Havana *PM – Post Meridien*, filmado por Sabá Cabrera Infante

e Orlando Jiménez-Leal, foi exibido numa sessão na Casa de las Américas. O documentário mostra a noite em Havana Velha, região portuária em que se destaca a vida noturna da população. No documentário aparecem prostitutas, desocupados e trabalhadores embriagados, o que não agradou a uma parte da intelectualidade cubana, sobretudo aquela ligada ao antigo Partido Socialista Cubano (PSP). Alfredo Guevara, ex-militante do PSP e então presidente do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográfica (ICAIC), criado após a revolução, ainda em 1959, proibiu a sua exibição com a alegação de que se tratava de material contrarrevolucionário, tanto política como esteticamente. Assim, a cópia do filme foi apreendida.

A censura ao documentário *PM* desencadeou um intenso debate divulgado principalmente pelo jornal *Revolución*. O filme havia sido financiado pelo seu suplemento cultural *Lunes de la Revolución*, e produzido nos estúdios de televisão do *Revolución*. Pelo prestígio que o *Lunes de la Revolución* tinha nos círculos de esquerda, imediatamente após tal ato de censura passou-se a recolher assinaturas a favor do documentário, além de acusar o ICAIC de defender o realismo socialista como única expressão artística na Ilha<sup>17</sup>. O jornal *Hoy* ligado ao antigo PSP acusava o suplemento *Lunes* de estar mais preocupado com estéticas estrangeiras do que com a revolução. Desta forma o documentário *PM* reacende as divergências entre os *Llanos* e os antigos militantes do PSP. Vale lembrar que Fidel Castro havia combatido duramente as lutas internas e centralizado os movimentos sociais em torno da defesa da pátria contra a invasão estrangeira a partir de 1960.

O debate sobre a censura ao documentário *PM* continuou até que o governo cubano convocou os principais envolvidos para uma série de reuniões fechadas na Biblioteca Nacional José Martí, nos dias 16, 23 e 30 de junho de 1961. Participaram Fidel Castro, o então presidente Osvaldo Dorticós, o Ministro da Educação Armando Hart, a presidente da Casa de las Américas, Haydée Santamaría, o presidente do ICAIC, Alfredo Guevara, Carlos Rafael Rodrigues entre outras autoridades, além dos representantes

---

17 Esse debate foi recolhido em duas teses de doutorado na USP: MISKULIN, S.C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975)*. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2005; VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2006.

dos jornais envolvidos na polêmica: *Lunes de la Revolución* e *Hoy*. Segundo Silvia Miskulin, o debate não foi consensual:

Na primeira reunião, o documentário foi exibido e o presidente Dorticós pediu que o público expressasse sua visão sobre P.M. Diversos escritores e intelectuais pronunciaram-se na defesa do documentário P.M., de *Lunes* e do jornal *Revolución*. Carlos Franqui, Lezama Lima, Pablo Armando Fernández, Virgilio Piñera, Roberto Fernández Retamar, Lisandro Otero e Haydée Santamaría expressaram-se contra qualquer tipo de censura e direcionamento na cultura, defendendo o caráter revolucionário do jornal e do seu suplemento. [...] *Revolución* e o *Lunes* foram atacados por Alfredo Guevara e outros membros do ICAIC, que acusavam o jornal e o suplemento de contrarrevolucionários. Carlos Rafael Rodríguez, atacando somente *Lunes*, afirmou que os textos modernos, novos e herméticos deveriam ser publicados lentamente, para que o povo pudesse ser educado a lê-los, sem que houvesse um desperdício de papel (MISKULIN, 2007, p. 85).

O governo não aceitou o abaixo-assinado contra a decisão do ICAIC. Os colaboradores de *Lunes de la Revolución*, sob a direção de Guillermo Cabrera Infante, eram muito independentes e estiveram no centro do debate desde os primeiros números do encarte:

Não somos comunistas. Ninguém: nem a Revolução, nem *Revolución*, nem *Lunes de Revolución* [...] Mas nós, de *Lunes de Revolución*, hoje queremos dizer, simplesmente, que não somos comunistas. Para poder dizer também que não somos anticomunistas. Somos, isso sim, intelectuais, artistas, escritores de esquerda – tão de esquerda que às vezes vemos o comunismo passar ao lado e situar-se à nossa direita em muitas questões de arte e literatura (MISKULIN, 2007, p.78).

Por mais eloquente que seja a opinião desses intelectuais, deve-se ressaltar que ela convergia com a sentença oficial de Fidel Castro em 1959: “a revolução não era nem capitalista, nem socialista, mas humanista”. E grande parte da simpatia que tinha causado a revolução fora da ilha era por ser diferente, como disse Allen Young, “Cuba era, no princípio, para mim, o país ideal que havia feito uma revolução humanista, e me converti em seu propagandista” (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p. 171).

Desde o início do processo revolucionário, o jornal *Revolución* tornou-se o porta-voz oficial do Exército Rebelde. Carlos Franqui, o seu editor, foi responsável pela rádio rebelde e era um revolucionário respeitado por todo o Movimento 26 de Julho. As questões que estavam na pauta em 1961 eram sobre a necessidade de uma maior aproximação da ilha com a União Soviética e sobre se deveriam ser convocadas eleições em Cuba. Fidel Castro e os militantes mais próximos a ele, como a maioria dos comandantes revolucionários do Exército Rebelde, não defendiam as eleições. Carlos Franqui, por sua vez, que era oriundo dos *Llanos*, embora tivesse ido para a Sierra Maestra e se incorporado ao Exército Rebelde, pertencia ao grupo que apoiava as eleições e acreditava que Fidel Castro as venceria facilmente, argumentando que o processo eleitoral consolidaria a revolução. Mas Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e outros revolucionários não aceitavam essa hipótese; eles usavam sempre as fardas verde-oliva para reafirmarem que os revolucionários estavam em guerra e que a “politicagem” não retornaria a ilha. A perseguição ao *Lunes* por Alfredo Guevara, Carlos Rafael Rodríguez e seus seguidores foi narrada assim, por Carlos Franqui:

Mal pude conter minha raiva enquanto Guevara seguia acusando o *Revolución* e o *Lunes*. Quando ele terminou, aproximei-me de Fidel e disse: “Você me repreendeu no passado porque nunca lhe pedi nada. Bem, agora eu estou lhe pedindo para corrigir uma injustiça cometida bem aqui na sua frente...” esta acusação de que o *Revolución* está tentando dividir internamente a revolução. Seu silêncio é como uma confirmação da acusação. Fidel assentiu, mas não disse nada. Ele nunca disse nada. Então compreendi que não era Alfredito que acusava o *Revolución*: era Fidel (FRANQUI, 1981, p. 134).

Portanto, para Carlos Franqui, era sobretudo Fidel Castro quem estava insatisfeito com as posições políticas do grupo que trabalhava no jornal *Revolución*. O encontro ratificou a decisão do ICAIC e a censura do documentário de Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal. O encarte cultural *Lunes de la Revolución* foi poupado temporariamente, mas em novembro do mesmo ano, sob a alegação de falta de papel, o *Lunes de la Revolución* deixou de ser publicado em definitivo. No fechamento do encontro, Fidel Castro realizou o conhecido discurso “Palabras a los intelectuales” (1961), no qual proferia a célebre frase: “Dentro da revolução tudo! Fora da revolução

nada!” A frase é taxativa; a revolução não podia tolerar debates intermináveis como aqueles. Havia uma urgência maior, que era a sua consolidação:

Tinhamos muito interesse nessas discussões. Acredito que demos-  
tramos isso com o que chamam “uma grande paciência” (risos). E na  
realidade não foi nenhum esforço heróico, porque para nós foi muito  
instrutiva e, sinceramente, também amena. [...] Nós fomos agentes  
desta Revolução, da revolução econômico-social que está acontecen-  
do em Cuba. Por sua vez, essa revolução econômico-social tem que  
produzir inevitavelmente também uma revolução cultural em nosso  
país (CASTRO, 1961b, p.1-2).

Deve-se ressaltar que o discurso ocorreu apenas dois meses após a  
tentativa de invasão na praia de Girón. Por isso, Fidel Castro argumen-  
ta que o compromisso deveria estar direcionado apenas à consolidação da  
revolução. Após a reunião, o debate sobre a censura ao documentário foi  
atenuado. O governo cubano decidiu ampliar o alcance da nova resolução e  
convocou a todos os intelectuais e artistas cubanos para uma conferência, a  
primeira desde 1959. O objetivo do governo era realizar uma reestruturação  
nos organismos culturais e, por isso, o evento foi denominado *Primer Con-  
greso Nacional de Escritores y Artistas*, e foi realizado em Havana entre  
os dias 18 a 22 de agosto de 1961. Fidel Castro fez, como de costume, o  
discurso de encerramento:

Diversos companheiros têm expressado aqui inúmeros pontos de vis-  
ta, expressando cada um deles com seus argumentos. No primeiro dia  
havia um pouco de medo de entrar no tema, e por isso foi necessário  
pedir aos companheiros que abordassem o tema, que aqui cada um  
explicasse seus temores, que aqui cada um dissesse o que o inquie-  
tava. [...] Na realidade, que é que nós sabemos? Na realidade, nós  
todos estamos aprendendo. Na realidade todos nós temos muito que  
aprender (CASTRO, 1961b, p.3).

No discurso, Fidel Castro não se esquivou de nenhuma polêmica.  
Tratou da liberdade de expressão e mesmo da censura ao documentário  
*PM*. Alguns trechos do discurso elucidam qual era o papel que o comando  
da revolução destinava aos artistas e intelectuais cubanos:

Qual deve ser hoje a primeira preocupação de todo cidadão? A preocupação de que a Revolução extravase suas medidas, de que a Revolução vá asfixiar a arte, de que a Revolução vá asfixiar o gênio criador de nossos cidadãos, ou a preocupação de todos deve ser a Revolução mesma? Os perigos reais ou imaginários que possam ameaçar o espírito criador, ou os perigos que possam ameaçar a Revolução mesma? (CASTRO, 1961b, p. 4)

Segundo o discurso, a liberdade de expressão era um tema secundário, e a revolução teria outras prioridades. A primeira preocupação de qualquer cidadão cubano deveria ser com a consolidação da revolução, e os intelectuais e artistas não poderiam fugir a esta regra. Não havia, dessa forma, espaço para um debate a respeito da liberdade de expressão, pois esta questão não estava entre as urgências do momento. Fidel Castro também afirmou que era natural ocorrerem transtornos nas relações entre intelectuais e artistas e a direção da revolução. Em seus discursos lembrou e esclareceu o papel que deveriam ter os intelectuais ou artistas revolucionários cubanos: deveriam estar completamente comprometidos com a revolução, e não com questões estéticas e liberais. Outro ponto importante é que ele se referia a três categorias de intelectuais e artistas; primeiro o revolucionário; segundo, o honesto; e, por fim, o intelectual mercenário. Vejamos no discurso esta categorização:

Mas pode haver homens que se adaptem a essa realidade e sejam homens honestos, só que seu espírito não é um espírito revolucionário, só que sua atitude frente à realidade não é uma atitude revolucionária. E pode haver, é claro, artistas e bons artistas – que não tenham diante da vida uma atitude revolucionária. E é precisamente para esse grupo de artistas e intelectuais que a Revolução em si constitui um fato que pode, inclusive, afetar seu ânimo profundamente. É precisamente para esse grupo de artistas e intelectuais que a Revolução pode constituir um problema a resolver. Para um artista ou intelectual mercenário, para um artista ou intelectual desonesto não seria nunca um problema. Esse sabe o que tem que fazer, esse sabe o que lhe interessa, esse sabe para onde tem que ir. O problema se coloca verdadeiramente para o artista ou o intelectual que não tem uma atitude revolucionária diante da vida e que, no entanto, é uma pessoa honesta (CASTRO, 1961b, 6-7).



Portanto, para Fidel Castro, a revolução devia preocupar-se com os intelectuais que não eram revolucionários, mas eram honestos. A direção devia conquistá-los para também participarem da marcha. A revolução necessitava da sua contribuição. Desse modo, Fidel Castro explicitava o problema: existia um atrito entre os revolucionários e os intelectuais e artistas, e era preciso enfrentá-lo com urgência:

Nós somos ou acreditamos ser homens revolucionários: quem for mais artista do que revolucionário não pode pensar exatamente igual a nós. Nós lutamos pelo povo e não sofremos nenhum conflito, porque lutamos pelo povo e sabemos que podemos alcançar os propósitos de nossas lutas. O povo é a meta principal. É preciso pensar primeiro no povo, e não em nós mesmos. E essa é a única atitude que se pode definir como uma atitude verdadeiramente revolucionária. E para aqueles que não puderem ter, ou que não tenham essa atitude, mas que são pessoas honradas, é que se coloca o problema a que fazíamos referência. E da mesma maneira que para eles a revolução constitui um problema, eles também constituem para a Revolução um problema com o qual a Revolução deve preocupar-se (CASTRO, 1961b, p. 7).

Segundo Bourdieu, “o mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém em si estratégias de interesses determinados” (BOURDIEU *apud* PESAVENTO, 1997, p. 18). Fidel Castro apontou um paradoxo na ilha: existiam pessoas que eram mais revolucionárias, como as que estiveram e estavam à frente da revolução e “lutavam pelo povo”, e outros que eram mais intelectuais ou artistas do que revolucionários. Ele era enfático em relação aos problemas que os intelectuais e artistas “honestos e honrados” poderiam causar à revolução, caso não compreendessem que não poderiam colocar suas angústias estéticas e individuais no caminho da marcha revolucionária. Fidel Castro, aos poucos, deixava o tom descontraído do início do discurso – quando dissera ter comparecido para aprender, e que todos tinham muito que aprender – e passava a expor uma espécie de código de conduta que os intelectuais e artistas que não eram verdadeiros revolucionários deveriam utilizar para continuar a suas carreiras na ilha:

É possível que os homens e as mulheres que têm uma atitude realmente revolucionária diante da realidade não constituam o setor ma-

rioritario da população: os revolucionários são a vanguarda do povo. A Revolução não pode abrir mão de que todos os homens e mulheres honestos, sejam eles escritores ou artistas ou não, marchem junto com ela; a Revolução deve desejar que todo aquele que tiver dúvidas se converta em revolucionário; a Revolução deve empenhar-se em conquistar para suas ideias a maior parte do povo; a Revolução nunca deve renunciar a contar com a maioria do povo [...] A revolução só deve renunciar àqueles que sejam incorrigivelmente reacionários, que sejam incorrigivelmente contrarrevolucionários [...] Quais são os direitos dos escritores e dos artistas, revolucionários ou não? Dentro da Revolução tudo; contra a revolução, nenhum direito (APLAUSOS) (CASTRO, 1961b, 8-9).

Portanto, Fidel Castro foi bem explícito: ou os intelectuais e artistas se enquadravam na marcha da revolução cubana ou não seriam mais tolerados. Os aplausos evidenciam que o apoio à sua política naquele momento era quase total. A política cultural cubana havia conquistado resultados materiais incontestáveis em vários âmbitos, como o aumento na publicação e distribuição de livros, a própria Casa de las Américas, o ICAIC, etc. Assim, em 1961 era inegável a existência de um grande apoio da intelectualidade cubana ao governo revolucionário, ainda que a censura ao documentário *PM* tenha suscitado algumas críticas. Naquele momento, Fidel Castro pessoalmente esclareceu aos intelectuais e artistas qual deveria ser o papel de cada um na política cultural cubana e estes, em sua ampla maioria, decidiram apoiá-lo sem restrições, o que evidentemente não significa que alguns dos que ali estavam não discordassem, mas, sim, que eram exceções à nova hegemonia que se estabelecia a passos largos.

O discurso de 1961 comprova que, mesmo antes da entrada efetiva no bloco soviético, a revolução cubana não tolerava posições que iam de encontro aos seus pressupostos. Fidel Castro afirmava o direito dos órgãos do governo a exercer a censura:

Embora não tenhamos visto esse filme, sabemos o critério de uma série de companheiros que viram o filme, entre eles está o critério do companheiro Presidente, o critério de diversos companheiros do Conselho Nacional de Cultura. Não é preciso dizer que é um critério e é uma opinião que merece para nós todo o respeito, mas tem algo que

acredito que não se pode discutir, e é o direito estabelecido pela lei de exercer a função que neste caso desempenhou o Instituto de Cinema ou a comissão revisora. Discute-se acaso esse direito do Cinema ou da comissão revisora? Discute-se acaso esse direito do governo? Tem ou não tem o governo o direito de exercer essa função? [...] mas há algo que acho que ninguém discute, é o direito do governo de exercer essa função. Porque, se impugnarmos esse direito, então isso significaria que o governo não tem o direito a revisar os filmes que vão ser exibidos para o povo. E acredito que esse é um direito que não se discute (CASTRO, 1961b, p. 13).

Fidel Castro se referia ao documentário *PM*, que deflagrou o primeiro encontro entre a revolução e os intelectuais e artistas cubanos, ressaltando que a decisão referente ao que poderia ou não ser divulgado em Cuba era responsabilidade dos órgãos oficiais do governo. Portanto, mesmo que esses órgãos e seus representantes cometessem equívocos de avaliação, eram eles os responsáveis pelo controle do que poderia ou não ser exibido na ilha e o governo revolucionário não aceitaria qualquer debate acerca da sua autoridade e do seu controle. Fidel Castro utiliza a estratégia de dizer que ele não havia visto o filme, mas que confiava na decisão do presidente do ICAIC, Alfredo Guevara. Esta é uma estratégia política comum para defender a existência de órgãos responsáveis por um determinado controle social, ou seja, eles passam a ter vida própria. Para finalizar a análise desse documento, uma última citação evidencia o papel que governo cubano desejava que os intelectuais e artistas desempenhassem na revolução:

Em certa ocasião, quando estávamos peregrinando um pouco por todo o território nacional, ocorreu-nos a ideia de construir um bairro em um belo lugar da Ilha de Pinos, uma aldeia em meio dos pinheiros – nessa ocasião estávamos pensando em estabelecer algum tipo de prêmio para os melhores escritores e artistas progressistas do mundo – como um prêmio e sobretudo como uma homenagem a esses escritores e artistas; projecto que não se concretizou, mas que puede ser revivido para fazer um refúgio, ou uma aldeia, um remanso de paz que convide a descansar, que convide a escrever (APLAUSOS). E acho que vale a pena que os artistas, entre os quais os arquitetos, comecem a esboçar e a conceber o lugar de descanso ideal para um

escritor ou um artista, e ver se chegam a um acordo em relação a isso (RISAS) (CASTRO, 1961b, p.19).

Os risos demonstram a descontração do ambiente. Fidel Castro havia contornado um início de crise e ironizava ao dizer que os intelectuais poderiam entrar em concordância, pelo menos, a respeito do local da construção de um espaço; no qual seriam convidados intelectuais e artistas progressistas de todo o mundo. Ora, construir um lugar “hermoso” na ilha de Pinos para que escritores e artistas pudessem descansar em um determinado período do ano em meio a uma revolução! Uma declaração como essa feita pelo próprio comandante da revolução, no primeiro congresso de escritores e artistas, enfatiza a relevância que este setor representava para a sua consolidação: não atrapalhar! Por fim, Fidel Castro declarou ao encerrar seu discurso: “E vocês tem a oportunidade de serem mais que espectadores: de serem atores dessa revolução, de escrever sobre ela, de expresar-se sobre ela” (Castro, 1961b, p. 27).

Fidel Castro é enfático: não quer a opinião dos intelectuais e artistas cubanos no processo de implantação da revolução. A eles caberia apenas declamá-la e exaltá-la. O discurso, os aplausos e os risos do auditório evidenciam não somente a subserviência intelectual e política, mas também uma cumplicidade interesseira da maioria dos presentes. Em troca do apoio irrestrito ao governo revolucionário, os artistas e intelectuais presentes aceitavam como recompensa uma bela casa de praia reservada exclusivamente para os bons servidores do regime.

Os dirigentes revolucionários não toleravam a falta de pragmatismo de alguns intelectuais e artistas cubanos e, de forma muito paternalista para uns e claramente ameaçadora para outros, foi dado o aviso: “Dentro da revolução, tudo, fora da revolução nada”. A afirmação de Fidel Castro foi afixada em cartazes e muros pela ilha, inaugurando o novo paradigma da revolução. Um dos resultados do Congresso foi a criação da UNEAC, União dos Escritores e Artistas Cubanos, que passou a controlar quem eram os intelectuais e artistas cubanos e o que faziam.

Em 1961, a revolução cubana estava no auge de seu apoio popular e, com exceção do grupo que girava em torno do *Lunes de la Revolución* que, como já foi dito, deixa de existir em novembro desse mesmo ano, e de uns poucos indivíduos isolados, não há maiores resistências. Como afir-

mou Carlos Monsiváis, eram “anos de consenso”, sobretudo para os que se consideravam de esquerda. Quanto às exceções, numa época de consenso não é nada fácil ser uma exceção; muitos integrantes da minoria, como alguns integrantes do *Lunes*, deixam a ilha em poucos anos, e os que não os acompanharam se arrependeriam mais tarde, quando a saída já não era mais possível.

# O Homem Novo

"O presente é de luta; o futuro é nosso".

ERNESTO CHE GUEVARA

## A CONSTRUÇÃO DO HOMEM NOVO EM CUBA

Após a crise dos mísseis em 1962, a relação entre Cuba e União Soviética ficou estremecida. Fidel Castro se irritou com Khrushchev por ter feito o acordo com Kennedy para a retirada dos mísseis da ilha sem sequer consultá-lo e por aceitar a exigência dos Estados Unidos de que se fizesse uma inspeção na ilha para certificar a inexistência dos mísseis, o que, aliás, o governo cubano jamais permitiu. A desconfiança do governo cubano em relação à União Soviética sempre existiu, mas o apoio incondicional dos soviéticos na época do embargo econômico promovido pelos Estados Unidos havia aproximado os dois países socialistas, embora o governo cubano não se tivesse comprometido, até então, mais do que lhe era conveniente. Segundo Mesa-Lago, a crise inaugurou uma nova etapa da revolução:

Esta cálida relação sofreu uma brusca sacudida devido ao entendimento soviético-norte-americano durante a crise dos Mísseis de 1962, o qual constituiu, segundo o ponto de vista oficial cubano, uma retirada soviética agravada pela falta de consulta com Cuba. [...] Assim, a Revolução entrou em sua terceira etapa (1963-1966), dominada por um vivo debate sobre sistemas alternativos de organização e estratégias para o desenvolvimento (MESA-LAGO, 1979, p.28-29).

Mesa-Lago analisa a revolução cubana em etapas: a primeira teria sido a fase nacional-populista, sem uma ideologia específica, que foi de 1959 a 1960; a segunda, a partir de 1961, teria sido marcada pela declaração socialista da revolução, a aproximação com a União Soviética, a centralização do poder e a planificação econômica. Após a crise dos mísseis de 1963 a 1966, para Mesa-Lago teria ocorrido a terceira etapa, na qual houve um profundo debate na ilha entre os que defendiam o modelo soviético, tendo à frente os líderes do extinto PSP, e os chamados guevaristas, que propunham um novo modelo socialista para Cuba; a quarta etapa foi a consolidação do modelo proposto por Ernesto Che Guevara, que Mesa-Lago define como sino-guevarista, e que teria durado de 1966 a 1970, ou seja, até após três anos da morte do guerrilheiro; por fim, o quinto modelo seria a ascensão definitiva do modelo soviético depois da crise econômica que atingiu a ilha em 1970 e que levou o país a aderir ao bloco comunista liderado pela União Soviética (V. MESA-LAGO, 1979).

Nosso objetivo, neste segundo capítulo, não é discutir a revolução cubana por etapas, tampouco nos deter em uma de suas etapas específicas. Discutiremos as propostas de Ernesto Che Guevara para a construção do modelo ideológico e moral do “homem novo” cubano que, a nosso ver, foram as teses hegemônicas durante os anos de 1960 em Cuba que representavam os ideais do grupo de guerrilheiros do Movimento 26 de Julho da Sierra liderados por Fidel Castro. O homem novo não se restringiria a uma formulação política pessoal de Ernesto Che Guevara, mesmo reconhecendo que ele tenha sido o principal formulador teórico da alternativa cubana de socialismo naqueles anos. A nosso ver, as suas teses representavam as principais metas traçadas por um grupo de revolucionários que tinham conseguido liquidar a oposição interna e externa e aspiravam a transcender os limites de uma revolução nacionalista burguesa num contexto internacional favorável a esse giro. Desta forma, cabia a Ernesto Che Guevara agir como uma espécie de embaixador do socialismo cubano e da revolução continental, e até mesmo tricontinental, como foi visto no capítulo anterior. Assim, Ernesto Che Guevara viajava, escrevia, lutava em outros países e divulgava os ideais do “homem novo” e do foco guerrilheiro, enquanto cabia a Fidel Castro, com seu anseio centralizador, conduzir a revolução na ilha.

Após 1961, ficou evidenciado que a preocupação dos principais líderes revolucionários era com a construção de uma nova sociedade e, sobre-

tudo, de um “homem novo” capaz de dar sentido e perpetuação à revolução que iniciava a sua grande “marcha”. Era consenso entre eles que a principal batalha da revolução seria a edificação dessa nova personagem, sem cuja presença a revolução se estagnaria. Portanto, urgia preparar a juventude cubana para os novos desafios da revolução para que estivesse à altura da geração revolucionária de Sierra Maestra que havia conquistado a soberania política e econômica da ilha.

A nosso ver, o movimento para a construção do “homem novo” foi uma relevante estratégia de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, aspecto menos considerado pela maioria dos investigadores da revolução cubana de 1959. O principal motivo por esta opção é a predominância de dois vieses de análise sobre a revolução cubana: o econômico e o político. Desta forma, se o caminho é predominantemente econômico, parte-se da crise das safras de cana de açúcar<sup>18</sup> e do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, entre outros. A variação ideológica é o que contorna, atenua e acentua esses vetores. Já quando a análise privilegia a dimensão política, pontuam-se as estratégias dos dirigentes de Cuba para se instalarem como um satélite da então União Soviética, novamente com contornos a depender, via de regra, da variante ideológica do investigador (DOMINGEZ, 1978).

Não podemos desconsiderar a importância desses elementos eleitos como predominantes, mas para alcançar nosso objetivo – discutir a condição Mariel de identidade – é preciso antes compreender os efeitos da revolução e do seu projeto de construção do homem novo nas gerações que vivenciaram a revolução, especificamente junto à autodenominada Geração Mariel. Trata-se de observar um grupo composto quase inteiramente por pessoas que na época ainda eram adolescentes e que, de certa forma, foram o laboratório de aplicação dos pressupostos morais e ideológicos do Homem Novo como seu principal objeto, a juventude. A questão que se coloca aqui é: até que ponto a intenção de construir uma juventude revolucionária serviu como estopim para a deflagração da onda migratória que se inicia em 1980? Tomaremos essa questão como o ponto de partida para compreender a condição Mariel de identidade.

---

18 Entre os estudos sobre a revolução cubana que privilegiaram uma análise econômica, a tese mais importante é a do historiador Carmelo Mesa-Lago (1979) que se detém em analisar as várias etapas a partir de 1959-1979 e as crises econômicas enfrentadas pela revolução, sendo a mais importante o fracasso da safra de açúcar de 1970.



O modelo de homem novo formulado por Ernesto Che Guevara tinha como objetivo preparar a juventude para a nova sociedade inaugurada em Cuba pela revolução socialista:

Em nossa sociedade, a juventude e o partido desempenham um grande papel. Particularmente importante é a primeira; por ser a argila maleável com que se pode construir o homem novo sem nenhuma das taras anteriores (GUEVARA, 1993, p.330).

O futuro da revolução na ilha dependeria da construção de um homem novo, que só poderia ser moldado em indivíduos nascidos livres das “taras” características do ideário e do sistema de valores do sistema liberal capitalista. Arch Ritter ressalva que o homem novo não nasceria de forma espontânea, alguns requisitos eram necessários à sua transformação:

Requeria-se uma reorganização de todas as instituições da sociedade. Requeria-se a eliminação de todos os vestígios do capitalismo, a abolição dos incentivos materiais e a adoção de formas institucionais em que os homens não estivessem motivados pelo próprio interesse (RITTER, 1974, p.85).

Para Ernesto Che Guevara (1992, p.329), o partido e os seus integrantes deviam monopolizar a tarefa de moldar a juventude: “*Os homens do partido devem tomar essa tarefa entre as mãos e buscar o sucesso do objetivo principal: educar o povo.*” Desta forma, para Ernesto Che Guevara, um dos expoentes marxistas da revolução, a formação do homem novo deveria ser o principal objetivo do Partido Comunista Cubano. Para tanto, ele propunha instalar imediatamente o trabalho voluntário e involuntário<sup>19</sup> como um dos instrumentos pedagógicos para a formação de uma juventude proletária:

Sua educação é cada vez mais completa, e não nos esqueçamos de sua integração ao trabalho desde os primeiros instantes. Nossos bolsistas fazem trabalho físico nas férias ou simultaneamente com o estudo. O

---

19 Os termos “trabajo voluntário e involuntário” foram usados por RITTER. “Estrategias de movilización y recursos humanos en Cuba revolucionaria”. In: *Cuadernos de Economía*, Instituto de Economía da Pontificia Universidad Católica de Chile, vol.11, 1974, p. 79.

trabalho é um prêmio em certos casos, um instrumento de educação, em outros, nunca um castigo. Uma nova geração nasce (GUEVARA, 1993, p.330).

Para se formar uma juventude com valores proletários seria preciso valorizar o trabalho físico, até porque não havia fábricas suficientes na ilha para absorver a demanda por trabalho operário. Quando Ernesto Che Guevara afirma que em alguns casos se trataria de um prêmio, ele se refere aos chamados “trabalhos voluntários”, eufemismo que encobre a obrigatoriedade do trabalho<sup>20</sup>, o que incluía atividades no campo, que até hoje todos os estudantes são obrigados a fazer durante um determinado período das férias escolares, exceto os que, por incapacidade física, não estivessem aptos àquelas tarefas.

Quanto a ser um instrumento de educação, Ernesto Che Guevara referia-se aos programas de recuperação social por meio do trabalho explicitamente obrigatório. Vale lembrar que a UMAP – Unidad Militar de Ayuda a la Producción – foi criada oficialmente em 1965, ou seja, no mesmo ano de publicação das teses acerca do homem novo e tinha como objetivo recuperar pessoas acusadas de “desvios” ideológicos e/ou morais. Não podemos afirmar que Ernesto Che Guevara foi um dos criadores ou idealizadores da UMAP; contudo sua apologia do trabalho como “instrumento de educação” e a sua afirmação de que o trabalho jamais poderia ser encarado como uma forma de castigo vão ao encontro dos pressupostos da UMAP<sup>21</sup>. Evidentemente isto não o compromete pessoalmente quanto à condução da instituição. De toda forma, o trabalho físico, para Ernesto Che Guevara, era um importante instrumento pedagógico para a correção dos cidadãos cubanos e, principalmente, para a gestação do homem novo cubano pós-revolução. Em diversas imagens aparecem Ernesto Che Guevara e Fidel Castro participando das atividades agrícolas como mostramos a seguir:

20 Posteriormente população criou o trocadilho de “trabalhos voluntários” precisamente para mostrar a obrigatoriedade encoberta.

21 Em agosto de 1965 o Departamento de Lactras Sociales do Ministério do Interior de Cuba (Minint) foi responsável pelo recolhimento de elementos antissociais para encaminhá-los, a partir de novembro desse mesmo ano, às recém-criadas UMAPs. As Unidades de Ayuda a la Producción eram acampamentos de trabalho agrícola criadas pelo governo cubano para recrutar jovens e velhos com “algum desvio ideológico ou moral” e que não se encaixavam no alistamento do Serviço Militar Obrigatório, como veremos mais adiante.



Imagens 2 e 3: fotos sobre o trabalho voluntário extraídas de “Ernesto Che Guevara, Comandante de América, ejemplo de internacionalismo”. Disponível em: <http://www.bohemia.cu/galerias/2002/Che-guevara/sumario-galeriadefotos.html>.



Imagem 4: foto extraída de “Fidel Castro, producción y defensa”. Disponível em: [www.bohemia.cu/dossiers/politica/01\\_fidel/hist/fidel\\_trayect04.html](http://www.bohemia.cu/dossiers/politica/01_fidel/hist/fidel_trayect04.html).

O trabalho coletivo seria uma forma de oposição à ideologia liberal capitalista e ao seu individualismo que representavam um passado de alienação a ser desconstruído: “A nova sociedade em formação precisa com-

petir muito duramente com o passado” (GUEVARA, 1993, p. 324). Isso, com efeito, foi praticado desde os primeiros dias da revolução:

As festividades foram transformadas. A celebração do dia de Ação de Graças foi suspensa. O Natal mudou. Deu-se nova ênfase à celebração de um “Natal cubano”, [...] Papai Noel se converteu em algo parecido a uma *persona non grata* e se retirou da vista pública, sem maiores cerimônias: “Nem uma só loja ao longo da Avenida Galiano mostra o alegre São Nicolau”, observava em dezembro de 1959 um residente de muitos anos de Havana. Contrário aos rumores, o colunista Milton Guss assegurava a seus leitores que Papai Noel não tinha pedido asilo na Embaixada Americana (PÉREZ JÚNIOR, 2007, p. 698).

Portanto, muito do que fora proposto no livro *El socialismo y el hombre en Cuba*, escrito por Ernesto Che Guevara em 1965, estava em sintonia com o que já ocorria em Cuba desde 1959: a destituição do passado indesejado e a invenção de novas tradições (HOBSBAWM & RANGER, 1997). Na citação de Pérez Júnior podemos observar que em menos de um ano a festa de Natal deixa de existir na ilha e, além dela, vários feriados e datas celebrativas (principalmente religiosas) desaparecem, enquanto outras datas passaram a ser instituídas, como o assalto ao quartel de Moncada em 26 de julho. O dia 1º de janeiro, por sua vez, já não é mais celebrado como ano novo, mas sim como o aniversário da revolução. Cuba tenta inaugurar uma nova história por meio da invenção de uma nova tradição.

Para Ernesto Che Guevara, o presente revolucionário tinha que travar um duelo frontal com o passado, a sua tradição e a sua cultura. Somente a vitória nesse combate por uma nova visão de mundo é que garantiria o futuro da revolução, a implantação do comunismo. Por isso, não havia como construir uma nova sociedade sem fazer desabar o passado. Devemos lembrar o pensador marxista heterodoxo Walter Benjamin, que, um quarto de século antes, contestava essa ideia de marcha para o futuro atropelando a tradição, a cultura e o passado em nome de uma revolução, do futuro e do progresso:

A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia

dessa marcha. [...] A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras” (BENJAMIN, 1994, p.229).

O projeto do homem novo inaugurado pela revolução cubana tinha como principal objetivo transformar a ideologia da juventude, ou seja, sua visão de mundo, como alguns teóricos marxistas a definiam então. Segundo Terry Eagleton, essa era a posição do marxismo historicista:

Para Lukács, como para o marxismo “historicista” em geral, é como se cada classe social tivesse sua “visão de mundo” peculiar, corporativa, que expressasse diretamente suas condições materiais de existência, e a dominação ideológica consistisse em uma dessas visões de mundo impor sua marca na formação social como um todo. [...] O marxismo historicista, em resumo, supõe uma relação excessivamente orgânica e interna entre um “sujeito de classe” e sua “visão de mundo” (EAGLETON, 1997, p.95-96).

Segundo esse autor, há diversas formas de marxismo historicista, no entanto em todas há em comum a luta contra a alienação capitalista, que emperra a construção de uma ideologia proletária. Contudo, existem diferenças no interior dessa corrente de pensamento:

A categoria-chave no trabalho do colega marxista ocidental de Lukács, Antonio Gramsci, não é a ideologia, mas a “hegemonia”, e vale a pena ponderar a distinção entre esses dois termos. Gramsci normalmente usa a palavra hegemonia para designar a maneira como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio – apesar de, é verdade, empregar o termo ocasionalmente para designar conjuntamente o consentimento e a coerção (EAGLETON, 1997, p. 105).

O ponto de convergência entre todas as variantes do chamado marxismo historicista é o enfoque prioritário na mudança de visão de mundo da sociedade para a substituição do modo de produção capitalista pelo comunista. O marxismo historicista em geral propõe enfrentar a alienação (a visão de mundo burguesa) antes de consolidar a estrutura socialista de pro-

dução, ou ao menos tratar os dois problemas simultaneamente. As diferenças teóricas e metodológicas internas no interior da corrente do marxismo historicista não são o alvo desse trabalho, mas é preciso ressaltar que essa corrente teórica dedica à chamada superestrutura a mesma importância, na construção do comunismo, do que à estrutura, contrariando o marxismo ortodoxo e a doutrina soviética. A construção da hegemonia política seria, então, a chave para a edificação de uma nova sociedade.

Claramente inspirado pelo marxismo historicista, o Homem Novo cubano seria forjado por uma educação revolucionária e teria no trabalho voluntário e corretivo uma vital ferramenta pedagógica para a formação e correção das novas gerações. A estratégia do governo cubano era incorporar à maioria dos cubanos um novo código ético. Dessa maneira, Ritter (1974, p.82) afirma, “o traço mais importante da nova moralidade era o altruísmo. Os cubanos deviam dedicar suas vidas totalmente às necessidades da revolução (como eram vistas pela cúpula diretiva revolucionária), a seus compatriotas cubanos e à humanidade”. A primeira juventude após o triunfo da revolução, como já foi dito, foi o laboratório de aplicação dessa proposta:

Obtive uma bolsa no que antes era o acampamento militar de Batista chamado La Pantoja, que agora havia se convertido numa escola politécnica. Eu tinha dezesseis anos quando começaram as aulas; era um curso no qual nos graduávamos para ser contadores agrícolas. Era uma nova disciplina que o governo – que já tinha projetos secretos de confiscar todas as terras – necessitava difundir. Acredito que foi uma das primeiras escolas/internatos que o governo de Castro criou porque era um centro para formar jovens comunistas. A maioria dos que ali entraram não percebeu naquele momento o objetivo fundamental daquele curso. Fomos “captados” por toda a ilha (ARENAS, 1992, p. 71).

Essa citação foi retirada da autobiografia de Reinaldo Arenas, *Antes que anoiteça*, iniciada ainda em Havana e concluída em Nova York. Nela o autor, que foi um dos fundadores da Geração Mariel, narra como ele, um adolescente oriundo de uma família camponesa da região de Holguín, sem perspectivas quanto à educação formal, consegue uma bolsa de estudos em uma escola agrícola e lá recebe instruções – segundo os critérios da revolução: aulas de contabilidade, aulas de marxismo-leninismo, práticas

militares, trabalho no campo. Muitos jovens, em sua opinião, tiveram dificuldades em se adaptar às tarefas, o que não foi tão difícil para ele, pois já estava adaptado à vida do campo. Os estudantes, segundo Arenas, eram preparados para trabalhar para a revolução:

Muitos daqueles companheiros chegaram depois a ser dirigentes do regime de Castro, outros se suicidaram. Lembro de um de meus amigos de Holguin que descarregou a metralhadora na cabeça. Os que persistimos fomos os homens novos, os jovens comunistas que iriam controlar a economia do país. [...] Não era fácil sobreviver a todas aquelas depurações que tinham um caráter moral, político, religioso e até físico, além de ter que passar por todos os exames técnicos. Dos dois mil alunos, restaram menos de mil (ARENAS, 1992, p.73).

Reinaldo Arenas é um dissidente do regime cubano e deixa isso transparecer em sua narrativa, principalmente pela sua condição homossexual que, segundo ele, precisou ser anulada durante todo o tempo em que esteve no acampamento, já que era vista como um desvio moral incapaz de ser adaptado aos princípios de uma revolução feita por homens e para homens. Mas chama a atenção o fato de Reinaldo Arenas não dissimular que acreditou, colaborou e mesmo utilizou-se da revolução:

No entanto, é preciso reconhecer que o entusiasmo ainda sobrepujava a desilusão. [...] Quase todas as noites iam ao cinema assistir a algum filme russo; também comíamos muita carne russa. Indiscutivelmente nos doutrinavam, mas também nos alimentavam e estávamos estudando grátis; o governo nos vestia, nos educava à sua maneira e decidia nosso destino (ARENAS, 1992, p. 74).

O relato confirma que o investimento do governo revolucionário na educação da juventude era algo sem precedente na história de Cuba. Isto evidentemente se traduzia em mais apoio à revolução e mantinha a euforia e a expectativa em alta. Em determinado momento de seu relato, Arenas narra a presença inesperada do próprio Fidel Castro em um seminário político:

Nós todos estávamos entusiasmadíssimos com sua presença; era uma honra que o Comandante em Chefe fosse visitar simples contadores

agrícolas. Ele nos disse que éramos a vanguarda da Revolução, que tínhamos uma enorme responsabilidade, porque nos íamos dirigir as primeiras granjas cooperativas do povo. Disse que tínhamos que ser muito honrados e absolutamente politizados e revolucionários. O discurso terminou com um aplauso enorme; eu, é claro, também aplaudi (ARENAS, 1992, p. 77).

Na memória de Arenas podemos sentir a proximidade do comando revolucionário com a juventude naquele momento. Ele já havia, a exemplo de seus colegas, concluído o curso e participava de um seminário político durante o qual foram surpreendidos pela presença do próprio Comandante Fidel Castro que lhes diz que a revolução estava em curso, que ela dependia muito deles e que eles eram extremamente importantes para o seu êxito. Podemos notar claramente que o momento é de aproximação e de apoio da maioria da juventude cubana à revolução. Também observamos a preocupação do comando revolucionário com a juventude que eles formavam, o que demonstra que o “homem novo” proposto por Ernesto Che Guevara já estava em curso antes mesmo da sua formulação e que não era somente uma retórica e menos ainda a tese de um único indivíduo.

A nosso ver, a formação da juventude revolucionária por meio da ética do trabalho era um paradigma da revolução cubana de 1959. A revolução prefere formar jovens para desempenhar papéis relevantes a procurar profissionais mais experientes. Não há dúvida quanto à existência de pessoas capacitadas para serem contadores em granjas do novo estado cubano. Portanto, a decisão de se utilizarem jovens para esses postos estratégicos era política. A juventude estaria, assim, livre das “taras do capitalismo”. A intenção clara era preparar quadros para uma nova administração, livre da corrupção e dos vícios do passado, e a juventude seria a matéria-prima a ser trabalhada. Desta forma, os princípios do “homem novo” estavam em gestação desde os primeiros anos da revolução. Reinaldo Arenas descreve o ano de 1961:

No início eu tinha dezessete anos e cantava os hinos da Revolução e estudava, indiscutivelmente, o marxismo; cheguei a ser um dos diretores dos círculos de estudos marxistas e, sem dúvida, fui um jovem comunista. Eu pensava que todos aqueles homens que se opunham a Fidel estavam equivocados ou loucos. Acreditava, ou queria credi-



tar, que a Revolução que me dava uma educação gratuita não podia ser algo sinistro. Pensava que seguramente haveria eleições e Fidel Castro seria eleito pela via democrática (ARENAS, 1992, p. 81).

O depoimento autobiográfico de Arenas comprova que educar a juventude era um dos paradigmas da revolução cubana desde seu início. O “homem novo”, portanto, não resultava apenas do pensamento político de Ernesto Che Guevara. O que ele fez ao redigir *El socialismo y el hombre en Cuba* (1965) foi trazer para o terreno da teoria política um dos principais ideais da revolução cubana, em curso desde 1959. Outra proposta teórica de Ernesto Che Guevara é a predominância de estímulos morais sobre os estímulos materiais. A esse respeito Fidel Castro declarou ainda em 1960:

A própria revolução demonstra que os ideais podem mais que o ouro! Se o ouro pudesse muito mais que o ideal, os grandes interesses estrangeiros nos teriam varrido do mapa; se o ouro pudesse mais que o ideal, a pátria estaria perdida, porque o ouro é o que o nosso inimigo tem de sobra para comprar consciências, no entanto, todo o ouro de nossos inimigos não basta para comprar a consciência de um revolucionário [...] Os trabalhadores, os camponeses, os cubanos dignos [...] conquistaram sua consciência revolucionária [...] não se pode trocar sua revolução, sua pátria pelo ouro (CASTRO, 1960, *apud* PÉREZ-STABLE, 1993, p.143).

Esta afirmação de Fidel Castro é anterior à declaração do caráter socialista da revolução, mas o tom socialista do discurso é perceptível, assim como uma das teses propostas por Ernesto Che Guevara: não se compra consciência com incentivos materiais. De fato a revolução cubana apropriou-se da euforia nacionalista e anti-imperialista, principalmente após a frustrada tentativa de invasão em 1961 em Girón promovida pelos Estados Unidos. Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, entre outros revolucionários, acreditaram que o sentimento de comunhão social causado pela revolução e pela resistência à “invasão norte-americana” devia ser explorado por meio de estímulos morais, os quais, por sua vez, tinham o objetivo de impedir que a mobilização popular, chave para a consolidação da revolução e sua hegemonia política, arrefecesse.

Entre 1966 e 1970, Cuba dedica-se à construção simultânea do comunismo e do socialismo: um experimento radical que desenvolveria simultaneamente a consciência e a economia. Com um modelo próprio, os líderes cubanos esperavam gerar recursos suficientes que lhes permitissem estabelecer um vínculo mais equilibrado com a União Soviética e institucionalizar a revolução à cubana. [...] Embora tivesse suas raízes nas cidades, o trabalho voluntário estendeu-se por todo o país. Milhares de cidadãos urbanos manusearam facões, cortaram a cana de açúcar e tiveram a experiência de um primeiro encontro com a realidade do subdesenvolvimento. A campanha de alfabetização alistou aproximadamente 300.000 pessoas, e a luta pela sobrevivência dotava estas mobilizações de um espírito militar (PÉREZ-STABLE, 1993, p.173-174).

Esse espírito militar é outra ressonância de Sierra Maestra, sempre presente no uniforme verde-oliva que os líderes continuam a usar. Fidel Castro era o comandante do exército revolucionário cubano, além de Primeiro-Ministro. Pérez-Stable (1993) afirma que o período de 1966 a 1970 foi a fase do “socialismo à cubana”, da mesma forma que Mesa-Lago o demarca como a etapa “sino-guevarista”. A nosso ver, tais demarcações são apenas aproximativas. O início de um “socialismo à cubana” poderia ser antecipado para 1959, levando em conta ainda que os pressupostos do homem novo e da alternativa socialista cubana foram em certa medida aplicados já na experiência guerrilheira de Sierra Maestra, permanecendo vários de seus pressupostos efetivos até os dias de hoje. No entanto, o que realmente se pode afirmar é que o ápice da alternativa cubana de socialismo teve início em 1966 e o declínio de sua independência política em favor da União Soviética em 1970.

Da mesma forma que Fidel Castro só falou em socialismo quando este já estava consolidado na prática, a defesa do modelo socialista cubano só passou a ser explicitamente assumida pelo Comandante em Chefe da Revolução quando já era uma realidade palpável. Fidel Castro sabia esperar e preparar as condições necessárias, estabelecidas por ele, para a revolução cubana. Como chefe de Estado, Fidel Castro preferia que Ernesto Che Guevara, entre outros, defendessem algumas posições polêmicas, enquanto ele se mantinha longe do debate enquanto lhe fosse conveniente. Conforme vimos, Carlos Franqui afirma que, durante a primeira reunião do governo

com os intelectuais cubanos em 1961, naquele momento compreendeu que o verdadeiro adversário do *Lunes de la Revolución* não era Alfredo Guevara e sim o próprio Fidel Castro (FRANQUI, 1981, p 143). A condução política era de Fidel Castro, mas, ao mesmo tempo, ele evitava entrar pessoalmente em debates na ilha. Ora, Fidel Castro sabia que era o líder de uma revolução pluralista em sua essência e buscava o consenso da revolução em torno de si:

Sempre que tínhamos notícia de um novo decreto arbitrário ou de outra injustiça cometida em nome da justiça ou de algum outro crime político (até mesmo assassinato) cometido pelo regime, nós sempre dizíamos: “Provavelmente Fidel nem sabe disso, ou “Isto é coisa do Raúl”, ou “Isto é um dos truques argentinos do Che”, ou ainda “É culpa do Ramiro Valdés – ele é o ministro do interior, não é?””. (Alguns de nós ousava pensar que Ramiro Valdés havia sido nomeado chefe de polícia política pelo próprio Castro?) Estas eram variações sobre um tema de Koestler intitulado “As atrocidades e a recusa a se crer nelas”. Ou nossa relutância em conceber nossos santos como pecadores (FRANQUI, 1981, p.13).

Quem se expressa nesta passagem de Carlos Franqui é Guillermo Cabrera Infante, reconhecido adversário de Fidel Castro no exílio, mas que fora militante do Movimento 26 de Julho e redator do *Lunes de la Revolución* até seu fechamento em 1961. Cabrera Infante, que se exilou na Inglaterra, comprova que todos evitavam criticar Fidel Castro e isso se devia, a nosso ver, a uma estratégia política de intimidação (todos sabem que não convém indispor-se com o chefe supremo ou seus guarda-costas e informantes); é todo um complexo sistema de “culto à personalidade” construído a partir desse núcleo de poder pessoal, sistema estabelecido num regime de partido único. Outro aspecto importante da memória de Cabrera Infante é que Ernesto Che Guevara, naquele momento, ou seja, antes da sua trágica morte nas serras bolivianas, não contava com uma popularidade equivalente à que tinha Fidel Castro em Cuba. O fato de ser estrangeiro, além de suas intermináveis viagens pela América Latina, África e Ásia como embaixador da alternativa de socialismo de Cuba, não o ajudava na ilha.

Fidel Castro, no entanto, sabia como se posicionar na ilha. Trabalhava a articulação da unidade, bem como a “depuração” quando julgava necessário. Durante os primeiros anos da revolução teve inclusive o apoio

da pequena burguesia industrial cubana por meio da convergência nacional em defesa das reformas, sobretudo a agrária. Pouco tempo depois da consolidação destas, proclama o caráter socialista da revolução e promove a aproximação de Cuba à União Soviética. Imediatamente, com o apoio do PSP, juntamente com o chamado Grupo de Sierra Maestra, persegue a facção urbana do Movimento 26 de Julho, os *llanos*, principalmente por sua posição em favor de eleições diretas e contra a criação de um partido único, que primeiramente foi representado pelas ORI (Organizações Revolucionárias Integradas) em junho de 1961, transformando-se em Partido Unido de la Revolução Socialista (PURS) em 1962, o qual finalmente em 1965 iria chamar-se Partido Comunista de Cuba (PCC).

Explicita-se uma coalizão contra os adversários da formação do PCC até que estes são depurados. Os chamados guevaristas e os antigos militantes do PSP se unem contra quem faz oposição ao partido comunista. Após a criação do PCC em 1965, Fidel Castro alija da executiva do partido os velhos quadros do PSP, que haviam sido justamente os que mais se bateram contra os “Llanos”. Por sua vez, Ernesto Che Guevara continuava a viajar como embaixador do socialismo cubano e não exercia cargo no partido ou no governo cubano. Portanto, o responsável pela condução da “etapa sino-guevarista” foi o próprio Fidel Castro, que era o Primeiro-Ministro e, pois, chefe de Estado, o general comandante das forças armadas cubanas e, por fim, o secretário-geral do recém-criado Partido Comunista Cubano. Isso significa que Fidel Castro tinha o comando de todas as peças do tabuleiro da política cubana e as manuseava com maestria. Feitas essas considerações, podemos voltar à experiência revolucionária cubana e ao modelo proposto por Ernesto Che Guevara que, como se viu, buscava alterar a visão de mundo da ilha:

O freio maior que tivemos foi o medo de que qualquer aspecto formal nos separe das massas e do indivíduo, nos faça perder de vista a última e mais importante ambição revolucionária que é ver o homem liberto de sua alienação (GUEVARA, 1993, p. 326).

Como podemos notar, para Ernesto Che Guevara libertar os cubanos de sua alienação significava mudar a sua visão de mundo. Segundo ele, a vanguarda revolucionária deveria manter-se firme nessa direção:

Deixe-me dizer, correndo o risco de parecer ridículo, que o revolucionário verdadeiro está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade. Talvez seja um dos grandes dramas do dirigente; ele deve reunir um espírito apaixonado a uma mente fria e tomar decisões dolorosas sem contrair um só músculo (GUEVARA, 1993, p. 331).

A revolução para Ernesto Che Guevara (1993, p.332) estava no estágio da ditadura do proletariado e havia que “endurecê-la” para evitar recuos indesejáveis, e isto era uma tarefa dolorosa, mas inevitável: *“a revolução se faz através do homem, mas o homem tem que forjar dia a dia seu espírito revolucionário”*. Era imprescindível não se descuidar da elaboração da nova visão de mundo que estava em curso. De acordo com Ritter (1974, p.91-92), na visão inicial de Guevara “de uma sociedade ativada pelos incentivos morais estava implícita uma visão de bandos de guerrillas ou de um Exército com disciplina militar, com organização militar, com uma dedicação de “agir ou morrer ante os objetivos comuns”. O que estava em jogo era a grande marcha revolucionária em que todos tinham um papel importante a desempenhar:

Assim vamos marchando. À frente da imensa coluna – não nos envergonha nem nos intimida dizer – vai Fidel, depois, os melhores quadros do partido, e imediatamente, tão perto que se sente sua enorme força, vai o povo em seu conjunto; sólida armação de individualidades que caminham em direção de um fim comum; indivíduos que alcançaram a consciência do que é necessário fazer; homens que lutam para sair do reino da necessidade e entrar no da liberdade (GUEVARA, 1993, p. 332).

Como se vê, na comparação de Ernesto Che Guevara, vêm os líderes (Fidel à frente), os melhores quadros do partido – como ele próprio – e por fim o povo em seu conjunto, os homens com consciência dos seus deveres revolucionários. A juventude, fase notoriamente transitória da vida, parece não encaixar-se junto ao povo consciente, mas tampouco poderia ser vista como inimiga da marcha, evidentemente. Mas qual seria o papel da juventude na coluna? Che Guevara define esse papel:

Vamos nos forjar na ação cotidiana, criando um homem novo com uma nova técnica. [...] a argila fundamental de nossa obra é a juventude; nela depositamos nossas esperanças e a preparamos para tomar de nossas mãos a bandeira (GUEVARA, 1993, p.333).

Além de um depósito de esperanças, a juventude era metaforizada na argila, ou seja, algo muito maleável, fácil de lidar. Isso não deixa de ser contraditório, por ser ele próprio e a revolução cubana duas bandeiras da rebeldia juvenil. A revolução foi desde o princípio vista como uma revolução feita por jovens. Fidel Castro tinha trinta e dois anos em 1959 e bem menos quando iniciou a sua marcha (no assalto ao quartel de Moncada em 1953) – e isto, com efeito, não combina com a metáfora da argila. O próprio Ernesto Che Guevara inicia a sua caminhada pela América Latina ainda muito jovem e também não havia chegado aos quarenta quando triunfa como um dos principais comandantes da revolução cubana. A própria imagem de Ernesto Che Guevara tornou-se ao longo dos anos um ícone da rebeldia juvenil que se alastrou pelo mundo e ao longo do tempo.

Mas por que, mesmo assim, prevalece o ideal de moldar a juventude de Cuba? Isso se deve evidentemente à necessidade de se alterar a visão de mundo da sociedade cubana. O modelo capitalista estava entranhado na maioria dos cidadãos do país. Tradições consideradas por ele “atrasadas”, como a religião, o lucro, a corrupção e o individualismo já estavam enraizadas na maioria do povo cubano. A juventude, em contrapartida, poderia ser educada sob novos valores, como o trabalho e a coletividade.

Ernesto Che Guevara propunha que para tanto se deveria estabelecer uma nova educação revolucionária permeada de estímulos morais ao invés de estímulos materiais. Por isso a juventude era uma peça fundamental na nova engrenagem social que se construía. Ela é que poderia dar o salto da ditadura do proletariado e do socialismo em direção ao comunismo. Ernesto Che Guevara se apropriava das concepções humanistas do pensador argentino Aníbal Norberto Ponce<sup>22</sup> (1898-1938), que atribuiu a necessidade de

22 Ver estudo recente de Nestor Kohan. “La revolución bolchevique en el Río de la Plata”, 04 de novembro de 2007. Disponível em: [www.boltxe.info/berria/?p=7286](http://www.boltxe.info/berria/?p=7286). Kohan discute a influência que teve o pensamento de Aníbal Norberto Ponce nas ideias de Ernesto Che Guevara. E também a coincidência na obra de Ponce das problemáticas tratadas no pensamento marxista ocidental europeu de Lukács e Gramsci. Kohan afirma também que a maior influência intelectual que Ponce alcançou fora de Argentina

conceber o socialismo e o comunismo como uma construção permanente “de uma nova cultura e um homem completo, íntegro, não desgarrado nem mutilado, um homem completamente novo” (*apud* KOHAN, 2007, p.34). Assim, Che Guevara em seus textos aponta a necessidade de mudar a visão de mundo das novas gerações, enfatizando a importância dos estímulos morais e a formação de uma juventude revolucionária. A ferramenta mestra para sua proposta era a educação pelo trabalho.

## A ESCOLA DOS TRABALHADORES EM CUBA

A partir deste cenário, podemos dar início à tarefa de examinar em profundidade os atritos causados pela aplicação do ambicioso projeto de construção do homem novo em Cuba. A nosso ver, o chamado fenômeno Mariel é em grande parte uma reação aos vinte anos de aplicação desse projeto, especialmente em Havana e junto à primeira geração pós-revolução, que foi a “argila” dessa idealização. Uma parcela desta geração, já no exílio, anos mais tarde se definiria como a “Geração Mariel”.

É preciso evitar o risco de anacronismo, não podemos observar o projeto de construção do homem novo cubano a partir das expectativas do século XXI. Desde logo, não era privilégio da revolução cubana o ideal de se inaugurar uma nova época com a edificação de um novo homem.<sup>23</sup> O século XX foi extremamente ideológico, e a imagem de transformação radical da sociedade contaminava os ambientes de direita e de esquerda; o nazifacismo, a revolução cultural chinesa, entre tantas outras, também tinham em menor ou em maior grau o objetivo de transformação radical da

---

foi justamente em Cuba, onde após a revolução de 1959 foram publicadas duas de suas principais obras, *Educación y lucha de clases* (Havana: Imprenta Nacional de Cuba-Ministerio de Educación, 1961); e *Humanismo burgués y humanismo proletario*, com prólogo de Juan Marinello (Havana: Imprenta Nacional de Cuba, Ministerio de Educación, 1962).

23 Ver Michael Löwy *El pensamiento de Che Guevara* (México: Siglo Veintiuno, 1987): "Em sua concepção do humanismo, é possível e até provável que Che tenha sofrido a influência da obra do pensador argentino Aníbal Ponce (1898-1938). Ponce mostra a oposição fundamental entre o humanismo da burguesia e o dos trabalhadores e destaca que 'o homem novo', o homem integral que reúne a teoria e a prática, a cultura e o trabalho, não será possível a não ser pelo acesso do proletariado ao poder" (LOWY, 1987, p. 15-16).

sociedade e de seu protagonista, o homem – inclusive com uma inegável conotação machista.

O ideal de nascimento de um novo homem por meio da educação é anterior à “era das revoluções” e sempre esteve presente nos seus principais pressupostos. Como indica Carlota Boto em *A escola do homem novo* (1996), esse projeto foi elaborado pelos iluministas e é anterior à própria Revolução Francesa de 1789. Também as revoluções contemporâneas sempre foram acompanhadas pelo incentivo a uma nova educação que pudesse preparar as novas gerações para as transformações em curso ou para que elas acontecessem. O objetivo de tais projetos pedagógicos revolucionários sempre foi o de demolir o passado e construir uma nova sociedade, utilizando-se da educação de crianças e de jovens para este fim.

O projeto de formação de um novo homem e de uma nova sociedade por meio da educação, em períodos revolucionários, jamais se preocupou com as resistências culturais que inevitavelmente acompanhariam a sua implantação. E em muitas ocasiões, quase via de regra, optou-se pelo estrangulamento dessas resistências. Devemos ressaltar que esta não é uma característica da esquerda, pois não faltam exemplos de projetos de direita com o mesmo aporte teórico, como o da Juventude Hitlerista, por exemplo.

A construção do homem novo por meio da educação da juventude foi, assim, para a revolução cubana, uma variante tão importante quanto às reformas econômicas e políticas. A ideia era de formarem-se homens semelhantes aos revolucionários de Sierra Maestra, uma nova geração em consonância com o grupo triunfante que libertou a pátria das garras do imperialismo em 1959. Em outras palavras, uma geração de revolucionários, os “filhos da revolução”. Ernesto Che Guevara acreditava que somente com uma geração revolucionária se poderia avançar rumo ao comunismo, que, logo após sua implantação na ilha, iria alastrar-se por toda a América Latina.

Florestan Fernandes (1979) dedica um capítulo ao assunto, “*A nova sociedade e o novo homem*”, que inicia assim:

As grandes revoluções criam os seus mitos. E eles, por sua vez, definem sua realidade histórica e seu impacto utópico. A revolução cubana não escapou a essa regra. Nem poderia. Os mitos eram demasiado importantes para ela, como fatores de compensação psicológica e política ou em face das exigências da situação histórica. [...] Aí se



acham, segundo penso, as raízes psicológicas, culturais e políticas da aura de “romantismo”, que impregnou até a medula a revolução cubana, e o teor carismático impessoal e não-institucionalizável do seu humanismo incondicional. E, outrossim, a explicação da propensão de seus líderes principais à criação de mitos. Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, em particular, surgem como férteis criadores de mitos – “homens de consciência íntegra”, que não recuam diante das dificuldades ou obstáculos à sua concretização. Por isso, eles comoveram Cuba, a América Latina e toda humanidade contemporânea (FERNANDES, 1979, p. 144-145).

Florestan Fernandes vivenciava a ditadura militar brasileira e, a exemplo da maioria dos marxistas latino-americanos de sua época, via a ilha comunista como uma alternativa para o continente, o que é perfeitamente compreensível. Mesmo assim, ele consegue destacar algumas características peculiares do marxismo cubano, entre elas o romantismo e a geração de mitos fundadores da revolução, dentre os quais estão os principais líderes da revolução cubana e algumas personagens históricas diretamente relacionadas à resistência ao imperialismo no país, como José Martí. Contudo, o próprio Florestan Fernandes acaba caindo na armadilha da idealização quando afirma que Ernesto Che Guevara e Fidel Castro eram “homens de consciência íntegra”. Não que eles não o fossem, mas tal afirmação deixa claro até que ponto ele, Florestan Fernandes, estava comprometido e acreditava nos ícones da revolução cubana. Ora, o fato de serem ou não íntegros não é determinante para se analisar o projeto revolucionário cubano. Desta forma, Florestan Fernandes (1979, p.145) atenua e até vê como natural a mitificação dos personagens revolucionários já que, como ele mesmo diz: “*Eles comoveram Cuba, a América Latina e toda humanidade contemporânea*”.

A guerra fria e a ferrenha luta política em quase toda a América Latina condicionavam posições extremadas, e Florestan Fernandes não podia fugir à regra; ele apoiava a revolução cubana e a via como um grande espelho para a América Latina. Porém isso não o impediu de fazer relevantes observações e, mesmo, tecer críticas à construção do homem novo cubano:

“Todavia, há impulso puritano e moralista que não veio das correntes socialistas absorvidas em Cuba. Ele é muito mais fruto de experiências históricas, uma resposta tardia ao repúdio de uma corrupção que cor-

roeu a sociedade cubana no passado, e produto do despojamento drástico que teve de ser imposto pelo governo revolucionário para tornar possível a acumulação socialista originária. Esse radicalismo moral encontrava um intérprete brando em Che Guevara, mas encontra instantes de ira no pensamento de Fidel Castro (FERNANDES, 1979, p.153).

Como podemos notar, o sociólogo brasileiro reconhece e aponta a existência de “impulsos puritanos e moralistas” que não teriam relação com a tradição marxista, que se desviam à repulsa contra a corrupção, tão marcante na recente história cubana, e à escassez dos novos tempos. Daí a diferença entre um Ernesto Che Guevara mais brando e um Fidel Castro inclinado a ter instantes de ira. Mas, pelo que podemos ver nas citações de Ernesto Che Guevara, mesmo as suas posições não eram tão brandas assim. Florestan Fernandes faz esta distinção pouco após citar uma fala de Fidel Castro:

A revolução dos trabalhadores tem que chegar até o final, a revolução dos trabalhadores tem que estar vigilante para que não se desenvolvam problemas, para que não desenvolvam vícios, para que não se desenvolvam males que deem lugar no futuro a dolorosas novas batalhas no seio da sociedade (CASTRO *apud* FERNANDES, 1979, p.153).

O que chama a atenção de Florestan Fernandes é o caráter passional dos discursos, sobretudo os de Fidel Castro, o que não era uma característica do chamado marxismo científico da época. O estímulo moral é outro desses exemplos:

E nós, bastante acostumados com os manuais, não meditamos que é impossível ir construindo o socialismo separado da construção do comunismo, e que, se tenta isso, podem-se produzir [...] e, mais ainda existem objetivamente contradições entre métodos mediante os quais se tem de educar uma geração nova, todo um povo, para viver no comunismo. [...] Junto com isso, e como parte dos princípios em que se baseia este sistema de direção da economia, os estímulos morais têm que ser ampliados, porque na realidade nós temos falado muito de estímulo moral e temos dado poucos estímulos morais. Temos que elevar muito mais o papel dos estímulos morais. Ainda há muito por

fazer no terreno dos estímulos morais e do aprofundamento da consciência das massas. [...] O comunismo, certamente, não se pode estabelecer, como dizíamos, se não se criam as riquezas em abundância. Porém, o caminho, a nosso juízo, não é criar consciência com o dinheiro ou com a riqueza, mas criar riqueza com a consciência, e cada vez mais riquezas coletivas com mais consciência coletiva (CASTRO *apud* FERNANDES, 1979, p. 150-151).

Na passagem citada por Florestan Fernandes, Fidel Castro deixa claro que o principal objetivo da revolução cubana seria o de alavancar a consciência coletiva das “massas”. Chama nossa atenção também a crítica de Fidel Castro aos manuais e à separação por etapas entre o socialismo e o comunismo, numa alusão direta às estratégias propostas pelos soviéticos. A posição cubana foi descrita no livro *Socialismo e comunismo: um processo único*, que demonstra a distância política que havia entre Cuba e a União Soviética naqueles anos. Os revolucionários cubanos lutavam para construir um modelo próprio de socialismo, no qual os estímulos morais seriam mais importantes, inclusive, que o desenvolvimento das forças produtivas. Esta era uma obsessão dos partidos comunistas latino-americanos próximos à União Soviética, o que em muitos países se manifestava na aliança dos partidos comunistas com a chamada burguesia nacional para favorecer o desenvolvimento das forças produtivas em direção ao capitalismo e deixar para trás o atraso da oligarquia rural. O objetivo, nesse caso, seria superar mais uma etapa em direção ao socialismo com a ascensão definitiva do capitalismo. O socialismo cubano não compartilhava essa tese. Ernesto Che Guevara temia a ênfase no “interesse material”, principalmente por causa do subdesenvolvimento cubano e latino americano:

Corre-se o risco de que as árvores impeçam de ver o bosque. Perseguido a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas deterioradas que nos legou o capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca, etc), pode-se chegar a uma rua sem saída. [...] Daí que seja tão importante escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve ser de índole moral, fundamentalmente, sem esquecer uma correta utilização do estímulo material, sobretudo de natureza social (GUEVARA, 1993, p. 324-325).

Para Ernesto Che Guevara, o homem de natureza social – não confundido com o indivíduo – seria o principal alvo da revolução, e não a economia e os fatores produtivos. O humanismo da revolução cubana era o seu grande diferencial. A ideia de Lênin a propósito do plano econômico da NEP, dê um passo atrás – em direção ao capitalismo – para poder dar dois passos à frente – em direção ao socialismo – não era aceitável para Ernesto Che Guevara. Em sua visão, o homem era o único objetivo e, deste modo, sua transformação seria a principal meta da revolução cubana:

Tentarei, agora, definir o indivíduo, ator desse estranho e apaixonante drama que é a construção do socialismo, em sua dupla existência de ser único e membro da comunidade. [...] Acredito que o mais simples é reconhecer sua qualidade de não feito, de produto não acabado. As taras do passado se trasladam ao presente na consciência individual e é preciso fazer um trabalho contínuo para erradicá-las. O processo é duplo, por um lado atua a sociedade com sua educação direta e indireta, por outro, o indivíduo submete-se a um processo consciente de autoeducação (GUEVARA, 1993, p. 323-324).

Na revolução cubana a educação era a alavanca fundamental para a construção do homem novo e da nova sociedade socialista. A educação extrapolava o sentido formal, tinha como base o trabalho voluntário ou obrigatório e os estímulos morais. A formação sociopolítica foi assim um importante viés da revolução cubana; a defesa da educação como instrumento transformador, que é uma característica humanista sempre foi e continua sendo vista como um importante instrumento de redenção para os mais distintos grupos e partidos políticos com ideais humanistas. É significativo que o novo estado cubano em seus primeiros passos combata a ênfase no desenvolvimento da infraestrutura em detrimento da superestrutura. Ernesto Che Guevara, com a metáfora de que se corria o risco de as árvores impedirem de ver o bosque, propõe que não esqueçamos que o principal objetivo das revoluções socialistas era a humanidade, e não o desenvolvimento das forças produtivas em si.

Devemos ressaltar que nem todos os revolucionários cubanos eram marxistas como Ernesto Che Guevara. O seu marxismo de natureza historicista, sintonizado com uma ampla esquerda ocidental, teve um forte cunho americanista advindo do pensador argentino Aníbal Ponce (KOHAN, 2007)

com ressonâncias e apropriações de temas das lutas de independência americana, o que o levou inclusive a criticar diretamente Karl Marx por não ter compreendido Simon Bolívar:

Como pesquisador das doutrinas sociais e do sistema capitalista que viveu, podem, evidentemente, objetar-se a Marx certas incorreções. Nos, os latino-americanos, podemos, por exemplo, estar em desacordo com sua interpretação de Bolívar ou com a análise que fizeram Engels e ele dos mexicanos, dando reconhecimento, inclusive, a certas teorias de raças ou de nacionalidades inadmissíveis na atualidade. Mas, os grandes homens descobridores de verdades luminosas, vivem apesar de suas pequenas faltas, e estas servem somente para nos demonstrar que eles são humanos, quer dizer, são seres que podem errar, ainda que com a clara consciência da altura alcançada por estes gigantes do pensamento. É por isso que reconhecemos as verdades essenciais do marxismo como incorporadas ao acervo cultural e científico dos povos e o tomamos com a naturalidade que nos oferece algo que já não necessita discussão (GUEVARA, 1993, p. 418).

Guevara, bem como Fidel Castro e as principais lideranças da revolução cubana, não pretendiam seguir o modelo soviético, mas desenvolver uma revolução comunista, americanista e anti-imperialista. O modelo de revolução pelos estímulos morais tinha como ferramentas a educação e o trabalho coletivo e voluntário, principalmente para a juventude cubana. Esses eram os alicerces do projeto de construção do homem novo que teve inspiração no projeto humanista europeu, que desembocou nas Américas por meio da revolução norte-americana e francesa e se alastrou pelo continente em suas lutas pela Independência, e não propriamente inspirados pela revolução russa e no aporte marxista propriamente dito. Além do mais, Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e os outros líderes revolucionários absorveram o anti-imperialismo como marca de gerações de pensadores latino-americanos desde José Martí, em Cuba; Rubén Darío, na Nicarágua; José Vasconcelos, no México; José Enrique Rodo, no Uruguai; José Ingenieros, Alfredo Palacios, Manuel Ugarte e Aníbal Ponce na Argentina (KOHAN, 2007). Segundo Florestan Fernandes, embora Ernesto Che Guevara tenha sido o arquiteto da teoria do homem novo, foi a Fidel Castro que coube a sua implantação:

Embora Che Guevara também se tenha dedicado a essas tarefas pioneiras, o paladino de soluções concretas para o novo tipo de institucionalização da educação formal foi Fidel Castro. Os dois se completam, na medida em que o Che desdobrou o painel de uma pedagogia revolucionária, enquanto Fidel lançou-se à obra de transformar Cuba em uma imensa escola dos trabalhadores (FERNANDES, 1979, p. 152).

Podemos perceber duas questões de suma importância na citação de Florestan Fernandes: a primeira é que a formação da juventude cubana era tão importante que coube ao próprio Fidel Castro, comandante em chefe da revolução, tomar sua direção; a segunda, que o objetivo era transformar a ilha numa imensa escola dos trabalhadores. Ora, foi nesta mesma ilha que nasceu Paul Lafargue, que ficou mais conhecido por ser genro de Karl Marx do que pela sua mais importante obra, *O direito à preguiça*. Nela, Lafargue faz a seguinte observação:

E, não obstante, o proletariado, a grande classe que abrange todos os produtores das nações civilizadas, a classe que, ao emancipar-se emancipará a humanidade do trabalho servil e fará do animal humano um ser livre, o proletariado, traindo os seus instintos, esquecendo-se da sua missão histórica, deixou-se perverter pelo dogma do trabalho. [...] A nossa época é, dizem, o século do trabalho; na verdade é o século da dor da miséria e da corrupção [...] todos entoaram cantos nauseabundos em honra ao deus progresso, o filho mais velho do trabalho (LAFARGUE, 2003, p.23-29).

Por ironia, a preguiça passou a ser combatida pela revolução de 1959 como atitude subversiva na ilha onde o autor nasceu. Lafargue havia previsto, em seu livro-manifesto de 1883, muitas das mazelas trazidas pelo imperialismo que os revolucionários cubanos se aprestaram a combater:

Mas os continentes explorados já não são suficientemente vastos, são necessários países virgens. [...] Que maravilhas desconhecidas encerra o “continente negro”! Campos são cobertos de dentes de elefantes, rios de óleo de coco arrastam no seu curso palhetas de ouro, milhares de traseiros negros, nus como o rosto de Dufaure ou de Girardin, esperam pelos tecidos de algodão para aprender a decência, pelas

garrafadas de aguardente e pelas bíblias, para conhecer as virtudes da civilização (LAFARGUE, 2003, p. 57).

Em 1883, ou seja, próximo à virada do século XX e em meio à chamada *Belle Époque*, poucos atacaram a civilização ocidental e o seu ideal de progresso como Paul Lafargue. Ele via no trabalho não uma virtude moral, como Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, mas a origem do mal estar civilizatório:

Todos os nossos produtos são adulterados para facilitar o seu escoamento e abreviar a sua existência. A nossa época será chamada a idade da falsificação, tal como os primeiros tempos da humanidade receberam os nomes de idade da pedra, idade do bronze, pelo caráter da sua produção (LAFARGUE, 2003, p.57).

Lafarge criticava o ideal do trabalho como o emancipador que a esquerda passara a sustentar. A luta deixara de ser contra a exploração e alienação impostas ao proletariado e passava a ser pelo direito ao trabalho em si, o que para ele era uma nova alienação. Contra ela, sentencia: “*Embrutecidos pelo vício, os operários não conseguiram ter inteligência suficiente para perceber que, para ter emprego para todos, era preciso racioná-lo, como a água num navio em perigo*” (LAFARGUE, 2003, p.61).

Não podemos omitir que nós mesmos, apesar de um longo contato com a tradição marxista – uma das inúmeras formas de se definir a relevância de Marx em nossos dias – jamais havíamos lido Paul Lafargue. A única coisa que dele em geral se sabe é que nasceu em Cuba, casou-se com uma das filhas de Marx, e escreveu um pequeno livro chamado: *O direito à preguiça* que, por ironia, talvez seja o nosso único atenuante. O livro tem um diagnóstico claro do curso que o trabalho e a marcha para um progresso acrítico construíram em mais de um século. Lafargue não era de modo algum retrógrado que desprezava o desenvolvimento tecnológico. O que ele contestava era a lógica atribuída a esse desenvolvimento. Sintomaticamente, ele em nenhum momento cita Marx (com quem manteve relações muito cordiais, relatadas em suas “Recordações pessoais sobre Karl Marx”, de 1890): *O direito à preguiça* é um manifesto pelo tempo livre e pela vida. Para ele os avanços tecnológicos deveriam necessariamente estar acompa-

nhados da diminuição da jornada de trabalho. No prefácio da obra, Olgária Matos assim o define:

O direito à preguiça consiste na antecipação da mais contemporânea das realidades: crítica à ética da produção e do consumo, do cotidiano, da lógica do mercado e da indústria, da ciência e da técnica em suas consequências anti-humanas; recusa à moral tecnocrática e à economia subtraída ao controle humano. Lafargue foi um dos primeiros a romper com o caráter sadomasoquista da civilização contemporânea (MATOS, 2003, p. 13).

Olgária Matos também vê semelhanças entre a obra de Paul Lafargue e o “Manifesto contra o trabalho” do grupo Krisis (1996). Um dos seus principais integrantes, Robert Kurz, acredita que a experiência socialista do leste europeu se desmoronou por seguir os mesmos paradigmas da sociedade de mercado e do trabalho:

Em nenhum outro lugar esse *ethos* protestante do trabalho abstrato dentro de uma sociedade transformada numa máquina de trabalho, declarada por Max Weber como característica constitutiva ideológica e histórica do capitalismo, foi posto em prática com mais fervor e rigor do que no movimento operário e nas formações sociais do socialismo real. Essa situação em nada se modifica pelo fato de que a motivação da subordinação do homem à máquina de trabalho transferiu-se dos indivíduos ao Estado e a seus metaobjetivos econômicos; a submissão à abstração do trabalho manifesta-se nela até de forma mais óbvia e rígida, por não estar disfarçada nem pela mera ilusão de uma finalidade individual (KURZ, 1999, p.18).

Kurz acredita que o trabalho, no chamado socialismo real, persistiu como forma de dominação, e não de emancipação da humanidade. Sua tese afirma que a experiência socialista teria sido, na verdade, um capitalismo de Estado que, ao invés de emancipar a humanidade, apenas substituiu o capitalista pelo Estado:

Mas no que consistia então aquela diferença entre os sistemas que agora começa a dissolver-se? Desde o princípio, o socialismo real não



podia suprimir a sociedade capitalista da modernidade; ele próprio é parte do sistema produtor burguês de mercadorias e não substituiu essa forma social histórica por outra, mas sim representa somente outra fase de desenvolvimento dentro da mesma formação de época. A promessa de uma sociedade pós-burguesa vindoura é desmascarada como regime pré-burguês e estagnado de transição para a modernidade, como fóssil de um dinossauro pertencente ao heróico passado do capital (KURZ, 1999, p. 25).

Ele não cita Lafargue, talvez devido ao caráter iconoclasta e irreverente de *O direito à preguiça*. De toda forma, ele critica a lógica do trabalho, o valor de mercado, o dinheiro, a mais valia aplicada nos países de experiência socialista, inclusive na China. Contudo, Robert Kurz reafirma o marxismo – principalmente o Marx da crítica ao fetiche da mercadoria – e o comunismo como forma de saída para o que ele define como o colapso da modernização.

O que é relevante nas observações de Paul Lafargue e Robert Kurz, para os objetivos deste estudo, é que, a partir delas podemos ver mais claramente como, na tentativa de se construir uma nova ideologia, ou uma nova visão de mundo, tal como propunha o socialismo humanista cubano dos anos 1960, o trabalho passou não somente a ser o elemento central, como também o método pedagógico para a construção do homem novo cubano. O chamado modelo sino-guevarista foi resumido da seguinte maneira por Mesa-Lago:

Nessa controvérsia, Ernesto “Che” Guevara e seus seguidores, influenciados pelo sistema maoísta do “Grande Salto para a Frente”, apoiaram uma linha de pensamento idealista (desviando-se do pensamento soviético mais convencional, da década de 60) que apresentava três objetivos principais. O primeiro era a total eliminação do mercado através da coletivização completa dos meios de produção, um sistema de planificação completa dos meios de produção, um sistema de planificação por meio de computadores altamente centralizados, o financiamento central de todas as empresas do Estado mediante apropriações orçamentárias [...] e erradicação gradual do dinheiro e dos “incentivos materiais”. Para ter êxito, a primeira ação tinha que estar acompanhada pela criação de um ser humano altruísta,

sacrificado, frugal, totalmente socializado e igualitário – o “Homem Novo”. O segundo objetivo seria alcançado elevando a consciência das massas através da educação, a mobilização, o trabalho voluntário não remunerado e os incentivos morais [...] tais medidas, por sua vez, facilitariam o processo de acumulação de capital e de desenvolvimento econômico. O terceiro objetivo era a exportação do modelo revolucionário cubano para a América Latina (MESA-LAGO, 1979, p. 29-30).

Mesa-Lago deixa claro que, em sua opinião, a expectativa de Ernesto Che Guevara e dos que sustentavam o projeto do homem novo estava fora da realidade. A década de 60 na ilha era de grande euforia. Acreditamos que, nesse clima de empolgação, os revolucionários passam a acreditar que poderiam fazer tudo o que pretendiam e que em poucos anos poderiam forjar um homem novo por meio de uma nova tradição e da reprogramação cultural em Cuba, o que evidentemente não ocorreu. Os estudantes cubanos foram maciçamente estimulados a trabalhar aos domingos e nas férias, sobretudo em lavouras de cana de açúcar. A recompensa: medalhas, bandeiras etc. O serviço militar obrigatório passa a durar três anos a partir de 1963. A proposta era que um estudante de medicina, por exemplo, tinha por obrigação saber manusear um fuzil e uma foice para poder depois usar um bisturi:

Quando se publicou “O socialismo e o homem novo em Cuba”, a Revolução estava em fase ainda incipiente. [...] Muitos jovens haviam começado a passar pelas Escolas Básicas de Instrução Revolucionária (EBIR), e estava havendo uma confrontação muito grande com o imperialismo. Eu estudava na Escola de Medicina naquele ano de 1965. Quando iniciei meus estudos, em outubro de 1962, estourou a Crise de Outubro, de maneira que tiramos os cadáveres usados para as práticas de laboratório e entramos com as peças de artilheria. De oitocentos alunos que ingressamos esse ano, ficamos somente quatrocentos; os restantes disseram que iam estudar medicina, não queriam ser artilheiros. E não estudaram medicina, porque nós os depuramos. Era uma confrontação de classe muito violenta (VALDÉS, 2005, p.100).

Esta citação foi retirada da revista *Temas* acerca de um ciclo de debates ocorrido em Havana em 2005, intitulado: “Miradas sobre el socialismo y el homem: un simposio”. O seu autor é Juan Vela Valdés que era, na épo-

ca, Reitor da Universidade de Havana e atualmente é Ministro da Educação Superior. Valdés relembra a sua juventude e o seu tempo de estudante em Havana. O curioso é que as memórias do Reitor da Universidade de Havana se assemelham muito às memórias de Reinaldo Arenas, embora esses dois autores defendam posições ideologicamente contrárias: Arenas é um exilado político e dissidente do regime cubano, enquanto Valdés é atualmente Ministro e um fiel colaborador do regime. Os relatos de ambos, contudo, comprovam que o projeto de formação político-ideológica da juventude cubana estava em curso antes mesmo da formulação oficial do homem novo por Ernesto Che Guevara em 1965.

Embora a década de 60 seja considerada um tempo de um suposto consenso, isso não significava que não ocorressem conflitos. Outro ponto relevante no depoimento de Valdés é que ele corrobora a imagem de que o modelo proposto para os jovens cubanos era uma espécie de caricatura dos revolucionários de 1959, na qual a juventude devia ser capacitada enquanto intelectuais socialistas, fisicamente aptos aos trabalhos físicos e com formação militar e os que não se enquadrassem poderiam ser depurados. Segundo o próprio Valdés (2005, p.100-101), Ernesto Che Guevara seria uma das mais nítidas expressões desse modelo: *“Era um intelectual que podia unir várias qualidades: um alto desempenho intelectual, as tarefas físicas e as de guerrilheiro”*. Fidel Castro e outros combatentes de Sierra Maestra também representavam esta imagem de “homem ideal”.

Os trabalhadores cubanos passaram a ter novas obrigações, como horas extras não remuneradas e, a exemplo de todos os demais cubanos, fazer trabalhos voluntários. As greves eram proibidas e os sindicatos tornaram-se, por isso, irrelevantes. A lógica do trabalho para a construção do futuro da revolução passou a ser um fundamento inquestionável. Em sua crítica messiânica à ideia de história do marxismo institucionalizado, Walter Benjamin antecipa situações como esta:

A antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava uma ressurreição na classe trabalhadora alemã. O programa de Gotha já continha elementos dessa confusão. Nele, o trabalho é definido como “a fonte de toda riqueza e de toda civilização”. Pressentindo o pior, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade que a sua força de trabalho está condenado a ser “o escravo de outros homens, que se tornaram [...] proprietários”. Apesar disso, a confusão

continuou a propagar-se, e pouco depois Josef Dietzgen anunciava: “O trabalho é o Redentor dos tempos modernos [...] No aperfeiçoamento [...] do trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador”. Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade (BENJAMIN, 1994, p. 227-228).

Benjamin, como se percebe, é outro autor que criticou a apropriação da ética do trabalho pelo marxismo. Na sua concepção, a meta da revolução comunista proposta por Marx deveria ser libertar o homem que não detinha os meios de produção da sua condição de escravo de outros homens, e não torná-lo escravo de uma nova ética do trabalho.

A alternativa de acelerar a revolução cubana rumo ao comunismo levou a uma estatização radical dos meios de produção na ilha. A consequência foi um rápido desabastecimento e, sobretudo, a falta de algumas opções até então existentes. Como praticamente tudo passa a ser do Estado e este não consegue açambarcar tudo num primeiro momento, algumas alternativas simplesmente desaparecem, como, por exemplo, pequenas lanchonetes, cafés etc. Mesmo assim, o governo cubano mantém-se firme em direção ao seu projeto emancipador até Ernesto Che Guevara ser capturado e executado na Bolívia em 1967. Com a sua morte o projeto da revolução continental sofre um duro revés. Os comunistas do antigo PSP, que discordavam das teses do socialismo e comunismo como um processo único e defendiam uma maior aproximação com a União Soviética, voltam à ofensiva. Em pouco mais de três anos depois da morte de Ernesto Che Guevara, os termos “homem novo” e “estímulos morais” perdem força no cenário cubano.

Isto não significou o fim das premissas do ideal do homem novo, mas o fim da alternativa cubana de socialismo, dos estímulos morais em detrimento dos materiais, o fim da “teoria do foco guerrilheiro” e da completa autonomia política de Cuba. As sucessivas crises econômicas que abateram a ilha no final dos anos de 1960, como o fracasso da super safra de cana de açúcar de 1970, o embargo econômico promovido pelos Estados Unidos e a queda de Che Guevara na Bolívia não deixam outra saída ao governo cubano senão tornar-se um novo satélite da política soviética.

O homem novo enquanto paradigma, no entanto, continua a existir nos anos de 1970. O termo é que desaparece, por estar diretamente relacionado a Ernesto Che Guevara que, mesmo ao tornar-se um mito revolucionário após a morte, passou a ter suas teorias antissoviéticas discretamente apagadas do ideal revolucionário cubano. A sovietação dos anos de 1970, contudo, não alterou em sua essência os esforços para a formação de uma juventude revolucionária. O que reafirma nosso ponto de vista, o projeto de construção do homem novo cubano não foi apenas mais uma entre tantas outras concepções em curso na revolução, mas uma verdadeira obsessão do regime cubano, que o enxergava como um diferencial do seu projeto revolucionário. A revolução cubana era uma revolução humanista e americanista, antes de tudo, e sua meta principal era a formação, por meio de um novo modelo educacional – a escola do trabalho – de uma nova geração de cubanos comprometidos com a nova sociedade que se erguia.

Acreditamos que o fenômeno Mariel foi, em grande parte, uma forma de manifestação da resistência contra a implantação desse modelo revolucionário para a juventude cubana. A euforia revolucionária do final da década de 1950 começou a arrefecer no final da década de 1960; diminuiu ainda mais ao longo dos anos 1970 e a desilusão, principalmente de alguns setores da juventude, manifesta-se espetacularmente em Havana em abril de 1980. Para muitos historiadores cubanos, atualmente esse processo está intrinsecamente relacionado à adoção do modelo soviético pelo comando da revolução em 1970. Contudo, tal interpretação não se sustenta, pois os contornos da tese do homem novo estavam em curso antes mesmo de sua formulação por Ernesto Che Guevara em 1965.<sup>24</sup> A coerção sobre as condutas da juventude se deu antes mesmo da inclusão de Cuba no bloco Soviético a partir de 1970. Na revolução cubana de 1959 já se podem encontrar modelos coercitivos direcionados a todos aqueles que se opunham a quaisquer pressupostos do comando revolucionário, desde seu início, e essas evidências não decorrem de uma suposta sovietação.

---

24 O texto de Kohan (2007) já citado mostra que Ernesto Che Guevara, antes de conhecer Cuba e Fidel Castro, já tinha lido as obras de Aníbal Ponce e se sentia influenciado por ele. Talvez por esse motivo é que nos anos de 1961 e 1962 são publicadas massivamente suas obras em Cuba. A obra de Guevara (1965) já seria uma síntese do modelo de homem novo aplicado em Cuba com uma grande influência do pensador conterrâneo Aníbal Ponce.

A radicalização da revolução cubana não foi resultado do stalinismo ou do modelo soviético. Não podemos esquecer que uma outra forma de radicalização se manifestou também na China, com a sua revolução cultural, farol dos que se opunham à política de Moscou. Desta forma, o ideal de uma revolução de cima para baixo em que a população alcançaria aos poucos – ou aos saltos, eventualmente – uma concepção menos comprometida com o passado reacionário, manifestou-se de diferentes maneiras nas nações socialistas. Não se configura aqui um privilégio do bloco soviético, tampouco do socialismo em geral, pois não se podem esquecer os anos de terror da Revolução Francesa, ou o nazi-fascismo, entre tantos movimentos que também procuraram apagar o passado recente a qualquer preço, em nome de um futuro idealizado.

Walter Benjamin (1994, p.227) já havia alertado contra os equívocos dessa marcha desenfreada rumo ao abismo: “*Nosso ponto de partida é a ideia de que a obtusa fé no progresso desses políticos, sua confiança no ‘apoio das massas’ e, finalmente, sua subordinação servil a um aparelho incontrolável, são três aspectos da mesma realidade*”. Benjamin era marxista, mas não aprovava algumas experiências realizadas na União Soviética, que ele pudera acompanhar de perto, e manifestava sua inquietude pelas opções equivocadas feitas pelo que ele definia como marxismo vulgar.

O marxismo humanista de Ernesto Che Guevara se contrapunha ao modelo soviético, mas compartilhava da mesma lógica do trabalho. O diferencial estava em que ele se apoiava em estímulos morais, ao invés dos estímulos materiais dos soviéticos. Mas ambos buscavam construir um futuro por meio da formação de uma nova consciência coletiva. Recentemente, Michel Löwy publicou o livro *O pensamento de Che Guevara*, no qual ele resume assim o ideal do homem novo:

O homem comunista deve ser, necessariamente, um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo de solidariedade real, de fraternidade universal concreta, um homem que se reconhece na sua obra e que, uma vez quebradas as correntes da alienação, “atingirá a consciência plena do seu ser social, a sua total realização como criatura humana”. Um homem cuja condição de possibilidade é o que Marx chamava, nas teses sobre Feuerbach, “a humanidade socializada”: que quer dizer, a ultrapassagem da cisão operada pela sociedade burguesa entre o “privado” e o

“público”, o interesse “particular” e o interesse “geral”, o “homem” e o “cidadão”, o indivíduo e a comunidade (Löwy, 2003, p.48).

Löwy parece falar de uma humanidade que ainda está por vir. Não duvidamos que algum dia possa existir uma sociedade como a descrita por ele. Mas imaginar que uma revolução possa em poucos anos desencadear um processo de consciência coletiva como acreditava Ernesto Che Guevara e ainda acredita Löwy parece-nos um contrassenso. As “correntes da alienação” não se partem simplesmente por meio de um projeto de educação com base na ética do trabalho coletivo e de estímulos morais. A utopia de uma sociedade de consciência plena pode ser almejada; contudo, ter exigido esse comportamento da primeira juventude cubana após a revolução de 1959 foi um delírio romântico e fantasioso de Ernesto Che Guevara e dos revolucionários cubanos. Löwy continua:

Em Guevara, a problemática do homem comunista pertencerá ao universo ideológico do utopismo romântico? Não é essa a nossa opinião. Não é utopismo encarar a possibilidade de um “homem novo”, mas sim a crença numa “natureza humana” eterna e imutável... O comunismo não é, de modo algum, para Che, “um regime utópico baseado na bondade do homem enquanto tal”, mas uma possibilidade objetiva que ele vislumbra a partir da experiência concreta da revolução cubana. [...] O tema do homem novo como objetivo derradeiro, como estrela polar da revolução socialista, é a pedra de toque, a ideia-força central do humanismo revolucionário de Che, à luz da qual é necessário compreender todo o seu pensamento político (Löwy, 2003, p.44-45).

Como podemos notar, Löwy reafirma o homem novo como a “ideia-força” do pensamento político de Ernesto Che Guevara. Com isto concordamos e, por nossa vez, a estendemos como a “ideia-força” da revolução cubana como um todo. No entanto a experiência cubana não pode ser encarada como “uma possibilidade objetiva que [o Che] vislumbra a partir da experiência concreta da revolução cubana”. Como veremos adiante, a tentativa de implantação do homem novo em Cuba não só não logrou os efeitos esperados, como resultou no maior fracasso da própria teoria do homem novo.<sup>25</sup> Ernesto Che Guevara não viveu nem dez anos após a tomada

---

25 Ver artigo já citado de RITTER (1974).

do poder em 1959 e não teve tempo para sequer refletir sobre os resultados da implantação do homem novo pela revolução cubana.

O que de fato prevaleceu na escola do homem novo cubano foi uma postura de se educar as “massas” e principalmente a sua “argila”, a juventude. O projeto nos lembra em certos aspectos a catequização levada a efeito pela Igreja Católica em algumas regiões da América Latina. A convicção dos missionários de que eles eram portadores da verdade e que levavam o humanismo e a redenção aos inocentes indígenas do continente por meio do cristianismo, da educação e do sacrifício não era muito diferente daquela professada pelos guerrilheiros que implantaram o projeto do homem novo em Cuba. A percepção da juventude cubana como algo possível de ser moldado em muito se assemelha aos ideais dos catequizadores jesuítas, que viam os indígenas como homens inocentes por ainda não conhecerem o pecado.

Ambas as convicções acreditavam que se devia eliminar uma “falsa” cultura e implantar, por meio do trabalho físico, da educação e da coerção, uma dinâmica pedagógica que levaria a uma moral mais elevada. Uma e outra tinham o ideal de substituir uma cultura imoral por uma nova, de trocar uma falsa visão por uma “verdadeira”. O humanismo sempre teve a pretensão de levar a verdade consigo, e esta certeza resultou no desprezo pelas culturas consideradas atrasadas ou inferiores em relação a um determinado projeto de “verdade moral”.

Em Cuba, o “homem novo” era apresentado como um estágio mais elevado do ser humano, e os cidadãos cubanos que não o atingiam passaram a ser vistos como pessoas presas a um passado indesejado, recebendo, por isso, as marcas indelévels do estigma. A luta contra essas marcas e a busca do reconhecimento social foi o ponto de convergência que no exílio nos Estados Unidos forjou a Geração Mariel.

## **A REPRESSÃO AOS HOMOSSEXUAIS EM CUBA: A NOVA MORAL REVOLUCIONÁRIA**

A relação entre o governo revolucionário e os homossexuais cubanos é uma das maiores controvérsias da recente história do país<sup>26</sup>. Após

---

26 V. documentário e livro *Conducta impropia*, 1984. Para tomar contato com esse debate em revistas cubanas produzidas em Cuba e fora dela, ver especialmente os sites [www.cubaencuentro.com](http://www.cubaencuentro.com), [www.uni3n.com.cu](http://www.uni3n.com.cu), [www.temas.com.cu](http://www.temas.com.cu), etc.



definir em 1961 qual seria o papel do intelectual e do artista revolucionário, Fidel Castro também passa a definir o que seria moralmente aceito e o que não. Os órgãos da cultura eram “livres” para realizar a censura<sup>27</sup>. As censuras impostas aos intelectuais homossexuais cubanos até 1980 foram de dois tipos: por uma parte, cortes nos seus textos e proibição de leituras e publicações sobre determinados temas eróticos; por outra, perseguições em pontos de encontro de homossexuais e prisões por condutas consideradas “impróprias” pelo governo revolucionário, tais como roupas extravagantes.

Contudo, é necessário estabelecer um recorte temporal para analisar os depoimentos e documentos de violação dos direitos homossexuais em Cuba. O primeiro momento vai de 1959 até 1970, e o segundo, que será tratado no seguinte capítulo, desde o *Primer Congreso de Educación y Cultura* (30 de abril de 1971) até o Mariel em 1980. Outro ponto relevante é que não houve, até 1980, nenhuma manifestação de apoio a qualquer organização social que pudesse representar os homossexuais na sociedade cubana. Pelo contrário, ao que tudo indica, o projeto da revolução de 1959 era de erradicar a homossexualidade na ilha por meio de programas de reeducação. Os líderes revolucionários evitavam tratar diretamente do tema e preferiram mantê-lo obscuramente como algo não tangível, indigesto e por demais inconveniente para se debater abertamente (FRANQUI, 1981, p. 140-142).

Tratar do tema é de fato delicado. No entanto, fizemos uma seleção de artigos que saíram nas revistas *Alma Mater* e *Mella* nos anos de 1965 a 1968. Essas revistas eram organizadas pela UJC (União de Jovens Comunistas) e direcionadas à juventude cubana. Os artigos e charges que escolhemos comprovam que as “depurações” realizadas nas Universidades nesses anos foram contra os “elementos” considerados pela direção revolucionária como “hostis à revolução” como, por exemplo, os homossexuais e “contrarrevolucionários”. A revista *Alma Mater*, num editorial intitulado “Nuestra Opinión”, assim expressava:

Alguns pretendem, em seu afã de frear o processo de Depuração [...] dividi-lo em dois processos distintos: o dos contrarrevolucionários e dos homossexuais [...] Nós vemos que a Depuração é uma só, que tão nociva é a influência e a atividade de uns como de outros na formação

---

27 V. ARENAS, *Antes que anochezca*, 1992.

do profissional revolucionário do futuro (*Alma Mater*, Nuestra Opinión, La Habana, 05 de junho de 1965, N°. 49 p. 1).

Também na revista *Mella*, que era dedicada aos estudantes do 2º grau, aparece um chamado para expulsar os homossexuais e contrarrevolucionários no último ano do ensino médio para, dessa forma, evitar a sua entrada nas Universidades (*Mella*, 31/05/1965, p. 3). Contudo, o artigo conclui que ainda existe uma oportunidade:

Antes de ter o direito de ingressar em nossas Universidades, cumpram uma tarefa honrosa que a juventude cubana tem atualmente, ingressar no Serviço Militar Obrigatório, e que depois, de acordo com seu comportamento em nossas gloriosas FAR, possam completar em seus expedientes as lacunas que hoje têm e que os impedem de ingressar em nossas Universidades (“A grande batalha do alunado”, revista *Mella*, La Habana, 31 de maio de 1965, p.3).

A justificativa das Depurações que aparece na imprensa universitária é, sobretudo, a atitude desses jovens que não adotam a conduta “ética, moral e estética” que propunha a direção revolucionária (as charges “Vida y Milagros de Florito Volandero” na revista *Mella*, La Habana, 31 de maio de 1965, p. 20-21 e “Hay que hervirlos”, revista *Mella*, La Habana, 07 de junho de 1965, p.20-21). Segundo o editorial da revista *Alma Mater*:

Não são os desafetos da revolução nem os homossexuais elementos capazes de cumprir esta tarefa [dar a vida pela Revolução e pelo povo], portanto não se deve investir neles o produto do suor de nosso povo para dar-lhes armas e ferramentas que possam voltar contra a Sociedad (revista *Alma Mater*, “Nuestra Opinión”, La Habana, 05 de junho de 1965, p. 1).

Por último, ainda que as revistas reconhecessem que os “elementos” a depurar eram uma “insignificante minoria” era necessário expulsá-los porque: “Consideramos que não é a Universidade o lugar propício para a reeducação destes elementos desviados do processo revolucionário, nem o melhor lugar para desenvolver com eles a tarefa de reincorporação na sociedade, no processo revolucionário” (revista *Alma Mater*, La Habana,

05 de junho de 1965, p. 1). Dessa forma, os artigos evidenciam que o governo cubano estava preocupado nessa época em encontrar um lugar para onde mandar religiosos, homossexuais e contrarrevolucionários para serem reeducados.

De resto, há uma avalanche de denúncias sobre a censura e perseguição aos homossexuais após a revolução, principalmente por parte de artistas e intelectuais do exílio cubano<sup>28</sup>. O que não quer dizer, em absoluto, que não havia repressão aos homossexuais antes de 1959. Tampouco que não houvesse perseguições nessa mesma época contra homossexuais em diversas partes do mundo, como ainda há atualmente na maioria dos países. A América Latina, cuja tradição machista é notória, não é uma exceção. O que salta à vista é que uma revolução que propõe estabelecer a justiça social e uma nova ordem no país prefira ancorar-se na velha ordem da família tradicional cubana ao invés de lutar por transformações no seu interior. O escritor e exilado cubano Severo Sarduy, em entrevista para o documentário *Conduta imprópria*, afirmou:

O estourar da revolução instaurou uma imagem moralizante e seminal do macho; o herói reprodutor, o fecundador mítico, agitando um código de proibições e de permissividades – muito poucas – que era, apenas transposto, o do cristianismo mais rançoso. Com seus hinos tropicalizados, com *guayaberas*<sup>29</sup>, maracas com esplendorosas bandeirolas fluando ao vento, a Inquisição estava de novo em marcha (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p.136).

Assim, a revolução cubana pretendia abolir o passado colonial da ilha e construir uma nova sociedade, mas não consegue impedir que nela se mantenham os velhos preceitos sexistas presos a uma tradição da qual ela quer, mas não pode, desvencilhar-se por completo. O ditado popular de que “tudo que é novo já nasce velho” é a melhor expressão dos limites culturais da revolução cubana iniciada em 1959, bem como de outros projetos revo-

---

28 Há vários livros de memórias sobre a repressão à homossexualidade em Cuba. Ver especialmente CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*; ALMENDROS, Nestor; JIMÉNEZ-LEAL, Orlando. *Conducta Impropria*; FRANQUI, Carlos. *Retrato de família com Fidel*; ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*, além das revistas *Mariel*, *Encuentro de la Cultura Cubana*, etc.

29 Camisa típica cubana que usam os homens nas festas e nas comemorações.

lucionários que aspiravam iniciar uma nova história em que a tradição e o passado desapareciam e uma nova sociedade livre das mazelas do passado logo emergiria. Mas é claro que isso não ocorre, pois o novo está irredutivelmente permeado pelo passado.

A imagem da marcha revolucionária que desconstrói o passado nefasto para edificar uma nova sociedade e um homem novo – recorrente, aliás, em tantas revoluções da história contemporânea – não se sustenta. O passado, o presente e o futuro estão conectados e só podem ser compreendidos se analisados conjuntamente, como afirma Koselleck (1993). A cultura é o meio em que as tensões entre essas três categorias temporais inventadas e divididas pela humanidade são representadas. O passado não pode ser visto como algo que deva ser esquecido e sem importância para o presente, muito menos para a construção de um projeto de futuro. O revolucionário Karl Marx, ainda no século XIX, não desprezava o relampejar do passado e da tradição no presente:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos (MARX, 1978, p.329).

A ansiedade por transformar o presente da ilha em um futuro ideal leva a revolução a enfrentar algumas tradições da sociedade cubana e a impor uma nova moral. A religião católica, o protestantismo, a chamada santería afro-cubana, a boemia, a prostituição e a homossexualidade passam a serem encaradas como sintomas de decadência, de um passado indesejado e do atraso social da ilha colonizada por séculos. O passado e algumas tradições culturais passam a ser vistas como ameaças. O dever do revolucionário seria extirpar as imagens desse passado para construir uma nova Cuba, agora uma nação socialista e proletária. Enfim, a ilha precisava afastar-se de alguns valores e erigir novos para se descolonizar. O governo cubano não hesitou em colocar em prática o seu plano cirúrgico.

O primeiro confronto entre a revolução e os setores “indesejados” de que se tem registro ocorreu em 11 de outubro de 1961<sup>30</sup> e foi popularmente

---

30 Segundo Cabrera Infante, o sentido moralizante da revolução começa em 1959 quando

conhecida como *La noche de las tres P*<sup>31</sup>. A polícia cubana fez uma grande operação para aprisionar prostitutas, alcoviteiros e homossexuais no bairro de Colón, em Havana Velha, região portuária e boêmia que, “coincidentemente”, havia sido o cenário do documentário *PM* que, como vimos, foi considerado contrarrevolucionário pelo ICAIC, por passar uma imagem não apropriada da revolução e do povo cubano. O governo revolucionário não queria ver a luxúria associada ao novo momento da ilha. Havana havia sido desde a sua fundação uma importante cidade portuária e há décadas havia se tornado um balneário turístico dos norte-americanos. A cidade era famosa pelos seus cassinos, pela prostituição e pela vida noturna “desregrada”. A imagem que o governo pretendia estampar não era essa, mas a de uma revolução dos trabalhadores cubanos que lutavam para conseguir vencer as adversidades e construir uma nação soberana, e essa imagem não podia estar associada à boemia, à prostituição e à homossexualidade que passaram a ser encarados como comportamentos inadequados. O dia 11 de outubro de 1961 é considerado um marco da coerção aos homossexuais cubanos, não só pelas perseguições dessa noite, mas principalmente pela regularidade da repressão desde então:

Prenderam o escritor Virgilio Piñera, que foi detido simplesmente pela maneira como se manifestava publicamente, por mostrar ou parecer afeminado. Mas o grave são as consequências desta noite das três P. Virgilio, graças à influência de Carlos Franqui e de Edith Buchaca, foi liberado no mesmo dia em que foi preso. Quando o levei para casa, havia [nela] um selo do Ministério do Interior, lacrando-a, como se ali houvesse morado um contrarrevolucionário ou um fugitivo da revolução (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p. 80).

---

são fechados os Teatros Shangai e Pacífico em Havana. O primeiro foi fechado por ser um teatro popular de *strip-tease*, onde as piadas duplo sentido faziam referência constante a questões sexuais e também prevalecia uma linguagem popular com o uso de muitos palavrões. O segundo foi fechado por exibir filmes pornôis.

31 Ver *Conducta Impropia*. Madrid, Editora Playor, 1984; MISKULIN, S.C. *Os intelectuais e a política cultural da revolução (1961-1975)*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História Social, USP, 2005. FRANQUI, C. *Retrato da família com Fidel*. Rio de Janeiro, Record, 1981; VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em História Social, USP, 2006.

Como podemos perceber, havia uma imbricação em torno do encarte cultural *Lunes de la Revolución*. Virgilio Piñera era um escritor consagrado que colaborava com aquele caderno cultural, Guillermo Cabrera Infante era o seu editor e Carlos Franqui era o responsável pelo jornal *Revolución*. Por sua vez, o documentário *PM* fora dirigido por Sassá Cabrera Infante – irmão de Guillermo Cabrera Infante – e Orlando Jiménez-Leal. Embora o filme não tenha focalizado a homossexualidade, tratava da vida noturna havaneira, da sensualidade, da africanidade cubana, da marginalidade, dos ritmos musicais e da boemia. O grupo do *Lunes de la Revolución* estava no epicentro dos debates no início dos anos 1960. Nele encontravam-se artistas, escritores, jornalistas, alguns deles homossexuais. Carlos Franqui, que era um revolucionário respeitado em Cuba, na época, tentava sempre interceder em defesa dos que tinham problemas com o governo. Em suas memórias ele relembra a noite de 11 de outubro de 1961:

Alguns milhares de prisioneiros foram conduzidos à delegacia de polícia, ao centro de detenção e à prisão de Príncipe. Havia dois tipos de seleção. Um era rápido e generalizado. O outro era seletivo, com listas fornecidas pelos Comitês de Defesa locais, e incluía homossexuais, vagabundos, tipos suspeitos, intelectuais, artistas, católicos, protestantes, macumbeiros. Nas zonas de luz vermelha, apanhavam prostitutas e alcoviteiros. Uma vez em Príncipe – ou em qualquer outra prisão – os presos eram despidos e vestiam um uniforme, um traje listrado com um grande P nas costas. P maiúsculo: pederasta, prostituta (FRANQUI, 1981, p.140).

Nessa passagem, Carlos Franqui deixa claro que, além do arrastão no bairro de Colón, havia também uma lista prévia na qual se encontrava, entre outros, o conhecido escritor Virgilio Piñera, que fora preso na manhã seguinte quando saía de sua casa na praia de Guanabo. As listas eram elaboradas a partir das informações que davam os CDRs – Comitês de Defesa da Revolução – que haviam sido criados com o intuito de defender a revolução, mas que também serviam como um importante instrumento de controle em cada quarteirão de Cuba<sup>32</sup>. Desta forma, se alguém se compor-

---

32 Segundo denúncias de Virgilio Piñera, Cabrera Infante, Reinaldo Arenas e Carlos Franqui, os motivos das delações de vizinhos e “amigos” eram os mais variados, desde o interesse de ficar com a residência do perseguido até casos de homofobia declarada.

tava inadequadamente<sup>33</sup>, o presidente do CDR local devia por obrigação informar às autoridades. Carlos Franqui afirma que não foram poucos os cubanos que condenaram as medidas tomadas na noite de 11 de outubro. Ele inclusive narra uma discussão que teve com Ramiro Valdés, responsável pela operação P:

Fui ao palácio expressar minha raiva a Fidel, Raúl e outros. Lá estavam eles com Ramiro Valdés, Isidoro Malmierca, Barba Ruiva (Manuel Piñeyro) e José Abrantes. [...] Minhas críticas a Valdés foram curtas e violentas. Ele pensou que eu estivesse protestando sobre Virgílio Piñera, dizendo ter recebido tantas reclamações que Piñera seria libertado. Mas respondi que estava protestando contra a forma com que a polícia havia efetuado a operação, sua violência. [...] Valdés replicou que a revolução queria acabar com toda aquela homossexualidade e degeneração [...] ele me acusou de defender a homossexualidade, de ser contra o “moralismo revolucionário”. Ele chegou a perder o controle quando eu lhe disse que, historicamente, os maiores perseguidores de homossexuais tinham sido eles próprios homossexuais. Fidel e Dorticós intervieram nesse instante, dizendo que as prostitutas seriam enviadas a campos de reeducação e transformadas em novas mulheres, com novos empregos. Os proxenetas seriam processados com o rigor da lei. Os homossexuais não seriam processados, mas não teriam permissão de exercer influência na arte, na cultura ou na educação. Afirmaram que a operação foi importante como medida anticontrarrevolucionária<sup>34</sup> (FRANQUI, 1981, p.142).

---

33 Comportar-se imprópriamente podia ser desde caminhar “de uma determinada maneira afeminada” até usar um tipo de roupa mais provocativa que ferisse a moral revolucionária.

34 A partir deste momento, para ser homossexual e ser tolerado, seria necessário demonstrar que se era antes de tudo um revolucionário, em outras palavras, um fidelista. Em *Antes que anochezca*, Reinaldo Arenas conta diversas anedotas de “amigos” homossexuais que começam a delatar para não cair nos campos de trabalho ou nas prisões cubanas. Seu amigo, o escritor Virgílio Piñera, considerado por ele como “o eterno dissidente, o inconformado constante, o rebelde incessante”, cairá completamente em desgraça, segundo Reinaldo Arenas após sua novela *Presiones y diamantes* (1967), na qual faz uma alusão direta a Fidel Castro. Trata-se de um famoso diamante que é jogado no vaso ao ser descoberta sua falsidade; o diamante se chamava Delfi, que pode ser entendido como “Fidel” ao contrário. Arenas (1992, p. 294) conclui: era “demasiado simbólico”.

Após a primeira advertência do governo às prostitutas, homossexuais e proxenetas (cafetões) na Noite dos três P, começa a formalização dos programas de reabilitação desses setores considerados pelo governo como *lacra social*<sup>35</sup>. Por um lado, as prostitutas foram “reeducadas” pela *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC), que era encarregada de realizar alguns desses programas<sup>36</sup>. Partia-se do princípio de que não havia mais exploração do homem pelo homem e assim não havia mais motivos para existir a prostituição, agora que a ilha era socialista. O governo revolucionário acreditava tratar-se de uma tradição colonial que deveria ser duramente combatida. Dessa forma, a saída encontrada foi retirar as prostitutas de circulação e procurar transformá-las em trabalhadoras.

Por outro lado, o governo cria outro programa de reeducação, conhecido como as UMAP (Unidades Militares de Ayuda a la Producción), destinado à reabilitação dos homens. A UMAP foi a saída encontrada pelo governo cubano para cuidar dos membros de algumas seitas religiosas que por uma razão ou outra se opunham ao serviço militar obrigatório de três anos. As Testemunhas de Jeová, que não admitiam o serviço militar, e os Adventistas do Sétimo Dia, que não podiam trabalhar aos sábados, eram dois desses exemplos. Os campos das Umaps em Camagüey não tinham equipamentos militares e se destinavam apenas à produção agrícola. Desse modo, se as Testemunhas de Jeová não admitiam pegar em armas, não poderiam recusar-se a trabalhar nas lavouras. Os internos das Umaps tinham uma disciplina militar que os impediria de fugirem de suas obrigações para com a pátria e ainda auxiliaria na sua reeducação por meio do trabalho e da disciplina. Nos campos das Umaps prevaleceram os ideais hierárquicos militares, daí que as unidades foram organizadas pelo próprio Ministério do Interior (Minint). Os internos tiveram que viver uma rotina de trabalho e obediência, inclusive usando uniformes militares (azuis para diferenciá-los dos uniformes verdes-oliva do exército regular). À semelhança dos jovens que integravam o Serviço Militar, os internos das Umaps tinham que viver em acampamentos em condições bastante precárias, o que significa que se tratava de um serviço militar obrigatório diferenciado para jovens que

35 *Lacra*, segundo Maria Moliner (1997) refere-se a “defeito, vício, ou dano orgânico ou moral”. Cf. Ros (2004).

36 Ver *Convención sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer*, artigo 6. Disponível em: [www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html](http://www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html).



por alguma razão se consideravam ou eram considerados inadequados ao serviço militar corrente.

Boa parte das representações sobre a perseguição à homossexualidade em Cuba pode ter origem nas recordações das pessoas que estiveram nas UMAPs<sup>37</sup>. Algumas questões surgem então: quando surge tal instituição? Por que surge? Como foram selecionados os homens enviados para essas unidades? Quais são os objetivos dessas unidades? Por que elas desapareceram?

Podemos aproximar-nos do que foram as *Unidades Militares de Ayuda a la Producción* (UMAP) graças aos depoimentos de pessoas que estiveram nessas unidades e conseguiram publicar ou gravar as suas memórias fora de Cuba, já que existem pouquíssimos registros escritos de sua existência<sup>38</sup>. Seja aqui assinalado nosso interesse pelas memórias de grupos minoritários acerca da vida em Cuba nos anos de 1960 e 1970, porque elas emergiram em oposição a uma memória considerada oficial ou nacional. Contudo essas “memórias subterrâneas” não tiveram um reconhecimento no interior da ilha e sim no exterior. Michel Pollak comenta o que representam as memórias subterrâneas:

Essa memória “proibida” e, portanto “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória (POLLAK, 1989, p.3).

Segundo essas “memórias subterrâneas”, as UMAPs surgiram em

---

37 Uma fonte interessante para aproximar-nos do que foi a UMAP são as memórias narradas por homossexuais no livro e documentário *Conducta impropia* (1984). Outras fontes importantes são o livro de memórias de Franqui (1981) e o livro de Ros (2004), que recolheu depoimentos, em geral de religiosos exiliados nos Estados Unidos, que criaram em 1995 a *Asociación de ex-confinados de la Umap*.

38 Em Cuba existe um sigilo absoluto sobre a documentação no período de 1959 a 1975. Mas, segundo Ros (2004), a documentação sobre as UMAPs já não existe, porque foi queimada. Contudo, alguns dos que estiveram nessas unidades de reeducação e de trabalho guardaram algumas imagens e fichas de cadastro de sua reclusão.

novembro de 1965 e eram destinadas a homens não aptos para o Serviço Militar Obrigatório de três anos, estabelecido a partir de 12 de novembro de 1963 pela lei 1129 (ROS, 2004), a ser cumprido na faixa etária dos 15 aos 26 anos. As unidades eram criadas para a recuperação ideológica ou moral, e destinadas a jovens com comportamentos considerados inadequados. O objetivo dessas unidades seria a transformação ideológica e moral de jovens com “problemas” para se ajustar à nova sociedade. Dentre os trabalhos braçais, o mais comum na época foi o corte de cana de açúcar. O periódico *Revolución* manifestou-se a respeito das UMAPs da seguinte maneira: “O plano de reeducação batizado pelo Ministro do Interior e diretamente orientado por Fidel, pode agregar-se aos grandes feitos humanos da revolução” (*Revolución*, 11 de março de 1965 apud Ros, 2004, p.28).

Nas unidades foram internados religiosos, *hippies*, intelectuais, artistas, jovens que haviam pedido passaporte para deixar a ilha, homossexuais, entre outros. Outro ponto relevante é que não era exclusivamente por ser um homossexual, religioso ou *hippie* que um indivíduo acabaria na UMAP, e sim por manifestar a sua opção ou por contestar a nova ordem revolucionária. Um dos exemplos é o do ator cubano Rafael de Palet que, para interpretar a personagem de um alemão em 1965 no teatro, tingiu o cabelo de loiro e foi parar na UMAP:

Eles não entendiam que um indivíduo pudesse pintar o cabelo. Considerava-se que o indivíduo que pintasse o cabelo podia apresentar características de uma conduta homossexual. Eu me apresentei a esse chamado do serviço militar da Umap, mas aquilo foi um engano (AL-MENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p.34).

Muitos depoimentos como o anterior confirmam que, baseados em estereótipos, comportamentos ou maneiras de agir, as autoridades detectavam os considerados “desvios”. Outro exemplo é o José Mario, editor do antigo jornal *El puente* que funcionou de 1960 a 1965 em Havana, quando foi fechado, e que foi enviado para a UMAP por causa de um detalhe, quando um militar o interrogou:

Então o militar me disse que caminhasse, que desse uma volta no salão e que caminhasse. Eu, com certo assombro obedeci, caminhei por

todo o salão, dei a volta inteira. Ordenou-me, então, que caminhasse de costas para ele e com muita ironia falou: Vê? De agora em diante nós vamos fazer de você um homem [...] Na entrada havia um cartaz enorme onde se lia: Unidade Militar 2.269 e um letreiro com o lema “O trabalho os tornará homens”, uma frase de Lênin (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p. 33-37).

Dessa maneira, havia um programa de reeducação moral-ideológica para indivíduos considerados não aptos ao serviço militar obrigatório devido a sua conduta social inadequada. Assim, um artigo do jornal *Juventud Rebelde* (10/10/1968, p.3-4), de autoria de Alfredo Echarry intitulado “Os jovens do quarto mundo” faz uma apologia das UMAPs: “A revolução adquire uma nova experiência. Os confundidos ideologicamente, jovens que não estudavam nem trabalhavam serão transformados em cidadãos úteis por meio de uma reeducação especial com base no trabalho e no estudo”. O artigo contrasta depoimentos de pais a favor das “batidas” na Rampa porque seus filhos estavam com “comportamentos inadequados” e fotografias de jovens *gays* no mundo capitalista com a pergunta: “É isto o que você quer para seu filho?”.

Devemos ressaltar que o cidadão enviado para uma das unidades da UMAP era obrigado a cumprir um determinado período, que variava e era estabelecido pela Segurança do Estado Cubano, e não poderia sair sem permissão, nem receber visitas fora das datas previamente estabelecidas<sup>39</sup>. O objetivo desse programa seria a correção de comportamentos não revolucionários por meio da realidade laboral, e impedir que jovens que não estavam no serviço militar corrente deixassem de prestar sua contribuição à revolução. O próprio Fidel Castro, em entrevista ao jornalista Luis Báez, afirmou que a UMAP:

Não é um lugar de castigo. Ali os jovens que ingressam não são olhados com desprezo, ao contrário, são bem recebidos. Estão submetidos a uma disciplina militar. São bem tratados e procura-se a maneira de ajudá-los a superarem sua atitude. A mudarem, a aprenderem, trata-se de transformá-los em homens uteis à sociedade (CASTRO, *Granma*, 14 de abril de 1966).

---

39 Ver *Conducta impropia*, 1984.

Nem todos os internos dos campos da UMAP eram homossexuais, ainda que a maioria o fosse, já que também havia muitos condenados por atividades subversivas: intelectuais, artistas, *hippies*, religiosos. Isto marcou todos os egressos da UMAP com o estigma de homossexuais. Alguns deles criaram em Miami a Associação de Ex-Confinados da UMAP, em 1995. O livro de Ros (2004, p. 38-40) apresenta a visão de muitos religiosos que ainda hoje desejam mostrar que estavam incomodados por terem sido confinados nessas unidades, em especial, pela convivência com grupos de *gays*. Assim relata, por exemplo, Eduardo com um tom discriminatório: “Ao meu redor vi muitos com aspecto de delinquentes e outros abertamente homossexuais”. E também Jose Antonio Zarraluqui: “Encontravam-se já nesse lugar muitos homens que pareciam ter mais de 50 anos e notei que havia um grupo numeroso de homossexuais exibicionistas, não eram maricas discretos mas escandalosos”. O depoimento de Eduardo Ruiz manifesta abertamente o preconceito contra os homossexuais: “É algo que eu não perdoou a Castro. Forçar-me a viver durante oito meses com 160 afeminados!” (Ros, 2004, p.160).

Houve por parte do governo cubano uma tentativa de mostrar à população cubana que aqueles que iam para as UMAPs eram antissociais<sup>40</sup> e logo que se reabilitassem voltariam a participar da vida social cubana<sup>41</sup>. Os que iam para essas unidades não podiam receber visitas regularmente, não sabiam quanto tempo ficariam. Os familiares que perguntavam por eles recebiam a seguinte resposta: “estão detidos por serem antissociais”. Mas o pintor Jaime Bellechasse narra como se classificavam as pessoas que iam para as Unidades de Produção, com o intuito de distinguir os homossexuais dos outros:

Na *Granja do Sítio*, quando fazia quinze dias que estava ali, mais ou menos, chegaram vários estudantes de Psicologia da Universidade de La Habana. Então nos fizeram uns testes em que nos davan uns

---

40 O ICAIC semanalmente realizava um noticiário e Santiago Alvarez, o diretor, tomou várias imagens de operações policiais, que eram transmitidas com o intuito de mostrar que não se admitiriam comportamentos subversivos.

41 As personalidades mais conhecidas que estiveram nas UMAPs e que depois se reincorporaram sem maiores problemas foram os cantores cubanos Pablo Milanés e Silvio Rodríguez.

desenhos, e tínhamos que dizer a sensação ou a imagem que víamos neles. Além disso, tínhamos que desenhar uma mulher num papel e desenhar um homem no outro papel. Depois havia um teste de associação de perguntas e respostas. Havia algumas frases... por exemplo, lembro que uma frase dizia: eu secretamente... então tínhamos que concluir, ou coisas assim. Ou “os homens” reticências, e a gente tinha que inventar uma frase. Então, baseando-se nesses testes, a que se somava o expediente vindo de Havana, da Seguridade do Estado, fizeram essa classificação de que uns eram homossexuais, outros eram “hippies” e outros pertenciam a essa coisa difusa chamada “conduta imprópria” (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p. 147).

Além de fazer a classificação dos considerados “desvios” dos reclusos nas UMAPs, o governo cubano se preocupava com a sua reabilitação por meio do trabalho e do doutrinação político. Segundo Héctor Aldao: “tínhamos um doutrinação diário” e José Mario: “Utilizavam o manual de marxismo-leninismo de Kostantinov que é uma coisa horrorosa [...] todo o mundo é fascista, desde T.S Elliot... até Platão, são fascistas” (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p.38). A existência desse tipo de serviço militar diferenciado tinha o objetivo de recuperar os jovens para a revolução e impedir que contaminassem ou atrapalhassem a formação dos jovens aptos ao serviço militar regular. Muitos cubanos acreditavam que se tratava de algo necessário para a recuperação da parcela “desviada” da juventude cubana naqueles anos – o que não significa que não havia quem questionasse a postura do governo cubano quanto ao tratamento destinado aos homossexuais.

Foi uma noite em 1966, em Havana. Éramos um pequeno grupo de escritores e fomos conduzidos, sem explicações, a uma casa em Vedado. Fidel não demorou a aparecer. Falou por 12 horas, até as primeiras horas da manhã, sentando e levantando, gesticulando sem parar, enquanto tragava seus enormes charutos, sem demonstrar o menor sinal de cansaço. Explicou-nos a melhor maneira de se fazer uma emboscada, e a razão pela qual enviava os homossexuais para trabalhar no campo, em batalhões disciplinares. Anunciou que “Che” iria reaparecer em breve à frente de guerrilheiros, depois teorizou, brincou, contou casos, dirigindo-se a todos de forma familiar e com tapinha nas costas. Quando foi embora, tão bem disposto quando ao

chegar, estávamos todos cansados e maravilhados (VARGAS LLOSA, 2006, p.91).

A citação é do escritor peruano Mario Vargas Llosa, que nos anos de 1960 participou da Casa de las Américas e visitou a ilha várias vezes. A passagem evoca a idolatria que a imagem de irreverência da revolução cubana e de seus líderes causava. Apareciam sem solenidade, discursavam com entusiasmo e informalidade. Não havia nada que lembrasse a burocracia socialista da União Soviética e do leste europeu. Mesmo que a justificativa do envio dos homossexuais para campos de trabalho não convencesse a todos, a simpatia por Fidel Castro, por Ernesto Che Guevara ou pela luta da ilha atenuava as críticas. Devemos ressaltar ainda que naqueles anos o preconceito contra a homossexualidade era ainda maior do que é atualmente, e muitos intelectuais de esquerda não pretendiam abandonar a sua fé na revolução socialista por solidariedade a alguns homossexuais. Vargas Llosa (2006, p.124) comenta que: “Nunca antes da Revolução Cubana senti um entusiasmo e uma solidariedade tão fortes por um fato político e duvido que sintam algo semelhante no futuro”. O entusiasmo daquela época era inquestionável e impulsionava a revolução cubana a seguir sua trajetória. Mas, como ocorre com todas as coisas, o entusiasmo não podia durar para sempre.

Podemos perceber uma contradição nos anos 1960 em Cuba: por um lado eram anos de grande euforia e de um “quase consenso” e, por outro, iniciava a perseguição de alguns indivíduos sob alegações de conduta inapropriada. Mas por que a euforia persistiu por quase toda década de 60? Por que os intelectuais e artistas cubanos e estrangeiros que participavam do esplendor da Casa de las Américas não pressionaram o governo sobre a repressão aos homossexuais, ou sobre outros problemas? A resposta, a nosso ver, estava presa à conjuntura internacional. A defesa de Cuba e da sua revolução significava posicionar-se contra os Estados Unidos, contra o recrudescimento das ditaduras militares na América Latina e mesmo contra a experiência do bloco socialista no leste europeu. A imagem da ilha que construía sua própria alternativa política e seu futuro era muito forte naqueles anos, e a tolerância ou até a incredulidade quanto a algumas denúncias se sobrepunham. Ora, imaginava-se que havia poucos anos desde a revolução e que o embargo econômico norte-americano, a tentativa de invasão em Giron, os combates internos na região de Escambray, a expulsão de Cuba

da OEA, entre tantos outros desafios, eram maiores e, assim, tomava-se partido a favor de Cuba e das inegáveis conquistas sociais da revolução.

As denúncias dos abusos cometidos nos campos das UMAPs, como, por exemplo, um número cada vez maior de internos fora da faixa etária do serviço militar obrigatório, fez com que elas fossem extintas em 1968 (FRANQUI, 1981). Contudo, o programa de reeducação por meio da atividade laboral obrigatória e da internação continuou nas granjas do Estado cubano. A diferença é que não havia mais o regime militar e a denominação UMAP. Por outro lado, não havia mais o empecilho da faixa etária e o constrangimento de se utilizarem as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) cubanas para este fim.

# O Satélite

“Tudo leva a pensar que a constituição de um campo intelectual dotado de uma relativa autonomia é a condição que permite o surgimento do intelectual autônomo, que não conhece nem deseja conhecer outro limite que não as exigências que surgem de seu projeto criador. Mas o projeto criador é o lugar onde se mistura, e às vezes se contradiz, a necessidade intrínseca da obra que deve ser continuada, melhorada, concluída e as condicionantes sociais que orientam a obra desde fora”. **PIERRE BOURDIEU**

## O CASO PADILLA

Após quase dez anos do pronunciamento de Fidel Castro em suas *Palabras a los intelectuales* (1961), ocorreu outro episódio que desencadeou a maior crise entre o governo cubano e os intelectuais desde o início da revolução de 1959: o chamado “Caso Padilla”. O episódio envolveu o poeta Heberto Padilla, um dos fundadores da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), criada no primeiro congresso de escritores e artistas realizado na ilha no ano de 1961.

Heberto Padilla permaneceu de 1962 a 1964 na União Soviética como correspondente dos jornais cubanos *Prensa Latina* e *Revolución*. Posteriormente tornou-se diretor geral da empresa cultural Cubartimpex e membro do conselho de direção do Ministério de Comércio Exterior de Cuba, cargos que assumiu por mais dois anos



em países escandinavos e em países socialistas no leste europeu. A situação de Padilla era muito favorável naqueles anos devido ao seu livro de poemas *O justo tempo humano* (*El justo tiempo humano*), que recebeu o prêmio de honra da Casa de las Américas em 1960. No livro o poeta celebra e declama a revolução cubana, o que o tornou popular e admirado pelos revolucionários cubanos. Mas, a partir de 1966, ao retornar a Havana ele se transforma em protagonista de uma série de polêmicas, sofrendo em 1968 os ataques mais severos assinados por Leopoldo Ávila (pseudônimo) e publicados na revista *Verde Olivo*, o qual lhe dedicou um artigo intitulado “As provocações de Padilla”:

O imperialismo teve uma sorte que não queremos para eles, encontrou um Padilla que desse forma poética (?) a seus emblemas. Ele, no mundo de mentiras que criou só vê “o soco em plena cara e o empurrão à meia-noite”, estando fisicamente intacto, ainda que moralmente ele próprio se destruiu, concorre a tertúlias e anda de “leva-e-traz de vermes e descontentes”<sup>42</sup> (*Verde Olivo*, La Habana, 10 de novembro de 1968, p.18).

Como podemos perceber, Heberto Padilla passou a ser publicamente repreendido em 1968 por suas críticas a alguns pressupostos do regime. Um ano antes, em 1967, alguns poemas de Padilla foram selecionados e publicados na revista *Casa de las Américas* em um número dedicado ao centenário do poeta Rubén Darío. A revista era editada pelo Conselho Nacional de Cultura e a publicação dos poemas de Padilla provocou constrangimentos ao governo cubano e este, por sua vez, decidiu que era necessário ter um maior controle do material a ser publicado pela revista. Isto, evidentemente, não agradou aos intelectuais e artistas – principalmente estrangeiros – que colaboravam com essa publicação. A polêmica agravou-se quando o livro *Fora do jogo* (*Fuera del juego*) concorreu e obteve o prêmio “Julián del Casal” na categoria de poesia. O júri escolhido pela União de Escritores e artistas de Cuba (UNEAC) era composto por intelectuais cubanos: Lezama Lima, José Z. Tallet e Manuel Díaz, e estrangeiros – o inglês J. M. Cohen e o peruano César Calvo. Os jurados, sobretudo os cubanos, foram pressionados por dirigentes próximos à UNEAC, no intuito de suspender a

---

42 Refere-se a Padilla como um fofoqueiro que leva e traz notícias dos dissidentes.

premiação do livro de Padilla que não era aceito pela direção revolucionária, a qual, ademais, via tal premiação como uma provocação ao governo. Manuel Díaz chegou a ser afastado do júri, o que gerou mal-estar entre os participantes do concurso, em especial entre os estrangeiros. O próprio Manuel Díaz esclarece:

Por aqueles dias, Armando Hart<sup>43</sup> convocou os jurados estrangeiros para irem a seu gabinete. Disse-lhes que minha restrição obedecia a motivos alheios ao concurso, que não tinha nada a ver uma coisa com outra. Não convenceu. Um dos presentes, Roque Dalton, encarregou-se de dizer-lhe isso ali mesmo. Roque e o escritor argentino José Bianco – quem com bom tino afirmava que as manobras do Partido estavam dando razão ao livro de Padilla – contaram-me tudo (DÍAZ, 2007, p.3).

Manuel Díaz foi reconduzido ao corpo de jurados, que declarou o livro *Fora do jogo* vencedor do prêmio “Julián del Casal”, na categoria poesia. Os membros do júri redigiram um documento em que justificavam a premiação da obra:

Os membros do júri do gênero Poesía que atuamos no concurso UNE-AC de 1968, decidimos por unanimidade conceder o Premio “Julián del Casal” ao livro intitulado *Fuera del Juego*, de Heberto Padilla. [...] Padilla reconhece que, no centro dos conflitos a que a época o submete, o homem atual tem que situar-se, adotar uma atitude, firmar um compromisso ideológico e vital ao mesmo tempo, e *Fuera del Juego* posiciona-se do lado da Revolução, compromete-se com a Revolução e adota a atitude que é essencial ao poeta e ao revolucionário: a do inconformado, a do que aspira a mais porque seu desejo projeta-o além da realidade vigente. [...] A força e o que dá sentido revolucionário a este livro é, precisamente, o fato de não ser apologético, mas crítico, polêmico, e estar essencialmente vinculado à ideia da revolução como a única solução possível para os problemas que obsessam seu autor, que são os da época que nos coube viver (PARECER, 1968, p.1).

---

43 Militante do Movimento 26 de Julho, primeiro Ministro da Educação de Cuba, de 1959 a 1965, e, posteriormente, Ministro de Cultura de Cuba, nos anos de 1976 a 1997. Naquele momento ele era secretário do Partido Comunista.

Como podemos notar, Padilla não foi retratado pelo júri como um contrarrevolucionário e sim como um autor preocupado com os rumos da revolução cubana. Não há dúvida de que os estrangeiros, que foram a Cuba sem remuneração financeira para fazer parte do júri, eram favoráveis à revolução cubana e ao socialismo. Já os intelectuais cubanos não teriam sido convidados se houvesse quaisquer suspeitas contra eles. O que ocorreu foi que Padilla notou que naqueles anos ninguém criticava o governo revolucionário e ele se sentiu na obrigação de fazê-lo:

Parecia-me estranho que estes escritores não aludiram à história dramática que se estava vivendo em Cuba. Não houve um só poema que abordasse o que acontecia. Por isso com *Fuera del juego* não quis continuar com aquela tradição. Queria recolher a realidade excepcional que estava vivendo, e falo excepcional não por capricho, mas porque os acontecimentos que se estavam produzindo eram excepcionais. Eu experimentei o nascimento do degelo, o surgimento de uma crise e de uma crítica ao sistema socialista, e meu livro tentava abordar todos aqueles problemas. Quando o escrevi, achei-o necessário, acreditava nele (PADILLA, 1998, p.1).

Padilla escreveu essa passagem no exílio, nos Estados Unidos, durante as celebrações do trigésimo aniversário de *Fora do jogo* (LORENZO, 1998). O título do livro já era em si uma provocação, uma vez que nele Padilla responde diretamente a Fidel Castro. O poeta audaciosamente decide não participar da equação proposta pelo líder revolucionário aos intelectuais desde 1961 e propõe que os poetas – os de fato – estariam fora do jogo do *Comandante en Jefe de la Revolución*.

Como era de se esperar, a direção da revolução e alguns de seus órgãos, principalmente as Forças Armadas Revolucionárias, sentiram-se alvo das ironias do poeta e passaram a fazer uma campanha contra Padilla e o seu livro.<sup>44</sup> Em 1968, os debates entre os antigos membros do PSP cubano, simpatizantes da União Soviética, e os chamados guevaristas eram mais frequentes. A disputa se dava quanto ao modelo econômico a ser implantado. Até o final da década de 1960, como já foi dito, prevaleceram os estímulo-

---

44 Vários artigos e editoriais da revista *Verde Olivo* nos anos de 1967 e 1968 tentam cercar a liberdade de expressão em Cuba e tecem críticas a Padilla.

los morais defendidos por Ernesto Che Guevara. A partir de 1970 passou a prevalecer o modelo soviético, os estímulos materiais e uma proposta econômica menos voluntarista. Mas Padilla e o seu livro eram uma afronta aos dois polos e ao próprio Fidel Castro, que representava a unanimidade na ilha. Para colocar de forma mais evidente: os dois grupos disputavam politicamente dentro do partido comunista que eles tinham ajudado a erguer. Era uma disputa interna entre grupos estabelecidos pela nova hegemonia política. Padilla, por sua vez, saíra da disputa entre os estabelecidos e de forma iconoclasta colocava-se fora do jogo, o que levava à cólera os revolucionários cubanos e atingia diretamente o PCC e o governo cubano.

A UNEAC divulgou uma declaração na qual contestava o resultado do júri, mas não interveio na premiação e publicou *Fora do jogo*, embora com uma tiragem reduzida e sem direito a prefácio. O autor também jamais recebeu a viagem à União Soviética e os 1000,00 pesos correspondentes à premiação (DÍAZ, 2007). Desta forma, a instituição declarou-se democrática por não intervir na premiação, mas criticou asperamente o resultado e a escolha de *Fora do jogo*, de Heberto Padilla, na categoria poesia e *Os sete contra Tebas*, de Antón Arrufat, na categoria teatro. O documento da UNEAC condenou as duas obras e os seus respectivos autores, contudo o tratamento dado a Padilla e à sua obra foi mais severo. O documento da UNEAC tem cerca de sete laudas, das quais apenas meia página se referia à peça de Antón Arrufat e as demais, a Heberto Padilla:

Em cumprimento, pois, do anterior, o comitê diretor da UNEAC faz constar por este meio seu total desacordo com os prêmios concedidos às obras de poesia e teatro que, com seus autores, foram mencionadas no começo deste escrito. [...] No caso do livro de poesia, desde seu título: *Fora do jogo*, julgado dentro do contexto geral da obra, deixa explícita a autoexclusão de seu autor da vida cubana (DECLARAÇÃO, 1968, p.1-2).

Assim, nos termos desse documento, Padilla é apontado como um dissidente político. O poeta não mais foi aceito pela revolução por ter escrito poemas de conteúdo considerado contrarrevolucionário:

Nestes textos realiza-se uma defesa do individualismo frente às necessidades de uma sociedade que constrói o futuro e significa uma

resistência do homem em converter-se em combustível social. Quando Padilla diz que lhe arrancam os órgãos vitais e se exige dele que se ponha a andar, é a Revolução, exigente nos deveres coletivos que desmembra o indivíduo e lhe pede que funcione socialmente. Na realidade cubana de hoje, o impulso econômico que nos há de tirar do subdesenvolvimento exige sacrifícios pessoais e uma contribuição cotidiana de tarefas para a sociedade. Essa defesa do isolamento equivale a uma resistência a entregar-se aos objetivos comuns, além de ser uma defesa de superadas concepções da ideologia liberal burguesa (DECLARAÇÃO, 1968, p. 3).

O autor foi criticado por questionar o paradigma revolucionário, como o fez no poema mencionado pela Declaração da UNEAC:

EM TEMPOS DIFÍCEIS

A AQUELE HOMEM pediram seu tempo  
 para que o juntasse ao tempo da História.  
 Pediram-lhe as mãos,  
 porque para uma época difícil  
 não há nada melhor que um par de boas mãos.  
 Pediram-lhe os olhos  
 que uma vez tiveram lágrimas  
 para que contemplasse o lado claro  
 (especialmente o lado claro da vida)  
 porque para o horror basta um olho de assombro.  
 Pediram-lhe os lábios  
 ressecados e rachados para afirmar,  
 para erigir, com cada afirmação, um sonho  
 (o-alto-sonho);  
 pediram-lhe as pernas,  
 duras e nodosas,  
 (suas velhas pernas andarilhas)  
 porque em tempos difíceis  
 existe algo melhor que um par de pernas?  
 para a construção ou a trincheira?  
 Pediram-lhe o bosque que o nutriu de novo,  
 com sua árvore obediente.  
 Pediram-lhe o peito, o coração, os ombros.

Disseram-lhe  
 que isso era estritamente necessário.  
 Explicaram-lhe depois  
 que toda essa doação seria inútil  
 sem entregar a língua,  
 porque em tempos difíceis  
 nada é tão útil para deter o ódio ou a mentira.  
 E finalmente lhe rogaram  
 que, por favor, começasse a andar,  
 porque em tiempos difíceis esta é, sem dúvida, a prova decisiva (PADILLA, 1968, p.1).

O poema não deixa dúvidas de que o autor não se conformou com a falta de liberdade de expressão na ilha. Criticava o rumo tomado pela revolução, que exigia compromisso de todos e afirmava ainda que “toda essa doação seria inútil / sem entregar a língua”, o que, como podemos notar, o poeta definitivamente não estava disposto a fazer. Padilla, como já foi dito, vivera na União Soviética onde conheceu os limites do socialismo real, e seus poemas expressavam necessidade de impedir que idêntico processo ocorresse com a revolução cubana. Padilla era amigo e colaborador de Carlos Franqui, editor do *Revolución*, que rompeu com a revolução e se evadiu de Cuba naquele mesmo ano de 1968. Também era amigo de Guillermo Cabrera Infante, editor do *Lunes de la Revolución*, que se foi de Cuba em 1964, três anos após o fechamento do caderno de cultura publicado todas as segundas-feiras e do próprio *Revolución*. Enfim, Padilla estava abalado com a perseguição de que alguns de seus amigos haviam sido vítimas e decidiu desafiar o comando revolucionário com seus poemas.

Os poemas de Padilla foram interpretados diferentemente pela UNEAC e pelo júri que lhe concedeu o prêmio. A diferença entre o documento escrito pelo corpo de jurados do concurso e o da UNEAC era que o júri via as poesias de Padilla como crítica a um determinado momento da revolução cubana e da própria história contemporânea: a falta de liberdade de expressão. Por outro lado, a UNEAC e o governo cubano entenderam que os poemas de Padilla representavam um ataque à revolução e à sua nova ordem social. O documento da UNEAC torna-se cada vez mais explícito quanto ao comportamento subversivo de Heberto Padilla:

No entanto, para quem permanece à margem da sociedade, fora do jogo, Padilla reserva suas homenagens. Dentro da concepção geral deste livro, quem aceita a sociedade revolucionária é o conformista, o obediente. O desobediente, o que se abstém, é o visionário que assume uma atitude digna. Na consciência de Padilla, o revolucionário dança conforme a música e concorda incessantemente com tudo que lhe ordenam, é o acomodado, o conformado que fala dos milagres que acontecem. Padilla, por outro lado, vem a ser o velho temor orteguiano das “minorias seletas” a serem ultrapassadas por uma massa em crescente desenvolvimento. Isto, levado a suas naturais consequências, tem um nome na nomenclatura política: fascismo (DECLARAÇÃO, 1968, p.3-4).

A citação revela que o documento da UNEAC a cada parágrafo torna-se mais ofensivo a Padilla e ao seu livro. O texto chega a ser apaixonado, o que demonstra que o autor conseguiu ofender a muitos revolucionários cubanos, que posteriormente iniciariam uma campanha contra o poeta na ilha. Abaixo temos um pequeno trecho do poema de Padilla ao qual esta passagem do documento se refere:

Que de uma vez aprendam que só sinto amor  
pelo desobediente dos poemas sem ataduras  
Que estão entrando na grande marcha  
Onde caminha o que assina  
Como um bom rei, à frente (PADILLA, 1968, p.8).

Padilla afirmou ser impossível escrever poemas que não retratassem o que ele sentia, “sem ataduras”, uma referência aos artistas e intelectuais cubanos que se mantinham em silêncio, evitando críticas ao regime, sobretudo aos que passaram a tecer apologias à revolução e aos seus líderes. Padilla assinalou que estava surpreso pela persistência dos artistas e intelectuais cubanos no apoio irrestrito ao modelo proposto por Fidel Castro durante o primeiro congresso de intelectuais e artistas de 1961. No poema que dá título ao livro, Padilla aponta que os poetas (os verdadeiros) estariam fora do jogo imposto por Fidel Castro:

DESPEÇAM o poeta!  
Esse não tem aqui nada que fazer.

Não entra no jogo.  
 Não se entusiasma.  
 Não deixa clara sua mensagem.  
 Sequer presta atenção nos milagres.  
 Passa o dia intero cavilando.  
 Encontra sempre algo que objetar (PADILLA, 1968, p.15-16).

Nessa estrofe, Padilla faz alusão à falta de entusiasmo de seus poemas e ironiza o dever que tinham os poetas cubanos de serem otimistas e de sempre enxergarem os “milagres” da revolução. As obrigações impostas aos poetas impediriam a existência da própria poesia em Cuba, pois a poesia necessita de expressões e sentimentos que não podiam ser tolerados naqueles tempos na ilha. Como se percebe, a ironia do poema é uma crítica mordaz à máxima proferida no discurso “Palabras a los intelectuales” (1961) por Fidel Castro. A falta de euforia, o pessimismo, a rebeldia e a angústia que exalavam de cada uma das estrofes de seus poemas foram muito mal recebidos pelo dirigente do governo cubano, que entendia essas expressões como resquícios de sentimentos burgueses. Assim se expressou o próprio Fidel Castro em um de seus discursos:

**Dizemos: Não!** Ao desalento frente à adversidade, Não! Às dificuldades! Não! Ao pessimismo, Não! Ao temor, não! À hesitação, Não! Ao oportunismo, Não! Ao nacionalismo estreito e ao chauvinismo, não! Ao abuso de poder, não! À corrupção, não! Ao evanescimento, não! Ao endeusamento dos líderes, não! Ao ridículo culto da personalidade, não! À infalibilidade dos revolucionários. **E subemos dizer: Sim!** À solidariedade entre os homens, Sim! Ao marxismo-leninismo, sim! Ao anti-imperialismo consequente, sim! Ao internacionalismo proletário, sim! À necessidade de um partido de vanguarda, sim! À direção coletiva e às normas democráticas revolucionárias, sim! À autocrítica e ao reconhecimento e correção dos erros, sim! À modéstia, sim! À dedicação total e absoluta ao povo, sim! À admiração e respeito aos que com sua luta passada fizeram possível a pátria de hoje, sim! À gratidão eterna para os que se solidarizaram conosco e, com seu apoio desinteressado e nobre, ajudaram-nos a vencer as agressões do imperialismo! (CASTRO, 1991, p. 134 - 135).<sup>45</sup>

45 Este discurso foi proferido no XXV Aniversário do Assalto ao Quartel Moncada em 1953 e publicado no livro *Fuentes de la cultura latinoamericana*, organizado por Leopoldo Zea em 1993.



O discurso de Fidel Castro declara que certos comportamentos e certos estímulos não seriam mais tolerados em Cuba. Dentre esses, sem dúvida, inclui-se um poema de Padilla intitulado ironicamente “Instruções para Ingressar em uma Nova Sociedade”, que contrastava com o teor do discurso citado:

PRIMEIRO: OTIMISTA.

Segundo: elegante, comedido, obediente.

(Ter passado em todas as provas esportivas).

E finalmente andar

como faz cada membro:

um passo à frente, e

dois ou três atrás:

Mas sempre aplaudindo (PADILLA, 1968, p.25).

Com um humor sarcástico, Heberto Padilla proclama neste poema a desobediência a algumas condutas propostas por Fidel Castro. Ou seja, o seu livro contesta o futuro sugerido pelos líderes da revolução cubana. Os poemas incitam principalmente a juventude cubana a refletir sobre o projeto revolucionário cubano do “homem novo”:

Quando os últimos disparos

Ressoavam no turvo canal,

e através dos vidros partidos

começava a se apagar a fumaça negra;

olhamos, desejosos,

sem sequer perceber

que junto à caserna abandonada,

sob os parapeitos corroídos

pelo sangue e pela chuva,

eles haviam crescido

(seus olhos, suas mãos e seus cabelos)

E saíam gritando rumo ao jardim deserto;

“A vida é este sonho! A vida é este sonho!”

Mas a vida era este sonho?

Falando sério, que pensavas, meu velho

Calderón de la Barca, que a vida é um sonho? (PADILLA, 1968, p.33-34)

O poema citado se intitula “O homem novo”. Nele Padilla sugere que a primeira geração cubana após a revolução havia crescido e o homem novo era apenas mais um sonho que não vingou. Padilla e, sobretudo seu livro *Fora do jogo*, tornaram-se uma referência para a juventude cubana, ou melhor, para uma parcela dela, que passou a ver Padilla como o herói do descontentamento. Isto levou o governo a sentir-se ameaçado pela popularidade de Padilla e decidir punir o poeta:

Padilla era então o ‘herói’ de toda nossa geração. Havia escrito em 1968 “Fuera del juego”, apresentado ao concurso da UNEAC e havia ganho o prêmio por unanimidade do júri. O livro havia sido publicado com uma nota de protesto da UNEAC, onde era tachado de contrarrevolucionário e antissoviético. Mas havia sido um triunfo; embora o livro tivesse sido publicado, quase ninguém o havia adquirido porque os exemplares de sua reduzida tiragem tinham sido retirados, quase em sua maioria, da venda. Evidentemente ninguém ali tinha um gravador. E os jovens copiavam os poemas taquígraficamente, talvez com essa intuição que lhes fazia ver que aquele livro nunca ia ser publicado, pelo menos não em Cuba (ARENAS, 1992, p.152).

Aqui, o escritor Reinaldo Arenas aponta que, em 1968, ano do lançamento do livro, já havia um desencanto com os caminhos da revolução, pelo menos de uma parcela da juventude havaneira. Padilla já não era tão jovem, tinha 35 anos quando escreveu *Fora do jogo* em 1967, mas o seu livro o era e, quando Reinaldo Arenas afirma que Padilla foi o herói de sua geração, ele se refere especificamente aos jovens com quem convivia, que apreciavam arte e literatura e que evidentemente não eram maioria em Havana e muito menos em Cuba. Contudo pode-se perceber que os anos de “consenso” já haviam ficado para trás.

É interessante assinalar que Reinaldo Arenas foi um dos principais formuladores da Geração Mariel e Heberto Padilla, como se vê, foi por ele apontado como um herói para essa geração, era o poeta que, com seus versos, ousava desafiar a nova ordem estabelecida. A Geração Mariel foi constituída de uma pequena parcela da juventude havaneira – artistas e escritores – que não conseguiu adaptar-se aos pressupostos ideológicos do homem novo cubano, seja por questões estéticas, políticas, morais e até sexuais, como é o caso da homossexualidade de grande parte de seus componentes.

O livro *Fora do jogo* teve papel decisivo em um determinado momento histórico da revolução cubana. Seus poemas proclamavam o que era, então, considerado pelas autoridades como contrarrevolucionário, individualista e mesmo contraventor. O homem novo e a nova sociedade que estava em curso não aceitaram o escárnio de suas críticas mordazes. Padilla passou a ser encarado pelo comando revolucionário como um escritor que poderia contaminar a geração de jovens cubanos à qual estava destinado o futuro da revolução. O temor do governo revolucionário era que o livro se tornasse um pavio reformista que seria aproveitado pelos inimigos da revolução. O governo, então, decidiu agir.

Inicialmente, Heberto Padilla passou pela exclusão social ao ser afastado da Universidade de Havana, na qual era professor de Literatura, e de qualquer papel relevante no cenário cultural cubano, o que não garantiu que *Fora do jogo* e seu nome fossem apagados; pois, como se viu na citação de Reinaldo Arenas (1992), o conteúdo dos poemas e a difusão do nome de seu autor atormentavam as autoridades cubanas. Até que, em 20 de março de 1971, Padilla foi preso juntamente com sua esposa, a poetisa e escritora Belkis Cuza Malé. Ambos foram acusados pelo *Departamento de Seguridad del Estado* de atividades subversivas contra a revolução cubana. Belkis Cuza Malé foi solta após dois dias. Heberto Padilla ficou incomunicável por mais de um mês (DÍAZ, 2007).

A prisão de Heberto Padilla repercutiu internacionalmente e dividiu a opinião dos representantes estrangeiros da Casa de las Américas, pois a maioria dos seus intelectuais e artistas não aceitou o encarceramento do poeta e ameaçou romper relações com a instituição e com o governo cubano se ele não fosse libertado imediatamente. No dia 19 de abril de 1971 um grupo de intelectuais de esquerda europeus e latino-americanos publicou uma carta aberta a Fidel Castro na qual expressava sua preocupação com a prisão de Heberto Padilla e o uso da repressão contra escritores e artistas que não podiam exercer o direito à crítica e à liberdade de expressão. Entre os escritores que assinaram a carta estavam: Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Octavio Paz, Mario Vargas Llosa dentre outros. A maioria desses intelectuais era conhecida como amigos de Cuba que colaboravam na divulgação e legitimação da revolução cubana, criticavam o bloqueio econômico norte-americano, visitavam a ilha e participavam da Casa de las Américas. Após o “caso Padilla”, muitos se

tornaram adversários de Fidel Castro, enquanto outros se reconciliaram com a revolução. Contudo, a situação de apoio quase irrestrito da esquerda européia e latino-americana nunca mais foi recuperada.

A intelectualidade cubana não acompanhou os colegas estrangeiros e continuou a prestar o seu apoio à revolução, embora, evidentemente, a tensão se fizesse notar em todos os ambientes acadêmicos, artísticos e culturais. No início de abril de 1971, as autoridades cubanas divulgaram uma carta de Padilla dirigida ao governo revolucionário, na qual ele assumia os seus desvios político-ideológicos e pedia para ser novamente incorporado à revolução. A carta foi muito mal recebida no exterior. Assim, no dia 25 de abril, após de 35 dias em cárcere incomunicável, Heberto Padilla é finalmente posto em liberdade.

A cúpula do governo cubano, ao notar a insatisfação internacional e temerosa de um contágio interno das manifestações de repúdio, preparou uma cerimônia na União dos Escritores e Artistas de Cuba na qual anunciava a presença de Heberto Padilla. No dia marcado, perante um auditório repleto, o poeta adentrou o recinto e fez uma autocrítica pública por ter escrito o livro *Fora do jogo* (1968) e por sua indisciplina e ingratidão com a revolução.

A autocrítica de Padilla foi muito mal interpretada fora de Cuba por tratar-se de um ato comum na União Soviética, principalmente no período de Stalin, que objetivava, em tese, a recuperação de um determinado indivíduo pela sociedade e pelo partido. Contudo, esse procedimento na prática visava à humilhação e autocondenação pública dos que a ele foram submetidos. Em 20 de maio do mesmo ano, oitenta escritores, cineastas e artistas europeus e latino-americanos escreveram uma segunda carta a Fidel Castro. Nela declaravam que a confissão de Heberto Padilla só poderia ter sido conseguida por meio de tortura e que essa atitude era comparada ao período stalinista e seu dogmatismo repressivo. A carta foi publicada no *Le Monde*, um tradicional jornal francês muito apreciado pela intelectualidade latino-americana da época. Vejamos um trecho da carta: “Cremos ser nosso dever comunicar-lhe nossa vergonha e nossa cólera. O lamentável texto da confissão que Heberto Padilla assinou só pode ter sido obtido por meio de métodos que são a negação da legalidade e da justiça revolucionárias” (CASAL, 1971, p.123).

Alguns autores presentes creditaram a Padilla essa repercussão: talvez ele tivesse feito intencionalmente uma confissão pouco convincente,

repetindo de cor frases desconcertantes (V. MONSIVÁIS, 2000). A chamada *autoinculpación de Padilla* foi publicada pela *Casa de las Américas*, e a leitura do relato permite pensar que era inacreditável alguém em seu próprio juízo fazer semelhantes declarações:

São inacreditáveis os diálogos que eu tive com os companheiros com quem tenho discutido. Discutido o quê! Essa não é la palavra. Com quem tenho conversado. Quem nem sequer me interrogaram, porque essa foi uma longa e inteligente e brilhante e fabulosa forma de persuasão inteligente, política comigo. Fizeram-me ver claramente um de meus erros. E, assim, eu vi que a Segurança não era o organismo fêrreo, o organismo fechado que minha febril imaginação muitas vezes, muitíssimas vezes imaginou, e muitíssimas vezes inflamou, mas um grupo de companheiros esforçadíssimos, que trabalham dia e noite para assegurar momentos como este, para assegurar generosidades como esta, compreensões injustificáveis quase como estas: que se dê a um homem que, como eu, fiquei contra a revolução, a oportunidade de retificar radicalmente sua vida, como eu quero retificar (*Intervención en la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, Casa de las Américas, Año XI, n. 65-66, mar-jun. 1971, p. 202*).

Apesar de toda a comunidade artística e intelectual ter compreendido a farsa, não houve nenhuma manifestação pública em Cuba. A maioria dos intelectuais e artistas seguiu com seu apoio à revolução e aos seus líderes. Manuel Díaz relata que Padilla, logo que saiu da prisão, pediu que ele o visitasse em sua casa e o avisou do que iria ocorrer:

Disse-me que essa noite ia celebrar-se um ato na UNEAC e que nele faria uma autocrítica – que era uma memorizada ampliação da carta – e na ocasião a Seguridad de Estado me daria como a outros escritores que ele iria mencionar (Belkis Cuza Malé, Pablo Armando Fernández, César López, José Yánez, Norberto Fuentes, Virgilio Piñera e Lezama), a oportunidade de “reafirmar-me” como revolucionário, reconhecendo em público meus “erros”. Entendi que nos era pedido um sacrifício político para exonerar a revolução das acusações que lhe choviam do exterior precisamente pelo caso Padilla (DÍAZ, s/d. p.10).

Manuel Díaz relembra a noite em que todos foram convocados para uma solenidade promovida pela UNEAC, que, segundo ele, foi uma das piores de sua vida:

Não esqueço os gestos de estupor – enquanto Padilla falava – de quem estava sentado perto de mim, e muito menos a sombra de terror que apareceu nos rostos daqueles intelectuais cubanos, jovens e velhos, quando Padilla começou a citar nomes de amigos seus – a maioria de nós estava de *corpore insepulto* – que ele apresentava como virtuais inimigos da revolução. Eu havia sentado justamente atrás de Roberto Branly. Quando Heberto me nomeou, Branly, meu nobre amigo Branly, virou-se convulsivamente para mim e lançou um olhar apavorado como se me levassem à força (DÍAZ, s/d, p.11).

O relato de Manuel Díaz é o melhor que encontramos entre inúmeros lidos. Ele estava envolvido no caso Padilla desde o momento em que fez parte do júri que lhe concedera o prêmio “Julián del Casal” em 1968, e sua situação complicou-se por ter sido um dos que naquela noite em 1971 foi denunciado por Padilla. Segundo Manuel Díaz:

Os presentes que, em cumprimento do ordenado pela Seguridade, fomos nomeados por Padilla, passamos ao microfone assim que ele terminou. Quando chegou minha vez, eu continuava sem saber o que dizer. Mas falei. O que disse está publicado. Em meio de minha difícil improvisação, logo me vi culpando a dirigência política de tudo aquilo por não haver mantido um diálogo constante com os intelectuais, diálogo no qual, segundo eu pensava, poderiam haver-se resolvido sem traumas todos os conflitos Ingenuidade? Muita (DÍAZ, s/d, p.11).

A emoção de Manuel Diaz ao relembra a confissão de Padilla deixa transparecer outra sequela desse episódio. Muitos intelectuais que foram acusados por Padilla ou que assistiram ao evento de sua autocrítica jamais puderam perdoá-lo. Após essa noite, Heberto Padilla saiu da vida intelectual de Cuba. O poeta que fora considerado o herói de uma parte da juventude cubana passou a conviver com o fantasma da noite em que se acusou e acusou seus amigos e estava, agora sim, definitivamente *Fora do jogo* na ilha:

Quando chegamos à esquina da rua 20 com a Quinta Avenida de Miramar, junto a uma das grandes árvores que ali cresciam, vi Heberto Padilla que vinha caminhando pela calçada; branco, gorducho e desolado, era a imagem da destruição. Também ele tinha conseguido “reabilitar”; agora passeava por entre aquelas árvores como um fantasma (ARENAS, 1992, p.241).

Padilla, em seu auge como poeta, gostava de narrar o cotidiano e o seu tempo. Ele não podia escrever de outro modo. Era um provocador. Nos primeiros anos da revolução havia escrito o livro de poemas *O justo tempo humano*, publicado em 1962, no qual descrevia a força e o seu entusiasmo em relação a ela, sendo esse livro considerado por muitos o canto da revolução cubana de 1959. Padilla acreditava que *Fora do jogo* poderia ser uma espécie de autocrítica consciente dos descaminhos da revolução. O escritor espanhol e amigo de Heberto Padilla, José de la Colina, em um texto em homenagem ao amigo, declarou:

Assim, o cantor da Revolução no *El justo tiempo humano* transformava-se agora em símbolo da dissidência, representava uma perversa involução na Revolução e, de tanto beber, cada vez agia com mais desfaçatez, dizendo o que pensava em qualquer parte, em qualquer momento e até com exibicionismo humorístico (LA COLINA, 2000, p.91).

Padilla, de fato, não estava preparado para transformar-se no pivô do “caso Padilla” e caiu no ostracismo dos que são considerados perigosos. Ele não mais publicou até sair de Cuba, em 1980, após uma verdadeira batalha diplomática em que se envolveram o escritor e amigo Mario Vargas Llosa a também a escritora e amiga Susan Sontag, o senador estadunidense Ted Kennedy, dentre outros. Padilla morreu em 2000, no Alabama, nos Estados Unidos da América, sem ter conseguido adaptar-se ao exílio e sem poder visitar a ilha, que nunca afastara dos seus pensamentos, após várias negativas do governo cubano de permitir que ele visitasse amigos e familiares em Cuba.<sup>46</sup>

---

46 Essas informações foram retiradas do texto *El escritor y el exilio* que foi entregue por Heberto Padilla a Andrea O'Relly Herrera em julho de 1999 e posteriormente publicada pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana* no ano de 2000/2001 numa homenagem feita ao autor.

A partir de 1971, a ilha que fora a vanguarda intelectual e artística da América Latina encerrou-se em seus próprios muros. Contudo, muitos intelectuais e artistas estrangeiros ainda se consideravam amigos de Cuba e mantiveram o seu apoio à revolução cubana, mas tomando certa distância da política interna cubana e sem o entusiasmo de outrora. Por outro lado, não foram poucos os intelectuais estrangeiros de esquerda que romperam definitivamente com a revolução cubana, em defesa dos direitos humanos e da liberdade de expressão, passando a fazer duras críticas ao regime de Cuba. O caso Padilla é considerado um grande divisor temporal. Depois dele a ilha socialista deixou de ser tida como o paraíso da intelectualidade, da chamada esquerda ocidental, que a tinha visto como a alternativa para a implantação do socialismo na América Latina, e passou a ser alvo de acalorados debates entre os que continuam a defender a ilha como opção para o socialismo no continente e dos que a acusavam de ter-se tornado mais um regime totalitário. Já na ilha, a euforia dos primeiros anos passou e, embora a maioria dos intelectuais e artistas cubanos mantivessem o seu apoio à revolução, o “caso Padilla” deixou marcas indeléveis.

Para analisar o “caso Padilla”, levamos em conta a posição de Edward Said em *Representações do intelectual* (2005): o intelectual deve estar sempre à margem do poder e deve atuar como um exilado, um marginal e um amador. Além do mais, Said ressalta que o intelectual deve expressar o que pensa a respeito do poder e dos governos:

A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete (SAID, 2005, p.25-26).

O intelectual deve ser necessariamente independente do poder e dos governos, pois só assim pode enfrentar os seus eventuais equívocos. Para



Said, o intelectual deve ser um perturbador, uma voz autocrítica das sociedades que deveriam compreender sua missão de contestar. Padilla, com efeito, tinha as mesmas representações da atividade intelectual proposta por Said e tornou-se, como revelam os seus poemas, um grande agitador cultural em seu tempo. Padilla desafiou os dogmas da nova sociedade cubana e manifestou-se contra o que ele não podia aceitar. Fidel Castro e a direção do governo cubano não toleraram essas manifestações e agiram como se estivessem diante de um feroz inimigo, ou seja, com a máxima energia. As representações e caracterizações da atividade intelectual, como vimos nos discursos do próprio Fidel Castro, são opostas às de Said e Padilla. Durante muitas décadas qualquer crítica, por menor que fosse, a determinada conduta imprópria do governo cubano, era censurada conforme a premissa de que os intelectuais, os artistas e toda a sociedade cubana deveriam preocupar-se unicamente em consolidar a revolução, deixando de lado questões menores, como a liberdade de expressão, por exemplo.

O caso Padilla tornou-se uma espécie de fratura exposta da revolução cubana. O poeta não tinha clareza do impacto que seu livro causaria em sua vida pessoal, definitivamente transformada pelas repercussões de seus poemas. Na noite em que Heberto Padilla, ao invés em vez de declamar seus poemas como de costume, declarou-se culpado e acusou alguns amigos de conspirar contra a revolução, ele modificou dramaticamente a sua vida. Perdeu amigos. Manchou a sua reputação. A partir daquela noite, Padilla nunca mais foi visto nem como o poeta revolucionário de *O justo tempo humano*, tampouco como o poeta dissidente de *Fora do jogo*. Em Cuba, quase todos romperam com ele, uns por prudência, já que Padilla era *persona non grata*, outros por mágoa por terem sido expostos durante a sua autocrítica, outros tantos pela decepção por sua fraqueza diante da adversidade. Enfim, a autocrítica de Padilla levou-o a ser considerado como covarde e delator, sobretudo pelos que tinham chegado a vê-lo como herói. De fato, os heróis morrem em nome do amanhã, enquanto os poetas se agarram à vida e ao seu presente. Padilla nunca foi um herói. Nasceu e morreu poeta:

#### OS HERÓIS

sempre estão sendo esperados,  
porque são clandestinos  
e transtornam o ordem das coisas.

Aparecem um dia  
 Fatigados e roucos  
 Nos tanques de guerra,  
 Cobertos pela poeira do caminho,  
 fazendo barulho com as botas.  
 Os heróis não dialogam,  
 Mas planejam com emoção  
 a vida fascinante de amanhã.  
 Os heróis nos dirigem  
 e nos põem diante da assombro do mundo.  
 Outorgam-nos inclusive  
 sua parte de Imortais.  
 Batalham  
 Com nossa solidão  
 E nossos vitupérios.  
 Modificam a seu modo o terror.  
 E ao final nos impõem  
 a furiosa esperança (PADILLA, 1968, p.7).

Após quarenta anos da sua publicação, *Fora do jogo* resiste ao tempo. Padilla infelizmente não mais. Vencido pelo álcool e pelo desterro, o coração do poeta sucumbiu. Na ilha, após tanto anos de desprezo e censura, recrudescer o apoio aos poemas de Padilla. Eis que o refluxo se inicia: Heberto Padilla não é mais considerado um contrarrevolucionário, mas sim, um poeta que foi vítima da conjuntura, que não compreendeu<sup>47</sup> seu tempo nem foi por ele compreendido. A culpa teria sido do *Quinquenio gris*, do Pavonato, da influência nefasta da sovietaização que o bloqueio estadunidense impôs à revolução. Os homens constroem a história e as suas justificativas através do tempo. A questão central é que Padilla foi fiel à sua missão intelectual e, como propõe Said (2005), teve capacidade de articular uma mensagem, um ponto de vista, uma representação que existia, mas que era silenciada pela prudência. Com efeito, o poeta teve a ousadia de declamar um sentimento proibido e desafiou tudo para justificá-lo, pagando muito dolorosamente por isso. A obra *Fora do jogo*, de Heberto Padilla, fixou-se como representação do desencanto de uma minoria perante a revolução cubana no final da década de 1960 e início dos anos de 1970.

47 O debate atual sobre o caso Padilla foi retomado nas discussões sobre o Quinquênio Gris.

## O MODELO SOVIÉTICO E O CONGRESSO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE 1971

O ano de 1971 é considerado o início do que atualmente se define – em Cuba – como o “Quinquênio Gris”.<sup>48</sup> Esse período corresponde a cinco anos, de 1971 a 1976, demarcado pelo aumento da tensão entre o governo e a intelectualidade cubana. O “Quinquenio Gris” também corresponde à gestão de Luis Pavón Tamayo na direção do Conselho Nacional de Cultura (CNC). Pavón foi considerado o principal executor da política de censura durante esses anos, o que leva alguns autores a definir o período como Pavonato. Em Cuba, iniciou-se em janeiro de 2007 um debate entre os intelectuais sobre a gestão de Pavón, e o debate abriu-se a algumas críticas dos anos de consolidação do modelo soviético e de repressão à intelectualidade cubana.<sup>49</sup> Mas, conforme se viu, já em 1961 Fidel Castro, no discurso “Palavras aos intelectuais”, silenciara as vozes discordantes com a premissa da necessidade de uma unidade nacional. Dessa forma, desde seu início, a revolução cubana não tolerava a livre expressão artística e intelectual na ilha. Mas o “Quinquênio Gris” significou o ápice dos atritos entre os intelectuais e artistas e o governo revolucionário cubano. No entanto, a relação esteve tensa desde a primeira reunião entre as partes em razão da censura ao documentário *PM*, ainda em 1961.

O “Quinquênio Gris”, ou “Pavonato”, não pode ser encarado como uma mudança paradigmática da relação entre a revolução e os artistas e intelectuais cubanos, e sim como um aumento na sua tonalidade. Padilla, por exemplo, era perseguido na ilha desde 1967. A revista *Verde Olivo* das forças armadas, que naqueles anos defendia as teses que foram definidas posteriormente como “guevarismo”, fez uma verdadeira campanha contra o poeta em 1968, quando *Fora do jogo* ainda não havia recebido o prêmio da UNEAC e sequer sido publicado em sua íntegra.<sup>50</sup> De fato o acirramento da

---

48 Ambrosio Fornet foi quem criou tal expressão, para diferenciar esse período dos anos anteriores que se caracterizariam por seu colorido e dinâmica interna (FORNET, 2007, p. 4).

49 Ver o Dossiê desse debate, que mobilizou a intelectualidade cubana dentro e fora da ilha, no endereço eletrônico <http://www.cubanalisis.com/DOSSIERS/QUINQUENIO%20GRIS/TEMPLATE%20-%20QUINQUENIO%20GRIS.htm>

50 Ver na revista *Verde Olivo*, 11 de novembro de 1968, o editorial “Información Política de la FAR”, p. 10-11; e nesse mesmo número o artigo de Leopoldo Ávila intitulado “Las provocaciones de Padilla”, p. 17-18.

posição do governo cubano a partir de 1971 esteve relacionado à mudança de postura com respeito à União Soviética. A aproximação, por sua vez, foi desencadeada pela crise econômica que se abateu sobre a ilha após o fracasso da planejada supersafra açucareira de 1970 e da consequente queda de satisfação popular em relação à própria revolução cubana, devido às dificuldades econômicas inegáveis pelas quais o país passava:

Nossos inimigos dizem que temos dificuldades, e nisso têm razão nossos inimigos. Dizem que temos problemas, e em realidade têm razão nossos inimigos. Dizem que há descontentamento, e em realidade têm razão nossos inimigos. Dizem que há irritações, e em realidade têm razão nossos inimigos (CASTRO, *apud* PÉREZ-STABLE, 1993, p. 207).

No discurso do XXVII aniversário do assalto ao quartel Moncada, Fidel Castro admite a crise econômica e reconhece que ela havia se transformado em descontentamento popular, o que não era comum nos notórios pronunciamentos otimistas do líder cubano. Desse modo, fica explícito no discurso que havia uma crise sem precedentes no país, e que ela teria que ser enfrentada, mudanças urgentes deviam ser tomadas. Em 30 de agosto de 1970, Fidel Castro proclamava: “A revolução está entrando agora em uma nova fase; uma fase muito mais séria, madura e profunda” (CASTRO, 1970, p.4).

A crise econômica levou o grupo dirigente do regime à decisão de aderir definitivamente ao bloco soviético. Não havia, portanto, mais espaço para a aventura de um projeto de socialismo à cubana. O pragmatismo de Fidel Castro o fez perceber que para sustentar a revolução cubana era necessário pôr um fim à crise econômica, e a única saída imediata era o apoio econômico da União Soviética. Após anos de tentativa de diferenciar o socialismo cubano, a ilha capitula e passa a ser mais um satélite da União Soviética durante a guerra fria. A União Soviética, por seu lado, exige, em troca de seu apoio econômico, que Cuba passe a fazer propaganda do modelo socialista como única alternativa possível contra o capitalismo e o imperialismo dos Estados Unidos da América:

A via para o comunismo não é um problema de consciência somente. Tem que ver também com o desenvolvimento das forças de produção. Não podemos cair no idealismo de pensar que [...] a consciência se desenvolveu e que temos a base material necessária [...]

Este não é realmente o caso [...] nossa consciência tem um longo caminho a percorrer em matéria de desenvolvimento [...] Devemos compreender que nos encontramos numa etapa de transição [...] que não podemos atuar como se já estivéssemos no comunismo [...] Se na busca do comunismo formos idealisticamente além do que é possível, teremos que retroceder cedo ou tarde (CASTRO *apud* MESA-LAGO, 1979, p.57).

Como podemos perceber, Fidel Castro reconhece publicamente que a política de defesa dos incentivos morais, acerca dos quais ele mesmo afirmara serem mais importantes do que o ouro e que foi predominante na ilha até 1970, era uma política idealista, bem como a tese cubana: Socialismo e Comunismo, um processo único. A partir desse momento, a predominância dos interesses econômicos e a teoria do desenvolvimento por etapas, que Fidel Castro havia questionado, passam a ser reconhecidos como a única saída possível para enfrentar a crise. Em poucos meses a política em defesa de um socialismo latino-americano e tricontinental passa a ser completamente desconsiderada. Fidel Castro torna-se um ferrenho defensor da União Soviética como a única variante na guerra fria:

Em setembro de 1973, Castro assistiu à Conferência dos Países não Alinhados na Argélia. [...] Em seu discurso [...] rejeitou a teoria de “dois imperialismos” (os Estados Unidos e a URSS), estimulada por teóricos do mundo capitalista e tendo por eco os dirigentes dos países não-alinhados os quais, por conseguinte, haviam “traído a causa do internacionalismo a partir de posições supostamente revolucionárias”. Ele lembrou à plateia os “gloriosos, heroicos e extraordinários serviços prestados pela URSS”, e rotulou como contrarrevolucionária qualquer crítica contra ela: “inventar um falso inimigo [a URSS] só pode ter uma finalidade, fugir ao inimigo real [os Estados Unidos]. Este discurso produziu uma quebra na conferência, provocou uma interrupção irada do príncipe de Camboya, Norodon Sihanouk, e um forte ataque do presidente da Líbia, Muammar el-Qaddafi, que disse: “Somos contra a presença de Cuba nesta conferência de Países não Alinhados. Não há diferença alguma entre Cuba e qualquer país da Europa Oriental, como não há entre o Uzbequistão e a União Soviética (MESA-LAGO, 1979, p. 51-52).

O discurso de Fidel Castro em 1973 é de alinhamento político total, e a crítica de Muammar el-Qaddafi demonstrou que a nova posição da política cubana se tornara mera propaganda soviética para o Terceiro-Mundo. O governo cubano passou a criticar também a política chinesa e colocou-se contra qualquer crítica à hegemonia socialista soviética e contra o surgimento de uma possível variante na guerra fria. Em pouco tempo, a ilha que tinha a pretensão de se tornar uma alternativa política para os países considerados subdesenvolvidos do terceiro mundo se transformou num novo tentáculo da política externa de Moscou.

O recente debate no exílio e principalmente em Cuba sobre o “Quinquênio Gris” é uma tentativa de autocritica acerca desse período e faz parecer que os atritos entre artistas e intelectuais cubanos só se desgastaram a partir da aproximação da ilha com a União Soviética. A culpa seria do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos da América e da guerra fria que teria impedido outra saída por parte do governo cubano que não fosse submeter-se aos interesses soviéticos para a sobrevivência da revolução em meio à espessa conjuntura. Isto parece um *mea-culpa* próximo aos discursos de Fidel Castro acerca do idealismo dos primeiros anos da revolução cubana, recriminados por ele próprio nos anos de 1970 a 1989.

Após a queda do bloco soviético e com a falta de suporte econômico não havia mais razão para se defender o modelo soviético que, ao ruir, não tinha mais nada a oferecer a Cuba. O recrudescimento da alternativa cubana de socialismo, os seminários internacionais em defesa dos ideais de Ernesto Che Guevara e a realização de eventos em várias partes do mundo em solidariedade à ilha e à sua revolução eram parte de uma estratégia política para enfrentar a crise econômica causada pelo fim do apoio econômico soviético. A reconstrução historiográfica feita nos anos de 1990 em Cuba está prestes a ser novamente reinventada com a nova abertura político-econômica proposta por Raúl Castro, recentemente eleito Primeiro-Ministro cubano em substituição ao seu irmão mais velho gravemente enfermo. A autocritica, de fato, foi um mecanismo praticado pela direção revolucionária desde 1970, quando a revolução aderiu ao bloco liderado pela União Soviética.

Em maio de 1971, com Padilla preso e com a carta dirigida a Fidel Castro publicada no *Le Monde*, realizou-se em Havana o *Primer Congreso de Educación y Cultura*. O congresso era voltado apenas à educação, e a inclusão da cultura na pauta tinha, antes de tudo, a intenção do governo

cubano de responder às críticas internacionais de antigos colaboradores que haviam rompido suas relações com a revolução cubana desde a prisão de Heberto Padilla. Fidel Castro fez o discurso de encerramento do congresso, no qual deixou transparecer a tensão que se manifestava em Cuba:

Mas tem de haver um critério preciso sobre as prioridades de nosso Instituto do Livro. E esse critério pode resumir-se com estas palavras: nos livros que se imprimem no Instituto do Livro, a primeira prioridade deve ser dos livros para a educação (APLAUSOS), a segunda prioridade deve ser dos livros para a educação (APLAUSOS). E a terceira prioridade deve ser dos livros para a educação! (APLAUSOS). Isso está mais que claro. Às vezes imprimiram-se determinados livros. O número não importa. Por uma questão de princípio, existem alguns livros dos quais não se deve publicar nem um exemplar, nem um capítulo, nem uma página, nem uma letra! (APLAUSOS). Claro está que temos que levar em conta a aprendizagem, a nossa aprendizagem. Claro está que no transcurso destes anos fomos cada dia conhecendo melhor o mundo e seus personagens. Alguns desses personagens foram retratados aqui com nítidas e nobres cores. Como aqueles que até trataram de apresentar-se como simpatizantes da Revolução, entre os quais havia cada “pájaro de cuentas!”<sup>51</sup> (CASTRO, 1971, 6-7).

No discurso podemos perceber a diferença com relação à forma paternalista e conselheira do discurso “Palavras aos intelectuais”, feito por Fidel Castro em 1961. Uma década depois daquele último encontro entre o líder da revolução com intelectuais e artistas cubanos, o tom é desafiador, além de defender abertamente a censura a alguns autores estrangeiros que antes haviam colaborado com a revolução. Contudo, a diferença está na tonalidade, e não no conteúdo. Em 1961, Fidel Castro também defendeu a censura. Não há, portanto, uma mudança quanto às diretrizes do governo cubano, porém uma nova forma de advertência, ou seja, Fidel Castro e o governo sentiram a necessidade de interromper definitivamente as críticas ao regime, fossem elas internas ou externas. Era o fim das boas relações entre Cuba e a intelectualidade da ampla esquerda ocidental. Não em virtude da sovietação da revolução (que de fato acontecia) ou ao “Pavonato”,

---

51 Pájaro de cuentas: Expressão popular que se diz da pessoa que tem cometido algum delito ou pode chegar a cometê-lo, especificamente, roubo.

e sim do desgaste das relações entre o regime revolucionário cubano e os intelectuais e artistas estrangeiros que, depois da prisão de Heberto Padilla, passaram a criticar abertamente as posições do governo cubano. É o que podemos notar no discurso de Fidel Castro:

Estão em guerra contra nós. Que bom! Que magnífico! Vão desmascarar-se e vão ficar nus até os tornozelos. [...] Alguns deles são latino-americanos sem vergonha que, em vez de estarem ali na trincheira de combate (APLAUSOS), vivem nos salões da burguesia, a 10000 milhas dos problemas, usufruindo um pouquinho da fama que ganharam quando numa primeira fase foram capazes de expressar alguns dos problemas latino-americanos. Mas o que é com Cuba, não poderão voltar a utilizar jamais!, Nem sequer para defendê-la. Quando forem defender-nos vamos dizer-lhes: ‘Não nos defendam, compadres, por favor, não nos defendam! (APLAUSOS). “Não nos convém que nos defendam!”’, lhes diremos. E, sem dúvida, como se decidiu pelo congresso, concursinhos aqui para virem fazer o papel de jurados? Não! Para fazer o papel de jurados precisam ser aqui revolucionários de verdade! (APLAUSOS), e para voltar a receber um prêmio, em concurso nacional ou internacional, tem que ser revolucionários de verdade, escritor de verdade, poeta de verdade (APLAUSOS), revolucionários de verdade. Isso está claro (CASTRO, 1971, p.8-9).

Com efeito, Fidel Castro referia-se evidentemente ao “caso Padilla”. Cuba já não era mais a ilha de unanimidade de esquerda. Mesmo os intelectuais e artistas estrangeiros que ainda apoiavam a revolução, faziam-no sem o entusiasmo de outrora. Internamente, as poucas vozes dissonantes da posição do governo eram rigidamente silenciadas por meio de medidas autoritárias, como a demissão sumária de alguns professores das principais universidades do país e a perseguição aos intelectuais que insistiam em combater algumas práticas do governo. Um número cada vez maior de intelectuais e artistas eram enviados às granjas do estado, que haviam substituído as UMAPs fechadas em 1968 (FRANQUI, 1981), por alegados desvios morais e ideológicos. No *Congreso de Educación y Cultura* de 1971 restringiu-se oficialmente o trabalho dos homossexuais na educação e nas artes do país:



No tratamento do aspecto do homossexualismo a Comissão chegou à conclusão de que não é tolerável que por meio da “qualidade artística” reconhecidos homossexuais ganhem influência que incida na formação de nossa juventude. Que, como consequência do anterior, precisa-se de uma análise para determinar como deve abordar-se a presença de homossexuais em distintos organismos da frente cultural [...] Que se deve evitar que pessoas cuja moral não responda ao prestígio de nossa revolução ostentem uma representação artística de nosso país no estrangeiro (DECLARAÇÃO, 1971, p.177-178).

Dessa forma, vários professores, intelectuais e artistas cubanos foram afastados de seus postos de trabalho apenas por terem manifestado a sua opção sexual, ou por serem contrários a alguns dos pressupostos político-ideológicos, como a nova relação com a União Soviética, entre outras formas de condutas condenadas pelo documento. Deve-se ressaltar que muitos homossexuais permaneceram em seus postos porque eram discretos e não manifestavam a sua opção sexual.<sup>52</sup> O estigma estava mais relacionado à conduta do que propriamente à sua essência, como foi publicado numa seção intitulada *Escándalo Público* do Código Penal na *Gazeta Oficial de la República de Cuba*:

Artigo 359. - Sanciona-se com privação de liberdade de três a nove meses ou multa até duzentas setenta quotas ou ambas a quem: a) faça pública ostentação de sua condição de homossexual ou importune ou solicite com seus requerimentos a outro; b) realize atos homossexuais em local público ou em local privado, mas expostos a serem vistos involuntariamente por outras pessoas; c) ofenda o pudor ou os bons costumes com exhibições impudicas ou qualquer outro ato de escândalo público; d) produza ou ponha em circulação publicações, desenhos, fitas cinematográficas ou magnetofônicas, gravações ou fotografias, ou outros objetos obscenos, tendentes a pervertir e degradar os costumes (p.185).

---

52 Segundo o artigo “Mapa da Homofobia”, de Manuel Zayas, as únicas instituições culturais que se salvaram das depurações de homossexuais após o Congresso foram o ICAIC, a Casa de las Américas e o Ballet Nacional de Cuba, graças à proteção oferecida por Alfredo Guevara, Haydée Santamaría e Alicia Alonso, respectivamente. Ver revista *Encuentro* (20/01/2006).

Na resolução do congresso e no código penal cubano fica explícito o preconceito contra os homossexuais e a preocupação com a influência que eles poderiam exercer na formação da juventude cubana. A homossexualidade é declarada a partir de 1971 como uma patologia social que se devia abolir. Anteriormente, em 1969, a revista *Bohemia* publicou o artigo “A homossexualidade”, de Abel Prieto Morales, antecipando algumas ideias que se colocaram em prática após o *Congreso de Educación y Cultura*. O autor propõe no seu artigo responder à questão: “Até que ponto a homossexualidade tem cura?” O notável especialista sugere realizar uma “profilaxia tanto social como familiar”:

Quanto à profilaxia familiar, os psicólogos, psiquiatras e educadores estão de acordo de que é muito simples: que o pai se comporte como tal e que a mãe tenha dentro do lar o lugar que lhe corresponde. Por muito ocupados que estejam ambos, sempre devem lhe oferecer um ambiente de equilíbrio emocional que evite todo possível desvio dos instintos. Quanto à profilaxia externa, é necessário considerá-la uma grande tarefa social. Os adultos homossexuais são numerosos, e estão por todos os lugares e em todas as profissões; muitos são ao mesmo tempo heterossexuais e homossexuais. O fato não se reduz a reconhecê-los ou desconhecê-los, mas evitar que sejam fatores de contágio. Por isso, o recomendável é, basicamente, procurar que não sejam condutores de juventudes e tenham o menor contato possível com a infância que surge (PRIETO MORALES. Revista *Bohemia*, n. 113, 31/11/1969, p.109).

A homofobia assumida pelo governo cubano e o apelo à sociedade contra os perigos do contágio das novas gerações de revolucionários levou à insatisfação de homossexuais estrangeiros que colaboravam com a revolução até então e que atenuavam as denúncias de perseguição à homossexualidade em Cuba. O depoimento de Allen Young é revelador:

Para mim, a grande virada produziu-se com o caso de Heberto Padilla, a quem eu tinha conhecido durante minha segunda visita à Havana, em 1968. Mas ainda nesse momento, eu me interessava só nos direitos do escritor, na liberdade de expressão. Não estava ainda sabendo da perseguição sistemática aos homossexuais e outros grupos

minoritários em Cuba. Soube dessas perseguições, em Nova York [...] Lembro uma foto do Congresso de Educação e Cultura de 1971, quando o regime acordou uma proclamação anti-homossexual muito forte, dizendo que o homossexualismo era uma patologia social e que devia ser eliminado. Publicou-se esta foto na imprensa cubana. Via-se na tribuna gente ativa nas instituições culturais, gente que me havia dito que era homossexual, e que aplaudia essa proclamação (ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p. 171 -172).

O intelectual norte-americano Allen Young relata que, após apoiar a revolução cubana por anos, decide afastar-se dela definitivamente por acreditar que a sua condição homossexual não mais permitia, após as deliberações do congresso, que ele continuasse a vê-la da mesma forma. Como se pode perceber, Allen Young surpreendeu-se pela falta de resistência dos homossexuais cubanos, que não se pronunciaram durante o congresso. O cubano René Cifuentes, também homossexual, estava presente no *Primer Congreso de Educación y Cultura* e relatou os motivos dessa falta de resistência imediata dos que eram estigmatizados pelas novas leis:

Depois de ouvir o discurso de Fidel pelos alto-falantes, percebi que, por ser homossexual, não tinha nenhuma perspectiva futura em Cuba. [...] Assim, já sabíamos que depois desse discurso contra os homossexuais e intelectuais que tinham certas ideias que diferiam dos dogmas do sistema, seríamos separados dos organismos culturais. Inclusive, um grupo de pessoas que nos reuníamos clandestinamente com a finalidade de fazer alguma coisa, porque já sabíamos que de um momento a outro íamos para o cárcere ou ficávamos sem emprego, que era quase igual, pois nos condenavam a morrer de fome. Mas ninguém se atreveu a fazer nada. A gente tinha medo de que entre nós mesmos houvesse um provocador que logo informaria quem eram os que estavam em desacordo com o discurso. Cada um encerrou-se em sua cápsula de terror e ninguém se atreveu a fazer nada. E começaram a chegar os telegramas informando que você estava despedido. O próprio Estado mandava você embora, de modo que você não podia mais trabalhar em nenhum lugar, pois o Estado era o único patrão (ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p.154-155).

Outro intelectual que relata os desdobramentos das resoluções do Congresso é o escritor René Ariza. Ele afirma que não havia possibilidade de uma convergência entre os que foram estigmatizados, porque muitos homossexuais conservaram seus postos por manter uma conduta social discreta. Outros, que já eram reconhecidos publicamente como homossexuais, não podiam contar com essa opção. Os que não concordavam politicamente com os pressupostos do comando revolucionário também se dividiram entre os que capitularam e os que passaram a criticar as teses defendidas pelo Partido Comunista Cubano. Isto dispersava a resistência e levava ao temor de que houvesse delatores em qualquer tentativa de organização e até de reunião. Não se sabia quem havia desistido ou não de suas críticas. O medo de ficar alijado da revolução, sem emprego e marginalizado, levava à reconciliação de muitos intelectuais, artistas e educadores com o regime. Não havia informação de quem era quem, do que acontecia, e o mais prudente era fechar-se em si mesmo:

Sim, há pouca informação, é verdade, mas a essência da coisa não está, exatamente, no que sucede, mas por que sucede. Ser diferente, ser estranho, ter uma conduta imprópria é algo não somente proibido, mas que, além disso, pode te levar à prisão. Isso eu acredito que está dentro do caráter do cubano faz muito tempo, não é privativo de Castro e é preciso vigiar o Castro que cada um tem dentro de si. É uma atitude que espalhamos. Espalhamos uma série de desenhos, de moldes há muito tempo e estamos muito condicionados por tudo. É um círculo vicioso e se transformou completamente numa paranóia, uma paranóia que todos sustentam, sustentam tanto os que perseguem como os perseguidos, pois os perseguidos às vezes parecem ser os que perseguem, todo o mundo suspeita de todos (ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p.105-106).

René Ariza é um dos escritores integrantes da “Geração Mariel” e, em sua opinião, é preciso compreender não somente o que sucedeu, mas como isso ocorreu. Ele acredita que a responsabilidade não pode ser restrita somente ao comando de Fidel Castro, mas deve estender-se também às próprias características da cultura cubana. A experiência do exílio em Miami pode ter ajudado René Ariza a chegar a essa conclusão, principalmente por encontrar ali estigmas próximos àqueles vivenciados por ele na ilha. Além

disso, ele reconhece que muitos homossexuais perseguiram a outros, que eram mais vulneráveis, e que a engrenagem só funcionava porque a maioria da população colaborou com as medidas definidas pelo *Congreso de Educacion y Cultura*.

De fato, muitos pais acreditavam realmente que o seu filho poderia recuperar-se moralmente nas granjas do Estado. Os integrantes do Partido Comunista Cubano imaginavam que a recuperação ideológica seria possível por meio do trabalho físico. A maioria dos quadros das universidades cubanas aceitava que se afastasse de seu corpo docente o colega que manifestava divergências político-ideológicas. A maioria dos pais dos alunos apoiava o afastamento de professores com comportamento efeminado. Enfim, Ariza reconhece que, sem ressonância social, não seria possível que as resoluções do *Congreso de Educación y Cultura* se efetivassem, e problematizou a questão para além da personificação de Fidel Castro. Afinal, havia uma sólida hegemonia política: as resoluções tomadas não ficavam restritas a um documento, mas eram de imediato absorvidas pela sociedade cubana, ansiosa por propostas como estas.

A juventude cubana foi duramente tutelada nos anos de 1970. Os jovens tinham que manter uma conduta exemplar para poderem seguir as suas carreiras acadêmicas, qualquer sinal de desvio poderia significar o afastamento da universidade ou mesmo a impossibilidade de admissão nas instituições educacionais e culturais cubanas, segundo Octavio Zuaznavar: “Por volta de 1980 existia um *slogan* que dizia que ‘a Universidade é só para os revolucionários’”. Portanto, quem não se enquadrava na chamada *Parametrización*<sup>53</sup> estabelecida no *Primer Congreso de Educación y Cultura* não tinha direito de se considerar revolucionário:

Imaginem-se algum de vocês ter toda sua vida dirigida. Quando você se levanta às nove, tem que fazer isto até as cinco, e das cinco às sete vai fazer isto outro, das sete às nove tal coisa e depois você deita, caso não tenha a “guarda do comitê”<sup>54</sup>. Desde que você nasce, canta no

---

53 A *Parametrización* indica o momento após o *Primeiro Congresso de Educação e Cultura* de 1971 em que se estabeleceu um código “ético e moral” de natureza homofóbica a ser seguido. Os “parametrados” são as pessoas que sofreram perseguições e foram expulsos de seus empregos por serem homossexuais.

54 Guardia del Comitê: refere-se as obrigações de todos os cidadãos cubanos que no mi-

“Jardim de Infância” “um, dois três, seremos como o Che” e todas essas coisas. Desde que você nasce, está nisso. Vai ao ensino primário e toda a educação é política; vai ao ensino secundário e a educação é política. Aos catorze anos levam você, se tiver uma “boa atitude” para a Juventude Comunista, você depois passa ao partido. Esse é o caminho em que você anda de uma maneira que já traçaram (ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p. 66-67).

A citação é de Juan Abreu, outro integrante da “Geração Mariel” no exílio. O relato é um pouco do que foi a sua juventude em Havana. Ele percorreu todos os caminhos politicamente descritos inclusive filiou-se ao Partido Comunista Cubano, até que um dia foi detido pelas autoridades cubanas em uma das *redadas* que eram como se chamavam as “batidas” em locais públicos frequentados pela juventude havaneira:

Ocorre que, ao contrário do restante do mundo, onde soube que as pessoas de esquerda usava o cabelo comprido, em Cuba era ao contrário, quem tinha o cabelo comprido era americanizado. Então um dia eu saí do cinema “Radiocentro” e estavam levando pessoas presas por isso. Eu olhava e ouvia: “Aquele, leva-o!” “Aquele, aquele, leva-o!”. Quando eles levam você preso não dizem por que. Levaram a mim também. [...] Eu não merecia ficar preso uma semana por ter o cabelo comprido! (ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p.67-68).

Juan Abreu, mesmo ao seguir todas as instruções para se incorporar à nova sociedade, esqueceu-se de cortar os cabelos, o que o levou à prisão e ao estigma. Após ter sido preso já não podia voltar a ser o mesmo jovem revolucionário de outrora. A revolução cubana mantinha nos anos de 1970, após sua sovietação, o mesmo empenho de moldar uma juventude revolucionária, o que demonstra empiricamente que esse paradigma, presente desde os primeiros anos da revolução, não desaparece após a queda dos chamados “estímulos morais” guevaristas revistos pela revolução e por Fidel Castro. As teses do “homem novo” formuladas por Ernesto Che Guevara e, sobretudo, a própria expressão passam a ser evitadas na ilha, porque remetiam ao período de duras críticas à União Soviética e lembra-

---

nimo uma vez no mês têm que ficar de plantão durante a noite/madrugada vigiando o que acontece no bairro.

vam assim o denominado guevarismo, que era mal visto pelos soviéticos e seus colaboradores do antigo PSP. Estes, com a aproximação entre os dois países, passam a ocupar cargos estratégicos no governo de Cuba. Contudo, o projeto permaneceu em curso mesmo sem a denominação anterior.

A construção de uma juventude revolucionária e de uma nova visão de mundo, livre das “taras” do capitalismo com o seu modo de vida individualista e de suas perversões estéticas e morais, continuava na agenda revolucionária cubana. A busca por uma juventude revolucionária livre das influências norte-americanas do movimento *hippie* e do *rock*, e que se assemelhassem ao modelo da juventude combatente da Sierra Maestra era uma obsessão de Fidel Castro e de outros revolucionários. A repressão às roupas consideradas extravagantes (como os *jeans*, por exemplo) e aos cabelos longos era um dos mais notórios exemplos do controle comportamental. Vale lembrar que os cabelos compridos e as longas barbas foram símbolos da resistência revolucionária cubana e estiveram presentes na maioria dos seus líderes. Mas os revolucionários justificavam que naquele momento os rebeldes estavam em combate na selva contra a ditadura de Batista e não tinham sequer como tomar banho e se sacrificavam para a construção desse novo momento da ilha. A juventude, após a revolução, podia desfrutar da construção da nova sociedade socialista e passava a ter novos desafios. Dessa forma, já não mais caberia a rebeldia e sim a responsabilidade para com a revolução e com o socialismo.

O governo cubano não admitia a existência de um choque geracional e tudo estava restrito à luta de classes na ilha, levando à repressão da juventude rebelde cubana ao extremo. Não é possível deixar de mencionar que os conflitos geracionais estiveram muito presentes na segunda metade do século XX. As barricadas de Paris em 1968, as lutas estudantis contra a ditadura militar no Brasil, a Primavera de Praga na então Tchecoslováquia, as lutas pelos direitos civis e contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos da América são expressões dos conflitos entre gerações no final dos anos de 1960 e se estenderam por toda a década de 1970. Recentemente, a obra *História dos jovens* (LEVI; SCHMITT, 1996) descreve, entre outros conflitos, o confronto entre a geração responsável pela revolução francesa e aquela que a sucedeu, demonstrando que a rebeldia juvenil contra a ordem estabelecida é um confronto que extrapola o ideológico e é, antes de tudo, um problema cultural. Segundo Ortega y Gasset, a juventude é uma condição

que se restringe a apenas um determinado período da nossa existência e tem suas próprias nuances que merecem considerações específicas.

A Geração Mariel é um grupo de jovens escritores e artistas que foram tratados como contrarrevolucionários por manterem condutas consideradas inapropriadas pela revolução cubana de 1959. As condições vivenciadas nas décadas de 60 e 70 por esta geração de jovens artistas e escritores foram experiências de resistência que, a partir da abertura do porto de Mariel e do exílio nos Estados Unidos da América, forjaram a representação Mariel de identidade. Por isso, foi necessário retroceder aos primórdios da revolução cubana para se compreender devidamente tanto o fenômeno Mariel como a formação da Geração Mariel em si, que trataremos a seguir.





PARTE II

---

# A CONDIÇÃO MARIEL



Figura 2 – La balsa – Sandra Ramos. Extraída de revista Encuentro de la Cultura Cubana, No. 16/17, primavera/ verano de 2000.



## A CONDIÇÃO MARIEL

# O Porto

“O que Cuba pensa ter em 1980? Pois uma entrada per capita de uns três mil dólares, mais que os Estados Unidos atualmente. E se não acreditarem nisso, perfeito; aqui somos senhores para essa competência. Que nos deixem em paz, que deixem desenvolvermo-nos e que dentro de vinte anos venhamos todos de novo, para ver se o canto de sereia era da Cuba revolucionária ou era outro”. **ERNESTO CHE GUEVARA, 1961**

### INTRODUÇÃO

Como vimos na primeira parte desta exposição, o governo revolucionário cubano declarou, logo ao assumir o poder, que sua principal tarefa era a formação de uma nova juventude que seria no futuro a vanguarda da revolução. A proposta tinha como principal objetivo educar os jovens cubanos com uma nova visão de mundo que corrigisse os desvios ideológicos erguidos pela elite nacional cubana alinhada ao imperialismo dos Estados Unidos da América. Para os revolucionários, esse alinhamento teria sido o principal fator que impediu a autonomia da nação cubana após o fim da colonização espanhola em 1898, depois de trinta anos de guerra, o que ressalta o notório caráter nacionalista da revolução e dos seus principais líderes.

A estratégia do governo revolucionário foi utilizar a educação, a comunicação de massas e os aparelhos disponíveis do Estado para a formação de um novo cidadão, preparado para os desafios da

revolução cubana. Tratava-se de desmascarar a ideologia construída por décadas de dominação imperialista na ilha. O caminho proposto para tanto era o estabelecimento de uma nova conduta ideológica e moral adaptada à nova ordem que iniciava a sua trajetória.

Assim, o objetivo consistia em redirecionar ideologicamente o imaginário popular da ilha. Iniciou-se uma reeducação simbólica nas representações da nação cubana. O projeto tinha a necessidade de criar novos ícones e construir novos valores, porém sem ameaçar o nacionalismo cubano e alguns de seus ícones formadores. Nesse sentido, diferentemente da revolução russa e da revolução chinesa, o governo cubano manteve a bandeira e o hino nacional e reforçou a imagem de seus líderes nacionalistas, sobretudo de José Martí. Tratava-se, assim, não de uma revolução na identidade nacional cubana, mas sim de uma nova interpretação oficial. A antropóloga Selma Sena comenta essa capacidade de as sociedades se reinterpretarem:

Como comunidade simbólica, a nação se narra através de sua cultura nacional e essa cultura, ao produzir sentido sobre a nação, constrói a identidade nacional ou o sentimento de pertença. Entendido como uma estrutura narrativa, o que as culturas nacionais narram são as diferentes maneiras de se imaginar a nação, algo assim como as diferentes versões do mito da nacionalidade (SENA, 2000, p.76).

Portanto, as nações devem ser vistas como comunidades simbólicas que se narram por meio da cultura ao produzir seus significados, os quais, por sua vez, estão constantemente sendo reinterpretados. O que a autora define apropriadamente como diferentes versões do mito da nacionalidade é o que Benedict Anderson definiu como comunidades imaginadas:

Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão (ANDERSON, 1989, p.15).

Na definição de Anderson podemos observar como a imagem de comunhão supera as contradições que existem, intrinsecamente, em cada nação e nos seus diversos governos e interpretações. Embora a nação cubana tenha passado por uma revolução na sua estrutura político-econômica de

poder, o sentimento de comunhão existente na identidade nacional cubana permaneceu vivo. Isso se deve ao fato de não ser possível transformar os laços culturais entranhados no interior de uma nação por meio de simples ações e decretos. Os símbolos e os mitos que representam a nação cubana permaneceram, mesmo que revestidos de uma nova ordem econômica e social. O que se poderia fazer era reinterpretar a história, os mitos, os símbolos nacionais, e isso foi feito desde os primeiros anos da revolução cubana.

Anderson (1989) e Sena (2000) aproximam-se ao recusarem uma definição mecanicista do conceito de nação. A opção dos autores é buscar na antropologia conceitos que favoreçam a análise das nacionalidades e de suas identidades. Os sentimentos de comunhão (ANDERSON, 1989) e de pertença (SENA, 2000) são alternativas às definições rígidas do conceito de identidade nacional, como a que foi proposta pelo governo revolucionário cubano, na qual existem apenas dois polos claramente distintos: a elite cubana anterior à revolução, presa à ideologia imperialista e burguesa norte-americana, e a maioria da população, vista como o sujeito portador de uma identidade nacional livre de preconceitos ideológicos de classe e do imperialismo norte-americano.

Após a revolução, Cuba passou por um momento de reconfiguração ideológica. Ao assumirem o poder, os líderes revolucionários iniciaram uma campanha de propaganda ideológica da revolução com o objetivo de iniciar uma nova tradição. Segundo Hobsbawm, as tradições são inventadas para dar um caráter justificativo a alguma coisa. Um dos objetivos desta invenção foi justificar normas como se fossem algo natural para cada cultura. O mesmo autor alerta que, antes de se tornar uma tradição, há o período de criação, de demolição e de reestruturação da imagem do passado:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente regularizadas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1997, p.9).

Em Cuba houve, sem dúvida, um processo semelhante ao que Hobsbawm descreve acima. Não cabe aqui sistematizar esse tema. Para esboçar o caminho a seguir no trabalho, basta ver em conjunto as manifestações po-

líticas que passaram a reunir milhões de pessoas em Havana comemorando efemérides como o Dia do Trabalhador, do assalto ao Quartel Moncada, do triunfo da revolução, entre outras; as manifestações coletivas de entusiasmo associadas ao trabalho voluntário e a construção de ícones como José Martí, Che Guevara e o próprio Fidel Castro, chamado perpetuamente pela imprensa oficial e pelo próprio partido comunista cubano de *Comandante en Jefe de la revolución*. As frases pintadas por toda a ilha conclamavam a população a persistir na invenção dessa nova tradição ou desse homem novo.

A construção dessa nova tradição inventada pela revolução está na origem de uma dissidência na comunidade imaginada cubana que se exilou em Miami. Dentro dessa dissidência há pelo menos duas variantes: a comunidade exilada em Miami, em 1960, e aquela que se evadiu pelo porto de Mariel em 1980. A primeira rompeu de imediato com a revolução por razões políticas, econômicas e ideológicas, abandonando o país por não aceitar os pressupostos revolucionários de 1959. Já a segunda dissidência teve origem em espaços de experiência e horizontes de expectativa distintos, pois foi composta, em sua maioria, por jovens oriundos das camadas populares. Eles haviam participado do processo de construção do novo projeto nacional cubano e conseguido acesso a uma educação formal, oportunidade que muitos provavelmente não teriam tido sem a revolução de 1959. Podemos constatar, sem muito esforço, que a maioria dos que saíram pelo porto de Mariel acreditou e participou do projeto revolucionário cubano em algum momento antes de optar pelo exílio.

Há alguns anos, os sociólogos Norbert Elias e John L. Scotson publicaram uma obra significativa sobre o estudo das relações de poder na pequena comunidade inglesa de Winston Parva, nome fictício. A obra se intitulou: *Os estabelecidos e os outsiders*. Anos depois, Norbert Elias afirmou que essa divisão proposta no ensaio teórico sobre as relações entre “estabelecidos” e *outsiders* poderia ser “aplicada a toda uma gama de padrões mutáveis da desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.3). Podemos aproveitar a inspiração desta obra para analisar o Mariel como fenômeno, assim como a contumélia com que a sociedade cubana se dividiu e se enfrentou. Consideramos que o acontecido na ilha em 1980 foi a deflagração do enfrentamento entre dois grupos: “os revolucionários” e a “escória”, ou, utilizando

os termos de Elias (2000), “os estabelecidos e os *outsiders*”. Veremos a seguir os diferenciais de poder desses grupos enquanto transcorrem os episódios do chamado fenômeno Mariel.

Segundo Norbert Elias, os estabelecidos são os grupos mais poderosos, que se veem como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica compartilhada por todos os seus membros e que falta aos “outros” os *outsiders*. Estes sentem-se “eles mesmos carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.20). Devemos ressaltar que para esses autores as relações entre “estabelecidos e *outsiders*” em Winston Parva extrapolavam os critérios da luta de classes, das disputas étnicas, religiosas, geracionais, entre outras manifestações socioculturais. A comunidade pesquisada tinha a mesma origem social, eram todos da mesma origem étnica, manifestavam predominantemente a mesma orientação religiosa. Contudo, nada disso impediu a sua segmentação. O estigma manifestava-se apenas em virtude de alguns moradores pertencerem à comunidade havia várias gerações, eram os “estabelecidos”; os outros, por sua vez, os *outsiders*, teriam chegado à região havia poucos anos. Norbert Elias defende que o estigma social não poderia ser compreendido apenas a partir de pressupostos psicológicos do inconsciente coletivo numa perspectiva extremamente individualizada:

Atualmente, há uma tendência a discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um desprezo acentuado por outros indivíduos. Um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito. Entretanto, isso equivale a distinguir apenas no plano individual algo que não pode ser entendido sem que se o perceba, ao mesmo tempo, no nível do preconceito individual. Na atualidade, é comum não se distinguir a estigmatização grupal do preconceito individual e não relacioná-los entre si (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.23).

Como se pode notar, Norbert Elias questiona a possibilidade de compreensão do estigma se ele estiver preso a uma perspectiva completamente individualizada; a razão, segundo ele, deveríamos à noção do indivíduo separado do coletivo:



Devemos a Freud um grande avanço na compreensão dos processos coletivos ao longo dos quais ganham forma as instâncias de autocontrole do homem. O próprio Freud, entretanto, conceituou predominantemente suas concentrações de um modo que levou a crer que todo ser humano é uma unidade fechada em si mesma, um *homo clausus*. Ele reconheceu a capacidade especificamente humana de aprender e controlar e, até certo ponto, moldar os impulsos libidinais maleáveis nas experiências vividas dentro das normas grupais [...]. Contudo, uma vez formadas, elas lhe pareceram funcionar sozinhas, independentemente dos outros processos grupais em que toda pessoa continua envolvida, desde a infância até a velhice (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.41-42).

Contudo, para Norbert Elias tampouco se poderia partir de uma explicação inteiramente socioeconômica, como a distribuição dos meios de produção na luta de classes de uma determinada sociedade, para se compreender o processo de estigma. Na opinião do autor, Marx havia contribuído muito com a sua teoria da luta de classes, no entanto não se poderia definir toda a complexidade social a partir unicamente dessa relevante teoria:

Marx desvendou uma verdade importante ao apontar para a distribuição desigual dos meios de produção e, portanto, para a distribuição desigual dos meios necessários à satisfação das necessidades materiais humanas. Mas foi uma meia verdade [...] e até hoje a busca dos objetivos “econômicos”, por mais elástico e ambíguo que seja esse uso da palavra “econômico”, afigura-se a muitos a verdadeira aspiração fundamental dos grupos humanos, diante da qual as outras parecem menos reais, seja qual for o sentido dado a esse termo (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.34).

Norbert Elias, que foi médico psiquiatra e sociólogo, não aceitava as divisões entre essas duas ciências humanas. Em sua perspectiva, não havia por que erguer-se um muro cognitivo entre ambas. Sua tese é de que a sociedade é constituída de indivíduos (ELIAS, 1994), e por isso não seria possível uma separação entre a sociedade e os seus atores. Ambas faziam parte de um mesmo contexto e jamais poderiam ser compreendidas isoladamente. A análise específica do processo de estigmatização social recorrente em todas as sociedades seria para Norbert Elias um importante campo de pesquisa para ir-se além das percepções dicotômicas de indivíduo e sociedade; ele propu-

nha as categorias de estabelecidos e *outsiders* como ferramentas metodológicas para se investigarem as configurações de uma determinada sociedade.

Não pretendemos fazer uma análise das possibilidades de aplicação da teoria da configuração social de Norbert Elias, não é esse nosso objetivo aqui. Contudo, suas reflexões contribuíram muito para pensarmos a condição Mariel longe de “camisas de força”, como certas construções teóricas colocadas *a priori* para adequar a realidade complexa a uma teoria pronta e determinada, de princípios fechados. Há que se investigar o processo de estigmatização por meio de uma teoria inerente à sua própria lógica. As relações entre estabelecidos X *outsiders*, segundo Norbert Elias, devem ser compreendidas em sua própria dinâmica, e não a partir de premissas supostamente mais relevantes. Por ora, devemos prender-nos à cronologia dos acontecimentos e aos processos históricos que de forma quase incidental transformaram a primavera cubana de 1980 em uma crise internacional.

## O MARIEL COMO FENÔMENO

O ano de 1980 foi um momento crucial na história contemporânea cubana, pois a partir desse momento torna-se visível internacionalmente que a revolução cubana de 1959 já não tinha na ilha o mesmo apoio popular de outrora. A revolução, que se tornara um exemplo de resistência nacionalista para a América Latina, passava desde então a enfrentar sua primeira crise popular interna. Não pretendemos afirmar aqui que não houve conflitos entre segmentos da população e o governo revolucionário cubano antes do fenômeno Mariel em 1980, o que já foi explicitado na primeira parte deste estudo. A diferença estava na proporção e na visibilidade dos acontecimentos de abril daquele ano, que fizeram transbordar o que há muito estava encoberto, ou, pelo menos, evitado: uma parcela da sociedade cubana que apoiara as transformações realizadas rompeu, de forma irreversível naquele momento, com a revolução cubana iniciada em 1959 e com os seus dirigentes.

Isto não significa que a maioria da população estivesse insatisfeita com a revolução no país, já que proporcionalmente os dissidentes constituíam uma parcela minoritária da sociedade cubana. Contudo, tornou-se visível naquele momento que um segmento da sociedade cubana preferia abandonar a revolução e a nação a continuar vivendo sob o que chamavam “regime castrista”. Desde a migração histórica dos anos de 1960 não

se ouviam de forma tão explícita protestos contra a política revolucionária implantada na ilha. O ano de 1980 foi o momento da “primeira onda” de dissidência política dentro da revolução, pois os que agora se denominavam dissidentes políticos haviam dado suporte às transformações político-sociais iniciadas em 1959 com a revolução e tinham-na defendido frente aos que então partiam para Miami.

A crise abriu um novo precedente histórico, diferente daquela migração dos anos 1960, que fora vista e analisada como uma emigração político-ideológica. Os emigrados saíram pouco depois da revolução e, em sua maioria, faziam parte da elite econômica cubana que não estava interessada em fazer de Cuba um país nacionalista e, menos ainda, socialista. O debate sobre o conflito entre o governo revolucionário e essa migração era formulado a partir do prisma de uma elite reacionária que abandonara a sua pátria por não conseguir adaptar-se a nova ordem social estabelecida pela vanguarda revolucionária. Não se pode dizer o mesmo acerca da migração de 1980, já que os descontentes que pretendiam deixar o país e colocavam-se na condição de dissidentes políticos eram, em sua ampla maioria, jovens que haviam formado sua consciência social e política durante a revolução e que pertenciam às camadas populares. Ou seja, constituíam o grupo social que havia sido definido como o principal alvo da revolução de 1959. As duas levas emigrantes tiveram motivações e personagens completamente distintos, o que inviabiliza, de saída, quaisquer tentativas de uma possível convergência explicativa entre elas.



Imagem 5- Extraída de The “other” boatlift: Camarioca, Cuba, 1965. Disponível em: [www.uscg.mil/history/uscg/hist/camarioca1965.asp](http://www.uscg.mil/history/uscg/hist/camarioca1965.asp)



Imagem 6- Extraída de Mariel 05 may 1980- Cuban refugees arriving at pier at Truman Annex, em Key West. Disponível em: <http://cuban-exile.com/photo/mariel/mariel18sm.jpg>

Segundo o historiador cubano Jorge I. Domínguez, radicado na Inglaterra, a emigração dos anos 80 fez subir o índice da faixa etária do país, o que comprova que a maioria dos emigrantes saídos pelo porto de Mariel era composta por jovens. Mais importante ainda: até a onda migratória de Mariel, a quantidade de negros cubanos exilados em Miami era irrisória. Segundo Domínguez, a população negra havia conseguido conquistas sociais nos primeiros momentos da revolução por ser o segmento economicamente menos favorecido da sociedade cubana. Já em 1980, havia entre os negros uma parcela de descontentes com os resultados da revolução, sobretudo entre os jovens de Havana (DOMÍNGUEZ, 1998, p.53).

O mesmo autor afirma ainda que outro fator que contribuiu para a desilusão dos jovens urbanos negros com a revolução foi verem frustradas suas expectativas diante das conquistas obtidas até então:

A onda de emigração que houve em 1980 incluiu os negros das cidades em número comparável à sua participação na população urbana. O governo eliminou as poucas barreiras jurídicas de discriminação racial que existiam antes da revolução, mas o efeito da medida foi modesto (DOMÍNGUEZ, 1998, p. 204).

Segundo ele, essas conquistas foram modestas, pois, embora as condições de vida dos negros houvessem melhorado em geral, continuavam a apresentar índices muito inferiores aos dos brancos nos aspectos estruturais de qualidade de vida, tais como acesso a saneamento básico, moradia, empregos e representação política, entre outros. Buscando uma explicação para essa diferença, Domínguez acredita que ela esteja talvez na origem da revolução, pois a presença negra entre os líderes revolucionários era insignificante. O autor também critica a política racial cubana, que proibiu a continuidade das organizações negras:

Como o governo afirmava que havia resolvido o problema racial, argumentar que ele persistia, ainda que fosse de forma modificada, era um ato subversivo. O governo proibiu as associações de intelectuais e políticos negros que existiam antes da revolução. Vários dos que insistiram em dizer que continuava a haver sérios problemas raciais na sociedade cubana, ou assuntos intelectuais distintivos entre os afro-cubanos, se exilaram (DOMÍNGUEZ, 1998, p.205).

Problemas graves como estes se mantiveram submersos até 1980. Trataremos, neste primeiro momento, de iluminar um pouco o cenário onde eclodiu a emigração pelo porto de Mariel em Havana. Para isso é importante que se tenha uma ideia de como se desenrolaram os acontecimentos do dia primeiro de abril de 1980. Quase casualmente, tais acontecimentos transformaram-se em um fenômeno capaz de levar ao êxodo de mais de cento e vinte e cinco mil cidadãos cubanos para os Estados Unidos da América em pouco mais de noventa dias, em plena Guerra Fria.

### **DA INVASÃO DA EMBAIXADA DO PERU ATÉ A ABERTURA DO PORTO DE MARIEL: O ACIRRAMENTO NAS RELAÇÕES ENTRE CUBA E OS ESTADOS UNIDOS**

Começamos com algumas perguntas objetivas: por que a invasão da embaixada do Peru por um pequeno grupo de pessoas desdobrou-se na saída de mais de 125.000 cubanos pelo porto de Mariel? Como os dirigentes e a população reagiram ante a notícia dessa dissidência? Qual foi a explicação oficial para o fenômeno? Como a historiografia cubana o analisa? Vejamos, de forma sucinta, os acontecimentos da primavera cubana de 1980.

crise inicia de maneira aparentemente ingênua e, ao desdobrar-se, vai passo a passo tornando-se uma ameaça inesperada ao regime cubano. No dia primeiro de abril de 1980, seis cidadãos cubanos sequestram um ônibus coletivo e invadem a embaixada do Peru em Havana com o intuito de pedir asilo político. Durante o incidente, um dos soldados cubanos que faziam a guarda da embaixada peruana é morto pelos disparos de outro soldado, também responsável pela guarda – alguns testemunhos afirmam que, ao tentar disparar contra os invasores, o guarda assassinado foi surpreendido por outro soldado que o alvejou para impedir que ele disparasse contra civis desarmados. Em outros relatos, este incidente é considerado um acidente por “fogo amigo” (LARZELERE, 1988). O governo cubano não se posiciona com respeito à origem do disparo.

O editorial de *Granma* intitulado “A posição de Cuba”, também reproduzido na revista *Bohemia*, fez uma síntese dos fatos ocorridos na Embaixada do Peru. A versão publicada pela imprensa cubana afirma que o embaixador peruano Edgardo de Habish foi demitido pelo governo peruano, após ter trabalhado trinta e três anos no serviço diplomático, por não concordar em dar asilo aos refugiados (*Bohemia*, 11/04/1980). O texto afirma que a responsabilidade pelo ocorrido na embaixada e pela morte do soldado cubano devia-se à atitude da Embaixada do Peru que, após a invasão, não atendeu à solicitação do governo cubano de entregar os invasores às autoridades do país, sob a alegação de que a Embaixada era território peruano e, portanto, caberia ao governo daquele país a decisão de conceder ou não o asilo político ao grupo de refugiados:

A Chancelaria Peruana ordenou que os delinquentes fossem levados de novo à Embaixada. Aquela poeira trouxe essa lama, e junto com a lama, o sangue generoso e limpo do soldado cubano Ortiz Cabrera. Por que essa política absurda de conceder o visto aos que penetram pela força, sem justificação alguma e não aos que vão pacificamente solicitá-la? (*Bohemia*, 11/04/1980, p.51).

Diante do impasse, no dia 4 de abril de 1980 o governo cubano retirou a guarda oficial e declarou que, a partir daquele momento, a Embaixada do Peru passaria a ser responsável por quaisquer eventualidades que pudessem ocorrer. Essa decisão foi transmitida pelas rádios cubanas. O mesmo editorial cubano afirmou:

Tal como se esperava, poucas horas depois de retirar a guarda cubana, centenas de elementos constituídos por delinquentes, lúmpens, antisociais, preguiçosos e parasitas em sua imensa maioria reuniram-se na Embaixada do Peru. Passadas 48 horas, eram mais de três mil, procedentes fundamentalmente da Cidade de Havana e das províncias ocidentais do país. Alguns desses elementos infelizmente levaram também familiares e inclusive crianças (*Bohemia*, 11/04/1980, p.50).

No entanto, a estratégia do governo cubano não surtiu os efeitos esperados, pois a Embaixada do Peru não cedeu às pressões. Sem a proteção da guarda oficial, em dois dias a embaixada foi tomada por mais de dez mil cidadãos cubanos (PÉREZ-STABLE, 1996), que também reivindicavam asilo político na qualidade de dissidentes do regime.



Imagem 7- Extraída de “Standing room only among the 10,800 refugees in the embassy”. Disponível em: <http://latinamericanstudies.org/mariel-exodus.htm>



No dia 6 de abril, o governo cubano retomou a guarda da embaixada do Peru e inclusive passou a erguer barricadas nas ruas próximas a ela, com o intuito de impedir que mais cidadãos cubanos pudessem entrar e pedir asilo político. A situação, que já era preocupante, tomou proporções alarmantes. Fidel Castro passou a culpar a CIA e o governo dos Estados Unidos da América pela postura da embaixada peruana em Havana (*Granma*, 04 de maio de 1980), o que prejudicou a primeira tentativa de distensão que ocorrera na conturbada relação entre os dois países vizinhos, desde os anos de 1960. A diplomacia cubana e norte-americana haviam iniciado um processo de reaproximação após a chegada do democrata Jimmy Carter à presidência dos Estados Unidos de América em janeiro de 1977. Os primeiros acordos foram assinados sem muita demora:

Um foi sobre as fronteiras marítimas e pesca, em águas entendidas como de preferência econômica dos norte-americanos; outro, sobre a supressão dos vôos de espionagem – os SR 71 – sobre território cubano; ainda a revogação da proibição de viagens de cidadãos norte-americanos a Cuba e o estabelecimento de “escritórios de interesses” em ambos países, espécie de representação com intercâmbio de diplomatas, mas sem *status* de embaixada (FURIATI, 2001, p.248).

Como resultado desses primeiros intercâmbios, chegou a Havana um grupo de representantes da comunidade de cubanos no exílio e, a partir daí, definiu-se um programa de reunificação entre familiares, ocasião em que foram postos em liberdade quase 3.000 presos políticos (FURIATI, 2001, p.252). Alguns autores (PÉREZ-STABLE, 1996; MESA-LAGO, 1994) apontam que, mesmo com as barreiras políticas existentes entre Cuba e os Estados Unidos da América (relativas à relação de Cuba com a URSS, a intervenção de Cuba nas guerras em Angola e Etiópia, a situação dos direitos humanos e dos presos políticos, etc), os anos que precederam o Mariel representam um intervalo em que muitos acreditavam num entendimento real entre os Estados Unidos da América e Cuba. Além do mais, o governo cubano e seu líder Fidel Castro vivenciavam um excelente momento pela participação no Movimento de Países Não Alinhados (NOAL ou MPNA), que teve um crescimento importante a partir de 1976 em Colombo, no Sri Lanka, onde se reuniram 86 países. Posteriormente, em 1979 celebrou-se em Havana a “VI Conferência dos Países Não Alinhados”, participando 96 membros



sob a presidência de Fidel Castro que, como vimos, havia sido duramente contestado por seu alinhamento político com a União Soviética.

Talvez por essas razões, a imprensa cubana narrou os acontecimentos da embaixada do Peru como tentativa de mostrar que Cuba não estava sozinha e que existia uma solidariedade internacional com a revolução cubana. Desse modo, a matéria do jornal conclui: “Era como se todas as vozes se tivessem convertido numa só. Cuba não estava sozinha” (*Bohemia*, 18/04/1980, p.70). A esquerda mundial, segundo a imprensa oficial cubana, continuava apoiando Cuba, como mostra a seguinte imagem:

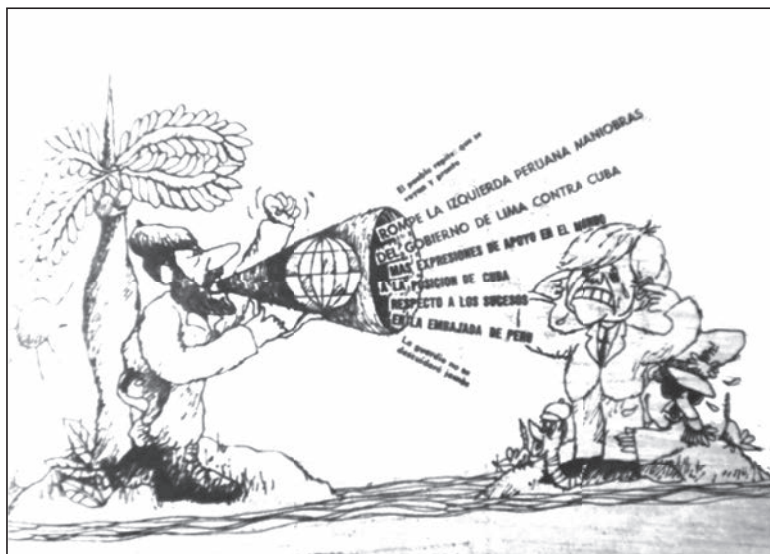


Imagem 8- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 16, 18 de abril de 1980, p.61.

No dia 9 de abril, os ministros das relações exteriores do Pacto Andino, numa reunião de emergência no Peru, trataram do problema dos refugiados e pediram ajuda de outros países para reassentá-los. O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, anunciou que aceitaria receber 3.500 cubanos da embaixada do Peru e ofereceu quatro milhões e duzentos e cinquenta mil dólares como ajuda aos refugiados (LARZELERE, 1988). O presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, aceitou receber provisoriamente os refugiados. Mas, depois de dois dias de vôos a São José, o governo cubano suspendeu novas saídas.

Um dia após as manifestações de apoio ao regime por de um milhão de pessoas em Havana, Napoleón Vilaboa, um veterano combatente anticastrista de Playa Girón<sup>55</sup>, organizou no dia 19 de abril uma frota de quarenta e duas embarcações para, desde Miami, buscar compatriotas, amigos e familiares. Em meio ao impasse internacional, o governo cubano, inesperadamente, decidiu abrir o porto de Mariel no dia 22 de abril de 1980, para que os dissidentes cubanos de Miami pudessem buscar não apenas os refugiados da embaixada do Peru, mas todos os compatriotas dissidentes da revolução. A decisão do governo cubano surpreendeu a comunidade internacional, que já esperava um inevitável acirramento do conflito. Na revista *Bohemia* o governo declarou: “a posição de Cuba é inatacável: absoluta liberdade de emigração” (*Bohemia*, 2/05/1980, p.56).

A estratégia do governo cubano foi vista como um gesto de tolerância e de controle da situação interna e, desta vez, alcançou os objetivos planejados, ou seja, agradou à comunidade internacional ao transferir a crise para os Estados Unidos da América, que passaram a ter de receber milhares de dissidentes cubanos. Evidentemente, a postura do governo cubano não conseguiu convencer a todos os observadores internacionais. Carmelo Mesa-Lago, por exemplo, afirmou: “Castro, judiciosamente, deixou-os sair e, em algumas ocasiões, abriu os portos cubanos a um êxodo maciço”. E, conclui: “Diferentemente da Europa oriental, esta política de portas relativamente abertas serviu como válvula de segurança para o descontentamento e amenizou os impulsos de sublevação” (MESA-LAGO, 1994, p. 184).

A ponderação de Carmelo Mesa-Lago mostra que, por um lado, o regime cubano passou a imagem de ser mais aberto que a maioria das repúblicas socialistas daquele momento, o que facilitou a aceitação da opinião pública internacional e, por outro lado, Fidel Castro aproveitou a saída do Mariel não só como válvula de escape para os descontentes, mas também como estratégia de controle interno e reforço da unidade da nação “frente a uma nova ameaça do imperialismo”.

Entretanto, o governo dos Estados Unidos da América, ao perceber que teria que receber uma imigração massiva, tentou impedi-la. Segundo a legislação norte-americana vigente na época, todo cidadão cubano que

---

55 Ver entrevista dada por Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/05/1980). Disponível em: <http://www.latinamericans-tudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.

tocasse o solo dos EUA poderia pedir o visto permanente, o que não acontecia com nenhum imigrante de outra nacionalidade; pelo contrário, qualquer outro imigrante, sobretudo latino-americano, que pisasse em solo norte-americano sem visto seria certamente preso e deportado. O protecionismo aos dissidentes cubanos devia-se exclusivamente à Guerra Fria e à certeza de que poucos conseguiriam chegar aos Estados Unidos da América devido às restrições impostas por Cuba à emigração. Até então, todo cubano que conseguia chegar à Flórida era saudado como um herói que chegava ao paraíso vindo do inferno; dava entrevista nos canais de comunicação americanos e era logo amparado por várias instituições.

A comunidade cubana de Miami, impulsionada pela possibilidade de rever seus familiares e amigos, passou a patrocinar-lhes a travessia, e só no dia 25 de abril cerca de 400 embarcações ancoraram no porto de *Mariel* para recolher os refugiados, como podemos observar na fotografia tirada no porto de Mariel durante esses dias:



Imagem 9- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 18, 02 de maio de 1980, p.55-56.

As embarcações saíram abarrotadas de cidadãos cubanos em direção aos Estados Unidos da América, mas não exatamente levando as pessoas esperadas pela comunidade cubana de Miami, pois o governo cubano de-

cidira que a abertura do porto de Mariel serviria para a saída de todos os indesejáveis da revolução cubana. Para tanto, os supostos dissidentes deveriam apresentar-se aos postos determinados para conseguir o visto de saída de Cuba. Com esta medida, o governo cubano impediu que os exilados de Miami, que financiaram as travessias do estreito da Flórida, pudessem escolher a quem levar. Dessa forma, não foram poucos os que receberam por diversas vezes as embarcações repletas de exilados cubanos, dos quais não tinham o menor conhecimento, e ao final não conseguiram recolher quem realmente buscavam (LARZELERE, 1988, p.134).

A revista *Bohemia*, tradicional revista semanal cubana, manteve durante a crise uma seção chamada “Notícias de Mariel”, que relatava os acontecimentos naquele porto. Eis uma pequena nota dessa seção:

Na manhã de segunda-feira saíram do porto de Mariel para os Estados Unidos duas embarcações que, procedentes da Flórida, recolheram 48 elementos antissociais. Entretanto, o departamento de estado ianque fazia frenéticas declarações contra essas viagens a Cuba, ameaçando arrestar, confiscar, etc. Agora começam a recolher os frutos de sua política de apoiar as saídas ilegais de Cuba, incluindo o sequestro de embarcações com seus tripulantes como reféns. Agora também se converteram em nossos guardas de fronteiras. Em poucas palavras, retiramos deles a custódia da península da Flórida (*Bohemia*, año 72, nº. 17, 25 de abril de 1980, p. 45).

Como se pode notar nesta citação, o governo norte-americano tentou impedir o desembarque dos dissidentes que chegavam pelo porto de Mariel desde o início, mas isso não foi possível devido à legislação favorável à imigração cubana e à cobertura internacional. O presidente norte-americano Jimmy Carter inclusive declarou no dia 6 de maio de 1980 estado de emergência em toda a Flórida, e a Casa Branca denunciou no dia 7 de junho que o governo cubano tinha exportado criminosos comuns retirados das prisões e enviados diretamente aos Estados Unidos da América (GOTT, 2006). Esse tipo de manobra evidentemente contribuiu para a marginalização de todos os que saíram pelo porto de Mariel. Contudo, o governo norte-americano não teve outra opção senão receber os exilados e suportar o escárnio das autoridades cubanas e a ironia da oposição interna republicana em meio à campanha eleitoral para a presidência do país. Esta acusava Jimmy Carter

de ter sido o primeiro presidente norte-americano a procurar dialogar com Fidel Castro desde o acirramento das relações entre os dois países em 1960. Em Cuba a imagem de Jimmy Carter também não era poupada, como mostram as imagens da imprensa cubana:

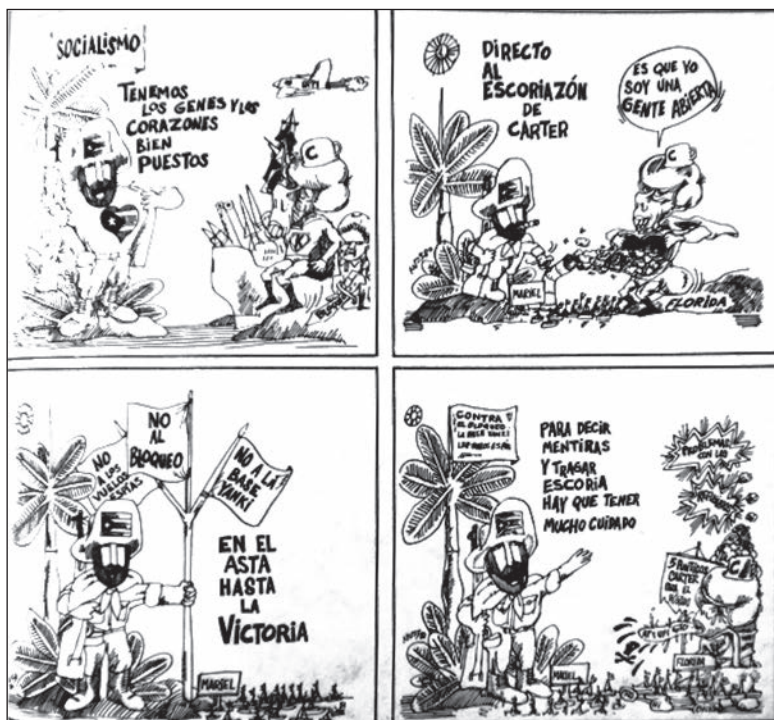


Imagem 10- Extraída da revista *Revolución y Cultura*, La Habana, nº. 95, julio de 1980, p. 61.

Após os episódios do Mariel, qualquer cubano que pretendesse entrar na América passou a precisar obter, antes, um visto de entrada na embaixada dos Estados Unidos em seu passaporte. Isso, evidentemente, não era tarefa das mais fáceis e em muito dificultou a chamada terceira migração massiva de 1994, conhecida como a “crise dos balseiros”. Desta feita, as pessoas se lançavam ao mar em pequenas balsas, na desesperada tentativa de atravessar as 90 milhas que separam Havana da Flórida. Com exceção de poucos que atingiram o ambicionado objetivo, muitos naufragaram ou foram devorados por tubarões. Os demais foram recolhidos pela guarda costeira norte-americana e levados para a base de Guantânamo em Cuba. De lá, só saíram depois de uma verdadeira batalha diplomática, que termi-

nou por dispersar milhares de dissidentes cubanos por vários países de todo o continente, já que o governo norte-americano se recusou categoricamente a acolher a todos eles. Hoje a legislação dos Estados Unidos da América estabelece o limite de 20.000 vistos para cidadãos cubanos por ano.

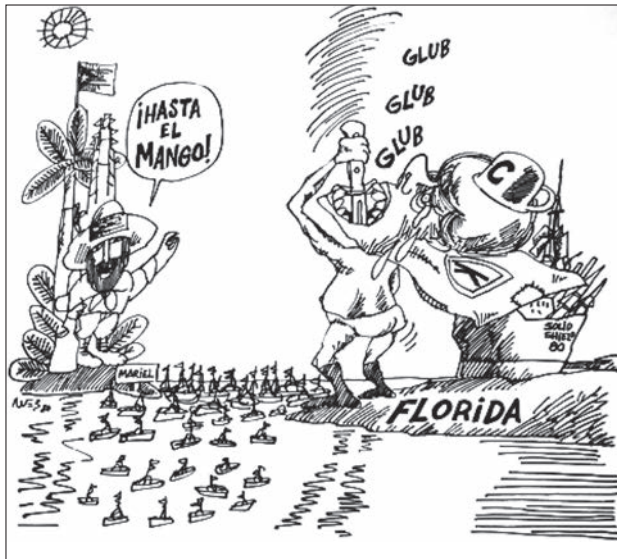


Imagem 11- Extraída da revista *Revolución y Cultura*, La Habana, nº. 95, Julio de 1980, p.60.

Ainda no dia 8 de maio de 1980, vinte e dois países e sete organizações internacionais se reuniram na Costa Rica para tratar a questão dos refugiados cubanos na embaixada do Peru e a crise do Mariel. Um artigo maliciosamente intitulado “Olha a cara do Carazo!” (*Que Carazo se trae Carazo?*), na revista *Bohemia*, investiu contra o presidente da Costa Rica e questionou a reunião convocada por ele e realizada nesse país para decidir sobre os refugiados do Mariel. O artigo, que ocupou duas páginas da revista, conclui da seguinte maneira: “Mesmo sem Cuba ter participado dessa reunião, aqui vão algumas ideias: por que Carazo não se ocupa de seus próprios problemas, ou, dizendo melhor, dos problemas de seu povo?” (*Bohemia*, 16/05/1980, p.49). A imagem insinua que a reunião fora presidida pelo presidente Carter, e designa o presidente Carazo como o interessado em repartir entre os representantes de quatro países – apenas o Peru, o Chile e os Estados Unidos são mais facilmente identificáveis – os indesejados dissidentes cubanos apontados na charge como *escória*.



As imagens e as notícias do Mariel na imprensa cubana apontam como o governo cubano reagiu ante a decisão de alguns governos de receber os dissidentes. No editorial da revista *Bohemia* (18/05/1980, p.48), o presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, é acusado de ter o seu relógio funcionando segundo a hora de Washington. Em outra charge a revista *Bohemia* mostra novamente o presidente Carazo como um cãozinho pouco ameaçador puxado pela coleira pelo presidente norte-americano Jimmy Carter.



Imagem 12- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 21- 23 de maio de 1980, p.73.



Imagem 13- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 20, 16 de maio de 1980, p.49.

Tal como afirma MESA-LAGO (1994), o governo cubano surpreendeu a todos, já que a inteligência norte-americana não esperava que em menos de 159 dias aproximadamente 125 mil cubanos desembarcassem nas costas da Flórida. No dia 25 de setembro o governo cubano suspendeu a saída pelo porto de Mariel, e em novembro o presidente norte-americano Jimmy Carter foi derrotado por Ronald Reagan nas eleições presidenciais americanas. O historiador Richard Gott, a esse respeito aponta:

Após quatro meses, os Estados Unidos estavam fartos. As implicações políticas dessa migração em massa foram negativas para o governo Carter, que logo estaria tentando a reeleição. A chegada de cubanos já não se confinava mais apenas à Flórida. Os elementos “lúmpens” e criminosos na migração foram distribuídos pelas prisões norte-americanas do Arkansas e Atlanta, e todo o país foi afetado. Uma nova série de negociações logo estava em curso e o êxodo foi finalmente interrompido em outubro. O episódio foi um desastre para Carter e um fator que contribuiu na sua derrota para Ronald Reagan, nas eleições (GOTT, 2006, p. 301).



Assim, durante a maior parte da campanha eleitoral norte-americana, Jimmy Carter se viu em meio a uma crise internacional e teve ainda que se defender da chacota republicana por ter sido o primeiro presidente norte-americano a ensaiar uma aproximação com Fidel Castro. Na imprensa cubana assim foi representada a derrota de Carter devido à sua intervenção no êxodo do Mariel:

Imagem 14 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 18, 02 de maio de 1980, p.60.



A decisão do governo cubano também conseguiu atingir a comunidade cubana de Miami, seu opositor histórico, pois também a essa não interessava uma imigração massiva. Por fim, destruiu a duvidosa oferta de solidariedade dos Estados Unidos da América ao povo cubano, pois esse país teve que voltar atrás e rever suas leis para impedir o desembarque de outros milhares de refugiados cubanos em sua costa.

### **O DISCURSO DO GOVERNO CUBANO, AS MANIFESTAÇÕES DOS “ESTABELECIDOS” E A ESTIGMATIZAÇÃO DOS MARIELITOS**

Com a abertura do porto de Mariel, o governo cubano conseguiu afastar a crise política internacional por algum tempo. Mas restava contornar os efeitos internos, visíveis desde a invasão da embaixada do Peru. Observe-mos a estratégia adotada pelo governo cubano nos meios de comunicação controlados pelo Estado. Fidel Castro passou a definir a emigração massiva de 1980 na rede estatal de TV, em revistas e jornais, como resultado direto da complexa e conturbada relação entre Cuba e os Estados Unidos da América. Ele culpava o imperialismo norte-americano e o embargo econômico imposto por aquele país pelas distorções sociais e econômicas em Cuba:

O bloqueio imperialista em Cuba gera lumpem e, portanto, emigração. A hostilidade sistemática mantida pelos Estados Unidos contra Cuba dificultando nosso desenvolvimento econômico e social gera lumpém e, portanto, emigração. A política de terror imperialista contra Cuba gera terror, dificuldades, lumpém e, portanto, emigração. A exploração de Cuba durante quase 60 anos pelos monopólios imperialistas gerou pobreza e subdesenvolvimento e, portanto, lumpem e emigração. A política contrarrevolucionária ianque contra Cuba estimula o lumpém e, portanto, sua emigração para os Estados Unidos (CASTRO, 1980, p.43-44).

O governo cubano não admitia, nem admite ainda hoje, que a emigração de 1980 fosse caracterizada como política e, muito menos, que os seus protagonistas representassem uma dissidência política. Para Fidel Castro, a emigração devia ser situada exclusivamente no plano econômico e como efeito direto e simples do bloqueio e do imperialismo dos Estados Unidos da América no continente.

O discurso oficial também procurou depreciar social, moral e mesmo intelectualmente os que emigravam, enquadrando-os na categoria emigrado/lúmpen, a escória da sociedade cubana. A esse respeito, Fidel Castro, em um editorial da Revista *Bohemia*, fez uma analogia entre a vida social e as funções biológicas do corpo humano:

De maneira que não há que se preocupar se perdermos um pouco de partes moles. Nós ficamos com os músculos e com o osso do povo. Com isso ficamos, com as partes duras. São as partes duras de um povo que são capazes de qualquer coisa. E essas partes duras, que são muitas, é preciso respeitar, porque têm uma força impressionante, como se demonstrou nas batalhas de massas de abril e de maio. Nós ficamos só com o cérebro e com o coração e os pés bem colocados sobre a terra. Com as partes moles, cirurgia plástica. Antes nos levavam os médicos, os engenheiros, professores, pessoal muito qualificado. Agora lhes tocou levar o lúmpem. Essa é a realidade, esses é que lhes encheram a cabeça de ilusões (CASTRO, 1980, p. 3).

Fidel Castro nesse artigo defende a depuração na ilha. O critério de valores é estabelecido: antes o imperialismo norte-americano levava os melhores profissionais da ilha; após a revolução cubana de 1959, os únicos que ainda se iludiam pelo “sonho americano” eram pessoas desqualificadas, sem profissão, que se deixavam enganar pelas propostas de riqueza da nação capitalista do norte. E, por isso, não representavam uma perda para o país. Dessa forma, o que estava em curso na ilha não seria uma dissidência política e sim uma “cirurgia plástica” que extirpava os que não tinham consciência revolucionária ou função social. Neste sentido, o líder revolucionário se posicionou para lançar o estigma de um grupo “estabelecido”, representado no discurso como “partes duras” sobre outro, os *outsiders*, representados como as “partes moles”. Essa operação foi assim tratada por Norbert Elias:

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na melhoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*,

em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e o outro é “ruim” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.22-23).

Entretanto, Castro (1980) conclui o artigo com uma espécie de manifesto contra os que se deixavam “encher a cabeça de ilusões”. Embora o discurso seja político e, portanto, direcionado a um objetivo específico, devemos reconhecer que, ao tentar desqualificar os que emigravam para os Estados Unidos naquele momento e ao optar por uma explicação econômica generalizante na qual os habitantes de um país pobre são seduzidos pelos sonhos de prosperidade propagados por um país rico, Fidel Castro acabou por diferenciar a emigração de 1980. Ora, quem poderia ser mais seduzido pelas ilusões de enriquecimento do que as camadas menos favorecidas de uma sociedade? Não é evidente que alguém muito bem posicionado numa sociedade esteja mais satisfeito do que um desempregado, por exemplo? Não seria um dever do Estado socialista estancar o crescimento do lumpen, essa camada alienada? Pelas estatísticas, os emigrados eram, em sua maioria, jovens que haviam crescido e se formado após 1959. Não seria responsabilidade também do governo cubano o surgimento desses milhares de “antissociais”? E a permanência do lumpen não era responsabilidade da revolução? Juan de Abreu, um dos integrantes da Geração Mariel comentou a esse respeito:

Que importa que falem que se é prostituta ou homossexual? Se num país depois de vinte anos de revolução, de uma política “exemplar” com uma política “esquisita”, segundo eles, em prol do homem, da cultura, da “grande moral socialista” e todas essas coisas, depois de vinte anos de um regime como esse, você lhe dá uma pequena abertura e por ali saem cem mil pessoas em menos de três meses, e vamos supor que essas cem mil pessoas são delinquentes, bom, a culpa é sua, senhor! Eu tenho a idade da revolução, como os demais. Quando eu nasci, quando nasceram todos esses jovens, quem nos fez delinquentes se somos delinquentes? Então você tem um sistema que faz delinquentes. Isso é elementar e quem não vê isso é porque está cego (ABREU, *in*: ALMENDROS; JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p.70).

Mesmo sem a pretensão de emitir juízo de valor sobre os conteúdos dos argumentos feitos por Juan de Abreu, um fato não pode ser desconsiderado: uma parcela da sociedade cubana que devia, em tese, sentir-se contemplada com a revolução, estava descontente com os rumos que ela tomava. Durante o período em que eram divulgadas as declarações de Fidel Castro e de outras autoridades do governo pela imprensa cubana, foi definido que todo cidadão que pretendesse deixar o país devia apresentar-se às autoridades. Segundo o governo cubano, isso se dava por questões de segurança e para evitar transtornos. Mas há denúncias, por parte dos que passaram por essas triagens, de que muitos cidadãos não conseguiram a permissão e outros foram favorecidos por serem considerados “indesejáveis”, tais como prisioneiros comuns, homossexuais, prostitutas, deficientes mentais, entre outros. Em contrapartida, o governo impedia a saída de dissidentes políticos, artistas, intelectuais conceituados e profissionais considerados fundamentais, como médicos, engenheiros e dentistas.

A imprensa cubana também representou o êxodo do Mariel como uma questão de limpeza, as charges evidenciam como foi caracterizada a rota Mariel-Cayo Hueso. Inclusive, na própria revista *Bohemia* no editorial intitulado “Notícias de Mariel”, apareceu um pequeno aviso convocando a um concurso de charges: “A Assembleia Provincial do Poder Popular de Havana, em coordenação com a UNEAC e a UPEC, convoca para um concurso de caricatura para a criação de um personagem que identifique e simbolize a aspiração por uma cidade limpa, bela e higienizada” (*Bohemia*, ano 72, nº. 23, 06 de junho de 1980, p.49). A ideia de higienização mostra como foram tratados em Cuba os *marielitos*. A propósito, Norbert Elias aponta:

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos *outsiders* não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos (ELIAS, 2000, p.29).

Assim, o caricaturista René de la Nuez, criador da frase “Onde escorre a escória” (“*La noria de la escoria*”. In: *Revolución y Cultura*, No. 95/80, p. 58-59), representou numa charge a *noria*, espécie de canal utilizado para escoar a sujeira:

O governo cubano mostrou-se preocupado com a repercussão que os acontecimentos da embaixada do Peru poderiam causar na opinião pública internacional. Decidiu então mobilizar o país por meio dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR), que passaram a organizar, em cada quarteirão da ilha, as chamadas “Marchas do Povo Combatente”. Assim, durante os meses de abril e maio de 1980, como foi divulgado pela imprensa cubana, uma grande parte da população apoiou as medidas do governo com cartazes e discursos que acrescentavam ênfase ao desprezo pela “escória”. Com essas marchas começou a acontecer uma verdadeira estigmatização de parte da sociedade cubana, a chamada “escória”, mas não se podem ver tais manifestações como um simples caso de preconceito. Segundo Norbert Elias, só é possível a estigmatização social causar efeito se houver um desequilíbrio nas relações de poder. O autor alerta: “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.23), o que fica bem evidente nas imagens a seguir:

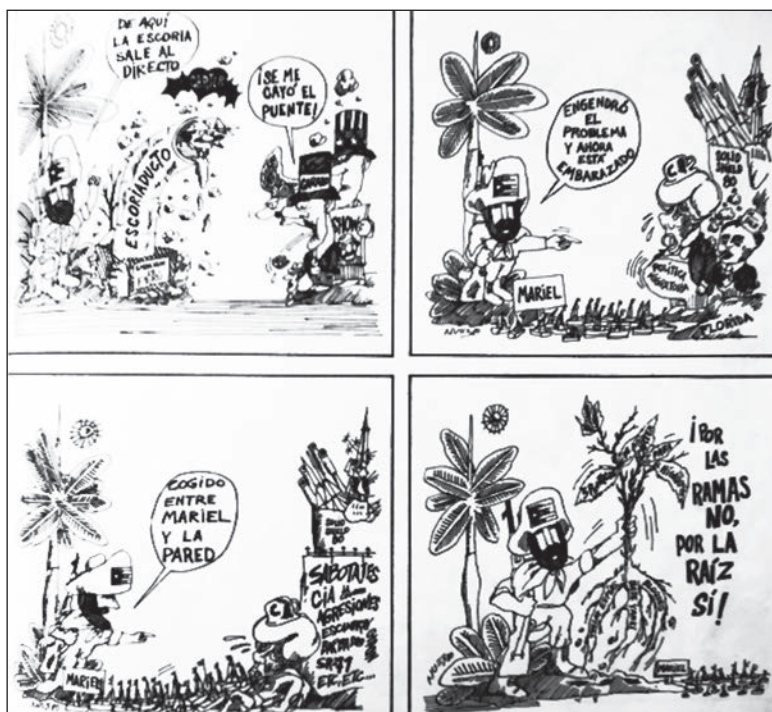


Imagem 15 - Extraída da revista *Revolución y Cultura*, nº. 95/80- julio, 1980, p.60.



Imagem 16 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 16, 18 de abril de 1980, p.59.

A imprensa cubana deu uma cobertura completa aos episódios do Mariel. Fidel Castro escrevia mensagens cotidianamente que eram publicadas nos jornais *Granma*, *Juventud Rebelde*, assim como na revista de maior circulação nacional, *Bohemia*. Num dos editoriais desta última revista, Fidel Castro, com o intuito de mostrar de que lado estava o poder, afirmou a necessidade de o povo de Cuba defender a pátria e saudou as manifestações nas praças:

Eu diria que esta é uma batalha que se hoje se realizou em defesa da integridade de nossa pátria. Somente a presença de vocês, nesta praça<sup>56</sup> é uma batalha, e uma importante batalha em defesa da integridade e a segurança de Cuba porque o perigoso é que o inimigo se confunda, o perigoso é que o inimigo se engane (CASTRO, *Bohemia*, año 72, 23/05/1980, p.3).

---

56 Refere-se à *Plaza de la Revolución*, onde Fidel Castro realizou a maioria de seus discursos em Havana.



Imagem 17 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 16, 18 de abril de 1980, p.60.

Em Cuba, as Marchas do Povo Combatente serviram para mostrar uma autoimagem coesa dos “revolucionários”, ou do “povo”, que saíram as ruas a defender a pátria contra os “inimigos” da revolução. Um dos cartunistas mais populares de Cuba nesses anos, autor das charges mais conhecidas sobre o Mariel, era René de la Nuez, que criou a personagem do miliciano que enfrenta o imperialismo, como mostramos a seguir,



Imagem 18- Extraída da revista *Bohemia*, año 72, nº. 18, 02 de maio de 1980, p.9.



Em 1980, várias reportagens são reproduzidas em jornais e revistas cubanas, felicitando o povo de Cuba. Os jornalistas cubanos descreveram a situação como se o país vivesse uma grande festa coletiva, as pessoas dançam na rua e mostram-se felizes com a nova tarefa cumprida: “Os amplificadores difundem ritmos marciais de marchas revolucionárias. Aqui e ali rompem passos de conga, fazendo coro ao ‘Vão embora!’ As crianças a cavalo sobre os ombros dos pais agitando banderinhas cubanas e rindo felizes” (FUENTES, *Bohemia*, 25/04/1980, p.49). As imagens que ilustram o artigo comprovam como a revista *Bohemia* representou com fidelidade esse espírito das marchas:



Imagem 19- Extraída da revista *Bohemia*, año 72, nº. 17, 25 de abril de 1980, p.48-49.

Desse modo, podemos afirmar que as marchas expressavam a unidade, a coesão dos “estabelecidos” frente ao outro grupo. Norbert Elias aponta como esse elemento é precisamente o diferencial de poder dos dois grupos:

Um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos – *outsiders* (ELIAS, 2000, p.22).



A imprensa cubana nos meses de abril e maio descreveu e narrou os desdobramentos dos acontecimentos da embaixada do Peru e reforçou o poder “do povo que está com Fidel e a revolução” e, com um tom apolo-gético e festivo, celebrou os protagonistas das marchas. Fuentes prossegue em seu relato:

A graça e a imaginação popular encontram amplo campo para mani-festar-se nos emblemas e cartazes. Os letreiros e suas ilustrações, umas vezes artisticamente desenhados e outras em traços irregulares sobre um papelão qualquer parecem dançar no ar. O bom humor nacional brinca com as rimas e assonâncias (*Bohemia*, 25/04/1980, p.49).



Imagem 20 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº. 17, 25/04/1980, p.56.

É importante assinalar que esse nível de coesão mostrado nas chama-das Marchas do Povo Combatente só era possível graças ao controle social que exerceram os Comitês de Defesa da Revolução (CDR). Além dessas marchas, outras manifestações promovidas pelos CDRs foram os chamados Atos de Repúdio, organizados diariamente em frente às casas dos que se decidiam a abandonar a ilha. Consistiam em reuniões de vizinhos, das quais participavam também as escolas próximas. A multidão se reunia em frente

das casas do dissidente gritando todo tipo de improperios e alguns manifestantes chegaram por vezes a realizar agressões físicas. Felix Hernández (ex-guia turístico de Cubatur) comenta em seu depoimento, no documentário *Conduta Imprópria*, sobre os *actos de repudio* que vivenciou antes de sair de Cuba pelo Mariel:

Em Havana, antes de sair nos fizeram os chamados atos de repúdio. Praticamente nos destruíram a casa, nos lincharam moralmente. Foi horrroso, verdadeiramente horrroso [...] Assim estivemos fechados em casa uns dezesseis días. Colocaram alto-falantes, colocaram os cartazes mais insultantes que se possa imaginar na fachada da casa. E até cortavam a luz e a água... Era uma paisagem comum nos días do Mariel: você passava por uma rua e logo encontrava uma casa que tinha as coisas mais grosseiras pintadas na fachada e a pobre gente não podia sair, porque, se saíam, jogavam-lhe pedras: uma coisa simplesmente bárbara (ALMENDROS, JIMÉNEZ-LEAL, 1984, p.168).

Essa passagem de Felix Hernández nos mostra a violência física e moral exercida pelos manifestantes dos Atos de Repúdio. A imagem a seguir mostra como eram os cartazes que penduravam nas casas dos que pretendiam sair pelo Mariel.



Imagem 21- Extraída de Houses left cubans who sought refuge in the Peruvian Embassy. Extraída de Center for Cuban Studies. In Larzelere, A. p.21

Embora não tenhamos acesso a documentos oficiais que comprovem a forma vergonhosa como se processavam as triagens por parte do governo cubano, alguns depoimentos, memórias e autobiografias precisam ser levados em consideração (ALMENDROS, JIMÉNEZ-LEAL, 1984; ARENAS, 1992; IBARRA, 2000). Primeiramente, a pessoa devia dirigir-se a um escritório policial, o que por si só já era um inconveniente. Depois, devia preencher um formulário no qual tinha que explicar por que motivo desejava sair de Cuba, o que também não era tarefa das mais fáceis, pois isso automaticamente significava tornar-se inimigo da revolução e do Estado. Ademais, havia a alternativa de admitir problemas de conduta moral, que tinha como intuito esvaziar o debate político e levá-lo para a esfera comportamental, além de comprovar o discurso oficial estabelecido por Fidel Castro. Por fim, quem garantiria a esse candidato ao exílio que ele o conseguiria? E se, em vez disso, ele encontrasse o cárcere, sob a alegação, por exemplo, de haver denúncias de espionagem contra ele, quem provaria o contrário?

Certamente várias pessoas não se dirigiram às autoridades cubanas por temerem um desses fatores. Como consequência, os que conseguiam a permissão de sair pelo porto de Mariel eram considerados socialmente desqualificados, como, por exemplo, homossexuais, delinquentes, doentes mentais, prostitutas, alcoviteiros, entre outras categorias consideradas negativas pela sociedade cubana. Dessa forma, oficialmente a saída estava necessariamente condicionada a um comportamento desviante. As autoridades cubanas referiam-se a essas pessoas como escória, antissociais ou lúmpen. O discurso oficial foi incorporado pela imprensa cubana, que variava a terminologia, mas não o conteúdo, o que se pode perceber na charge abaixo:



Imagem 22 - Extraída da revista *Bohemia*, año 72, nº. 25, 20/06/1980, p. 78.

Na charge, o presidente dos Estados Unidos da América, Jimmy Carter, num evento de sua campanha pela reeleição, dança com uma ratazana num palco chamado “ESCORIA DANCING”. A charge mostra Jimmy Carter lamentando-se porque lhe havia tocado dançar com a mais feia, o que remetia ao discurso de Fidel Castro: antes, as ilusões norte-americanas levavam ao exílio os melhores profissionais de Cuba. Contudo agora somente restava a ele “dançar” com as mais feias, com a escória da sociedade cubana. A ratazana está relacionada à sujeira dos esgotos, à náusea. Eram os ratos que agora saíam em direção à Flórida.

O discurso oficial procurava criar um estigma para depreciar o caráter dos que rompiam com a revolução cubana. Não obstante a diferença ideológica, esse discurso encontrou ressonância do outro lado do Estreito da Flórida, junto ao Governo dos Estados Unidos da América e a uma parte da sociedade norte-americana, que sempre denunciava o governo cubano por violação dos direitos humanos e que acompanhava agora com preocupação a chegada de milhares de *marielitos*:

Em toda a nação haviam aparecido grupos de cidadãos, por meio da imprensa escrita e falada, assim como em todos os canais de televisão, portando longas armas e outros tipos de armamento para defender “seus lares ameaçados pelos terríveis marielitos”. A repetição constante em todos os meios de notícias enfatizavam a brutal e discriminatória frase: *The Marielitos are coming! The Marielitos are coming!* (PEREZ VIDAL, 1988).

O governo dos Estados Unidos da América e grande parte da imprensa desse país e da sua sociedade civil passaram a denunciar o governo cubano por facilitar a saída de setores ‘indesejáveis’ de Cuba. As charges e fotografias na imprensa cubana explicitavam o caráter de saneamento que significava a abertura do porto de Mariel. Na charge seguinte, por exemplo, o personagem central que desembarca na Flórida carrega ostensivamente um pé-de-cabra, instrumento clássico de trabalho dos arrombadores.

Desse modo, ocorreu uma aproximação entre os discursos de inimigos tão acirrados. Os cidadãos cubanos pertencentes ao lumpen, ou à escória, ou a qualquer outra rotulação pejorativa, não eram considerados bem-vindos aos Estados Unidos da América e tampouco significavam uma perda em Cuba; mas, sim, um estorvo a ser repellido por todos. A conver-

gência de preconceitos sociais, sexuais, raciais superava o fator ideológico. O que definimos como condição Mariel é o processo de estigmatização ao qual os dissidentes cubanos exilados de 1980 foram submetidos: tanto em Havana quanto em Miami, seja pelo governo cubano ou norte-americano, pela comunidade cubana de Miami, ou pela população de Havana.



Imagem 23 – Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, nº 18, 02 de maio de 1980, p.70.

O conceito de estigma foi elaborado por GOFFMAN (1988), e diz respeito a atributo ou atributos depreciativos de um indivíduo relativamente ao ambiente e às relações sociais por ele partilhadas. Para esse autor, o estigma em si mesmo não é nem honroso nem desonroso, pois o estigma de uns pode confirmar a normalidade de outros. O estigma só se torna depreciativo em determinados contextos e redes de relações sociais. Essas considerações de Goffman, bem como as já mencionadas de Norbert Elias, aplicam-se ao fenômeno Mariel, que foi oficialmente descrito como um êxodo de indivíduos moralmente desqualificados e, pois, inabilitados para uma aceitação social plena. Goffman explica:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros

de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de ser nelas encontradas. [...]

Acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (GOFFMAN, 1988, p.11-12 e 15).

Além das notícias nos jornais e revistas cubanas, o noticiário do ICAIC, dirigido por Santiago Alvarez, gravou várias cenas dos acontecimentos na embaixada do Peru em Havana. Imagens desses noticiários, comentadas pela revista *Bohemia*, são indícios do processo de construção do estigma dos *marielitos*, mostrados como se fossem animais selvagens:

Ante nossos olhos desfilam a ritmo de 24 x segundo, rostos patibulários, “guaposos”<sup>57</sup>, afeminados, crápulas de todo tipo. Vemos também como impera ali a lei do mais forte: os chutes a seus iguais de um lúmpem para pegar uma ração de comida (VALPER, “El noticiero de la embajada” in revista *Bohemia*, año 72, nº. 20, 16/05/1980, p.26).

Dessa forma os *marielitos* foram vistos como inumanos, confirmando o que diz Elias (2000, p.29) no seu estudo, que os grupos *outsiders* são “comumente tidos como sujos e quase inumanos”. Por sua vez, o jornal *Granma* descreveu-os com palavras que tinham o intuito de inferiorizá-los. Assim, o principal jornal cubano, utilizou com frequência os termos escória, lúmpem, antissociais, *gusanos* (vermes), delinquentes, afeminados, etc. Também nesse sentido, o estudo de Elias assinalou como o uso desses termos degrada e danifica ao grupo *outsiders*:

Com frequência, os próprios nomes dos grupos que estão numa situação de *outsiders* trazem em si, até mesmo para os ouvidos de seus membros, implicações de inferioridade e desonra. A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.27).

---

57 *Guaposo*, na fala popular cubana, significa marginal.

Até mesmo o próprio Primeiro-Ministro Fidel Castro empregou sem maiores constrangimentos os termos que pretenderam desmoralizar os que se evadiam de Cuba. Nesse contexto, os dissidentes eram vistos como um grupo de pessoas problemáticas, com dificuldades de socialização. O discurso oficial procurava construir um estigma para depreciar o caráter dos que rompiam com a revolução cubana.

O estigma pelo qual foram rotulados os dissidentes cubanos também foi registrado em diversos depoimentos. Muitos salientaram que a permissão para sair de Cuba estava condicionada a um ato de confissão moral, cujo objetivo era amenizar os efeitos da crise interna, ou seja, negar a existência de uma oposição política em Cuba, e também justificar a aversão declarada do governo cubano e do “povo” contra os *marielitos*. Em sintonia com isso, Norbert Elias relata:

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante aos que compõem o grupo *outsiders* [...] Isso ilustra muito vividamente a operação e a função das crenças do *establishment* a respeito de seus grupos *outsiders*: o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos *outsiders* transforma-se em sua imaginação, num estigma material – é coisificado (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.35).

Percebemos novamente que a relação entre estabelecidos e *outsiders* toma vida e será explicada a partir de uma justificativa específica em cada sociedade e em cada momento histórico. Pode variar do sobrenatural ao científico – eugenia – e do natural ao ideológico. O que importa é criar uma justificação que exima os estabelecidos e culpe os *outsiders*. A variação encontra elementos específicos em cada cultura. É na cultura que se sedimentam e programam os estigmas de cada sociedade. O governo cubano e parte da sociedade, responsáveis pela criação do estigma social dos *marielitos*, transferiram para eles a culpa. Nessa lógica são eles os que se declaravam como “lúmpens”, “homossexuais”, “delinquentes”, “escória”, etc.

Alguns depoimentos também mostram como muitas pessoas que não pretendiam entrar na Embaixada do Peru ou passar pela triagem do governo cubano mesmo assim foram enviadas aos Estados Unidos da América sim-



plesmente por manifestarem as “condições necessárias” para saída, como Caracol relata em depoimento:

Você saiu pelo Mariel? Você entrou na Embaixada do Peru?  
 Caracol: Não. Eu ia a levar comida e refrigerantes a uma amizade que estava ali e me pegaram antes de chegar. Me levaram a prisão, onde estive uns quinze días... Me lembro de que, pelas quatro e meia da madrugada, quase cinco, o general da prisão nos levou a todos e explicou que haviam passado uma lei que, obrigatoriamente, toda a gente que havia estado nos arredores da Embaixada tinha que ir para os Estados Unidos [...] Eu dizia: Lá eu não conheço ninguém, ir sozinho, que será de mim? Não entendo o idioma. Então eu gritei: Não, eu não quero ir embora, eu não quero ir embora. Então um guarda que me chamava Fifi, de tempo em tempo passava e me dizia: Fifi vai embora, que isto vai ficar pior para vocês (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p.57-58).

Caracol aparece como um membro *outsider*, duas características sobressaíram no depoimento: a primeira, ele não respeita as normas estabelecidas pelo governo e a segunda, ele não pertence a um grupo coeso, ele não tem poder nem mesmo para permanecer no seu país.

A rotulação e a rejeição dos *marielitos* em Cuba danificaram a sua autoimagem. A socióloga Mireya Robles, que saiu de Cuba em 1957 e trabalhou no Fort Chaffe durante 1980 como servidora social, observou como funciona o estigma social: “o homossexual que eu conheci em Fort Chaffe chamava a si mesmo de um homem com “um defeito”, com “uma debilidade”, se autocriticava e se auto rebaixava” (ALMENDROS; JIMENEZ LEAL, 1984, p.51). Sobre essa questão novamente Norbert Elias esclarece:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último, e com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.24).

Sob essa perspectiva, o objetivo do governo era chamar a atenção da sociedade cubana para a impossibilidade de adaptação daqueles grupos



estigmatizados ao modelo mais justo de sociedade proposto pela revolução. Contudo, os dissidentes que não se encaixavam na categoria de lúmpen, tal como foi definida pelo governo cubano, com receio de não passar pela triagem, encontraram como alternativa desesperadora fingir o que não eram:

Lembro as tragicomédias de mulherengos passando-se por homossexuais, de mães de família simulando ser lésbicas ou prostitutas, de pessoas honradas que apresentavam à polícia papéis falsos onde constavam atos insólitos de delinquência, histórias abjetas, ruindades. Isto também é Cuba. A violência misturada com a farsa (VICTORIA, 1998, p.134).

Foi neste cenário político de intenso conflito que milhares de cidadãos cubanos alcançaram a fuga tão almejada. Em cada pequena embarcação saíam dezenas de “antissociais” e, ao largo, centenas de cubanos proferiam palavras de ordem. Eram multidões organizadas pelo Partido Comunista Cubano, pelos CDRs e pela imprensa oficial, com o objetivo de protestar contra aqueles que, por interesses pessoais e/ou morais, fugiam da ilha e de suas responsabilidades com a construção do socialismo e da pátria. Como podemos ver na seguinte fotografia, a maioria da população parece ter acompanhado com entusiasmo o ponto de vista das autoridades e dos meios de comunicação da ilha.

As manifestações e os atos de repúdio no porto de Mariel constrangiam familiares e amigos que iam despedir-se dos dissidentes, que estavam temerosos com a possibilidade de não mais rever os que se iam e apreensivos com a multidão. Havia manifestantes, segundo muitos relatos, que não se conformavam somente em atacá-los verbalmente, mas que também tentavam alvejá-los com as mais variadas espécies de objetos. As ameaças e ofensas também passaram uma imagem do perigo que constituíam os que rompiam com a revolução. Eles haviam se tornado um grupo *outsider* ao não respeitar as normas da ilha revolucionária e enfrentavam a coação do governo cubano e da sociedade que o apoiava. A esse respeito, Norbert Elias, elucidada:

Os *outsiders* são vistos – coletiva ou individualmente – como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coleti-

vos, de cuja observância dependem o *status* de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.26).



Imagem 24 - Extraída da revista *Bohemia*, ano 72, n.º. 16, 18 de abril de 1980, p.62.

Desde que os “revolucionários” fecharam as fileiras para “limpar a casa” preservando sua superioridade, os *gusanos* pouco tinham a salvar. As embarcações nas quais viajaram estavam em sua maioria em condições inaceitáveis, e a quantidade de pessoas por barco era no mínimo preocupante.

Os emigrantes levavam consigo somente um punhado de roupas surradas e a esperança de começar uma nova vida no exílio. A maioria não conhecia ninguém nos Estados Unidos da América, não trazia consigo qualquer moeda e tampouco falava inglês. Contudo, nem mesmo essas adversidades eram consideradas relevantes.

Acreditavam que não eram os primeiros escapados de Cuba e da revolução de 1959 e que em Miami se encontravam milhares de outros cubanos que, como eles, também haviam feito a travessia e, certamente, estariam dispostos a apoiá-los. O que os protagonistas desse enredo não sabiam é que carregavam consigo algo do qual seria muito difícil se desvencilhar: o estigma.

# A Travessia

“O Mariel foi um disparo. Um tiro que retumbou ao largo de uma ilha passiva, manietada, empapada com o suor de mandados.”

**CARLOS VICTORIA, 1998**

## A “RECEPÇÃO” NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Após a travessia do Estreito da Flórida e das 90 milhas que separam o porto de Mariel, em Havana, do porto de Cayo Hueso em Miami, os dissidentes políticos cubanos, munidos apenas das roupas que traziam no corpo e de um cartão de identificação que pouco dizia sobre eles mesmos, foram acolhidos pelas autoridades norte-americanas no porto de Cayo Hueso, acompanhadas por militares armados. Caracol, pseudônimo de um homossexual cubano, narra a chegada a Miami:

Eu ia num barco muito bem, mas assim que cheguei aqui senti uma má impressão e me assustei. Pensei: “Ai! Fidel tinha razão!” Quando cheguei a Cayo Hueso e vi os guardas americanos que nos estavam vigiando – nesse momento eu não sabia que nos estavam vigiando – quando os vi me impressionei e falei: Ai! Fidel tinha razão, é uma ilha e vão nos matar. Mas não (ALMENDROS; JIMÉNEZ LEAL, 1984, p.58).

Como afirmou Caracol em seu depoimento, os agora chamados *marielitos* foram detidos logo ao desembarcar, e a presença dos militares amedrontou os recém-chegados. O médico cubano-

-americano Angel Pérez Vidal descreve que, quando trabalhava no Centro de Orientação da Família Hispânica da Universidade de Miami, foi convocado com urgência para organizar, juntamente com outros profissionais do Centro, uma equipe que seria responsável pela observação da saúde mental de todos os jovens menores de idade que haviam chegado via Mariel sem acompanhantes e que estavam dispersos em vários pontos do país. Pérez Vidal confirma o depoimento de Caracol:

Ao chegar a Fort Chaffee minha primeira impressão foi totalmente negativa [...] Pude observar que havia várias barracas, nas quais havia guarnições de soldados armados, o que apesar de meus limitados conhecimentos militares, me fizeram pensar que estavam posicionados para a guerra e prontos para o ataque ao primeiro sinal de perigo. Estavam de capacete, rifles com baioneta calada e toda uma série de artefatos que usualmente se observam nos soldados que estão em estado de alerta de guerra. Todos estavam prontos para atacar o inimigo (PÉREZ VIDAL, 1988, p.19).

Logo ao chegar, os denominados “entrantes” foram detidos e isolados para prestarem alguns esclarecimentos. As perguntas incluíam por que motivo haviam deixado o seu país, se haviam sido acusados de algum crime em Cuba, entre outros. Após o preenchimento do relatório, os exilados eram enviados a abrigos improvisados, tais como estádios de esporte e acampamentos militares espalhados não só na Flórida como em outros estados norte-americanos. Desse modo, o governo dos Estados Unidos de América criou acampamentos militares em vários lugares para, numa situação idêntica àquela que tinham deixado, alojar os *marielitos* e ter tempo de “estudá-los, catalogá-los, diagnosticá-los” para depois saber que se faria com eles (PÉREZ VIDAL, 1988, p.17). Assim, surgiram os Acampamentos de Fort Chaffee, no estado de Arkansas; o de Indiantown Gap, na Pensilvânia; e o de Fort MacCoy, em Wisconsin.

A justificativa do governo era que, antes de dar o visto permanente aos exilados, seria necessário elucidar quem eram os dissidentes cubanos, o que pretendiam ao se exilarem no país e por quais razões o faziam. Outro motivo apresentado era que o governo estudava uma forma de controlar e favorecer a integração dos recém-chegados à sociedade

norte-americana (PEDRAZA, 2007). Para tanto, alguns familiares de exilados, principalmente em Miami, passaram a responsabilizar-se por eles, o que acelerou a liberação de alguns refugiados. Contudo, eram poucos os que tinham familiares nos Estados Unidos da América. Alguns deles eram ligados a igrejas protestantes norte-americanas, que assumiram a responsabilidade para com os seus fiéis cubanos que foram aos poucos liberados. Outros, muito poucos, conheciam cidadãos norte-americanos ou eram conhecidos nos Estados Unidos da América por seu trabalho. Quando tinham uma proposta de emprego, era-lhes permitido sair quase imediatamente desses alojamentos. Mas a maioria não tinha nenhuma dessas vantagens e passou meses nos acampamentos, em improvisados acampamentos militares para refugiados à espera de que decidissem o seu futuro. O médico cubano Angel Pérez Vidal comenta o que viu logo que chegou aos acampamentos militares:

Eram lugares bastantes inóspitos para esses seres humanos, que não conheciam o idioma nem os costumes do lugar em que se encontravam. A única coisa que talvez era familiar para eles, constituía a realidade de que haviam saído de um imenso campo de concentração, que era o lugar da residência anterior, para pernoitar ou residir num acampamento militar onde nada lhes era familiar ou amável e tudo era completamente desconhecido (PÉREZ-VIDAL, 1988, p.17-18).

Por outra parte, os *marielitos* que tinham familiares ou conhecidos, após saírem dos acampamentos militares também tiveram que se preparar para inserir-se nessa nova sociedade. O escritor Ismael Lorenzo, pertencente à Geração Mariel, relata a sua saída do acampamento militar Fort Chaffe e a sua chegada em Miami:

À saída do *concourse* meu cunhado me esperava. Me despedi da moça com quem havia conversado durante a viagem. Olhei as luzes do aeroporto, os gigantescos pátios, agora realmente começava minha vida em terras americanas. Vinte anos de vicissitudes e horror haviam mudado muitos de meus valores. As grandes casas, os carros do ano e a ostentação já não eram parte de minha cultura cubana. As bases para o não entendimento estavam lançadas (LORENZO, Revista *Término*, Ohio, primavera de 1984, p.7).



Imagem 25- Refugiados cubanos em Miami. Extraída de *Mariel*, 10 May 1980 – Cuban refugees await processing at Trumbo Point NAS. Disponível em: <http://cuban-exile.com/photo/mariel/mariel28sm.jpg>

Mas o maior problema enfrentado pelos recém-imigrados não era a condição insólita em que chegavam a Miami, e sim o estigma construído pelo governo cubano e de imediato absorvido nos Estados Unidos da América, inclusive pela comunidade cubana de Miami que havia patrocinado a chegada de todos ao novo país. A estigmatização dos *marielitos* por parte da comunidade cubana estabelecida é evidenciada em vários momentos. Segundo Pérez Vidal, o desprezo pelos *marielitos* era expresso abertamente por parte da comunidade cubana e norte-americana. No entanto, eles aceitavam trabalhar nos acampamentos recebendo altos salários:

Os cidadãos que residiam no povoado próximo a Fort Chafee demonstravam um forte sentimento de repulsa e desprezo para com todos

os refugiados, ainda que ao mesmo tempo, aceitavam trabalhar com altos salários dentro da base militar, servindo à população contra a qual expressavam suas críticas de forma aberta e impiedosa (PÉREZ VIDAL, 1988, p.23).

Deve-se ressaltar que o médico Pérez Vidal é um típico representante da comunidade cubano-americana de Miami e, no entanto, não compartilha as representações de recusa aos *marielitos*. Portanto, é evidente que se devem evitar generalizações. Quando a Geração Mariel critica a comunidade de Miami, isso não significa que todos os cubanos ali estabelecidos tivessem as mesmas representações do Mariel, e sim, que havia uma maioria de cubanos em Miami (que não era nada silenciosa) que os discriminava. Portanto, quando aqui apresentamos alguma generalização relativa à comunidade cubana de Miami, devem-se fazer as mesmas ressalvas em relação aos cubanos que defendiam a revolução cubana e não compartilhavam das mesmas representações dos que se evadiam de Cuba. Nem todos os que preferiam continuar em Cuba e defender a sua revolução estavam necessariamente relacionados ao processo de estigmatização sofrido pelos *marielitos* na ilha. Contudo, mesmo levando em conta essas ressalvas, isso não impediu que em Cuba os dissidentes fossem majoritariamente tachados de escória e antissociais, e que nos Estados Unidos da América passassem a ter como marca a alcunha de *marielitos*, impressa nos jornais e difundida em Miami e por todo o país.

Como todo segmento estigmatizado, os recém-chegados vindos pelo porto de Mariel passaram a ser responsabilizados por tudo o que não correspondia às expectativas dos habitantes de Miami. Desta forma, se havia um aumento de furtos, devia-se a eles; aumentava o desemprego, a culpa era dos *marielitos*; se o salário da construção civil diminuía, a culpa, evidentemente, era deles. As queixas se acumulavam. Para toda a sociedade, Miami já não era a mesma após a chegada de aproximadamente 125 mil *marielitos*<sup>58</sup>. Neste sentido, o jornal miamense *El Nuevo Herald* expressa num dos seus artigos esse mal-estar:

Três anos depois de chegar a Flórida, os cubanos vindos pelo Mariel continuam cometendo delitos, enchendo as agendas dos tribunais e

---

58 Ver a extensa sequência de matérias publicadas no jornal *Miami Herald*, especialmente entre maio e dezembro de 1980.



superlotando os cárceres do condado, numa quantidade desproporcional a seu número, segundo os arquivos da polícia (STARITA, Mariel: alta taxa de criminalidade, *El nuevo Herald*, Miami, Flórida, 24 de abril de 1983, p.4).

O próprio artigo conclui que: “Segundo funcionários da prisão do condado de Dade, os cubanos de Mariel fizeram com que os hispânicos sejam agora o grupo étnico mais frequentemente aprisionado em Dade” (STARITA, *ibidem*).

É necessário, porém, ter-se em mente que a situação dos considerados “entrantes cubanos” provenientes do Mariel foi muito difícil, assim como difíceis eram as relações entre Cuba e os Estados Unidos da América entre 1980 e 1984. Finalmente, em 14 de dezembro de 1984, durante a administração de Ronald Reagan, os governos cubano e norte-americano assinam o “Acordo de normalização das relações migratórias”, pelo qual Cuba se comprometia a aceitar de volta 2.746 cidadãos cubanos chamados de “excludables” vindos pelo Mariel<sup>59</sup>. Nesse mesmo ano de 1984 o governo norte-americano abriu a possibilidade a todos aqueles que entraram pelo Mariel a candidatarem-se para a obtenção da residência permanente nos EUA. A atitude de desconfiança dos *marielitos* com relação à sua legalização no novo país levou ao jornal *El Miami Herald*, em janeiro de 1985, a realizar uma campanha para que os “cubanos entrantes” procurassem o INS (Serviço de Imigração e Naturalização). Assim, em 20 de janeiro de 1985, o artigo intitulado “Milhares de entrantes de Mariel continuam sem preencher a inscrição” apresenta alguns elementos para analisar a situação dos *marielitos* quando aponta: “Temerosos aparentemente com a possibilidade de deportação, mais da metade dos 100.000 cubanos vindos pelo Mariel que residem no sul da Flórida não se inscreveram para tornarem-se residentes permanentes nos Estados Unidos” (SANTIAGO. Milhares de entrantes de Mariel continuam sem preencher inscrição, *El Nuevo Herald*, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1).

59 Os chamados “excludables”, ou “excluibles”, são aqueles *marielitos* que foram qualificados como inadmissíveis por parte do governo norte-americano por terem cometido algum tipo de crime, ou por apresentarem algum tipo de doença mental. Também entre eles estava uma minoria que se inscreveu voluntariamente para retornar a Cuba. O tema foi tratado num documentário intitulado *Miami-Havana* dirigido por Estela Bravo, co-produção Cuba/UK/US, 1994, duração 52 minutos.

A questão da deportação dos cubanos entrantes do Mariel, chamados “excludables” e à proporção que o debate alcançou na mídia induziram uma grande parte dos “entrantes” cubanos que tinham uma situação precária a não procurarem as agências. Desse modo, o coordenador do Programa de Serviços de Imigração e Naturalização (INS), Mariano Faget Jr, declarou no referido jornal: “Não entendo por que gente que desejava tanto a residência não está fazendo nada. Deve ser porque simplesmente não confiam em nós” (SANTIAGO. Milhares de entrantes de Mariel continuam sem preencher inscrição, *El Nuevo Herald*, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1). Na própria matéria do jornal a redatora Fabiola Santiago apresenta também os motivos dos *marielitos*:

Mas em Miami, os refugiados do Mariel dizem que as informações que recebem do INS são confusas. Ao mesmo tempo que os convocam a se inscreverem, alguns recebem cartas do INS onde lhes dizem que se apresentem às audiências imigratórias para sua possível deportação (SANTIAGO, *ibidem*).

A estigmatização dos *marielitos* nos EUA levou, por outra parte, a Fundação Nacional de Ciências de Miami a financiar uma pesquisa comparativa entre a situação dos *marielitos* e dos haitianos que entraram no mesmo ano de 1980 e se radicaram na Flórida. A pesquisa realizada por Alejandro Portes, Juan Clark e Alex Stepick revelou que 75 % dos 514 *marielitos* entrevistados afirmaram que os cubanos que chegaram antes de 1980 discriminavam os refugiados do Mariel de uma maneira geral. E 52% dos *marielitos* entrevistados expressaram terem sido discriminados por outros cubanos. O estudo indica que eles receberam um tratamento negativo por parte de seus compatriotas devido aos estereótipos desfavoráveis. Como resultado desta situação, muitos *marielitos* se encontravam na pobreza, desempregados, com dificuldades para encontrar emprego ou recebendo salários geralmente mais baixos que outros cubanos. O estudo também revelou que uma das razões da situação econômica precária dos refugiados do Mariel era que só 3 % deles tinham familiares esperando-os; no caso dos haitianos, a situação era pior: só 1,5% (PORTES; STEPICK; CLARK, 1985).

Os refugiados do porto de Mariel também eram vistos pelos exilados de 1960 como resultado do regime comunista de Fidel Castro que, segundo eles, em 20 anos havia destruído os valores mais sólidos da socieda-

de cubana. A comunidade cubano-norte-americana alegava não conseguir reconhecer os jovens “entrantes” devido à perda quase total dos valores sociais vigentes antes da revolução. Para essa comunidade, tudo fazia parte da estratégia política de Fidel Castro, que teria permitido a saída dos setores indesejáveis com o objetivo de constrangê-la. Denunciou-se até mesmo a infiltração de agentes da inteligência cubana entre os dissidentes que desembarcavam em Miami, aproveitando o ensejo para espionar as atividades políticas da comunidade, sobretudo em Miami, local que a maioria dos *marielitos* escolheu para viver no exílio.

A paranóia coletiva é um fenômeno muito comum em comunidades de exilados políticos, que compartilham o sentimento de viver constantemente vigiados e observados. (BANSART, 2000). Não podemos esquecer que em 1980 ainda se vivenciava a atmosfera da Guerra Fria e sua exploração comercial por parte da imprensa sensacionalista e da indústria do entretenimento (como filmes e livros sobre espionagem), além da inegável existência e presença de instituições como a KGB, a CIA e também o chamado *Órgano de la Seguridad del Estado Cubano*. A verdade é que o momento histórico propiciava a desconfiança, bem como favorecia o temor coletivo. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar a hipótese de que em meio aos milhares de refugiados estivessem realmente infiltrados alguns integrantes da inteligência cubana. Tudo isto, obviamente, não justifica o estigma com que foram marcados todos os exilados que chegaram pelo porto de Mariel em 1980.

Quanto à ausência de valores sociais nessa nova camada de dissidentes, denunciada pela comunidade cubana de Miami, ela está certamente relacionada ao próprio espaço de experiência e ao horizonte de expectativa dos autodenominados cubano-norte-americanos. Ora, como é notório, esta comunidade se constituía em sua ampla maioria pela elite e pela classe média alta da sociedade cubana que saiu de Cuba em várias ondas migratórias nos anos de 1959, 1960, 1962, 1965 e 1971 (GONZÁLEZ-PANDO, p. 311-329, 1995). Sendo assim, a memória da elite cubano-americana, reforçada pelas associações e bairros recriados em Miami, remontava ao *glamour* das experiências da ilha dos anos 50, repleta do esplendor de um dos mais sofisticados balneários do mundo com seus hotéis, cassinos, grandes propriedades rurais e praias. Era dessa ilha que os cubanos de Miami sentiam saudade, de um tempo ancorado no passado que eles procuravam recuperar a todo custo. No entanto, o jornal *El Nuevo Herald* difundiu num artigo intitulado

“Cubanos discriminam os de Mariel, diz estudo” a pesquisa realizada pelos investigadores Alejandro Portes, da Universidade Johns Hopkins; Juan Clark, do Miami–Dade Community College, e Alex Stepick, da Universidade Internacional da Flórida, que evidencia que os cubanos do Mariel eram comparáveis aos cubanos chegados em 1970:

Longe de ser “escória”, os imigrantes do Mariel de 1980 são comparáveis aos imigrantes cubanos do princípio dos anos de 70 quanto às suas origens urbanas, seus conhecimentos do inglês, seus conhecimentos técnicos e seu nível escolar, assinala o estudo (CÓRDOBA. Cubanos discriminam os de Mariel, diz estudo. *El Nuevo Herald*, Miami, 04 de outubro de 1985,p.1).

As semelhanças e diferenças da comunidade cubana nos Estados Unidos da América têm sido tema de vários estudos (HAMM, 1995). Por outra parte, a elite cubana de Miami dizia lutar pela liberdade do povo cubano. Mas, quando pensava nesse povo, recordava alguns familiares e amigos que, por uma razão ou outra, haviam permanecido em Cuba. Era por eles que a comunidade de Miami lutava. Os primeiros exilados queriam relembrar sua infância e juventude com aqueles que haviam compartilhado as mesmas experiências. Assim como pretendiam reaver os seus bens expropriados pela revolução, também buscavam retomar a ilha que sempre havia lhes pertencido. A antiga identidade nacional cubana havia sido construída por eles e para eles. A nação cubana sempre fora, a exemplo de outras nações latino-americanas, um projeto excludente, no qual apenas a elite e as camadas médias urbanas eram as únicas beneficiadas pela cidadania. Os primeiros exilados de Miami constituíam a extensão maior deste segmento da sociedade cubana e se prendiam à antiga comunidade cubana que eles haviam inventado em sua imaginação.

Era essa comunidade que constantemente planejava e pressionava o governo dos Estados Unidos da América para uma intervenção militar na ilha, tendo participado ativamente da fracassada tentativa de invasão militar da Baía dos Porcos em 1961. A comunidade cubana foi, inclusive, acusada de estar envolvida no atentado ao presidente John Kennedy, que se recusara a investir numa outra tentativa de invasão a Cuba após o fracasso em 1961. No exílio, ela havia conquistado o incrível feito de se inserir na elite da cidade de Miami, devido à influência econômica de seus membros: perso-

nalidades políticas, artísticas, intelectuais e, sobretudo, empresariais, como o presidente da Coca-Cola, provavelmente a maior companhia da Flórida e uma das maiores do mundo.

Por outro lado, a aceitação da comunidade cubana em Miami foi favorecida pela conjuntura histórica que levou o governo dos Estados Unidos da América e a sociedade norte-americana a acolher os dissidentes políticos cubanos de 1960 como heróis que se recusavam a pertencer a um regime de tendência comunista, ainda que, na época, o governo cubano não tivesse ainda oficialmente assumido o regime comunista. Além disto, historicamente, esses dissidentes eram os parceiros da política econômica dos Estados Unidos da América na ilha.

Tais fatores permitiram um papel destacado da comunidade cubana em Miami e a diferenciava de outras comunidades de exilados latino-americanos, tais como as de porto-riquenhos, mexicanos ou dominicanos. Desta forma, a defesa do povo cubano que a comunidade reivindicava para si, por meio de inúmeras entidades não governamentais de caráter político e anticomunista, não incluía exatamente os negros, os homossexuais, as prostitutas, os prisioneiros comuns ou os camponeses semianalfabetos (DOMINGUEZ, 1998). A presença deste segmento de cubanos recém-chegados aos Estados Unidos da América, sobretudo em Miami, não lhes agradava, principalmente devido ao impacto causado na mídia local que poderia coibir seu projeto de ascensão na sociedade norte-americana, marginalizando-os como qualquer outra comunidade de imigrantes latino-americanos. O temor da comunidade cubana de Miami era que, após anos de exílio, passassem a ser vistos como *chicanos*, como são denominados os imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos da América.

O *remake* do filme *Scarface* (ou *Caracortada*, em espanhol) em 1983, dirigido por Brian de Palma, é um exemplo do temor que dominava a maioria da comunidade cubana de Miami. O filme traz como protagonista um jovem cubano, ignorante e marginal, que chega a Miami pelo porto de Mariel em 1980 e em pouco tempo se transforma num dos maiores traficantes de drogas dos Estados Unidos da América. O filme, evidentemente, ataca a imagem da comunidade que havia conseguido pouco antes eleger um cubano-norte-americano como prefeito de Miami e que sempre procurou caracterizar-se como uma rede de exilados políticos, inimigos do comunismo e aliados do governo norte-americano. Não pretendiam, assim, estar en-

volvidos com um amontoado de imigrantes pobres e marginais. O escritor cubano Iván de la Nuez comenta o conflito entre os exilados tradicionais e os integrantes da Geração Mariel:

Com o exílio tradicional as coisas não foram melhores. O êxodo de Mariel lhes colocou diante de outra realidade de um país também negro, pagão, homossexual, iconoclasta e plebeu. Situou-os diante de um espelho terrível que a comunidade cubana de Miami havia esquecido ou querido esquecer (NUEZ, 1998, p.107).

A comunidade cubana exilada, especificamente a que chegara nos anos de 1960, não se recordava mais da situação social das camadas populares de Cuba de seu tempo. Não se lembrava da pobreza da maioria da população, do trabalho mal remunerado nos engenhos de cana, da corrupção política, do analfabetismo, da prostituição de adolescentes, da concentração de terras, da alta taxa de mortalidade infantil, entre outras insanidades sociais para cuja construção a elite cubana exilada em Miami contribuíra. A memória é seletiva e guarda os momentos que vivenciamos com maior intensidade, que pretendemos relembrar ou que nos são convenientes. Ou seja, a memória também está relacionada aos nossos projetos que, por sua vez, representam nossas expectativas, além, é claro, de estar vinculada às nossas experiências de vida, sejam elas pessoais ou coletivas. Assim, é difícil remontar a algo que não vivenciamos; da mesma forma que nos é impossível apagar o vivenciado (THOMPSON, 1997). A comunidade cubana tradicional de Miami recorda-se de uma Cuba nostálgicamente perfeita. Por outro lado, não se recorda de aspectos inaceitáveis da ilha de seu tempo, pois não vivenciou essas experiências e nem as tinha entre suas expectativas. Portanto, era uma memória recortada cujas partes indesejáveis haviam sido deletadas. Os membros da comunidade preferiam guardar em sua memória seletiva a Cuba idealizada do tempo em que foram ou julgaram ter sido felizes.

Os setores marginalizados na sociedade cubana, evidentemente não foram gerados após a revolução de 1959; sequer houve uma expansão deste segmento social, antes houve uma significativa redução, embora não tão acentuada a ponto de eliminá-la, como durante anos quiseram fazer parecer tanto a propaganda revolucionária cubana quanto os seus inúmeros colaboradores pelo mundo. O governo revolucionário cubano, até 1980, não

admitia que ainda houvesse, por exemplo, prostituição em Cuba e insinuava a quase extinção da criminalidade. A tese oficial era que a nação socialista estava eliminando sistematicamente os problemas sociais herdados do capitalismo e do colonialismo. Mesmo assim, é necessário admitir-se que a inquietação com as condições das camadas sociais marginalizadas nunca foi assumida na história cubana por qualquer governo anterior à revolução de 1959, como é comum na América Latina (IBARRA, 2000). Mas, mesmo após a revolução e suas inegáveis conquistas sociais, este setor não deixou de estar posicionado à margem da sociedade cubana, como se viu.

O exílio em Miami havia encoberto as contradições da identidade nacional cubana, expostas pela revolução de 1959. Desta forma, os 20 anos e algumas milhas que separavam os dois contingentes de cubanos ocultaram as diferenças políticas que levaram ao triunfo da revolução. Contudo, inegavelmente, continuavam sendo todos cubanos, e mais conectados com a identidade nacional cubana e toda a experiência cultural que esta representa do que a comunidade de Miami o desejava, pois isso é algo que ultrapassa as barreiras político-ideológicas. Estas, no entanto, não podem ser suprimidas e delimitadas com a objetividade mecânica que algumas teorias excessivamente holísticas procuraram imprimir às identidades, pois, para Norbert Elias (1994), as sociedades não podem ser vistas como se fossem sedimentadas por cimento. Resulta, então, que a identidade cubana impregnava igualmente os objetivos antagônicos da comunidade cubana de Miami, dos *marielitos* e dos que apoiavam a revolução cubana.

O que constrangia a maioria da comunidade cubana de Miami numa eventual aproximação com os *marielitos* era a possibilidade de perderem o papel destacado já conseguido junto à sociedade norte-americana, na qual procuravam inserir-se havia 20 anos. Assim, Norbert Elias chamou a essa atitude da comunidade estabelecida de “medo de poluição” (2000, p.26). Ela quer mostrar, por uma parte, sua superioridade e por isso faz com que prevaleça um nome que impregne a sua distinção: “comunidade cubano-americana”; e, por outra, sente necessidade de afastar-se daqueles que podem fazer com que seus privilégios acabem.

Durante todo esse tempo de exílio, os cubano-americanos, como eles gostavam de ser chamados, tentavam afastar-se dos novos cubanos que chegaram pelo Mariel, bem como das outras comunidades de latino-americanos da Flórida e dos Estados Unidos da América. Procuravam demonstrar

que eram exilados políticos, e não simples imigrantes latino-americanos em busca de trabalho para subsistir. Ora, eles teriam chegado ali a convite do governo dos Estados Unidos da América, porque ambos lutavam contra um inimigo comum: o comunismo. Esta era uma situação diferente das outras comunidades latino-americanas que, na maioria dos casos, entravam no país clandestinamente em busca de qualquer tipo de trabalho para a sua sobrevivência. A comunidade cubana, ao contrário, havia levado todos os seus recursos financeiros e investira na Flórida. Eles geravam empregos e não pretendiam carregar o estigma de *chicanos* e tampouco o de *marielitos*.

### **A GERAÇÃO MARIEL E A ALTERNATIVA MARIEL DE IDENTIDADE**

Ao observar o grupo de escritores cubanos que se autoidentificou como a Geração Mariel, deparei-me com um grupo que forja a sua identidade a partir do estigma de *marielitos*, que era o qualificativo dado em Miami a todos os que partiram pelo porto de Mariel nos primeiros dias de abril de 1980. *Marielitos* é até hoje usado na Florida como um termo depreciativo para a comunidade de imigrantes latinos – em princípio eram somente os cubanos, mas, com o decorrer do tempo, o conceito foi-se alargando. A Geração Mariel parte justamente desse estigma para se diferenciar de todos demais cubanos; tanto dos que davam suporte ao governo revolucionário cubano na ilha como da chamada migração histórica de 1960, estabelecida em Miami.

Outro ponto que é preciso ressaltar diz respeito à memória coletiva e à identidade social. Michael Pollak (1992) parte da ideia de memória coletiva proposta por Maurice Halbwachs, que seria estabelecida de forma afetiva: a nação seria a forma mais acabada de grupo, e a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva. Pollak também ressalta que Halbwachs insinua não apenas a seletividade da memória, mas também a existência de um processo de “negociação” entre a memória coletiva e as memórias individuais. Segundo Pollak, a memória estaria em constantes disputas no seu processo de elaboração, no qual o passado seria trabalhado, organizado e por fim construído.

A disputa pela memória coletiva é um ponto crucial para o que propomos, pois acreditamos que o grupo que compõe a autodenominada Geração



Mariel tem como principal projeto a disputa pela memória de sua juventude em Cuba. Trata-se de confrontar suas lembranças individuais com a versão oficial do governo cubano, questionando-a ao reivindicar sua própria versão do passado recente da ilha. Segundo Pollak, as memórias subterrâneas esperam um momento oportuno para emergirem:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p.5).

Pollak, como se vê, trabalha as memórias subterrâneas como um contraponto da memória oficial que, em sua opinião, seria mais do que a posição de um Estado dominador sobre uma sociedade civil imponente. A construção de uma hegemonia por parte da maioria sobre uma minoria seria mais comum. As relações entre estabelecidos e *outsiders* também sugerem a mesma possibilidade de atrito. O que Pollak (1989) nos coloca de novo é a necessidade dos grupos minoritários de resistir à memória oficial e lutar pelas suas memórias individuais para, no momento oportuno, construir a memória do grupo minoritário a partir das experiências e expectativas dos indivíduos que não se sentem representados pela memória oficial da maioria. Trata-se, enfim, da luta pela história de suas vidas.

A revolução cubana foi um momento de reorganização da história nacional e, por consequência, da memória coletiva dos cubanos. O comando revolucionário se encarrega da tarefa e faz isso com um amplo apoio popular que erige uma hegemonia incontestável nos primeiros anos da revolução. A força dessa hegemonia é que constrói o que Pollak define como memória coletiva, e que condiciona a posição marginal e silenciosa dos indivíduos que compõem a memória subterrânea:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p.8).

Em Cuba a revolução propôs taxativamente uma nova organização da memória coletiva e da história nacional. O grupo que compõe a Geração Mariel é um dos grupos que reivindicaram o direito de se contraporem à memória oficial cubana em 1980. A crise da embaixada do Peru e seus desdobramentos foi o ensejo para a reorganização das memórias individuais dos que partiram para Miami. Assim, a memória subterrânea dos que integram a Geração Mariel passa a ser referência crucial para a reavaliação da memória coletiva e da própria identidade dos que vivenciaram a primeira geração formada pela revolução. Na opinião de Pollak, a memória é um dos elementos que formam o sentimento de identidade:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem em si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.205).

Como se percebe, o autor demonstra que a identidade está associada à memória, o que é bastante evidente no caso da Geração Mariel. O grupo de escritores, artistas e exilados que o compõe considera-se diferente dos dois grupos majoritários da identidade política cubana: os revolucionários de 1959 e a ordem anterior a esta, radicada em Miami. A busca pela diferenciação frente a esses dois polos antagônicos da cultura política cubana é o principal elemento formador do grupo. A necessidade de se diferenciar foi construída pela rejeição dos que se evadiam pelo porto de Mariel, es-

tigmatizados como escória, e transformados no outro lado do estreito em *marielitos*. Em Cuba, estes dissidentes foram majoritariamente vistos como indivíduos desprovidos de compromissos sociais com a sua pátria e a com a defesa da revolução cubana por preferirem exilar-se no império norte-americano. Já em Miami, passaram a ser vistos com desconfiança por grande parte da comunidade cubana estabelecida. Os mais de 125.000 cubanos que chegam a Miami em 1980 não encontram ali, na maioria dos casos, simpatia dos seus compatriotas.

A rejeição enfrentada pelos que imigram em 1980, tanto em Cuba quanto em Miami, leva uma parcela deles a discutir a sua identidade. A conjuntura de desterro e rejeição é o combustível para que a Geração Mariel se identifique e se justifique enquanto grupo. O instrumento para a reordenação no exílio foi principalmente a revista *Mariel de arte e literatura*, veículo pelo qual o grupo procura organizar a sua memória subterrânea.

A memória foi o campo de batalha em que o grupo decidiu enfrentar o estigma e os traumas proporcionados pela experiência vivenciada na ilha e no exílio. Na luta para reorganizar a memória subterrânea e transformá-la em uma memória coletiva e para combater tanto a memória oficial cubana como a da comunidade cubana de Miami, a Geração Mariel, passo a passo, também constrói uma nova identidade compartilhada pelo sentimento de experiências e expectativas comuns. Ainda segundo Pollak (1992), o sentimento de coerência é fundamental tanto para a memória coletiva quanto para a identidade:

De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.205).

Entre os milhares de dissidentes cubanos que saíram pelo porto de Mariel na primavera cubana de 1980 havia vários escritores e artistas que se conheciam desde Cuba. O período de 1980 a 1983 foi o momento em que cada um desses personagens tentou, de forma individual, superar esses entraves. A falta de apoio da comunidade estabelecida e a dificuldade de

relacionamento desses jovens intelectuais e artistas com ela levaram-nos a dispersar-se pelos Estados Unidos da América à procura de trabalho e de melhores perspectivas do que aquelas encontradas na Flórida. A tentativa de se organizar e de expressar suas ideias fez surgir revistas realizadas por *marielitos* em vários estados norte-americanos. Inclusive, essas revistas mantiveram um vínculo estreito; além de intercambiar artigos, elas divulgavam umas as outras<sup>60</sup>. Nesse sentido, o editorial da revista *Término* aponta:

O asilo massivo na Embaixada do Peru na primavera de 1980 (as primaveras não costumam ser propícias ao totalitarismo) e o subsequente êxodo pelo Mariel vieram a representar o mau tempo da hierarquia cubana. A aparição das revistas *Linden Lane* (New Jersey), *Término* (Ohio), *Unveiling Cuba* (New York), *La oveja negra* (Califórnia) e *Mariel* (Flórida) são evidências irrefutáveis de um marginalismo cultural que sobreviveu (e ainda sobrevive) na ilha às consecutivas ondas repressivas. Todas começam a aparecer em torno de 1982, todas dirigidas por intelectuais emigrados depois de janeiro de 1980, todas com suas características distintivas e seu selo peculiar, com suas páginas abertas não só ao melhor da literatura cubana, mas também ao melhor da América Latina e dos Estados Unidos (ECAY; BALLAGAS. Editorial, revista *Término*, Primavera- Spring, 1983, publicação trimestral, Ohio, p.3).

Os intelectuais e artistas cubanos que chegaram na primavera de 1980 a Miami passaram a se encontrar e a buscar alternativas para retomar suas vidas e seus ofícios. Porém eles se depararam com novos obstáculos para alcançar seus objetivos, não só artísticos e literários, como também os de sobrevivência, o que não era novidade para eles. O escritor Reinaldo Arenas, um dos líderes da Geração Mariel e o único que já era conhecido tanto

---

60 Tivemos acesso à coleção microfilmada das revistas *Término* (Ohio), *Unveiling Cuba* (Nova York) e *Mariel* (Flórida) e é visível o relacionamento e camaradagem entre elas. As três revistas fazem parte da mesma coleção intitulada *Culture in Cuba* (P0909). As revistas *Término* e *Unveiling Cuba* são bilíngues; a revista *Mariel* circulava só em espanhol. As três revistas têm como peculiaridade a participação de vários artistas gráficos e escritores como, por exemplo, Jaime Bellechasse e Reinaldo Arenas, que se destacam dentre outros. Reinaldo Arenas também participa do Comitê Editorial das revistas *Unveiling Cuba* e *Mariel*. Nesta última, também faz parte do Conselho Diretor.

em Cuba como internacionalmente pelo sucesso de duas novelas publicadas no exterior, descreveu assim as dificuldades de adaptação à cidade de Miami e, principalmente, o conflito com a comunidade cubana lá estabelecida:

Evidentemente, o que queria dizer-me era que tinha que me converter em um homenzinho todo machista. A típica tradição machista cubana em Miami chegou a uma espécie de erupção verdadeiramente alarmante. Eu não quis ficar muito tempo naquele lugar, que era como estar na caricatura de Cuba; do pior de Cuba: “o disse-que-disse”, a fofoca, a inveja. Não suportava tampouco a cara de uma paisagem que não tinha sequer a beleza insular; era como uma espécie de fantasma da Ilha; uma península arenosa e infecta tentando converter-se para um milhão de exilados no sonho de ter uma ilha tropical, aérea e banhada pelo mar e a brisa. Em Miami, o sentido prático, a ganância pelo dinheiro e o medo de morrer de fome substituíram a vida e, sobretudo, o prazer, a aventura, a irreverência (ARENAS, 1992, p.313).

Reinaldo Arenas não conseguiu adaptar-se ao estilo de vida que a comunidade de Miami impunha aos cubanos recém-imigrados. Ele deixa evidente, na passagem, que sua homossexualidade foi desde logo vista com preconceito e que em muitos aspectos culturais Miami lembrava-lhe o pior de Cuba; porém havia uma grande diferença: ele podia deixá-la a qualquer momento e foi o que fez, indo para Nova York, para onde também foram os escritores René Cifuentes e Reinaldo García. O escritor Roberto Valero mudou-se para Washington, enquanto outros escritores e artistas permaneceram em Miami, como o dramaturgo Juan de Abreu e os escritores Carlos Victoria e Luis de la Paz. Contudo, estavam tão distantes da comunidade cubana de Miami quanto os que haviam partido.

A Geração Mariel existia anteriormente ao próprio fenômeno Mariel, na forma de resistência, ainda que sem essa denominação e com objetivos diferenciados ou, pelo menos, não delimitados. A resistência de seus futuros integrantes em adaptar-se ao modelo proposto pelos revolucionários cubanos, e a facilidade com que se reuniram nos Estados Unidos da América corroboram a hipótese de que havia uma oposição interna à revolução dentro da intelectualidade cubana, principalmente junto àqueles que foram afastados da UNEAC por razões políticas ou morais (especialmente por homossexualismo). O grupo de exilados cubano que passou a autodenomi-

nar-se Geração Mariel foi constituído a partir do conflito político-social e ideológico que envolveu a nação cubana após a revolução de 1959. Esses exilados representariam uma dissidência do projeto revolucionário cubano, refratária ao projeto de construção do homem novo e duramente visada com a radicalização das leis estabelecidas no Primeiro Congresso de Educação e Cultura de 1971.

A formação da Geração Mariel nos Estados Unidos da América deveu-se às relações que seus integrantes mantinham ainda na ilha e às experiências vivenciadas e expectativas frustradas, seja na revolução, seja no exílio, onde esperavam ser compreendidos, e não marginalizados como ocorreu. A desilusão dos integrantes da Geração Mariel não era direcionada apenas à comunidade cubana de Miami, que era anticomunista e de direita, alinhada internamente ao Partido Republicano dos Estados Unidos da América. O grupo também entrou em conflito com a maior parte da esquerda norte-americana, que não dava crédito às denúncias de violações dos direitos humanos cometidas pelo governo revolucionário cubano, que o grupo insistia em chamar de ditadura castrista.

Dessa forma, a Geração Mariel criou uma revista-manifesto intitulada revista *Mariel de Arte e Literatura*. No conselho diretor da revista participaram Juan Abreu, Reinaldo Arenas e Reinaldo García Ramos. E no conselho de editores Juan Abreu, Reinaldo Arenas, René Cifuentes, Luis de la Paz, Reinaldo García Ramos, Roberto Valero e Carlos Victoria. A revista *Mariel de Arte e Literatura* contou com o apoio da antropóloga cubana Lydia Cabrera, bem como com a colaboração de muitos artistas plásticos cubanos: Zilia Sánchez, Jorge Camacho, Gladys Triana, Héctor Nieblas, Mijares, Juan Boza, Emilio Sánchez, Lydia Rubio, Gilberto Ruiz, Cárdenas, Ernesto Briel, Jesus Selgas, Ramón Alejandro, Gustavo Ojeda e Jaime Bellechasse (V. *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, No.8, inverno de 1985).

Para o lançamento da revista *Mariel de Arte e Literatura* em Nova York, na primavera de 1983, foi convidado o escritor e professor Carlos Ripoll, que falou sobre as várias gerações de intelectuais cubanos e ofereceu ao público presente a proposta dos escritores e artistas *Mariel*, chamando a atenção para os elementos que devem conservar aqueles que desejam formar uma nova geração. A apresentação foi publicada no segundo número da revista e aponta algumas questões que os próprios escritores da Geração Mariel vão tentar esclarecer ao longo dos dois anos em que a revista foi publicada:

Que é uma geração? Quem primeiro a definiu em termos modernos foi François Mentré, em 1920, ao dizer que o fenômeno surge pela “mentalidade particular” de alguns indivíduos que se sentem ligados por uma “comunidade de pontos de partida, de crenças e desejos”. Com estas observações poder-se-ia tentar uma análise do ciclo que agora começa, e ver quais podem ser suas características. A primeira coisa a que uma geração deve sentir-se obrigada é a conservar sua identidade, a deixar-se levar pelo que há de mais genuíno em seus participantes. Esta de 1983, dos que chegaram mais ou menos ao tempo do êxodo do Mariel, por se ter desenvolvido num meio que lhes impunha um programa estético e de conduta em que seus membros não intervieram, essa particularmente necessita dessa honradez. [...] Deve-se produzir o que for permanente porque o ofício de uma geração é selecionar e insistir nos contornos únicos de sua imagem do mundo. Somente o tempo poderá dar o nome definitivo à geração de 1983, mas agora não me parece um erro chamá-la de Mariel (RIPOLL. La generación del Mariel, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, No.2, verão de 1983, p.29-30).

A resposta às questões lançadas na apresentação não tardou a chegar. O escritor Jesús J. Barquet, numa carta dirigida à revista *Mariel de Arte e Literatura* de New Orleans, em janeiro de 1984, questiona:

É provável, sim, que um pouco precipitadamente tenhamos nos apressado em nos autodefinirmos, recortar essa imagem virtual que temos de nós mesmos, mas foi para ganhar em coerência, em perspectiva conjunta, em destino literário, em resistência contra o tempo. Foi necessário também para nos posicionarmos contra o inimigo comum, que prefere ver-nos dispersos, separados, inclassificáveis e, pois, desnaturalizados para mais facilmente nos derrotar. Porque nossa autodenominação não foi nunca um projeto teórico-especulativo, mas uma forma concreta de combater uma falsa imagem. A geração do Mariel ainda que tenha seu “peculiar perfil” imaturo, mostra já orgulhosa sua “unidade” e suas “irradiações históricas” (BARQUET. Sección Cartas, revista *Mariel de Arte e Literatura*, año I, No.4, invierno de 1984, p.25).

Desse modo, Barquet esclarece que a ideia de unidade dos escritores e artistas que saíram pelo Mariel foi mais para apagar uma “falsa imagem”.

Nesse sentido, a Geração Mariel toma forma de luta social, como sugerem as considerações do sociólogo Axel Honneth: “trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento” (Honneth, 2003, p.257).

As experiências de desrespeito e violações dos direitos humanos vivenciadas pela Geração Mariel tanto em Cuba como nos Estados Unidos da América levaram o grupo a se unir para sobreviver e ser reconhecido. Segundo Honnet:

Na vergonha social viemos a conhecer o sentimento moral em que se expressa aquela diminuição do autorrespeito que acompanha de modo típico a tolerância passiva do rebaixamento e da ofensa; se um semelhante estado de inibição da ação é superado agora praticamente pelo engajamento na resistência comum, abre-se assim para o indivíduo uma forma de manifestação com base na qual ele pode convencer-se indiretamente do valor moral ou social de si próprio: no reconhecimento antecipado de uma comunidade de comunicação futura para as capacidades que ele revela atualmente, ele encontra respeito social como a pessoa a quem continua sendo negado todo reconhecimento sob as condições existentes. Nesse aspecto, o engajamento individual na luta política restitui ao indivíduo um pouco de seu autorrespeito perdido, visto que ele demonstra em público exatamente a propriedade cujo desrespeito é experienciado como uma vexação. Naturalmente, aqui se acrescenta ainda, com um efeito reforçativo, a experiência de reconhecimento que a solidariedade no interior do grupo político propicia, fazendo os membros alcançar uma espécie de estima mútua (HONNETH, 2003, p.259-260).

Talvez por essa razão, a Geração Mariel, constituída basicamente por escritores, não defenda nenhuma orientação estético-literária generalizante. Jesús J. Barquet, ao procurar estabelecer um parâmetro intraliterário, comenta:

Em termos estritamente literários, a própria denominação de ‘geração do Mariel’ revela-se problemática e duvidosa para muitos, por não



responder a fatores propriamente intraliterários, mas antes a fatores extraliterários. No intraliterário, não acredito ser possível detectar nenhuma orientação estilística com a todos: o que os caracteriza é ‘a diferenciação’, afirma Valero (‘La generación’). Já no território semântico são detectáveis as pistas, mais ou menos evidentes, de uma abordagem crítica às vezes altissonante e abertamente antioficialistas da realidade cubana posterior a 1959 (abordagem que tornou muitos destes autores impublicáveis dentro da Ilha), as formas literárias escolhidas por cada autor para expressar esse descontentamento e irreverência diante de qualquer autoridade se caracterizam por seu ecleticismo e caráter antiprogramático (BARQUET, 1998, p.110-111).

A citação de Barquet é fundamental, pois comprova uma das hipóteses iniciais desta investigação: a de que o grupo procurou construir uma identidade a partir das experiências e expectativas em Cuba e no exílio e que também lutou incansavelmente pelo reconhecimento social.

Esse afã de buscar o seu reconhecimento social foi manifestado várias vezes na revista *Mariel de Arte e Literatura*, em 1984, por exemplo, em um número destinado a discutir a homossexualidade em Cuba. No editorial intitulado: “Falemos claro”, os editores explicam suas posições relativas à temática:

Faz alguns meses, ante a iminente aparição na televisão do documentário *Conduta Impropria* realizado por Néstor Almendros e Orlando Jiménez-Leal, alguns elementos liberais e esquerdistas norte-americanos (tanto favoráveis a Castro como menos submissos) começaram a elaborar ideias e atitudes sobre um tema sobre o qual muitos deles não haviam desejado nem sequer pensar antes: a perseguição das minorias sob o regime castrista, e em particular o tratamento discriminatório e opressivo que oficialmente se dá hoje em Cuba aos homossexuais (Falemos Claro, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, Miami, p.9).

Esse editorial converte-se numa reposta ao texto “A cômoda conveniência da homofobia cubana” (*The Easy Convenience of Cuban Homophobia*), das autoras Ruby Rich e Lourdes Arguelles, publicado na revista *The New York Native*, publicação *gay* de Manhattan, em outubro de 1983.

Nesse número a revista preparou um dossiê dedicado aos *Gay Latins* e seus problemas. O tema principal foi a homofobia cubana e nela apareceram, após o texto mencionado acima das autoras norte-americana e cubana, textos de Reinaldo Arenas e René Cifuentes. A polêmica levantada suscitou respostas de intelectuais cubanos e de ativistas do movimento *gay* norte-americano. A revista *Native* publicou as cartas dos cubanos Ana Maria Simó e Reinaldo García Ramos e dos norte-americanos Scott Tucker e Allen Young (V. revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, p.9). A revista *Mariel de Arte e Literatura*, ao retomar a discussão um ano mais tarde, rebate as principais questões levantadas por Rich e Arguelles e publica novamente a polêmica, com exceção do trabalho das autoras (por elas não terem autorizado a publicação na revista *Mariel*)<sup>61</sup>. Assim, o editorial responde: “é sintomático que estas autoras se sintam no dever de falar **dos** cubanos, mas não **aos** cubanos” (grifo do texto) (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, nº.5, p.9).

A revista enfatiza no seu editorial três pontos que Rich e Arguelles utilizaram como argumentos para afirmar que a perseguição aos homossexuais por Castro não procede “inteiramente da homofobia” senão que obedece a:

1- que os homossexuais cubanos não puderam gerar um movimento de reafirmação e liberação em 1959-1960; 2- que os homossexuais cubanos participavam massivamente da prostituição, do tráfico de drogas e do jogo que se praticava na Havana antes de 1959 e 3- que a atmosfera de histeria paranoide provocada por Playa Girón forçou ao governo cubano a tomar medidas muito extremas contra seus possíveis inimigos internos (*Falemos Claro*, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, nº. 5, p.9).

São numerosas as questões levantadas no editorial “Falemos claro”; contudo, podemos resumir algumas delas. O conselho diretor da revista

61 A revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano 2, nº. 5, faz um dossiê com a temática *Os cubanos e o homossexualismo*. Vários textos se destacam entre eles: Leis cubanas contra o homossexualismo, p.8; Falemos Claro, p.9-10; Carta de Scott Tucker ao *The New York Native*, p. 11; Cifuentes, René. Os parâmetros do paraíso, p.12; Möller, Haidy G., Os homossexuais na Cuba atual, p.13; Retrato de um cubano gay em Miami, entrevista de Ana Maria Simó a Alex Oyanguren, p.14-15.

*Mariel de Arte e Literatura* nesse editorial apresentou algumas respostas às alegações das duas autoras. Em síntese, criticam-nas por responsabilizarem os homossexuais cubanos pela “homofobia castrista”, ressaltando, que, embora a homofobia seja um fenômeno cultural de Cuba, de fato não tinha sido inventada pelo “castrismo”, e, portanto, era uma característica da cultura cubana, a sua institucionalização e a politização da homofobia são próprias deste sistema, a tal ponto que a sociedade cubana atual é inimaginável sem essa particularidade (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, n.º. 5, p.9). Por outra parte, o artigo dessas autoras, segundo aponta o editorial, comete o mesmo erro de outros jornalistas e intelectuais norte-americanos, “analisar etnocentricamente os problemas dos países latino-americanos segundo padrões criados nos Estados Unidos” (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, n.º. 5, p.9).

Esse editorial assegura que acusar os homossexuais cubanos de não se organizarem num movimento político-social e de não terem produzido líderes entre 1959 e 1960 é anti-histórico, já que:

Cuba e os Estados Unidos não são idênticos, nem a cultura ou as condições daqueles anos permitiam essas tarefas de definição de grupo: eram os anos em que precisamente a coerência do apoio à revolução era mais forte. Havia, sim, um fermento que teria ocasionado um movimento desse tipo em meados dos anos 60, não houvesse iniciado em seguida a repressão governamental ou ao menos a viragem muito cedo para o conservadorismo. (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, n.º. 5, p.10)

O editorial ainda adverte que é “alarmante” a tese defendida por Rich e Argüelles de que a vida *gay* era privatizada para os ricos ou transformada em moeda de troca via prostituição para os pobres:

Que Rich/Arguelles insinuem a estas alturas que a homossexualidade é uma característica de classe e que os pobres só “caem” nela por interesse no dinheiro. É igualmente ridículo (e reacionário) que estabeleçam uma equação incluível entre pobreza e prostituição. É certo que a homossexualidade estava em Cuba antes de 59, “privatizada” (ou seja, no armário) exatamente como nos Estados Unidos, diga-se

de passagem, nessa época. (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, nº. 5, p.10)

A controvérsia entre os editores da revista e as autoras do artigo termina quando o editorial esclarece que, enquanto elas preferem que não se discuta o tema da homofobia cubana devido a: “ataques e contra-ataques do jogo homofóbico cubano numa guerra política suja”, o editorial enfatiza:

Devemos dizer que, ao contrário, o melhor favor que se pode fazer aos homossexuais norte-americanos que caíram num estado de auto-complacência apesar das forças que os ameaçam, é ventilar o assunto. Rich/Arguelles se contradizem, pois antes disseram que as Umaps terminaram devido à pressão externa. Não acreditam, então, Ruby Rich y Lourdes Arguelles que a discussão agora poderia melhorar a situação, já que têm tanta fé no “Máximo Líder”? (“Falemos claro”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, primavera de 1984, ano II, nº. 5, p.10)

Salvo poucas exceções, a esquerda ocidental, e não só a dos Estados Unidos da América, não admitia manifestações contra a revolução cubana naquele momento, como foi demonstrado na polêmica entre Ruby Rich e a revista *Mariel de Arte e Literatura*. Até mesmo os críticos de esquerda ao regime cubano e à União Soviética acreditavam que se manifestar em 1980 contra a revolução cubana seria o mesmo que apoiar os Estados Unidos da América e sua agressiva política internacional presidida pelo conservador Ronald Reagan, sobretudo na América Latina; ou ainda, apoiar as ditaduras militares que recobriam quase toda a região. Desta forma, o mundo ainda vivia a dicotomia da Guerra Fria: ou se era a favor da revolução cubana, ou se era a favor do imperialismo norte-americano. Naquele momento histórico específico, o horizonte de expectativa da comunidade internacional estava aprisionado a essa dicotomia, por certo reducionista, mas historicamente construída.

A Geração Mariel, juntamente com a sua revista *Mariel de Arte e Literatura*, são a manifestação, tanto da opressão e do estigma que viveram em Cuba, quanto do estigma que ainda viviam no exílio, principalmente junto à comunidade cubana de Miami. A proposta de identidade da Geração Mariel foi uma alternativa encontrada para se diferenciarem dos demais projetos cubanos em curso. Barquet (1998) afirma não encon-

trar razões e características de um movimento literário propriamente dito. O que há de comum entre os autores da revista é a manifestação do descontentamento frente aos preconceitos manifestados na cultura cubana em Cuba e no exílio, que conseguiu unir os seus discursos por meio da rejeição a algumas características discriminatórias. No exílio, os componentes da Geração Mariel descobriram que não eram aceitos nem pela esquerda nem pela direita da sociedade cubana, mas antes eram considerados um grupo estigmatizado, do qual todos procuravam se afastar. A consciência dessa revelação fez os representantes do grupo se unirem na luta pelo reconhecimento de suas trajetórias de vida, narradas agora por eles próprios – longe das alternativas existentes, que os viam como um estorvo social entre os dois adversários políticos históricos que se acusavam um ao outro pela constrangedora existência deles.

A falta de suporte e a rejeição caracterizada pelo uso do termo *marie-litos*, conotativo de preconceitos sexuais e de classe levam a Geração Mariel a um confronto com a própria cultura cubana e suas tendências sexistas e excludentes comuns na cultura política da América Latina.<sup>62</sup> A revolução de 1959 havia sido bem recebida pelas camadas populares, das quais provinham os integrantes do grupo, em sua maioria, mas o distanciamento dessas pessoas da revolução deu-se pelo autoritarismo e preconceito do comando revolucionário, quando este optou pela radicalização de um modelo para a juventude cubana que, conforme vimos, esteve presente desde os primeiros anos da revolução.

Uma das características mais marcantes da Geração Mariel era que muitos de seus integrantes se assumiam como homossexuais. Sabemos que em Cuba os dirigentes revolucionários viam o homossexualismo como uma conduta antissocial, uma anomalia que devia ser repreendida e sanada. Muitos integrantes do grupo estiveram nos campos de recuperação social da UMAP, até seu fechamento em 1968 e, depois, nas granjas do Estado cubano, destinadas à recuperação de jovens com desvio ideológico ou moral. Outros, com menos sorte, foram recolhidos a presídios comuns, acusados de corrupção de menores, entre outras possibilidades de condenação jurídica de um homossexual ao cárcere. Entre estes, encontrava-se Reinaldo Arenas, que denunciou o governo cubano por ter simulado um processo político para condená-lo, sendo que, na verdade, o único crime que havia

---

62 V. Revista *Mariel de Arte e Literatura*. New York, 1983-1985.

cometido era o de ser homossexual em Cuba e criticar o governo. Arenas (1992) afirmou que tanto dentro do PCC como da administração também havia homossexuais que, evidentemente, não declaravam sua opção sexual em público, mas o eram notoriamente, inclusive com envolvimento em escândalos, e que tais fatos eram constantemente abafados pelo próprio partido e pela imprensa cubana. Segundo ele, o problema não era ser homossexual e sim manifestar abertamente essa condição tida como inapropriada.

A falta de liberdade de expressão era outra denúncia do grupo, pois vários de seus representantes caíram em desgraça na ilha por terem escrito algo que foi considerado pelos dirigentes como propaganda contrarrevolucionária. Depois disto, foram impedidos de publicar novamente, além de perderem seus empregos de origem. Desta forma, um jornalista ou um escritor demitido por emitir opiniões divergentes de algum pressuposto revolucionário não era mais admitido em sua profissão e passava, então, a sobreviver de um trabalho que não suportava realizar ou simplesmente ficava desempregado e passava a sobreviver de forma precária. Esta última opção foi a escolha da maioria dos integrantes da futura Geração Mariel.

Não foram somente os escritores que tiveram problemas desta natureza. Havia também professores, artistas, militares, políticos, entre tantas outras profissões. Enfim, ou se estava de acordo com os pressupostos dos dirigentes da revolução ou contra eles. Na ilha, não havia possibilidade de oposição interna, não havia qualquer alternativa. Os futuros integrantes da Geração Mariel fizeram a sua opção: passaram a ser contra. A opção levou-os à condição de dissidentes do regime. Na ilha, viviam em constante isolamento. Amigos e colegas de profissão haviam-se afastado por orientação do Partido Comunista de Cuba, ou de seus superiores no trabalho, ou simplesmente por prudência. No exílio passam a conviver com o isolamento causado pelo desterro da imigração, ampliado pelas divergências políticas com os norte-americanos de esquerda e de direita e pela maioria da comunidade cubana de Miami. Carlos Victoria, um dos representantes do grupo, comenta a esse respeito:

No exílio nos Estados Unidos temos sido, para usar um termo em inglês, *outsiders*. Nossa insatisfação não nos tem permitido incorporarmos a nenhum movimento político, apesar de que quase todos odiamos o regime de Cuba. E esta mesma insatisfação, que entre outras

formas se filtra em nossos textos ao pormos em evidência as faltas, não só de lá, mas também daqui, tem-nos transformado em suspeitos aos olhos das pessoas que mais deviam considerar-nos: nossos próprios compatriotas num país que nunca será o nosso, apesar de muitos de nós levarmos nos passaportes o enganoso selo de cidadãos norte-americanos (VICTORIA, 1998, p. 133).

Essa citação permite-nos conceber a situação do grupo no exílio como a de náufragos. Não haviam conseguido adaptar-se à sociedade norte-americana e não poderiam retornar à ilha, como alguns desesperados, poucos na verdade, propuseram ao governo cubano. A resposta que obtiveram foi de que não eram mais cidadãos cubanos e que, se voltassem, poderiam responder a crimes, tais como o de propaganda contrarrevolucionária, o que impedia o seu retorno até mesmo como turistas. Restavam, como disse Victoria (1998), os compatriotas, ou seja, a comunidade cubana exilada. Mas esta também se recusou a estender as mãos a esses náufragos da sociedade cubana, restando-lhes como alternativa apenas refugiarem-se em si mesmos o que fizeram assumindo a identidade que não causava constrangimento a ninguém: a de *marielitos*.

Eram cubanos de nascimento que haviam se alimentado dessa cultura durante a maior parte de suas vidas, até que, carregados por uma tormenta, chegaram ao outro lado do Estreito da Florida, ou “ao norte do inferno”, como foi denominado por Miguel Correa em livro homônimo, renascendo neste novo mundo não somente como cubanos, mas, antes de tudo, como a Geração Mariel, construída a partir das experiências comuns e do isolamento na Ilha. Vejamos como Miguel Correa define a identidade do grupo:

A própria palavra ‘Mariel’ explica nossa procedência: escapados de Cuba. Os artistas que integram esta geração são os que, de uma forma ou outra, ‘formaram’ a ditadura comunista de Fidel Castro em vinte e tantos anos de histeria e repressão. Acredito que nunca existiu um grupo geracional com um marco histórico tão extremadamente uniforme, tão idêntico, como o nosso. As mesmas grades que René Ariza inaugurou, Valero e Arenas conheceram. A mesma repressão sem saída, o mesmo ciclo de perseguições e detenções, os mesmos interrogatórios infernais. As purgas e os trabalhos forçados todos conhecemos no mesmo país e quase até na mesma hora. As mesmas ameaças,

a chantagem comunista (o mais cruel de todos os tempos modernos) e a perseguição física sofremos todos ao mesmo tempo. É que até nossos sofrimentos, nossos sonhos e alegrias são tão semelhantes que parece que saímos todos da mesma mãe. E é isso realmente. Saímos todos da mãe (melhor dito, das entranhas da mãe) da opressão e do domínio absoluto de um homem (CORREA, 1983, p.31).

O autor deixa claro que a identidade do grupo está nas experiências e expectativas comuns compartilhadas na ilha por seus futuros integrantes. A narrativa de Correa é um exemplo claro da viabilidade da meta-história como campo de conhecimento histórico. Em um parágrafo, encontra-se a semântica dos tempos históricos defendida por Koselleck (1993), pois nele o passado, o presente e o futuro se encontram no processo de construção da identidade Mariel.

Todos os testemunhos se responsabilizam em como se elaboram experiências do passado numa situação concreta e como expectativas, esperanças ou prognóstico se discutem no futuro. [...] A hipótese é que na determinação da diferença entre o passado e o futuro ou, dito antropológicamente, entre experiência e expectativa se pode conceber algo assim como o tempo histórico (KOSELLECK, 1993, p.15).

Nos Estados Unidos da América, o grupo tomou consciência de que não estava inserido em nenhum dos dois grandes projetos nacionais cubanos: seja o da revolução em curso na ilha desde 1959 ou o dos compatriotas emigrados anteriormente em Miami. Foi a partir dessas considerações que o grupo procurou uma identidade no exílio, um porto solidário em que poderia encontrar o que ainda não havia conseguido em nenhum outro lugar, o reconhecimento social. Mas quem poderia compreendê-los? A resposta encontrada pelo grupo foi que somente os cubanos que haviam chegado ao exílio pelo porto de Mariel, e que haviam compartilhado as mesmas experiências de humilhação e de estigma que eles teriam capacidade para compreendê-los. Em 1981, quando a revista *Mariel de Arte e Literatura* talvez não fosse ainda sequer um projeto, Reinaldo Arenas afirmou em um artigo: “A geração do Mariel é a geração de exilados cubanos que padeeceram vinte anos de ditadura” (ARENAS, 1981, p.11).

Arenas escreveu este artigo em 1981, o que demonstra que a revista foi mais um instrumento de afirmação da construção da identidade Mariel



do que uma proposta estético-literária. O que fica claro é que a identidade Geração Mariel surgiu antes da revista, e que esta foi mais um projeto editorial. Em 1983, a revista já encontrava colaboradores e também já tinha um pequeno público especializado que conhecia a proposta, por ter lido um ou outro artigo do grupo, como o de Arenas.

Outra questão importante no texto de Arenas é a afirmação de que a Geração Mariel é a geração de exilados cubanos que passou 20 anos sob uma ditadura, o que, antes de tudo, a diferencia da comunidade cubana de Miami. Este dado comprova a tese de Correa (1983, p. 31) de que o grupo tem como principal vetor de identidade as experiências que foram obrigados a compartilhar na ilha. Mas há uma diferenciação entre estas duas citações. Enquanto Arenas (1981) engloba todos os que saíram pelo porto de Mariel, Correa (1983) refere-se apenas ao grupo de escritores e artistas que mantinham contato entre si e que formam o grupo, ou seja, um determinado espaço de experiência e um certo horizonte de expectativa muito mais restritos. Qual das duas citações é mais fiel ao projeto de identidade da Geração Mariel? A resposta perpassa as duas alternativas.

A Geração Mariel foi constituída por um grupo de artistas e principalmente escritores cubanos, dissidentes da revolução, que saiu da ilha em 1980 pelo porto de Mariel. O principal objetivo do grupo, reagindo às frustrações no exílio, foi construir a revista *Mariel de Arte e Literatura* que surgiu como uma forma de denúncia do estigma imposto a toda uma geração de cubanos, seja na ilha ou no exílio. No primeiro editorial assim eles afirmam, “A revista Mariel, que neste primeiro número foi totalmente financiada por nós, que chegamos há três anos à América do Norte sem um centavo, terá em primeiro lugar a finalidade de servir de veículo aos escritores, artistas da Geração Mariel” (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano 1, nº 1, primavera de 1983, p.2).

A revista foi um manifesto para a definição do seu projeto de identidade. Por outro lado, uma grande parte dos que colaboravam com a revista e eram considerados – além de se considerarem – integrantes da Geração Mariel, jamais acreditaram que a “revista-manifesto” pudesse passar de um projeto literário alternativo, como tantos outros existentes, e escreviam mais para expressar o que há muito havia sido reprimido, do que pelo sonho de formar uma nova consciência social, por menor que fosse. O editorial do primeiro número da revista *Mariel de Arte e Literatura* esclarece:

Não viemos para o exílio em esquemas de bem-estar, ou a determo-nos em anedotas pueris ou em fofocas de salão; viemos realizar nossa obra. A perseguição diária e a miséria moral e física sofridas em Cuba nos ensinaram muito bem quais são as coisas essenciais que nos salvaram da desesperança e do silêncio, e quais serão tragadas pela intrascendência ou utilizadas sagazmente por nosso inimigo (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.2)

Mas as divergências não foram externadas durante os anos em que a revista foi editada. Os que eram céticos diante das pretensões do projeto da revista e do próprio grupo ao qual eles também pertenciam não contrariavam os demais, tampouco iniciaram uma polêmica a esse respeito enquanto essa publicação existiu. A revista *Mariel de Arte e Literatura* e os seus representantes preferiam enfrentar adversários comuns a polemizarem consigo mesmos quanto a uma definição rígida sobre o que seria a Geração Mariel. De certa forma eles estavam mais convencidos do que não eram.

Viu-se que o grupo se autodenominou Geração Mariel ainda em 1980 e a maioria de seus integrantes já se conhecia em Cuba há anos, desde uma época em que o nome Mariel pouco lhes dizia. A proposta de identidade Mariel evidentemente não teve como objetivo excluir a identidade nacional cubana. Tratava-se de elaborar uma nova narrativa que conciliaria a identidade cubana, mas que se diferenciaria de outras narrativas cubanas então existentes no interior dessa identidade cultural ao qual o grupo pertencia, visto que, como observa Cristian Méier, não se deve falar em identidade apenas no singular, mas simultaneamente no plural:

Em outras palavras: não existe apenas a ‘identidade-eu’, mas também a ‘identidade-nós’. Cada um de nós vive não apenas na primeira pessoa do singular, mas, ao mesmo tempo, na primeira pessoa do plural. [...] Somos, por um lado, um ‘eu’ e, por outro, partes de diferentes ‘nós’ e essas pertenças se mesclam em nossa consciência, podendo, inclusive, sob determinadas circunstâncias, levar a conflitos de uma com a outra (MEIER, 1989, p. 331).

Cristian Méier trabalha com a coexistência de identidades distintas num mesmo indivíduo, como se pode observar na citação. A Geração Ma-

riel conviveu com algo semelhante ao que descreve Méier. Seus representantes possuíam a identidade nacional cubana, mas, após os episódios da primavera de 1980, a cidadania cubana lhes foi retirada junto com todos os seus emblemas contemporâneos tais como o passaporte e a carteira de identificação, além de terem sofrido fortes protestos coletivos de repúdio antes de deixar a ilha. O estranhamento e a rejeição da maioria dos cubanos de Miami que eram adversários do regime cubano vigente, bem como as manifestações de estigma por parte dos cidadãos-norte-americanos pioraram o sentimento de desterro e de não pertença, mas, mesmo assim, continuavam a se sentir cubanos. Não é possível apagar da memória todas as expressões de uma cultura que se vivenciou desde a infância, com seus valores e suas expressões, como a língua, os costumes ou formas de entretenimento, por exemplo. O que realmente se pode fazer é o que fez a Geração Mariel: declarar sua indignação e afastar-se do projeto, ou dos projetos nacionais. Mas a identidade cultural cubana, com todas as suas formas de manifestação, continua presente em cada indivíduo desterrado do grupo, ainda que à sua própria revelia.

Outro ponto a ser considerado com respeito à identidade nacional é que ela não pode ser vista como uma fonte mecânica de coesão, mas antes como um campo de tensões, onde vários segmentos têm projetos e objetivos distintos e procuram, por todos os meios, torná-los hegemônicos. A complexidade da vida moderna amplia a dificuldade de compreensão e coerência de tais projetos de identidades que se confrontam dentro de cada indivíduo e de cada grupo social. Stuart Hall comenta a respeito:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2001, p.13).

Acreditamos nessa polissemia, nessa pluralidade de significados, pois é realmente impossível pensar que exista uma identidade capaz de aglutinar toda a complexidade de uma sociedade em torno de si sem gerar as suas próprias contradições. O grupo que estamos analisando aqui não deixou de pertencer à identidade nacional cubana e a tudo que a envolve somente por

abraçar a identidade Mariel, mesmo que alguns dos seus membros assim o tenham desejado. Sempre existiram segmentos excluídos da representação simbólica que denominamos identidade nacional ou, pelo menos, subordinados numa situação periférica. O que ocorreu com o grupo Mariel foi a inclusão de uma nova identidade, mas sem a eliminação da identidade nacional cubana, embora tenha sido estabelecida uma nova fronteira que, provavelmente, culminou, ou, culminará, em uma nova proposta de representação da “cubanidade”.

Por isso, hoje cresce cada vez mais o interesse por correntes de pensamento que buscam interpretar, ou mesmo desconstruir, os processos de construção simbólico-cultural que, por vezes, são utilizados como justificativa dos mais variados projetos holísticos e que, não raro, sufocam os grupos não hegemônicos inseridos como atores coadjuvantes nestes projetos.

O grupo autodenominado Geração Mariel tomou consciência de sua condição marginal dentro da sociedade cubana e decidiu lutar contra essa condição no exílio. Como se viu, o grupo tomou consciência de não estar inserido nem no projeto de nação idealizada pela cúpula da revolução, nem no projeto de retorno da comunidade cubana de Miami.

A Geração Mariel descobriu que carregaria sempre o seu estigma, ou melhor, os seus estigmas, indiferentemente de qual dos dois projetos nacionais viesse a prevalecer no futuro. O caminho encontrado pelo grupo foi fugir da dicotomia histórica entre o governo revolucionário cubano e a comunidade cubana de Miami e apresentar seu próprio projeto, ou seja, a alternativa Mariel de identidade como seu projeto de reconhecimento social. A revista *Mariel de Arte e Literatura* seria encarregada de difundir-lo, como indica, após completar um ano de circulação, seu editorial intitulado “Mais que um episódio Mariel”:

Se há quatro anos o êxodo do Mariel nos fez ver no nome desse porto a plasmação num só vocábulo de todas nossas esperanças de sobrevivência, queremos agora que o nome de nossa revista conserve para outras sua vibração liberadora (Más que un episodio Mariel, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 5, primavera de 1984, p.2).

A força liberadora que a revista prega faz-nos acreditar que a Geração Mariel estava em meio à luta pelo reconhecimento de uma identidade própria e pela criação de sua autoimagem positiva.

## A REVISTA MARIEL DE ARTE E LITERATURA E SUA COMUNIDADE DE LEITORES

Colocado o objetivo do grupo, restam algumas questões a solucionar. Como a Geração Mariel poderia unir todos os incontáveis refugiados cubanos de 1980 em torno de um novo projeto de reconhecimento? O que os unia além da condição marginal em que viveram em Cuba e no exílio nos Estados Unidos da América? Como atingir esta comunidade de leitores? E, finalmente: o grupo teve êxito no desafio de aglutinar milhares de refugiados cubanos em torno de sua proposta de identidade? As respostas para estas questões passam pela revista *Mariel de Arte e Literatura*. Vejamos como o grupo se apresenta aos leitores em seu primeiro número:

Rejeitamos qualquer teoria política ou literária que possa coartar a livre experimentação, o desenfado, a crítica e a imaginação, requisitos fundamentais para toda obra de arte. Uma arte doutrinária é o oposto da verdadeira criação (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.2).

A revista era uma espécie de *front* de batalha criado pelo grupo para alcançar seus objetivos. A Geração Mariel pretendia lutar com suas próprias armas, a narrativa, contra a condição marginal imposta na cultura cubana, bem como criticar e posicionar-se com respeito aos valores da arte numa sociedade como a cubana e noutra como a norte-americana. Neste sentido, o editorial da revista declara:

Também sob o capitalismo muitos escritores caem na armadilha, ou na tentação, de converter sua obra numa mercadoria que lhes permita viver folgadamente. De criadores passam ao plano de produtores. Daí os perigos muito evidentes que conspiram na atualidade contra a verdadeira obra de arte: o mercantilismo da criação no Ocidente, e o burocratismo da chamada cultura nos países comunistas, onde o artista ou é um funcionário do sistema, ou um delinquente ao qual se silencia, encarcera, fuzila ou expulsa (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.2).

Desta forma, os editores da revista *Mariel de Arte e Literatura* reafirmavam a necessidade, o caráter e existência da arte como sua principal forma de expressão. Uma arte sem amarras:

Não existe uma arte mercantil, como não há uma arte doutrinária. A literatura não é sequer um ofício; é um sacrifício e uma fatalidade, um prazer e uma maldição. Toda obra de arte é um desafio, e por isso, implícita ou explicitamente, é uma manifestação e um canto de liberdade (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.2).

A revista ofereceu-se, portanto, como possibilidade de expressão para esses escritores e artistas, dado que a maioria deles não havia conseguido publicar em Cuba por razões políticas ou de conduta e tampouco lograram, em sua maioria, publicar em Miami. Isto se devia não só à barreira do idioma, mas principalmente por não terem conseguido agradar à comunidade cubana da cidade, a qual detinha uma grande influência sobre o que merecia ou não ser publicado, devido a seu poder político-econômico, já que era essa comunidade que subsidiava as revistas e os livros publicados por cubanos em espanhol. Não havia muitas opções fora de Miami para um escritor cubano sem renome, sobretudo se ele só escrevesse em espanhol e não dominasse fluentemente o inglês, como era o caso da maioria em 1983. Os poucos que conseguiam publicar sem o apoio da comunidade faziam-no muitas vezes com seus próprios recursos, em edições muito limitadas em todos os sentidos. No primeiro editorial da revista *Mariel*, essas condições foram assim expressadas:

Não foram suficientes três anos para que toda a verdade de *Mariel* saísse à luz, mas bastaram para permitir que um grupo de criadores que abandonamos Cuba naquela ocasião tenhamos consagrado nossos esforços e escassas economias para a criação desta revista (Editorial, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.2).

A revista *Mariel de Arte e Literatura* não teve alternativa e também foi inteiramente patrocinada por seus colaboradores e pelos poucos simpatizantes. Durante os dois anos de sua existência, com seus oito volumes, a publicação só pôde ser feita graças à tenacidade dos representantes do

grupo, que a mantiveram sem qualquer apoio oficial, como descreveu Reinaldo Arenas:

Decidiu-se fundar com todos aqueles marielitos a revista Mariel. Aquela revista se fez embaixo de um pinheiro quando eu fui visitar Juan em Miami; não tínhamos, evidentemente, nenhum local nem a menor ideia de como fazer uma revista; tampouco tínhamos um centavo. A assessora literária da revista foi, no entanto, Lydia Cabrera, que se dispôs de maneira entusiasta a ajudar-nos. A revista tinha que ser custeada por nós mesmos, que tínhamos que determinar uma cota e pagá-la rigorosamente. Nunca contamos com nenhuma ajuda oficial. Era como o renascimento daquela revista que chamamos *Ah, la marea* e que fazíamos clandestinamente no parque Lênin. Todos nós estávamos quase na miséria, mas sacrificamos o pouco dinheiro que ganhávamos para criar aquela revista; foi para nós um grande acontecimento (ARENAS, 1992, p. 319).

A revista significava a única possibilidade de expressão que os representantes do grupo poderiam ter naquele momento, ainda que à custa do sacrifício pessoal de seus integrantes. Publicar representava para os escritores exilados da Geração Mariel a realização de um antigo sonho pessoal. Na citação acima, Arenas refere-se a uma outra revista em que ele e alguns integrantes do grupo pretenderam escrever clandestinamente em Cuba. Embora isso não tenha passado de um projeto, já que essa revista jamais foi distribuída em Havana, nem mesmo de forma clandestina, isto comprova que o grupo, ou parte importante dele, não se encontrou apenas no exílio, mas que mantinha contatos e afinidades na ilha. Se eles ainda não haviam escrito uma revista como a *Mariel de arte e literatura*, foi unicamente pela falta de liberdade de expressão em Cuba.

No que diz respeito à estrutura, a revista *Mariel de Arte e Literatura* era formada por várias seções. A primeira era chamada de “Confluências” ou “homenagens” aos intelectuais cubanos vivos ou não, que tivessem permanecido em Cuba ou no exílio. Segundo os próprios editores:

Nesta sessão nos esforçamos em resgatar obras pouco conhecidas em nossa cultura, ou que tenham sido deformadas ou silenciadas pela burocracia do castrismo. Se os artistas que as criaram deixaram de

existir, suas obras confluem até nós, para que nos iluminemos com seu esplendor. Cada obra será seguida de um ensaio que tentará contribuir para sua correta apreciação (Confluências, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p.18).

A primeira seção de “Confluências” da revista foi dedicada a Lezama Lima, apresentando um texto desconhecido do autor, um dos mais conceituados escritores cubanos do século XX, e que conviveu com alguns dos representantes da Geração Mariel desde o período da revolução até a sua morte em 1976. O artigo de Lezama Lima foi seguido de um ensaio de Reinaldo Arenas, intitulado *O reino da imagem*, com o intuito de discutir as ideias do escritor cubano (V. Confluências, Lezama Lima, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 1, primavera de 1983, p. 18-20). A prática de homenagear expressões da literatura cubana e internacional foi quase uma regra nos números subsequentes.

Na segunda seção de “Confluências” foi homenageado o escritor cubano Virgilio Piñera. Seu poema “A ilha em peso” foi acompanhado de um ensaio de Reinaldo Arenas intitulado “A ilha em peso com todas as suas baratas” (V. Confluências, Virgilio Piñera, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 2, verão de 1983, p. 17-21). Na terceira seção de Confluências, foi apresentado um escritor cubano que morava no exílio chamado Labrador Ruiz, sendo sua obra discutida no ensaio “A narrativa de Labrador Ruiz”, de Elio Alba Buffil (V. Confluências, Labrador Ruiz, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 3, outono de 1983, p. 18-20). Na quarta seção de Confluências, foi apresentado um texto desconhecido do escritor Carlos Montenegro e os comentários de Marcia Morgado, num trabalho intitulado “Não muito longe do mar” (V. Confluências, Carlos Montenegro, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano I, nº 4, inverno de 1984, p.18-20). Na quinta seção de Confluências, foi homenageado o poeta cubano do século XIX, José Manuel Póveda, seguido do ensaio de Reinaldo Garcia Ramos intitulado “Póveda, nosso aspirante a maldito” (V. Confluências, José Manuel Póveda, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 5, primavera de 1984, p.18-20). A sexta seção de Confluências foi dedicada a vários poetas e escritores cubanos, dentre eles José María Heredia, Juan Clemente Zenea e Gertrudes Gómez de Avellaneda; o ensaio crítico foi realizado por Reinaldo Arenas e se intitulou “Desgarramento e fatalidade na poesia cubana” (V.



Confluências, José María Heredia, Juan Clemente Zenea y Gertrudes Gómez de Avellaneda, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 6, verão de 1984, p.20-23). A sétima seção de Confluências foi dedicada a Gastón Baquero, cujo ensaio de apresentação se intitula “Notas para uma possível leitura de Gastón Baquero”, apresentado por Pío Serrano (V. Confluências, Gastón Baquero, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 7, outono de 1984, p.18-20). O último número da revista foi uma homenagem, de princípio ao fim, em todas suas seções, ao poeta, político e escritor cubano José Martí (V. José Martí, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 8, inverno de 1985, p. 1-28).

A revista não só rendia homenagens, mas por diversas vezes também criticava e ironizava autores cubanos consagrados dentro e fora da ilha, numa dialética de aproximação e repúdio à cultura cubana. A revista sempre alternou textos de crítica literária, ensaios sobre a literatura cubana, reproduções de obras de artistas plásticos pertencentes ao grupo e textos políticos cujos alvos eram ora a comunidade cubana de Miami, ora a esquerda norte-americana e, sobretudo, o governo cubano e Fidel Castro. Ainda no primeiro volume da revista pode-se observar outro manifesto político do grupo:

Somos contra o colonialismo e pela verdadeira liberação dos povos, somos a favor da liberdade e do desenvolvimento da humanidade, por isso, estamos contra Fidel Castro e contra qualquer tipo de ditadura, venha de onde vier. Não podemos admitir a ideologia de muitos intelectuais que defendem "seus pobres", mas têm seus escravos. Desafiamos os defensores e apaniguados do castrismo para que nos rebatam um só ponto dos que aqui enumeramos. Nós os desafiamos a viver em Cuba, mas com as mesmas restrições, leis e humilhações que padece ali nosso povo. Chega de hipocrisia bem remunerada. Não se pode ser antifascista e apoiar os campos de concentração, a repressão e o crime (ARENAS, 1983, p.4).

A passagem é uma crítica áspera às esquerdas norte-americanas e latino-americanas que os acusavam de reacionários por terem migrado de Cuba para os Estados Unidos da América. Apesar de ter como principal alvo o governo cubano, a revista se diferenciava das demais elaboradas por imigrantes e refugiados políticos cubanos no exílio, que quase sempre manifestavam apoio quase irrestrito à comunidade de Miami e ao país que

os acolheu. A revista *Mariel de Arte e Literatura* era crítica em relação a quase todos que a cercavam e manteve-se independente de qualquer instituição até a desistência dos seus membros de continuar a publicá-la, dois anos após o seu lançamento.

A Geração Mariel teve como objetivo combater a todos os que os rejeitaram e os perseguiram, além de discutir os estigmas que lhes foram impostos, como o homossexualismo visto como uma anomalia na sociedade cubana em geral. As críticas à sociedade cubana não se limitavam ao seu governo e a Fidel Castro, já que a maioria da população da ilha em 1980 apoiara incondicionalmente a revolução e seus líderes e, como não poderia ser diferente, compartilhava os mesmos preconceitos que estavam impregnados na cultura cubana antes da própria revolução. Deve-se fazer a ressalva de que muitas pessoas não protestavam temendo represálias. Mas, com efeito, em 1980 o governo tinha uma alta popularidade e contava com a cumplicidade da maioria da população cubana. A Marcha do Povo Combatente em Havana contra os que saíam pelo porto de Mariel, os protestos por toda cidade e os atos de repúdio no porto expressavam naquele momento o apoio da maioria da sociedade cubana à revolução e ao seu governo.

O caráter conservador da sociedade cubana no que se refere ao que convencionalmente se chama de “minorias”, e que não é característica apenas da cultura local, favoreceu a aceitação do discurso oficial cubano durante o fenômeno Mariel. Este, aliás, é um dos motivos pelos quais esse discurso encontrou tanta ressonância na comunidade cubana de Miami. A resistência ao discurso e à sua ressonância através do Atlântico é também a razão pela qual o grupo tinha como proposta uma identidade que fosse comum a todos os que tivessem passado pela experiência de discriminação, bem como de afastamento de outros segmentos da sociedade cubana, tanto em Cuba quanto no exílio.

Abandonar o país em que nasceram na qualidade de dissidentes de uma revolução socialista não foi uma tarefa fácil. Eles não tinham simplesmente abandonado o sonho revolucionário. Eles haviam pedido asilo político justamente à maior potência capitalista do mundo e que, historicamente, sempre foi vista como o maior inimigo da independência cubana e da autonomia latino-americana. Carlos Victoria comenta o drama psicológico pelo qual passou naqueles anos:

Disseram-me durante tanto tempo que eu não valia nada, que ao negar aquilo que chamavam de pátria, ou de socialismo, ou de revolução (ou qualquer desses tantos nomes), eu negava minha própria condição humana, minha dignidade, meu talento criador, que por fim comecei a acreditar que nada valia nada, nem esses nomes nem essa ilha nem eu. [...] E nesse instante retumbou o disparo. Ver Cuba metida nessa febre, onde se desataram os instintos mais baixos (humilhar e espancar um compatriota porque decide abandonar sua terra), ver pela primeira vez a possibilidade de fugir de uma vida que parecia ao que vagamente eu entendia por vida, me despertou um instinto que pensei estar morto. O instinto da mudança (VICTORIA, 1998, p.133).

Como descreve o autor, abandonar a pátria, a revolução socialista, a família e os amigos que não compartilhavam das mesmas opções políticas causou muitos conflitos psicológicos nestes indivíduos. Todo ato de exílio político traz consigo o conflito de adaptação a um novo país e aos sistemas de valores de outra cultura, o que leva a um processo de autoafirmação. A Geração Mariel precisava justificar as razões que os levaram a abandonar a ilha e a sua revolução. Necessitavam denunciar as condições em que haviam vivido em Cuba e em que viviam nos Estados Unidos América, e conchamar os demais *marielitos* a juntarem-se a eles para construir uma nova comunidade a partir das experiências e frustrações comuns, seja na pátria, seja no exílio, pois, embora o grupo fosse composto de intelectuais e artistas, isso não quer dizer que não desejassem atingir uma comunidade leitora mais ampla.

Durante a década de 80 não havia possibilidade de fugir da dicotomia Cuba socialista *versus* Estados Unidos capitalista e, mesmo hoje, ainda predomina em muitos esta forma de pensamento. Todos deviam posicionar-se a favor de um e, conseqüentemente, contra o outro. Ora, a Geração Mariel tinha uma proposta divergente, que era a de encontrar uma alternativa que não estivesse alinhada a nenhum desses polos políticos hegemônicos da cultura política cubana e que pudesse, como princípio, divergir de quem quer que fosse. Mas em 1980 não havia muitas condições de se acreditar em uma alternativa à fórmula dicotômica gerada historicamente pelos conflitos da Guerra Fria com seus blocos ambivalentes.

García Ramos, um dos representantes do grupo, escreveu um artigo no primeiro volume da revista *Mariel de Arte e Literatura* criticando o pro-

fessor norte-americano Seymour Menton e o seu livro *Narrativas da revolução cubana* por ter classificado indiscriminadamente todos os escritores cubanos no exílio como antirrevolucionários. Em seu artigo, ele discorre sobre o conceito de revolução:

Tenho a obrigação de esclarecer que esse vocábulo faz cair sobre os escritores cubanos no exílio uma espécie de aversão ou alergia ao conceito de revolução em todas as suas amplísimas aplicações, que podem ser artísticas, científicas, pessoais, metafísicas, tanto como históricas e políticas. E os escritores cubanos no exílio, pela simples razão de que muitos, muitíssimos deles são verdadeiros criadores de uma alta sensibilidade, serão sempre partidários das mudanças, das renovações, das revoluções verdadeiras e enriquecedoras do ser humano em sua definição mais universal. Por que não dizer, simplesmente, que estes escritores são ‘não castristas’, ou se preferir, ‘anticastristas’? Eu me nego a aceitar que Fidel Castro possua os direitos exclusivos sobre a palavra ‘revolução’, e que essa revolução sua possua os direitos exclusivos sobre a palavra ‘narrativas’ (RAMOS, 1983, p.27).

O autor, como podemos observar, escreveu diretamente a Seymour Menton criticando a polarização referida anteriormente e afirmando a existência de outras possibilidades de interpretação do conceito de revolução além da proposta por Menton. Segundo García Ramos, o conceito de revolução não podia ser aprisionado a um caso específico: os que eram a favor do governo cubano seriam revolucionários, os que divergiam seriam reacionários. García Ramos alegou que alguém pode julgar-se revolucionário e não concordar com os encaminhamentos da revolução cubana e pode, inclusive, discutir seu caráter revolucionário ou não.

A revista *Mariel de Arte e Literatura* denunciava o que considerava avaliações mecanicistas dos simpatizantes estrangeiros que circulavam na ilha, mas não penetravam em seu cotidiano, e que se contentavam com visitas oficiais nas quais era mostrado apenas um lado da ilha. No entanto, deve-se ressaltar que não raro os próprios integrantes do grupo se contradiziam quando se referiam à revolução cubana, usando expressões tais como “castrismo”, como García Ramos utiliza em seu artigo. Alguns textos publicados por integrantes do grupo parecem sugerir que não havia na ilha

uma multidão de adeptos das ideias de Fidel Castro, e que ele próprio não seria mais um representante da cultura revolucionária cubana, mas sim uma espécie de demônio que se teria apoderado dos que ali viviam. Outros autores do grupo teciam essas considerações culturais com muita propriedade, mas esta foi outra divergência que jamais se tornou um debate feito pela Geração Mariel. Como todo grupo que procura sedimentar uma nova identidade, uma nova comunhão, evitava-se a polêmica interna e concentrava-se o esforço em demarcar os adversários.

As polêmicas envolvendo o grupo e seus antagonistas foram uma das marcas do grupo. Os desafetos cresciam de forma desproporcional ao número de leitores da revista, que nunca teve uma grande tiragem, embora tivesse como principal objetivo reunir milhares de pessoas em um projeto de identidade comum. De fato, o que conseguiam a cada número era novos opositores ferrenhos. O grupo priorizava claramente uma comunidade de leitores específica e não se importava em atingir outros leitores com os quais não se identificava. A luta pelo reconhecimento feita pela Geração Mariel teve várias formas, na tentativa de construção da identidade Mariel pelo grupo. Uma das principais era a denúncia da distância que havia entre eles e os outros segmentos da sociedade cubana. Desta forma, a luta pela alternativa Mariel de identidade estabelecia-se na demarcação de diferenças e nas denúncias de opressão e preconceito sofridos por essa geração de cubanos.

A revista *Mariel de Arte e Literatura* trazia duas seções, as quais tinham o objetivo de fazer a aproximação entre o grupo de escritores e a sua comunidade de leitores. A revista visava a todos que haviam passado por experiências semelhantes, como se percebe nesta citação de um dos seus representantes:

A imperiosa necessidade de expressar-se é que leva este grupo de escritores, uma vez criada a revista Mariel, a incluir nela as sessões de ‘Experiências’ e ‘Urgências’. Em ‘Experiências’, os editores da revista convidam os leitores, sejam escritores profissionais ou não, a enviar-lhes crônicas, memórias ou materiais autobiográficos que revelem fatos notáveis da vida diária cubana ou dos cubanos em qualquer época, mas preferivelmente vivências sofridas sob a dominação de Fidel Castro ou experiências que esclareçam a evolução de nossa cultura’ (MARIEL 1.1:27). E em ‘Urgências’, observa-se que terão espaço ali os comentários, ironias ou a cólera que os acontecimentos

mais recentes e heterodoxos despertarem em nossos editores. Aqui está o que não podemos deixar de dizer, da maneira como quisermos dizer (BARQUET, 1998, p. 113).

Barquet, portanto, demonstra que, desde o seu primeiro volume, a revista teve como meta a interação entre a sua comunidade leitora a que se dirigiam e o grupo de escritores que a compunham. Percebe-se também que a comunidade leitora a quem a revista se direcionava era formada por aqueles que haviam sofrido alguma forma de repressão na ilha por parte do regime cubano, que eles definiam como uma ditadura. Deste modo, a revista procura alcançar uma comunidade leitora específica, ultrapassando a fronteira inteiramente voltada para o debate estético-literário feito por um grupo de escritores e artista. A Geração Mariel estava em busca de sua comunidade leitora, que representava uma parcela significativa dos milhares de *marielitos* que haviam vivido as mesmas experiências e que viviam as mesmas urgências, daí o espaço reservado aos seus leitores para que pudessem manifestar-se e, de certa forma, identificar-se com o projeto do grupo.

A seção “Experiências” era o espaço criado para fazer emergir as experiências comuns e, ao mesmo tempo, denunciar ao mundo as violações que se cometiam em Cuba contra os direitos humanos. A seção de “Urgências” tinha por objetivo, sobretudo, denunciar a condição marginal em que os imigrados saídos pelo porto de Mariel se encontravam nos Estados Unidos da América e, principalmente, em Miami, onde a maioria vivia. Além disso, dava apoio aos intelectuais e artistas cubanos que permaneciam na ilha e que, na opinião do grupo, continuavam a viver sob a repressão do governo cubano.

Nos últimos dois números aparece também uma nova seção intitulada “Carta dos leitores”, que pretende estabelecer um novo elo entre a Geração Mariel e sua comunidade leitora. Acreditamos que essa seção surgiu após mais de um ano de funcionamento da revista para possibilitar que leitores não pertencentes aos círculos intelectuais se comunicassem diretamente com eles. Os editores expressaram o objetivo dessa nova seção, “Uma publicação periódica subsiste em grande parte graças ao contato com seus leitores. Uma parte primordial desse contato tem que ser o diálogo” (revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, verão de 1984, p.28).

Desta forma, a revista sempre se preocupou em atingir uma comunidade leitora específica. Mas, se o grupo teve esta preocupação, por que a revista se esgotou em apenas oito volumes e em um período de tempo não mais longo do que dois anos? A resposta estava no horizonte de expectativa da sua comunidade leitora, muitos não compreendiam o que desejava a revista e esses escritores. O que não quer dizer que a revista não tenha atingido uma comunidade leitora específica por meio de seu projeto editorial. Numa das cartas recebidas, o leitor manifesta a mesma tensão vivenciada pelo grupo e a insegurança acerca das poucas possibilidades de resistir nesse contexto:

Como cubano tenho experimentado muitas frustrações ao tentar explicar aos norte-americanos a situação em que se vive em Cuba e, sobretudo, o terror. Isso para eles é praticamente incompreensível, e as mais das vezes não acreditam, pensam que exagero ou que era um burguês (Carta dos leitores, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 6, Verão de 1984, p.28).

Como podemos notar, o leitor relata que os norte-americanos, provavelmente de esquerda, parecem não acreditar quando ele relata suas experiências em Cuba, o que demonstra a identificação desse leitor com as propostas do grupo. Portanto, não é que a revista não tenha atingido uma comunidade de leitores específica, mas sim que ela não conseguiu um número suficiente de leitores capazes de assegurar sua sobrevivência. Por que isso não aconteceu? Segundo o crítico literário Hans Robert Jauss e a sua “Teoria da recepção”, a falta de harmonia entre uma obra literária e a comunidade de leitores à qual ela se dirige pode-se dar por “uma mudança de horizonte devido à negação de experiências familiares ou pela tomada de consciência expressada pela primeira vez” (JAUSS, 2000, p.166).

Para o teórico alemão, a tomada de consciência não pode ser vista como algo instantâneo. Não é porque a Geração Mariel estivesse dirigindo-se realmente a uma comunidade leitora específica utilizando representações e imagens que ambos compartilhavam e conheciam devido a experiências em comum que essa comunidade leitora devia, de imediato, inserir-se na proposta do grupo. Era uma novidade que a maioria dos possíveis leitores não esperava e que, no mínimo, demoraria a ser digerida. Os que se exilaram pelo Porto de Mariel evidentemente não podem ser vistos

de forma homogênea. Não se deve desprezar que muitos *marielitos* eram preconceituosos e acreditavam tratar-se de uma revista especificamente homossexual. De toda forma, havia por outro lado uma parcela muito maior de *marielitos* que a revista poderia ter alcançado, mesmo com todas essas dificuldades – por que não os alcançou?

Jauss acredita que, na literatura, um movimento ou uma obra podem não ser compreendidos em uma determinada época devido à distância entre o horizonte de expectativas da comunidade leitora e a dos produtores do discurso. Por isso, embora os refugiados denominados *marielitos* tenham tido experiências semelhantes quanto ao estigma e à repressão na ilha, nem todos tinham uma expectativa semelhante quanto ao futuro no exílio. A maioria pretendia trabalhar arduamente e conseguir uma boa estrutura financeira, o que costuma ser a regra expectativa de qualquer imigrante.

O horizonte de expectativas da literatura se diferencia da prática da vida pelo fato de que não só conserva experiências feitas, mas antecipa também a possibilidade irrealizada e amplia o campo limitado do comportamento social para novos desejos, aspirações e objetivos e com eles abre caminho para experiências futuras (JAUSS, 2000, p. 188).

Na variedade de caminhos desta experiência futura é que se encontram os descaminhos de uma proposta como a de uma Geração Mariel, pois seguramente havia entre estes refugiados naquele momento novos desejos, aspirações e objetivos que não cabiam no projeto de futuro anunciado pela revista *Mariel de Arte e Literatura*.

Sabemos que a Geração Mariel foi em busca de uma identidade que a diferenciasse dos demais cubanos, tanto os que viviam na ilha como os que viviam no exílio. Tinha o objetivo de protestar contra os preconceitos de dois projetos nacionais excludentes; o da revolução cubana de 1959 que predominava na ilha, e o anterior, representado pela comunidade cubana de Miami que pretendia restaurar a ordem em Cuba. A consciência de que ambos os projetos pretendiam mantê-los em uma condição marginal foi o impulso para procurar uma nova identidade que pudesse representá-los. Mas, por que eles não alcançaram o resultado esperado? A resposta passa pelo horizonte de expectativa dos outros milhares de refugiados a quem a revista *Mariel de Arte e Literatura* se dirigia naquele momento.



O sucesso editorial que alguns representantes da Geração Mariel alcançaram após a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria também é explicado pela mudança do horizonte de expectativa em relação à revolução cubana. Em pouco mais de dez anos, muitos dos integrantes da Geração Mariel tornam-se expressivos, não somente na literatura cubana do exílio, como se tornam sucesso editorial em várias partes do mundo, como foi o caso de Reinaldo Arenas que, além do sucesso póstumo de suas obras, teve a sua autobiografia, *Antes que anoiteça*, filmada nos Estados Unidos e difundida em todo mundo.

A maioria dos incontáveis cubanos que atravessaram o Estreito da Florida em 1980 não estava disposta a enfrentar a tudo e a todos neste processo de autoafirmação e de luta por um reconhecimento; pelo menos não naquele momento. Eram dissidentes políticos do regime comunista; a maioria vivia em Miami, onde trabalhava arduamente para reerguer suas vidas, e não tinha tempo para ler revistas e, muito menos, para procurar construir uma nova identidade coletiva. No último número da revista *Mariel de Arte e Literatura*, em 1985, no editorial intitulado: “A última página”, os editores manifestaram que os objetivos iniciais da revista haviam sido cumpridos e que eles demonstraram que se podia fazer uma revista literária e dinâmica no exílio. E concluem: “cremos que com isto contribuimos para modificar a imagem equivocada que o castrismo quis projetar sobre os refugiados que chegaram aos Estados Unidos durante o êxodo do Mariel” (V. “A última página”, revista *Mariel de Arte e Literatura*, ano II, nº 8, inverno de 1985).

Acreditamos que as dificuldades em convencer a comunidade leitora a quem se dirigiam durante a década de 1980, juntamente com a falta de suporte financeiro para manter a revista, foram os principais motivos responsáveis pela fugacidade da existência da revista *Mariel de Arte e Literatura*, escassos dois anos e oito volumes. Contudo, o fim da revista não significou o fim do sonho de construção da identidade da Geração Mariel e do reconhecimento dos seus autores junto aos exilados nos Estados Unidos da América ou mesmo junto a um público mais amplo, como se verá a seguir.

# O Naufrágio

“Dado que a cultura é uma estratégia para sobreviver num território, o exílio também é um território e a cultura é política, no sentido de despertar um ethos. Qual é o território, então, a partir do qual penso os dizeres fora de lugar? Será, por acaso, outro tipo de fora de lugar? O do exílio, ou de uma territorialidade onde o dizer se busca em outros semelhantes? O de estar fora de lugar ao reconhecer os interstícios do exílio, forçados ou voluntários?” **WALTER MIGNOLO**

A revista *Mariel de Arte e Literatura*, que começou a ser publicada em 1983, interrompeu suas atividades em 1985, após apenas oito edições. Os fatores que prejudicaram a continuidade de sua existência, como se viu, foram a falta de suporte financeiro para a sua manutenção e a dificuldade em penetrar na comunidade leitora à qual ela, *a priori*, se dirigia, ou seja, aos milhares de refugiados saídos de Cuba pelo porto de Mariel. Contudo, o grupo formador da revista não se dispersou com o encerramento dessa atividade e manteve sua obstinada batalha contra o governo cubano, a comunidade cubana de Miami e a esquerda ocidental, principalmente a latino-americana e a norte-americana.

A proposta alternativa de identidade Mariel tampouco foi esquecida com a interrupção da revista. A partir de 1985, os representantes do grupo passaram a realizar projetos individuais, tais como novelas, romances, poemas e crônicas, cujas diretrizes e te-

máticas continuaram fiéis ao compromisso do grupo com a identidade da Geração Mariel.

No presente capítulo são analisadas obras de três dos mais importantes representantes da Geração Mariel. A primeira é *Ao norte do inferno*, de Miguel Correa, publicado em 1983, quando a revista *Mariel de Arte e Literatura* ainda estava em circulação. A segunda obra é *Boarding home*, de Guillermo Rosales, publicada dois anos após receber o prêmio Letras de Oro de 1986/87 em Miami (ROSALES, 1987)<sup>63</sup>. E por fim analisaremos a novela *O porteiro* de Reinaldo Arenas. A escolha destas obras deve-se, sobretudo, ao fato de terem tido uma grande ressonância no exílio junto à Geração Mariel. Nossa intenção foi buscar o sentimento de pertença do grupo em três de seus principais autores. Desta forma, pretende-se estabelecer uma conexão entre esses autores e suas obras para que se possa compreender o que era realmente vital para a construção do sentimento de pertença e de identidade da Geração Mariel ao longo da década de 80 nos Estados Unidos da América.

## AO NORTE DO INFERNO

*Ao norte do inferno* (*Al norte del infierno*), de Miguel Correa, foi uma das primeiras obras publicadas pela Geração Mariel (1983) e talvez seja a mais complexa devido a sua proposta não convencional de literatura. Nesta narrativa, a classificação quanto ao seu gênero textual – romance, novela, poema, crônica, ensaio – é impossível de ser delimitada. Na verdade, o objetivo do autor era misturar essas alternativas na sua narrativa. Reinaldo Arenas, no prefácio do livro de Correa, comenta esse aspecto da obra:

*Al norte del infierno*, de Miguel Correa, possui essa rara qualidade de fazer que enquanto o lemos esquecemos de que estamos lendo um livro. A iminente autenticidade de seus personagens, sua linguagem, seu mundo, seus gritos, vão além da esmerada crônica ou do brilhante exercício literário, o livro constrói um universo onde a barbárie e o

---

63 Segundo Juan Carlos Castillón, no texto intitulado *Miami: exílio y literatura II*, o prêmio Letras de Oro não trouxe sucesso a Guillermo Rosales. *Boarding Home* só foi publicada dois anos após ter recebido o prêmio quando os leitores não mais se lembravam do autor e da obra premiada. A obra teve uma primeira tiragem de só 500 exemplares.

absurdo formam parte da vida cotidiana; é essa a vida. A linguagem é despojada e agressiva, rítmica e delirante, coloquial e filosófica; poética sempre. Perseguidos e nus, os personagens – ou o personagem – não tem outra canção para entoar além de sua própria miséria; a palavra constitui aqui a única salvação, a única arma, a suprema rebeldia (ARENAS, apud CORREA, 2007, p.11-12).

Reinaldo Arenas adverte o leitor sobre o caráter não convencional da narrativa de Miguel Correa e, ao mesmo tempo, reafirma a sua qualidade e o seu compromisso com os debates propostos pela Geração Mariel. Isso se nota nos protestos como “não têm outras canções a entoar além de sua própria miséria; a palavra constitui aqui a única salvação, a única arma, a suprema rebeldia”. Com efeito, Reinaldo Arenas se refere à característica mais notória do grupo: a palavra como única possibilidade de afirmação. A Geração Mariel era, antes de tudo, um grupo de jovens escritores cubanos que, por não estarem inseridos nos padrões estabelecidos pela revolução cubana, foram impedidos de realizar o seu principal objetivo de vida: escrever. A maioria deles, como Reinaldo Arenas, Guillermo Rosales e Miguel Correa conheceram-se e estabeleceram uma afetividade coletiva forjada pelas suas experiências e expectativas ainda na ilha. A frustração por não poder publicar e ter que constantemente desfazer ou esconder o que haviam escrito era uma característica em comum. A criação literária desses jovens escritores se resumia em lerem uns para os outros os seus projetos e feitos literários às escondidas.

Conforme se viu, a Geração Mariel não corresponde a fatores “intra-literários” e estéticos e sim à necessidade de narrar suas histórias de vida e denunciar a sua insólita condição de *outsiders*. São essas necessidades, ampliadas na luta pelo reconhecimento social, que sedimentaram o grupo. Por isso a necessidade de narrar foi o ponto aglutinador do grupo e *Ao norte do inferno*, de Miguel Correa, não foge a esta regra.

Nessa narrativa surgem vários personagens anônimos, que aparecem e desaparecem de capítulo em capítulo e que, por sua vez, podem ser substituídos por outros personagens, por um discurso político, um poema, uma crônica. A obra de Miguel Correa dá a impressão de um amontoado de estilhaços que seguem várias direções, mas que no final atingem o mesmo alvo. Os estilhaços são as palavras, as únicas armas do autor, como afirmou Reinaldo Arenas. O primeiro desses estilhaços é um discurso ocorrido em

Havana no tradicional aniversário ao assalto ao quartel de Moncada em 26 de Julho. O “discurso-capítulo” que inicia o livro é intitulado *Discurso - s-o-s e inicia-se assim: “Hoje (aplausos) comemoramos mais um aniversário (aplausos) do (aplausos prolongados) assalto ao Quartel Moncada (aplausos incessantes, algazarras, assovios, ruídos metálicos)”* (CORREA, 2007, p.4).

O discurso é uma alusão aos famosos pronunciamentos por horas de Fidel Castro, durante as celebrações de datas comemorativas da revolução, nas manifestações na praça da revolução. Mas, com o decorrer da peça retórica, o autor passa a demonstrar um outro lado dessas celebrações:

E, assim, também honramos nossos mártires, elevando nossa base econômica (levantam atrás um enorme cartaz que diz “seremos como o Che”), deteriorada por uma série de governantes entreguistas (o tumulto frente aos banheiros públicos tomou dimensões massivas). Conhecemos nossas deficiências (o tumulto tirou dos banheiros públicos um jovem negro) e lutamos para erradicá-las, porque se não lutarmos para erradicar essas deficiências de hoje (o jovem negro é carregado nos ombros por toda a Praça), não chegaremos jamais à sociedade comunista a que aspiramos (o jovem negro está levando pauladas em meio da praça) e a que sem dúvida chegaremos num futuro não muito distante (gritos do jovem negro que está sendo espancado). E não acreditem os imperialistas (nem matando este corno paga o que fez! se escuta) que nos vão intimidar com suas campanhas contra a revolução (bicha!) porque a revolução é agora mais forte (nem mijando nele paga!) e mais internacionalista [...] (CORREA, 2007, p.7).

Aos poucos, como podemos notar, a narrativa do discurso passa a sofrer interferência da multidão que o acompanha, e se dispersa em meio a diversos acontecimentos simultâneos. A prisão de um “jovem negro” é um desses acontecimentos. Miguel Correa nos parece demonstrar que o discurso combatente revolucionário já não conseguia mais prender a multidão como no início dos anos de 1960 na ilha. A retórica soa em descompasso com a realidade de 1980 (ano em que ocorre o êxodo Mariel e que se passa a narrativa), principalmente junto à juventude e à parcela de seus rebeldes representantes que não conseguem se estabelecer nos parâmetros revolucionários cubanos, o que para o autor não era nada irrisório. O jovem negro seria um deles? O que ele fazia de perverso nos banheiros públicos duran-

te o discurso? Procurava por uma aventura homossexual? Provavelmente. Mas o que se sabe ao certo é que se tratava de algo proibido na ilha, como grande parte do público confirma “nem matando este corno paga o que fez!”. Seria essa parcela do público a mesma que aplaudia com entusiasmo o discurso? Seriam eles os estabelecidos pela revolução, que exigiam que a nova geração mantivesse os mesmos compromissos assumidos a partir 1959? A proposta de Miguel Correa é, com efeito, demonstrar a dissonância vivida pela sociedade cubana em 1980. Os conflitos em *Ao norte do inferno* procuram enfatizar a insanidade social, na visão do autor, vivenciada em 1980 em Cuba e que foram expostas durante o fenômeno Mariel.

O discurso continua, e a cada momento surgem mais acontecimentos que dispersam a concentração da multidão. Em sua periferia, a praça lembra uma feira ao ar livre e em nada nos remete a seus célebres momentos históricos de resistência dos anos de 1960. Miguel Correa termina o seu primeiro capítulo de *Ao norte do inferno* assim:

Você já falou demais (chega a polícia) (e mais luminosa! grita) (e mais lubrificada! grita) (levam-na até a patrulha) (e mais obstinada! grita) (uma desordem geral reina na Praça) (e mais pintada! se escuta de longe) (a Praça começa a ficar vazia) (CORREA, 2007, p.8).

Miguel Correa inicia assim o seu livro, demarcando de imediato a principal proposta de sua obra: a ilha vive um caos que beira uma espécie de loucura coletiva. O livro, que foi escrito em 1983 no auge da revista *Mariel de Arte e Literatura*, tornou-se uma espécie de manifesto do grupo e apontou sua artilharia pesada mais contra o governo cubano do que contra a comunidade de Miami e a insólita situação do exílio dos *marielitos*. Embora não poupe a ninguém, Miguel Correa dedicou-se a discorrer sobre as relações vivenciadas na ilha antes do exílio. O principal motivo dessa característica se deve ao livro ter sido publicado ainda em 1983, estando, pois, mais próximo aos acontecimentos de 1980 do que as outras obras que aqui serão analisadas.

Uma das narrativas recorrentes ao longo de *Ao norte do inferno* se refere à relação entre uma mãe e seu filho que tem problemas para se adaptar aos parâmetros da revolução. A mãe se sente penalizada por não saber como ajudar o filho:

E eu ignorante; sem perceber as coisas.  
Sonhando em acertar.  
E não quis fazer negócios com os de cima.  
E eu cega, vendo no escuro.  
Acreditando que com Ofélia era o bastante.  
E Ofélia não passa de uma simples presidenta  
do comitê<sup>64</sup>, encarregada de um pequeno povoado, de  
vigiar dez casas e de levar estranhas papeladas.  
Também vigiam Ofélia.  
Ou a vigiam mais do que a nós.  
E a pessoa encarregada de vigiar Ofélia  
também é vigiada.  
E esta outra pessoa também.  
e a outra  
e a outra  
e a depois dela também (CORREA, 2007, p.23).

Percebe-se que essa mãe anônima está angustiada e se arrepende de não ter estabelecido relações políticas em Cuba, agora que seu filho está sendo perseguido. Ela se repreende por ter vivido sua vida e imaginado que manter boas relações com Ofélia, a “presidenta” do seu CDR (Comitê de Defesa da Revolução), seria o bastante. Contudo, ela percebe que acima da Ofélia havia muitos outros, que por sua vez também eram vigiados. Ela não compreende os mecanismos e se censura por não se ter envolvido nesse processo burocrático que era agora sua única esperança para salvar o filho. A mãe consternada culpa sua ignorância e falta de visão dos acontecimentos durante o tempo em que poderia ter feito algo:

E sem saber do mundo  
nós aqui.  
E deitando-nos assim que escurece  
nós aqui.  
E parindo filhos todos os anos  
nós aqui.  
E parindo filhos machos  
nós aqui.

---

64 Refere-se aos Comitês de Defesa da Revolução (CDR).

E essa tem sido a desgraça maior que nos aconteceu.  
 Porque se nós não tivéssemos tido filhos  
 homens, não teríamos necessitado de nenhum contato.  
 Por isso as mulheres daqui abortam tanto, de  
 medo que o filho seja homem. Porque isso significa  
 já, desde o momento que nascem, uma das caçadas mais  
 horrorosas (CORREA, 2007, p.24).

Nessa passagem Miguel Correa utiliza a personagem para discorrer sobre as propostas do “homem novo” estabelecido pela revolução cubana. A alternativa machista desse homem novo revolucionário, para o autor, leva os jovens do sexo masculino que não se enquadram no perfil a se tornarem o principal alvo da repressão por parte do governo cubano. Os que não se enquadram na vanguarda revolucionária poderiam no futuro tornarem-se os combatentes de uma contrarrevolução; por isso era necessário vigiá-los, corrigi-los, transformá-los. As jovens, mesmo que não se enquadrassem no perfil revolucionário, eram menos perseguidas, pois eram consideradas uma ameaça menor. No livro *Conduta imprópria*, Heberto Padilla diz que as lésbicas eram menos estigmatizadas em Cuba porque culturalmente sua homossexualidade era vista como menos ofensiva.

A personagem continua sua narrativa expondo a rebeldia do filho, que também não pretendia cooperar e seguir seus conselhos e caminhava a passos largos para o abismo. Mas qual o crime que cometia esse filho varão que lhe traz tanta ameaça? Vejamos como sua mãe descreve os seus delitos:

E veja-o agora.  
 E veja-o agora  
 Eles o detiveram  
 E o tiraram dos estudos  
 E agora é certo que pega o serviço militar.  
 Porque eles o estão fichando faz tempo.  
 E eu avisava.  
 E eu moendo farinha e avisando. E eu limpando e  
 avisando. E ele inocente sonhando em vida. E eu;  
 deixa dessas besteiras. E ele; que você quer que eu faça, que  
 em todo lugar as pessoas fazem essas coisas e são normais.



E eu; deixa disso, que te importa o que dizem ou fazem esses velhos em outros lugares, que isso aqui não interessa a ninguém, que o velho não vai vir te salvar quando te apertarem o nó.

E ele; me deixa em paz, me deixa, que o que eu quero é escrever.

E eu; ai, filho, deixa disso, deixa dessa escrevinhação, que não levam a nada de bom. Deixa, que aqui nesta casa ninguém escreve nada nem ouviu nada, nem sonhou em ver nenhum país e aqui estamos todos vivinhos; não nos aconteceu nada. Eu estou como se tivesse acabado de chegar de todos os países.

E ele; se me continuam perturbando vou embora deste país, cala e me deixa em paz.

E eu; Ai, filho, quem por seu gosto morre que o céu lhe saiba a glória (CORREA, 2007, p.26).

A mãe declama poeticamente suas angústias e apreensões com o filho. Por que ele mantinha esse comportamento desafiante? Para que escrever? O conflito de gerações se torna evidente na narrativa. O personagem que representa o filho (anônimo) pede à mãe para deixá-lo viver a sua vida, reivindica o direito a seu destino. A mãe e filho lutam por coisas distintas: o filho quer expressar o que sente por meio de sua narrativa literária e a mãe, por sua vez, empenha-se em apagar os seus escritos para salvá-lo,

E ele cada dia mais enrolado em escritas e em leituras infinitas. Nesta casa ninguém lê nem o jornal e ele escrevendo e lendo muito. E eu interrompendo-o. E eu queimando tudo o que pudesse comprometer-lo. E ele convidando pessoas para lhes ler essas coisas. E a todo aquele que chegava, ele, “uma estrofe, uma estrofe”. E lhes lia um livro enorme que ninguém entendia. [...] E desde lá eu sentia como ele se embalava e eu rezando que acabasse rápido; e ele, pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá,pá, lê e lê, e eu de fora rezando que acabasse logo e vigiando-o para ver onde guardava aqueles panfletos para queimá-los (CORREA, 2007, p.27).

O debate entre os personagens demonstra tratar-se de uma família camponesa pobre e parece referir-se à própria família do autor que, inclusive, dedica a obra à sua mãe. Miguel Correa parece lutar pela narrativa da sua trajetória de vida e de sua geração – dos que vivenciaram os mesmos espaços de experiências e horizontes de expectativas na ilha durante a juventude após a revolução de 1959 – luta por contar o seu lado da história, e esse é o ponto articulador da Geração Mariel e da sua luta pelo reconhecimento social.

Miguel Correa segue sua narrativa sem se preocupar com uma ordem precisa entre as histórias que se entrecruzam. Os personagens surgem, desaparecem e pouco depois ressurgem. Nenhuma delas é nomeada. A mensagem do autor parece ser que todas as histórias seguem um fluxo inerente aos objetivos de seus personagens. As suas vidas, assim como seu destino, não lhes pertencem:

Estávamos, assim, pondo tudo nosso empenho no doce, vendo como deixava de ser melado e adquirir consistência. Estávamos, assim, fazendo parte do doce, quando de repente e em meio a tudo, sem dar-nos tempo de desmaiar, chegou-nos o telegrama. A princípio não entendemos nada. Não associamos a mensagem a nenhum fato real (CORREA, 2007, p.40).

De um capítulo a outro surgem novas narrativas, novos personagens anônimos que deixam quem lê sem conseguir entender de quem seria a enunciação. No capítulo intitulado “Um telegrama”, Miguel Correa, como de costume, não se preocupa em esclarecer ao leitor quem seriam os personagens, onde eles se encontravam ou qualquer coisa a esse respeito. Ele parece sugerir que não existia vida individual em Cuba naquele momento, nem poderia haver em suas trajetórias de vida uma coerência lógica capaz de dar coesão a qualquer espécie de fundamento. Tudo seria um absurdo, como a participação de Cuba e dos cubanos nas guerras na África:

Alcançavam-nos as emanções do telegrama jogado sobre uma cadeira. O cheiro do doce se misturava com aquela informação: devíamos partir, em breves horas, rumo à África. Não sei quem dizia no telegrama que reclamava nossa ajuda. Para a África, em algumas horas. Momentos estranhos tem a vida. Para a África [...] De tem-

po em tempo, enquanto mexia aquele maldito doce, parecia melhor deixá-lo como estava, sem terminar, ir para a África um momento, matar quem precisava matar ou que me matassem, mas rápido, num segundo, e voltar a terminá-lo logo. Porque o doce já não tinha sentido. E menos sentido evitar o que dizia o telegrama. Sentar-nos não tinha sentido, nem parar, nem dar um pulo, nem provar o doce endurecido, nem jogá-lo no esgoto. Nós mesmos já não tínhamos sentido, nem mesmo o telegrama. Tampouco a ideia irreversível de marchar para a África já não tinha nenhum sentido. Porque percebemos que o doce, além de ser doce, é um passatempo; e que a reconquista da África também o era; e que a própria vida era um impulso enorme para passar o tempo e ao mesmo tempo resistir a ele (CORREA, 2007, p.40- 41).

A falta de sentido é o cenário predominante de *Ao norte do inferno*. Tudo parece estar desmoronando, e a impotência é angustiante. Outro estilo narrativo (capítulo) inicia-se com um pequeno poema no qual podemos notar o temor de não se distinguir mais o que é real do que não é:

Agora estou sonhando.  
 Agora, sim, tudo é feio.  
 Agora tudo é mais feio do que se estivesse acordado,  
 porque acordado as coisas não acontecem tão depressa.  
 E neste sonho que venho sonhando agora, as coisas  
 passam juntas, num atropelo. E quando estou  
 acordado as coisas vão passando por etapas.  
 Por isso estou louco por acordar (CORREA, 2007, p.46).

Nesse poema, que evoca “La vida es sueño”, de Calderón de la Barca, Miguel Correa sugere que nem mesmo em sonho se poderia escapar do controle social ao qual a juventude cubana estava submetida. Não era possível sequer sonhar, pois não se poderia confiar nem mesmo nos próprios sonhos:

Porque a gente não pode acordar dos sonhos quando quer, mas quando os sonhos querem. E amanhã, depois de acordar, tenho que ir para essa unidade militar. Que tédio! Mas por enquanto vou subindo neste caminhão sonhando. Será assim realmente o serviço militar? Chegamos depois de catorze horas de viagem sem respirar. Mas não che-

gamos a nenhuma casa, nem mesmo a cidade alguma: estamos num canavial. Nos dão facões muito afiados para cortar cana. Eu não sei cortar cana. Que sonho esse tão terrível! E tenho que cortar seiscentas arrobas. Ai, eu não posso. E o sol que faz nesse campo, nesse sonho, nesses matos. Ai, e a quantidade de erva que tem, e a quantidade de cana. Ai quero acordar, não resisto ao sonho de hoje. Ai me acorde, Senhor! (CORREA, 2007, p.47-48).

Nessa passagem, Miguel Correa faz uma alusão aos sonhos revolucionários na qual, como vimos na primeira parte da tese, o trabalho coletivo “voluntário” ou corretivo tinha o papel de moldar a nova geração revolucionária. A personagem desse capítulo diz simplesmente não conseguir viver este sonho e ao mesmo tempo não poder despertar. Não havia fuga para os sonhos revolucionários da ilha.

Não temos o objetivo de analisar todas as personagens nem cada capítulo de *Ao norte do inferno*, que conta com 24 pequenos capítulos. No entanto, não foi possível evitar a análise de um grande número destes por se tratarem de um apanhado das teses que foram defendidas pela Geração Mariel. Em outro capítulo, intitulado “Uma mulher decente”, Miguel Correa utiliza-se da personagem da mãe desesperada que aproveita a abertura do porto de Mariel para solicitar a sua saída e da sua família para Miami num dos postos encarregados para se fazer a solicitação:

Sim, sim, tenente, anote como estou dizendo: em nossa família todos somos homossexuais. Todos somos homossexuais, e como! Eu mesma sou um tremendo sapatão. Mas das coisas que eu sou, tenente, sapatão é a mais leve. Tenho exercido a prostituição por duas décadas. Que me diz, eh? E sou proxeneta. A maior proxeneta da cidade sou eu. Ah, sim, eu, a proxeneta. [...] E meu esposo é um caso lastimoso. Estamos casados para encobrir nossa verdadeira identidade, mas no fundo o que somos é isso, lixo, lixo homossexual. O melhor que o senhor faz é desfazer-se de nós. Se eu fosse o presidente deste país, já teria mandado todos para lá, para o Norte, para infestar ainda mais essa sociedade decadente (CORREA, 2007, p.84).

O personagem, uma mulher, como podemos ver, acusa a si mesma e à sua família de serem parte da *basura*, do lixo social; recorre a tudo que é

considerado socialmente pejorativo para que sua família consiga deixar a ilha. O seu desespero parece estar relacionado com a desintegração familiar, já que o filho quer a todo custo ir embora e talvez jamais possa tornar a vê-lo. A alternativa encontrada foi a saída de todos e, para tanto, acusa toda a sua família de ser “antissocial”:

Anote tudo, tenente. Quatro somos nós; dois meninos e dos maiores. Já anotou os números da Carteira de Identidade? E não pense que os meninos não são tão maus, porque são os piores. [...] Mais, verdade, tenente? Sim, mais. Não trabalho. Me pegou a lei da vadiagem, a lei da extravagância, a lei da periculosidade e algumas outras leis mais<sup>65</sup>. Eu acredito tenente, que o senhor vai confundir os delitos que nós temos no núcleo familiar (CORREA, 2007, p.86).

A obstinação do personagem não tem medidas. Ela não pode permitir que a família se desintegre e tenta de tudo para impedir isso:

Já me sinto melhor. Anotado tudo, não é verdade, tenente? Ajude-nos, que vamos convidá-lo para comer um porco. Sim, sim, já está convidado. Amanhã mesmo. E vou deixar-lhe todas as coisas que temos, que são muitas. E todo o dinheiro que poupamos será seu, tenente. Assinou a carta, não é? Obridada, tenente. Mil obrigadas. Homens e tenentes como o senhor são os que o povo necessita. Obrigada. Cada vez que puder lhe vou mandar algumas coisinhas lá de fora. Eu prometo. O porco lhe damos de presente e se o senhor quiser pode levá-lo para sua casa e pode comê-lo lá. [...] Passe amanhã lá em casa. Na hora que o senhor chegar, já estaremos com a mudança pronta. Isto é entre o senhor e mim. Ninguém vai saber. Eu sou uma mulher decente (CORREA, 2007, p.87-88).

A mulher decente é mais uma narrativa em que Miguel Correa procura demonstrar os absurdos das propostas do governo cubano, pois para conseguir o visto de saída era preciso convencer os responsáveis pela triagem de que não seriam úteis ao país. Por sua vez, na enunciação a personagem ao mesmo tempo em que coloca a si e a sua família como pessoas

---

65 Leis cubanas que vigoraram a partir de 1965 e que em 1971 são reafirmadas durante o Congresso de Educação e Cultura de 1971.

inapropriadas, pede ao tenente que não duvide dela, pois ela era uma mulher decente. O autor pretende que o leitor compreenda que os paradoxos propostos demonstram a insanidade social vivenciada na ilha que, em sua opinião, levava todos à beira da loucura. A fuga da ilha, assim, era a luta pela própria sanidade mental:

Saíam de todas as casas, a todas as horas, com sacolinhas, sem sacolinhas, com dezessete pesos e a Carteira de Identidade, com um pão com bife debaixo do braço, com uma lapiseira soviética. Todos saíam e iam embora. Sem uma chave para abrir nenhum lar, sem um colchonete para deitar-se, sem uma muda de roupa sequer. Iam embora do país e isso era o bastante para abandoná-lo o mais rápido possível, antes que o país de partida se arrependesse de deixá-los ir e antes que o de chegada se arrependesse de recebê-los. Que horror estar à mercê dos países! (CORREA, 2007, p.94).

Miguel Correa demonstra nesse capítulo, chamado “Como se foram”, a condição insólita da travessia do estreito da Flórida. Os viajantes não levavam nada, tampouco tinham algo concreto do outro lado do mar, mas então por que se iam? A resposta é simples: “Iam embora do país e isso era o bastante para abandoná-lo o mais rápido possível” (CORREA, 2007, p.94). Desta forma, a saída significava uma luta pela sanidade mental para os que não puderam adaptar-se aos paradigmas propostos pelos revolucionários após 1959.

No capítulo seguinte, que se intitula: “Como chegaram”, o autor assim descreve um dos exilados: “Sem perguntar onde se dormia, nem onde se comia, e sujo e exausto de tão longa viagem, se aproximou daquela casa e pediu à senhora que o deixasse usar o banheiro, passar um pouco de talco” (CORREA, 2007, p.98). O capítulo foi sintetizado pelo autor nesse único parágrafo.

Para Miguel Correa, após tudo o que haviam vivenciado em seu país natal, os *marielitos* já não exigiam nada do país rumo ao qual eles migravam, ou seja, “ao norte do inferno”. O que realmente importava para esses refugiados era estar longe da ilha. Miguel Correa dedica poucas páginas ao exílio nos Estados Unidos da América, contudo não deixa de evidenciar os atritos enfrentados pelos *marielitos*:

Nada	porque já nos discriminaram infinidade	Nada
Nada	de vezes e o que fazemos é também nos discriminar	Nada
Nada	Quer ver como a discriminamos toda	Nada
Nada	aqui mesmo, sem que você perceba?	Nada
Nada	Nem tememos seu cachorrinho fresco	Nada
Nada	porque já nos morderam todas as feras	Nada
Nada	Quer ver como arranhamos todo seu	Nada
Nada	cachorrinho fresco, mordemos e o afogamos	Nada
Nada	no mar? Nem vai nos importar que nos diga	Nada
Nada	fucking you, porque já nos disseram tudo	Nada
Nada	não só com palavras mas também com	Nada
Nada	paus, e resistimos. Quer ver como lhe	Nada
Nada	dizemos até de que mal vai morrer Nada	
Nada	e a ofendemos e lhe damos um golpe	Nada
Nada	mal dado na cara? Quer ver? Quer	Nada
Nada	ver que não nos importa dizer de onde	Nada
Nada	viemos? Pois para seu conhecimento e para	Nada
Nada	o conhecimento de todos que lhe perguntarem	Nada
Nada	nós viemos pelo Mariel. E não diga	Nada
Nada	você que não sabe que é o Mariel,	Nada
Nada	porque isso todo o mundo sabe. E não se	Nada
Nada	assuste, que não vamos machucar seu	Nada
Nada	braço. Mas não tente fugir agora	Nada
Nada	que falamos, porque então, sim, o	Nada
Nada	machucamos. Pois somos, sim, do Mariel; do	Nada
Nada	mesmo Mariel. E não somos somente nós.	Nada
Nada	E os que ficaram, que virão para cá,	Nada
Nada	ainda que você não goste. E somos	Nada
Nada	do Mosquito. E chegamos em botes. E estivemos	Nada
Nada	em campos para refugiados. E não	Nada
Nada	falamos a língua de vocês. E temos	Nada
Nada	o status pending. E não gostamos das	Nada
Nada	comidas de vocês. E não vamos embora	Nada

(CORREA, 2007, p.108-109).

Nesse poema, Miguel Correa faz um manifesto em defesa da Geração Mariel, cuja principal diretriz é a afirmação da diferença dos que vieram pelo porto de Mariel: “pois somos, sim, do Mariel, do mesmo Mariel. E não

somos somente nós”; ao mesmo tempo, exalta a tenacidade desses imigrantes durante toda a travessia. Em suas imagens, o poema reafirma a insólita condição que os *marielitos* vivenciaram na ilha e na qual permaneciam ainda nos Estados Unidos da América, demonstrando assim que nada mais poderia intimidá-los.

Dessa forma, não seriam a rejeição e o estigma enfrentados no exílio um obstáculo intransponível para os *marielitos*, que tiveram que superar coisas piores durante sua trajetória de vida. Nada que lhes fizessem conseguiria expulsá-los, nada poderia ser pior que aquilo que tinham vivenciado em Cuba. Para Miguel Correa, os *marielitos* estavam dispostos a enfrentar tudo para viver “ao norte do inferno”. Assim, o autor defende a força dos *marielitos*, na sua visão eles eram, antes de tudo, sobreviventes e estavam preparados para enfrentar o exílio.

Em outro capítulo desse livro, Correa retoma o conflito entre mãe e filho, agora no exílio. A distância da ilha não os aproxima. Eles continuam separados por espaços de experiências e horizontes de expectativas distantes. Não se compreendem e vivenciam exílios distintos:

Com esse não te mistures: ontem viram-no com uma bicha<sup>66</sup>. E antes de ontem o viram com duas. A semana passada o viram com mais de cem bichas. Dizem que a semana anterior à passada, o viram de braço dado com todas as bichas do mundo. Ai, Jesus Cristo, um rapaz que lá não se misturava com ninguém, que a gente olhava e ele saía fugindo para o bananal, de caipira que era. E foi só chegar a este país, e agora é ele quem vai aos bananais a tirar as bichas que lá estejam. E ficou tão bicha-tão-bicha-tão bicha, que já me parece uma codorniz. Ai, Jesus, se o pai o visse. Se visse como fica junto com as bichas daqui como se ele fosse daqui também, e como trina e relincha e como esurra, como se já fizesse cem anos que vive aqui. Faz tão só uns meses que chegou a este país e já fala o idioma daqui e os idiomas das bichas. E eu cada dia falando menos. E eu cada dia mais infeliz. E cada dia que passa, eu mais atrasada. E ele, olha-o! de braço dado com as bichas, de braço pelas ruas, de braço com sua fauna. E progredindo e tudo. E até sai nos jornais. E escreve discursos que ninguém entende (CORREA, 2007, p. 120).

---

66 No original, *pájaro*: coloquialmente em Cuba se diz ao homem homossexual.



Como podemos perceber, o tom da narrativa da mãe é de perplexidade. Ela não entende como o filho se transformou radicalmente em tão pouco tempo no exílio. Ela afirma que em Cuba o filho era introvertido, já no exílio tornou-se popular e está irreconhecível. Na narrativa é feita uma alusão direta à homossexualidade do filho, ela se sente perdida e não entende o “progresso do filho”. Embora ela também tenha atravessado o estreito da Florida, não o fez em busca das mesmas expectativas de seu filho. O que havia feito era segui-lo, zelar por ele e agora não sabia o que fazer já que ele não precisava mais dela. Ademais, ela não conseguia adaptar-se ao novo cotidiano:

Eu mesma estava louca para vir para acá, sem outro propósito que o de me converter em pescadora. Me atraí o mar, os barcos, certo tipo de peixe. E aquí estou, igualzinha a como estava lá ou pior, porque lá eu ia à praia, entrava nela. E aquí eu acredito que nem praias existem. E trabalho como uma mula e sempre devo alguma coisa. E saio de uma oficina e caio noutra. E nem vejo o que está ao meu redor. E não tenho vizinhos. E nesta casa sem sair todo o tempo. Ou seja, que eu também fui transformada por esse país, embora não me tenha convertido em pescadora, mas antes num peixe. E a bicha sortuda e sorridente. E eu, morta em vida. E ele dizendo a todo o mundo que é uma bicha. E já o diz como se fosse seu nome, como uma apresentação (CORREA, 2007, p.121-122).

Nessa passagem, a mãe diz que também teve suas expectativas, mas, diferentemente das do filho, elas não se realizaram, pelo contrário, foram completamente frustradas. Miguel Correa mostra que nem todos os *marielitos* tinham as mesmas representações ao desembarcarem em Cayo Hueso. A Geração Mariel, em sua opinião, não poderia representar a todos os *marielitos*, como alguns integrantes do grupo defendiam, e sim a uma geração específica, o que, em nossa opinião, poderia ser definido como aqueles que vivenciaram os mesmos espaços de experiências e horizontes de expectativas na ilha e no exílio. Isso porque nem todos os coetâneos cubanos compartilhavam as mesmas representações da Geração Mariel; ao contrário, em 1980 eles eram uma parcela minoritária em Cuba.

O anonimato das personagens (mãe e filho) ao longo da obra causa dúvidas ao leitor: seriam essas personagens sempre as mesmas? Ou eram

apenas crônicas do conflito representado pela distância entre pais e filhos após o triunfo da revolução? Havia necessariamente uma sequência entre essas passagens? Ou seriam cenas de conflitos distintos que se assemelhavam pela recorrência e universalidade dos embates entre gerações? Não seria a narrativa a própria trajetória de vida do autor? Acreditamos que as respostas se complementam. Sendo assim, seriam um pouco de cada uma e nenhuma absolutamente. Os capítulos são fragmentos ou estilhaços, como dissemos anteriormente, e acreditamos que Miguel Correa teve como proposta estética demonstrar a insanidade do projeto revolucionário. A loucura, os sonhos e o desespero se confrontam com os objetivos da revolução. O que resta são os estilhaços de vida, que atingem a todos. Os personagens são o alvo e, ao mesmo tempo, os projéteis de um mundo à deriva. Enfim a revolução, para o autor, havia se tornado uma engrenagem que não poupava ninguém:

Tranquiliza as nuvens, Senhor. Deixa que cheguem e nos acalmem as tripas. Esses invasores trazem de tudo; não são como os invasores anteriores, para quem a gente tinha que dar até os bezerros recém-nascidos para que nos fizessem o favor de invadir-nos. Que vontade tenho de que me acabem de invadir e de que me peçam que fale! “Fale, me dirão eles, diga-nos quem são os comunistas”. E eu primeiro resistirei para que eles vejam que eu sei sim quem são os comunistas daqui. [...] Ai, deus meu, dentro de umas horas pode que essa invasão entre nesse povoado miserável. Dentro de umas horas vou tirar a blusa e sair nua para recebê-los. Dentro de umas horas (CORREA, 2007, p.132-133).

Nessa citação retirada do capítulo “Conte-me, eles vão dizer” Miguel Correa deixa o exílio nos Estados Unidos da América e retorna à ilha, por meio da enunciação de uma nova personagem. O autor procura demonstrar que a partida de milhares de “antissociais” pelo porto de Mariel não estancou a desilusão em Cuba, Havia uma multidão silenciosa que aguardava com ansiedade uma nova invasão, como tantas outras ocorridas na história da ilha. A trajetória de Cuba, na opinião de Miguel Correa, era marcada por invasões que impunham a sua lógica pela força a uma população que se acostumara a essas transformações abruptas – a única forma de transformação social no país – e sempre as esperava, pois todos sabiam que mais cedo ou mais tarde uma nova invasão interromperia a realidade existente:

A gente também teme essa invasão nova, porque todas as invasões que entraram neste povoado fizeram o mesmo: arrasar. Eu me lembro quando esta invasão, que hoje governa isto, triunfou. Havia acabado até com as verduras. Mas todos acreditamos que logo viriam seus frutos. E vieram seus frutos depois. Eram esses uns frutos muito amargos (CORREA, 2007, p.133).

A invasão a que Miguel Correa se remete não é uma invasão estrangeira e física simplesmente, mas sim uma invasão do cotidiano na ilha. A revolução cubana havia sido também uma dessas invasões, com a diferença de ter causado uma grande expectativa, mas, a exemplo das interferências estrangeiras e das ditaduras durante o século XX, como as de Machado e Batista, havia mudado de forma brusca o cotidiano da ilha. Os cubanos haviam desta forma se acostumado a essa dura realidade e muitos, como o narrador, aguardavam com ansiedade uma “nova invasão”, pois era essa a única forma possível de mudança conhecida na ilha. A personagem anônima aguarda pela invasão, mas, ao mesmo tempo, nada faz para conquistá-la, prefere esperar o seu fluxo:

Pois aqui vou esperar essa invasão que se aproxima por Manguitos. E vou segui-los até a capital. E vou falando até a capital. E vou dizer até o que não me perguntarem. E vou pedir-lhes um par de sapatos, que me fazem tanta falta. E eles vão me dizer: “Você não era uma das que com mais entusiasmo aplaudiam na praça?” E eu vou responder: “Sim, eu era uma das que mais aplaudiam. E vocês não sabem que aqui quem mais aplaude é quem mais desesperado está?” E eles vão perguntar: E não era você uma das que faziam mais horas voluntárias para ajudar o regime deposto?” E eu vou responder: “Olhem, vocês não sabem nada de nós. Eu trabalhava como uma mula para que me permitissem entrar numa universidade, para que me deixassem ser alguém, para poder ganhar a confiança deles, para que me deixassem sair do país, para asilar-me em qualquer lugar, para sobreviver. Ou vocês não sabem que aqui ir para o estrangeiro é um privilégio quase monárquico? (CORREA, 2007, p. 133-134).

O personagem, como se pode ver, representa o senso comum da juventude cubana que, mesmo sem concordar com as medidas do governo cubano, não as confronta. Miguel Correa defende que a maioria da juven-

tude cubana prefere sobreviver na revolução a criticá-la, aguardando que novas mudanças aconteçam sem, contudo, ir de encontro ao regime. A maioria não pretende tornar-se *outsiders* na ilha: prefere cumprir as suas tarefas revolucionárias e viver da forma que foi definida. Assim, muitos dos estabelecidos, principalmente junto à juventude cubana, não o faziam em nome da revolução, e sim em nome de suas conveniências para sobreviver, tal como em outros regimes políticos. A personagem continua seu discurso imaginário:

Olhem, nós que estamos aqui dentro fizemos mais que todos vocês porque temos resistido. E resistir significa delatar, cooperar, aplaudir, humilhar, e humilhar-nos, maltratar e ser maltratado, aterrorizar os outros e sair em busca de nossa dose de medo. Não me digam que eu não fiz nada. E dizer “sim” a tudo, quando tudo por dentro diz “não”, é o quê? (CORREA, 2007, p.135).

Esse personagem se mantém em meio à dicotomia da realidade e os seus devaneios; leva adiante o seu cotidiano, que exige uma forte disciplina para sobreviver e para acalentar os sonhos de uma mudança de rota que lhe garanta aspirações das mais simples, como um novo par de sapatos, e das mais complexas como uma nova ordem social. Miguel Correa sugeriu que o apoio à revolução cubana e a seus líderes em 1980, principalmente junto à juventude, era menos ideológico do que se imaginava. Para o autor, a maioria dos estabelecidos e dos melhores modelos de homem novo seriam apenas exemplos de jovens disciplinados que na maioria dos casos não estavam interessados em outra coisa do que na sua própria conveniência e no seu próprio futuro na ilha.

No penúltimo capítulo do livro e o último aqui observado, Miguel Correa critica o projeto revolucionário de construção do homem novo cubano; o capítulo é intitulado “Receita para a fabricação do ‘homem novo’”:

Ingredientes:

1 homem jovem inteiro

2 cadernos de abastecimento<sup>67</sup>

---

67 Caderno onde se anotam os alimentos racionados que as famílias cubanas têm direito a comprar.

1 calça cáqui ao ano  
1 par de sapatos plásticos (ao ano)  
¼ de pão (ao dia)  
1 lei de periculosidade e/ou de vacância  
e/ou de extravagância  
convocações relâmpago<sup>68</sup>  
1 CDR  
organizações de massas  
o jornal *Granma*  
filmes russos (búlgaros ou tchecos)  
trabalho voluntário  
1 serviço militar obrigatório  
1 líder máximo  
1 segundo líder máximo  
1 rádio VEF  
atitude crítica e autocrítica  
assistência aos pleitos políticos  
1 bote (CORREA, 2007, p.138).

Miguel Correa não acredita na ideologia do homem novo cubano: para ele, estes eram os primeiros a buscar uma fuga, e o governo cubano sabia disso. Os que tinham problemas na juventude jamais conseguiriam visto para uma viagem ao exterior e, portanto, não podiam pedir asilo político. A ameaça era justamente junto aos que se adaptavam e ocupavam espaços na nova sociedade, era uma parcela desses que contraditoriamente tinha até então se evadido da ilha e da revolução pelos meios legais. Os jovens *outsiders* não eram uma ameaça, pois eles já eram marcados pelo estigma e jamais alcançavam lugar algum. Nunca conseguiriam visto para visitar outro país. Portanto, os que até então tinham pedido asilo político no exterior eram justamente uma parcela dos principais exemplos de homens novos que haviam alcançado as posições almeçadas na sociedade cubana ao se estabelecerem com muita disciplina nos pressupostos revolucionários. Os *marielitos*, ao contrário, só se foram devido a um incidente histórico que acabou por levá-los em uma tormenta para os Estados Unidos, que ficavam *Ao norte do inferno*.

---

68 “Mitins (*meetings*) relâmpagos”: Avisos e chamadas que faziam os Comitês de Defesa da Revolução (CDR) em qualquer momento com o objetivo de mobilizar a população para alguma reunião ou atividade.

***BOARDING HOME***

O romance *Boarding home*, de Guillermo Rosales, é considerado uma das principais obras escritas sobre o exílio cubano em Miami (ROSALES, 1987). O romance é o relato de um personagem chamado William Figueras, um cubano recém-chegado a Miami. William é recebido como um herói pelos seus familiares que, embora não o conheçam, tinham grandes expectativas em relação a ele. Mas, quando percebem que William não era exatamente o que esperavam, estes mesmos parentes se afastam e não mais o procuram. O protagonista do romance narra a decepção que causou em sua família, como pode ser visto abaixo:

Aqui me esperavam uns parentes que nada sabiam de minha vida, e que depois de vinte anos de separação já nem me conheciam. Acreditavam que chegaria um futuro vencedor, um futuro comerciante, um futuro *playboy*; um futuro pai de família que teria uma futura casa cheia de filhos, e que nos fins de semana iria à praia e dirigiria bons carros e vestiria roupas de marca Jean Marc e Pierre Cardin; e o que apareceu no Aeroporto no dia de minha chegada foi um cara enlouquecido, quase sem dentes, magro e assustado, que tiveram de internar nesse mesmo dia numa clínica psiquiátrica porque olhava toda a família com desconfiança e, em lugar de abraçá-los e beijá-los, os insultava (ROSALES, 1987:10).

A frustração é tão grande que somente uma tia chamada Clotilde continua a se sentir responsável por William. Contudo, a dificuldade de adaptação do parente, aliada a uma incipiente loucura manifestada pela capacidade de ouvir vozes e ver coisas que ninguém mais podia ouvir ou ver, mina a resistência de Clotilde. Após levar o sobrinho a vários psiquiatras, ela decide interná-lo num abrigo sustentado pelo Estado norte-americano. Estes abrigos são, no romance, uma espécie de pequenos manicômios, onde se depositam os destituídos da capacidade de adaptação à sociedade e que não têm para onde ir. Embora não fossem oficialmente considerados doentes mentais, nem os seus hóspedes estivessem lá obrigados juridicamente, os abrigos, ou *Boarding homes*, são relatados como uma espécie de limiar da cidadania, cujos hóspedes dificilmente se recuperavam. Abaixo podemos ver como William descreve seu primeiro dia nesse lugar:

A casa dizia por fora “Boarding Home”, mas eu sabia que seria meu túmulo. Era um desses refúgios marginais onde somente vai gente desajustada pela vida. Loucos em sua maioria. Ainda que, às vezes, há também velhos deixados por suas famílias para que morram em solidão e não acabem com a vida dos vencedores (ROSALES, 1987:7).

Rosales, como podemos notar, faz referência ao mundo dos desajustados e ao dos triunfantes, separados por uma espécie de muro intransponível. Esta ideia é recorrente em todo o romance. William, a exemplo da Geração Mariel, fazia parte de uma geração de fracassados que, após vinte anos de repressão, chegaram a Miami cheios de traumas, o que, por sua vez, os impediu de escalar o muro do triunfo. Eram pessoas que já chegavam minadas e não mais podiam adaptar-se a nenhum lugar. Eram os fracassados, as presas dos triunfantes, as vítimas do sistema do poder e da cultura dominante, seja em Cuba, seja em Miami. Era o combate entre os que detêm ou compartilham o poder e os que insistiam em não se subordinar a ele, ou que já não podiam adaptar-se a ele. *Boarding home* era o limiar onde William procurava equilibrar-se sem sucesso, como mostra a continuação de sua narrativa:

Fui internado em mais de três clínicas de loucos desde que estou aqui, na cidade de Miami, aonde cheguei faz seis meses fugindo da cultura, da música, da literatura, da televisão, dos eventos esportivos, da história e da filosofia da ilha de Cuba. Não sou um exilado político. Sou um exilado total. Às vezes penso que se tivesse nascido no Brasil, na Espanha, na Venezuela ou na Escandinávia, também teria fugido de suas ruas, portos e campos (ROSALES, 1987:7).

Embora William não tivesse saído pelo porto de Mariel, pertencia ao mundo dos desajustados. Rosales não se prende ao fenômeno Mariel ao estabelecer a dicotomia entre dois mundos distintos, o dos triunfantes e o dos fracassados, onde os *espaços de experiência* e os *horizontes de expectativas* dos indivíduos são mais importantes do que a sua nacionalidade ou sua opção ideológica. Por isso, o personagem William se sentia tão distante de todos e com a impressão de não pertencer a qualquer lugar, como um *exilado total*, característica dos que se encontram à margem de qualquer sociedade.

Rosales procura fazer um retrato fiel do exílio que ele encontrou em Miami. O romance e a sua vida particular convergem. As personagens que William encontra ao longo da sua narrativa parecem ter sido extraídas da memória e do cotidiano do autor.

O romance traz alguns encontros inusitados de William com algumas personagens caricatas hospedadas na *Boarding home*, como é o caso de Ilda, uma senhora que havia imigrado em 1960 e que acaba sendo abandonada pela família na velhice:

Olho-a. Veste-se relativamente bem em comparação como se vestem as pessoas do *boarding home*. Seu corpo, ainda que velho, está limpo e cheira remotamente a água de colônia. Ela é uma das que souberam exigir seus direitos, e reclama ao senhor Curbelo todos os meses os trinta e oito pesos que lhe correspondem. Foi uma burguesa, lá em Cuba, nos anos em que eu era um jovem comunista. Agora o comunista e a burguesa estão no mesmo lugar. O mesmo lugar que lhes deu a história; o *boarding home* (ROSALES, 1987: 29).

Embora Ilda houvesse saído de Cuba fazia mais de vinte anos e não fosse oriunda das camadas populares, ela passa a engrossar as estatísticas dos desabrigados na sua velhice. Ela, a burguesa, e o jovem de classe média, William, de 38 anos, passam a compartilhar o mesmo espaço de experiência e a ter o mesmo sonho de espera, ou seja, deixar o *Boarding home*.

Rosales construiu um cenário repleto de excluídos, onde a Geração Mariel é apenas uma parcela de milhões de pessoas que, inevitavelmente, passam pelas engrenagens de um sistema de poder que tritura a todos os que não querem ou não podem adaptar-se às suas estruturas. *Boarding home* está repleta de desajustados, homossexuais, velhos abandonados, alcoólatras e doentes mentais. Dentre eles, há vários *marielitos*, mas há também uma minoria que sequer é cubana, como é o caso de Loise, um psicopata norte-americano. Contudo, todos os que lá se encontram têm algo em comum, ou seja, nenhum deles consegue mais se adaptar à sociedade norte-americana.

William recebe apenas uma visita amiúde. Trata-se de um negro que havia saído pelo porto de Mariel. William refere-se a ele como “o Negro”, sem jamais citar o seu nome. Seleccionamos uma passagem em que “o Negro” o visita; embora a citação pareça extensa, trata-se de um diálogo cujo sentido ficaria truncado e poderia perder-se, caso fosse reduzido:



Que há de novo? – pergunto ansiosamente ao Negro. Ele é meu contato com a sociedade. Ele vai às reuniões de cubanos intelectuais, conversa de política, lê os jornais, assiste à televisão, e depois, a cada uma ou duas semanas, vem me visitar para transmitir-me a essência de suas andanças pelo mundo.

– Tudo igual – diz o Negro – Tudo igual... Bom! – diz logo. Truman Capote morreu.

– Já sabia.

– Pois nada mais – diz o Negro – tira um jornal Mariel, editado por jovens cubanos no exílio.

– Aí tem um poema meu – diz o Negro – na página seis.

Procuo na página seis. É um poema que se chama “Sempre há luz nos olhos do diabo”. Lembra-me a Saint John Perse. Digo-lhe. Ele fica lisonjeado.

– Lembra-me Lluvias – digo.

– A mim também – diz o Negro.

Depois me olha. Estuda minha roupa, meus sapatos, meu cabelo sujo e desalinhado. Balança a cabeça desaprovando.

– Você, Willy – diz – diz então – deverias cuidar-se mais.

– Estou muito destruído, hem?

– Ainda não – diz – mas tente não cair mais.

– Vou me cuidar – digo.

O Negro me dá uma tapinha no joelho. Compreendo que já vai embora. Tira uma carteira de Marlboro pela metade e me entrega na mão.

Depois tira um dólar e também me dá.

– É tudo o que tenho – diz.

– Sei.

Sáimos do carro. Um louco vem nos pedir um cigarro. O Negro dá o cigarro.

– Adeus, doutor Jivago – me diz sorrindo. Volta as costas e vai embora (ROSALES, 1987:31-32).

O diálogo entre “o Negro” e William é muito esclarecedor, porque revela algumas diferenças entre Rosales e os demais representantes da Geração Mariel. Como podemos ver, William, o protagonista do romance, não chega a Miami vindo pelo porto de Mariel, a exemplo do que ocorreu com o autor. Contudo, tanto Rosales quanto seu personagem foram contemporâneos ao fenômeno Mariel, que em *Boarding home* é apresentado de forma

discreta e até secundária, o que o diferencia de outros autores do grupo, para os quais o fenômeno Mariel é sempre o foco principal. William tinha parentesco com famílias relativamente bem-sucedidas em Miami, e o *marielito* chamado de “o Negro” era o retrato do estigma; até William, outro fracassado, se referia a ele como o negro que havia fugido pelo porto de Mariel.

Apesar de William não pertencer à elite cubana como Ilda, também não era oriundo das camadas marginalizadas. Ambos faziam parte de uma minoria cubana que estava inserida socialmente, antes e após a revolução. O fato de terem caído em desgraça é resultado do desvio ou da recusa de se conformarem a uma conduta moral estabelecida. Desta forma, foram rejeitados ou rejeitaram. Não se adaptam assim aos pressupostos estabelecidos seja em Cuba, seja no exílio. Se Ilda era representante da elite econômica cubana, William, por sua vez, era um autêntico representante das camadas médias urbanas. Já “o Negro” pertencia a uma outra esfera, aquela dos que eram estigmatizados desde sua origem. Seriam estes os autênticos *marielitos*? Guilherme Rosales parece estabelecer uma diferenciação entre ele e os *marielitos* que jamais haviam participado do poder na ilha. Um segmento predominantemente constituído por “caipiras” (*guajiros*), negros, homossexuais (*maricones*), desdentados, ladrões, favelados, entre tantos outros excluídos. Esses não acreditavam haver perdido o paraíso tropical socialista, mas sim fugido da violência social marcada pelo estigma. Desta forma, Guilherme Rosales não se define como um *marielito* e sim um dos jovens de classe média que sonharam com a revolução e foram destruídos em meio a sua grande marcha.

O romance prossegue com a narração de William a respeito do cotidiano da casa, até que ingressa uma nova personagem, Francis, uma cubana exilada que chega à *Boarding home* bastante perturbada emocionalmente. A exemplo de William, ela ouve vozes que não consegue distinguir e também é abandonada pela família. William se enamora de Francis e eles iniciam um romance marcado pela luta para reconstruir suas vidas. Ambos estão desamparados e passam a se apoiar um no outro. A solidariedade existente entre eles passa a ser uma nova esperança para enfrentar os pesadelos do passado e superar as adversidades do presente para, deste modo, poderem voltar a sonhar com um futuro.

A relação entre William e Francis significa, no romance, uma interrupção na loucura e na violência humana de uma sociedade que não tolera

indivíduos desajustados como eles. O casal passa a falar sobre suas experiências na juventude, sobre a ilha e a Revolução. A seguir transcrevemos uma dessas passagens:

Meu querido, – diz – Você foi comunista alguma vez?

– Sim.

– Eu também.

Calamos. Depois diz:

– No início.

Apoio a cabeça na coluna e canto em voz baixa um hino dos primeiros anos da revolução:

“Somos as brigadas Conrado Benítez. Somos a vanguarda da revolução”.

Ela completa:

“Com o livro no alto, cumprimos uma meta. Levar a toda Cuba a alfabetização...”.

Começamos a rir

Eu ensinei cinco camponeses a ler – confessa.

– Sim? Onde?

– Na Serra Maestra – diz – Num lugar que chamamos *El Roble*.

– Eu estava perto – falo. Eu estava ensinando outros camponeses na *Plata*. Três montanhas depois.

– Quanto tempo faz disso, meu amor?

Fecho os olhos.

– Vinte e dois... Vinte e três anos – digo.

– Ninguém entende esta história – diz ela – Eu conto ao psiquiatra e ele só me passa mais comprimidos de etrafón forte. Vinte e três anos, meu querido?

Olha-me com olhos cansados.

– Eu acredito que estou vazia – diz.

– Eu também.

Seguro suas mãos e nos colocamos em pé. Um carro negro, conversível, passa diante de nós. Um adolescente de Miami põe a cabeça pela janela e nos grita – Escória!

Mostro-lhe o dedo mais longo de minha mão. Depois aperto a mão de Francis e começamos a caminhar novamente em direção ao *boarding home*. Tenho fome. Gostaria comer, ao menos, uma empada de carne. Mas não há um centavo (ROSALES, 1987:64-65).

William e Francis sabem que seus dramas pessoais são incompreensíveis para a maioria das pessoas que estão à sua volta. A ninguém interessa esta história, a não ser aos que a vivenciaram e aos que compartilharam circunstâncias semelhantes. Ambos acreditaram na Revolução e se decepcionaram; ambos imaginaram que podiam reconstruir suas vidas no exílio e novamente fracassaram. Contudo, havia uma nova esperança de salvação. Começaram a planejar um novo exílio, uma nova fuga. Porém, agora teriam um ao outro e poderiam enfrentar com mais força as vozes que os atormentavam e o pessimismo destrutivo que os paralisava.

William convence Francis a um novo recomeço e propõe que deixem a *Boarding home*. Francis se entusiasma com a possibilidade de morarem juntos e pede para trazer seu filho, que vive com sua mãe em New Jersey, o que William aceita sem resistência e com entusiasmo. O plano de William era simples: esperariam o final do mês, quando recebiam o cheque do seguro social ao qual ambos tinham direito e que era utilizado para pagar suas permanências no *Boarding home*. Deste modo, alugariam uma pequena casa em um bairro pobre chamado *Little Havana*, onde a maioria dos 125 mil *marielitos* morava, e logo procurariam empregos para poder se sustentar. Mas, após alguns minutos de entusiasmo, Francis perde os sentidos e ao despertar está tomada pelo pânico que a atormenta, como vemos a seguir:

– Francis... Francis! – digo, levantando-a do chão.

– Que foi?

Dou-lhe algumas palmadas no rosto. Lentamente volta a si.

– É a ilusão, meu querido... a ilusão! – diz.

Abraça-me com força. Olho-a. Seus lábios, sua face, tudo treme de uma maneira intensa. Começa a chorar.

Não vai dar certo – diz. – Não vai dar certo.

– Por quê?

– Porque estou louca. Preciso tomar todos os dias quatro comprimidos de etrafón forte.

– Eu dou para você.

– Escuto vozes – diz. Parece que todo o mundo fala de mim.

– Eu também – digo. Ao caralho as vozes!

Seguro-a pela cintura. Lentamente começamos a caminhar rumo ao *boarding home*. Um carro moderno passa junto a nós. Um sujeito de barbicha rala e óculos escuros mostra a cabeça pela janela e me grita:

– Joga ela fora, cara!

Avançamos. Enquanto isso vou planejando os passos que darei (ROSALES, 1987:93).

Francis teme um novo fracasso, mas é convencida por William a seguir lutando e eles passam a planejar a saída do *Boarding home* ao final do mês. Tudo parecia conspirar a favor do casal; William encontra uma casa dentro de suas possibilidades e, no dia em que o cheque do seguro social chega pelo correio, ele se dirige ao senhor Curbelo, um cubano rico responsável pelo estabelecimento. Após certa resistência, Curbelo entrega-lhe seu cheque, mas quando William pede o cheque de Francis, ele se recusa terminantemente a entregá-lo, alegando que ela está doente e que fora confiada por sua mãe aos cuidados dele. Após ter esgotado todos os seus argumentos, William arranca o cheque das mãos de Curbelo e foge com Francis. Como era de se esperar, o casal é facilmente recolhido pela polícia. Francis é reconduzida para o abrigo sob os cuidados de Curbelo, e William, fora de si, é conduzido a um hospital psiquiátrico.

No hospital, William consegue convencer o psiquiatra responsável por ele de que não está louco. Embora reconheça que ouviu vozes, diz que desde que conheceu Francis já não mais as ouvia. Após uma semana, o Dr.Paredes decide levar William pessoalmente para falar com Curbelo, na tentativa de conseguir a liberação de Francis. Mas William tem outra decepção. Francis havia sido levada por sua família e ninguém sabe de seu paradeiro. William, já sem resistência, capitula. Vejamos um trecho do desfecho do romance:

– Você já sabe de tudo?

– Já sei – respondo.

– Não se incomode mais comigo. Não há nada que fazer.

– Sinto muito – diz Paredes.

– Garoto... – diz então, o senhor Curbelo. Você pode ficar aqui se assim o desejar. Tome seus comprimidos. Descanse. Mulheres sobram nesta vida.

Do restaurante chega a voz da mulata Caridad anunciando a comida. Os loucos saem em tumulto para lá. Curbelo levanta-se e empurra-me suavemente pelos ombros.

– Vá – diz. Coma. Em nenhum outro lugar deste mundo você estará

melhor do que aqui.

Abaixo a cabeça. Saio, atrás dos loucos, até o restaurante

(ROSALES, 1987:93).

Neste momento, William já é um homem completamente domado. Na citação acima, quando Curbelo diz a ele que em lugar nenhum estaria melhor do que no *Boarding home*, tem-se o mesmo discurso que William escutara desde Cuba e constantemente ouvia no exílio. Não havia fuga possível, não havia exílio possível. Ele era um exilado total. William termina seu relato como se fosse uma carta de despedida:

Boarding Home! Boarding Home! Já faz três anos que vivo neste boarding home. Castaño, o velho centenário que quer morrer constantemente, continua gritando e fedendo a urina. Ilda, a grande dama decadente, continua sonhando que seus filhos de Massachusetts virão um dia buscá-la. Eddy, o louco versado em política internacional, continua dependente dos noticiários de televisão e pedindo aos gritos uma terceira guerra mundial. Reyes, o velho caolho, continua vertendo pus de seu olho de vidro. Arsênio continua mandando. Curbelo continua vivendo sua vida de burguês com o dinheiro que nos toma (ROSALES, 1987:93-94).

Assim finaliza o romance de Rosales. Embora o autor não tenha vivido num *Boarding home* que, evidentemente, é um local fictício, existem centenas de estabelecimentos como este em Miami, conhecidos como *house*. Rosales viveu por anos efetivamente nesses estabelecimentos, o que sem dúvida comprova a forte carga autobiográfica no romance. O protagonista William e o autor são muito semelhantes, assim como são suas trajetórias. William chega a Miami pelo aeroporto internacional e é recepcionado por familiares que não o aceitam. O mesmo ocorreu com Rosales. William pretendia ser escritor, assim como Rosales. Enfim, ambos se confundem e é difícil estabelecer o que é ficção e o que são efetivas experiências vividas pelo autor. Segundo a crítica literária porto-riquenha Ileana Piñeda Pérez, os autores caribenhos desterrados buscam a sua pátria a partir de si mesmos (PÉREZ, 2000).

Em *Boarding home* fica claro que Rosales não se sente pertencente ao grupo como os demais. Não por não ser homossexual, ou porque não haver

desembarcado em Cayo Hueso, vindo do porto de Mariel como a maioria dos integrantes do grupo. Rosales era favorável à maioria das propostas da Geração Mariel e sempre foi um colaborador da revista. Contudo, ele não era mais um idealista e não conseguia acreditar na construção de uma identidade capaz de abarcar os sentimentos de toda uma geração de desterrados. Ele havia acreditado na revolução cubana e, após a frustração que esta lhe trouxe, já não podia acreditar em mais nenhum projeto libertário. Era um homem alquebrado e desiludido; trazia consigo uma amargura que culminou com seu suicídio em 1993.

Vários depoimentos de integrantes da Geração Mariel sobre Guillermo Rosales estão repletos de elogios a respeito de seu caráter e das suas qualidades como escritor, mas todos afirmam ter sido ele uma pessoa fechada e amargurada (ABREU, 1998).

Em *Boarding home*, o autor não traz à tona nenhuma proposta com relação à construção de uma identidade Mariel e tampouco trabalha com o sentimento de pertença que supostamente une os seus representantes. No romance, o protagonista William termina solitário, louco e desamparado, o que demonstra o pessimismo do autor para com o futuro dos exilados de sua geração. Rosales, a nosso ver, tornou-se no exílio mais que um integrante da Geração Mariel, tornou-se um exilado de qualquer esperança.

## O PORTEIRO

A obra *O porteiro*, de Reinaldo Arenas, foi escrita entre 1984 e 1986 e publicada apenas em 1990 (ARENAS, 1995). Sendo assim, essa novela foi redigida na mesma época de *Boarding home*, de Rosales (1987), ou seja, pouco após o encerramento das atividades da revista *Mariel de Arte e Literatura*. Essa novela também tem como tema o exílio nos Estados Unidos da América; porém, em vez de ter Miami como cenário, Arenas utiliza Nova York, cidade onde ele se radicou.

Arenas inicia sua novela apresentando o protagonista Juan, que dez anos atrás, com apenas 17 anos, havia deixado a Ilha em um bote pelo porto de Mariel. Passados dez anos, o jovem imigrante cubano ainda não se adaptou ao exílio e está a morrer de tristeza. A novela é narrada na primeira pessoa do plural, por integrantes da comunidade cubana de Miami, que haviam sido designados para acompanhar e relatar a trajetória deste refugiado

cubano. O interesse por Juan é justificado pelo seu caráter excêntrico, como pode ser visto abaixo:

Mas este testemunho tem como objeto um caso excepcional. É a história de alguém que, diferentemente de nós, não pôde (ou não quis) se adaptar a este mundo prático; ao contrário, explorou caminhos absurdos e desesperados e, o que é pior, quis levar por esses caminhos todos aqueles a quem conhecia... Permitam-nos esclarecer que, primeiro, não constituímos (felizmente) um grêmio de escritores e, portanto não temos que obedecer a suas leis; segundo, que nosso personagem, ao pertencer à nossa comunidade, faz parte também de nós mesmos, e terceiro que fomos nós quem lhe abrimos as portas deste novo mundo e quem, em todos os momentos, estivemos dispostos a ‘lhe dar a mão’, como se diz lá, no lugar de onde fugimos (ARENAS, 1995, p.13).

Arenas procurou narrar sua novela tomando como cenário a comunidade cubana de Miami para, com ironia, demonstrar os preconceitos ali existentes sobre os novos exilados cubanos. Na citação acima é possível notar algumas afirmações, tais como “pertencer à nossa comunidade”, “nós que lhe abrimos as portas”, “em todos os momentos estivemos dispostos a ‘lhe dar a mão’”. Outro ponto é o caráter paternalista e arrogante da comunidade para com os novos imigrantes cubanos. Os narradores revelam as representações da comunidade cubana a respeito do mundo em que viviam e ao qual acreditavam pertencer; mundo este que era, ou pelo menos deveria ser, capitalista, liberal, conservador, católico, machista e paternalista. Abaixo temos outro trecho da novela em que Arenas se utiliza deste recurso:

Naturalmente, tivemos que encontrar novos empregos para ele várias vezes. Foi camareiro em um bar, encarregado de limpeza dos banheiros de um hospital para refugiados haitianos, passador de roupa em uma fábrica do midtown de Nova York, bilheteiro em um cinema da Rua 42... Que queriam vocês? Que lhe oferecêssemos nossas piscinas? Que assim por sua linda cara... sim por sua linda cara lhe abrissemos as portas de nossas residências em Coral Gables, que lhe entregássemos nosso carro do ano para que conquistasse nossas filhas que com tanto esmero educamos, e que o deixássemos, enfim, viver a doce vida sem antes conhecer o preço que neste mundo se tem que pagar por cada lufada de ar? Isso sim que não (ARENAS, 1995, p. 14).



Como se pode ver, Arenas faz uma caricatura do pensamento conservador da elite da sociedade cubana para identificar a comunidade dos exilados históricos de Miami, que na opinião do autor ultrapassava as fronteiras da Florida. Desta forma, na novela, a comunidade cubana agiria como uma espécie de “Estado Paralelo” que por meio de seu serviço secreto monitorava, por temor, os refugiados cubanos que imigravam para os Estados Unidos da América.

Após passar por diversos empregos sem conseguir adaptar-se, a comunidade conseguiu para Juan uma vaga de porteiro em um luxuoso edifício residencial de Manhattan. Segundo os narradores, não havia trabalho menos problemático, já que a tarefa restringia-se a abrir e fechar portas e saudar respeitosamente os moradores. Contudo, é neste emprego que se inicia a trama da novela. Ao contrário dos demais trabalhos que havia tentado antes, Juan adaptou-se ao de porteiro, mas não por afinidade, e sim por uma razão mais nobre. Juan acreditava que, ao exercer esta função, estaria mais próximo dos moradores e poderia, assim, ajudá-los a abrir outras portas. Em sua aparente insanidade, o protagonista julgava ser o escolhido para encaminhar as pessoas a atravessar a porta da “verdadeira felicidade”. Embora Juan confessasse que não sabia de que forma poderia fazê-lo, ele estava convencido de que era o responsável por esta tarefa.

Arenas passa a narrar por meio dos escritores da comunidade cubana a fantástica trajetória de Juan, o porteiro que acreditava ser uma espécie de profeta. A novela é uma obra calcada no realismo fantástico, na qual as personagens são os próprios moradores do edifício que, por sua vez, representam caricaturas da sociedade norte-americana e dos seus absurdos. O porteiro, por meio de uma dedicação imensurável, aproximava-se dos moradores com o intuito de ajudá-los a encontrar a porta para a “verdadeira felicidade”. Mas, os moradores do prédio não o ouviam e somente exploravam sua boa vontade para que ele realizasse algumas tarefas que não estavam no seu contrato de trabalho, sem que ele sequer conseguisse expressar o seu objetivo.

A novela traz personagens fantásticos, como John Lockpez, um equatoriano naturalizado norte-americano, pastor da igreja do Amor a Cristo Mediante o Contato Amistoso e Incessante; Brenda Hill, uma solteirona de meia idade alcoólatra e libertina; Mary Avilés, filha de importantes representantes da comunidade cubana de Miami que só pensa em se matar; Ste-

phen Warren, o milionário da cobertura do edifício; Cassandra Levinson, professora de ciências políticas da Universidade de Colúmbia e militante do Partido Comunista Norte-Americano; o senhor Pietri, chamado de super, por ser o síndico do prédio; a senhora Scarlett Reynolds, atriz aposentada e avarenta; o professor Walter Skirius, um cientista de renome que era revoltado com a fragilidade do corpo humano e desejava inventar acessórios que substituíssem alguns itens do modelo original. Essas são algumas entre outras não menos fantásticas personagens.

A primeira parte da novela é marcada pela tentativa de aproximação de Juan junto aos moradores do edifício. Contudo, o protagonista não consegue falar da porta com ninguém. Arenas utiliza-se do realismo fantástico para demonstrar que todos falavam consigo mesmos. O Dr. Skirius, por exemplo, não ouvia Juan porque estava interessado em convencê-lo a trocar seu obsoleto braço humano por um novo de aço que ele próprio havia desenvolvido e que seria mais útil para alguém que passava os dias a abrir portas. Já o pastor John Lockpez só pensava em convertê-lo à sua igreja e sua doutrina não convencional, que consistia basicamente em apalpar tudo furtiva e apaixonadamente no intuito de captar as radiações existentes, sem nenhum tipo de discriminação, fossem objetos inanimados ou não. A atriz aposentada, Scarlett Reynolds, era uma avarenta que tinha como animal doméstico um cachorro de pano por ser menos oneroso, e só se aproximava do porteiro para conseguir algumas moedas. Embora nunca conseguisse falar sobre a teoria da porta com ninguém, Juan mantinha-se obstinado e resistia ao mundo mágico à sua volta.

Arenas só foge à regra com um morador: a cientista política Cassandra Levinson, pois, embora ela também procurasse convencer o porteiro, os seus argumentos não eram fantásticos e sim bastante racionais, como se pode observar:

Sim, porque Cassandra Levinson, além de ser integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos – direito que não se coloca em discussão – e professora de ciências políticas da Universidade de Colúmbia, com honorários de oitenta mil dólares anuais, era um instrumento direto e fanático do ditador cubano e se impusera como tarefa filosófica e como dever moral e até ‘humano’ convencer nosso porteiro (que havia vivido dezessete anos de humilhação sob o sistema comunista e que havia saído de lá fugido em um bote) de que aquilo que deixara para trás era nada menos que o paraíso (ARENAS, 1995, p. 67).

O autor provavelmente se vale deste recurso para convencer os leitores de que a defesa política feita pela esquerda norte-americana ao regime cubano é por si só, absurda. Abaixo podemos ver como ele conduz o diálogo entre Juan e Levinson:

- Você não se dá conta – insistiu – de como sua vida é miserável, abrindo a porta a gente que o despreza e o considera inferior?...
- Também abro a porta para a senhora – respondeu o porteiro -, e não creio que me despreze. E se eles me desprezam, eu os aprecio; além disso, quero ajudá-los. E quero abrir-lhes não esta porta, mas outras portas...
- Puro idealismo burguês! – protestou Cassandra Levinson. – A única ajuda que pode dar à humanidade é incorporar-se à luta de classes até conseguirmos a vitória dos trabalhadores.
- Sou um trabalhador e venho de um lugar onde, segundo a senhora, se ganhou esta batalha.
- Você está fazendo confusão. Lá os inimigos do sistema encheram sua cabeça de bobagens.
- Lá, a única coisa que os inimigos do sistema podem encher são as prisões. A Liberdade...
- Não me fale de liberdade! – protestou ofendida a senhora Levinson.
- Você não sabe o que significa esta palavra!
- Se não soubesse, como poderia me explicar que a senhora e eu possamos manter impunemente esta conversa – contestou amavelmente nosso porteiro, tentando se despedir, alegando que havia deixado a portaria abandonada (ARENAS, 1995, p. 69-70).

Como vemos, o autor não utiliza neste diálogo os artificios estéticos do realismo fantástico que caracteriza o resto da novela. Ele prefere escarnecer de forma direta a esquerda norte-americana por meio da professora Levinson, o que não ocorre com nenhum outro personagem e em nenhum outro momento da novela, o que causa um impacto no leitor. O uso proposital da forma discursiva direta singulariza esse capítulo, pois, ao abrir mão das metáforas e ironias presentes nos capítulos anteriores, o autor mostra como seria insólita a defesa do regime cubano pela esquerda norte-americana.

Na novela, o porteiro era um refugiado que chegara aos Estados Unidos da América pelo porto de Mariel e, após dez anos de exílio, estava

preste a morrer de tristeza, até que encontrou no novo emprego de porteiro um sentido para sua existência: ajudar a humanidade a encontrar uma porta para a salvação de sua vida medíocre e mesquinha. Mas, o porteiro se desilude quando não consegue impedir Mary Avilés, da qual estava enamorado, de tentar o suicídio mais uma vez. A morte de Avilés, aliada às frustradas tentativas de aproximação dos demais moradores, devolvem-no ao estágio de tristeza e desilusão anterior.

No final da primeira parte da novela, o porteiro encontra-se no centro da Times Square, em meio às comemorações do Ano Novo. O lugar e o momento são propícios ao sentimento de euforia que milhares de pessoas estão compartilhando. Mas Juan se sente alheio a tudo e a todos, pois não pertence àquele lugar. Times Square nada representa para ele. Não se sente um integrante daquela multidão que se aglomera na praça. A euforia das pessoas reflete-se nele como melancolia e solidão. Antes mesmo do início do Ano Novo, Juan decide retornar ao edifício. Ao chegar à porta do prédio em que trabalha, explodem as comemorações, com todos os seus artefatos sonoros e visuais. Neste instante, Juan toma consciência do que ele realmente significa no edifício:

Juan teve quase a aterradora certeza de ser não um salvador, mas um palhaço, um lacaio daquela engrenagem ridícula. O mais baixo dos lacaios! Compelido a repetir gestos pomposos, frases e até logos supostamente gentis a todas aquelas pessoas que, como podiam se dar o luxo de pagar um porteiro, caminhavam com os narizes empinados... E ali mesmo, junto à grande porta de vidro, o porteiro tirou o uniforme, tirou as luvas e o chapéu e, vestindo a roupa que guardava no armário que lhe era destinado, decidiu neste mesmo instante, tomado de uma fantástica lucidez ou uma absoluta loucura, abandonar não só aquele edifício, não só aquela cidade, mas, como Mary Avilés, o universo completo (ARENAS, 1995, p.134-135).

Após este momento de alucinação, Juan faz uma avaliação da sua experiência de vida e nota que sempre teve um papel secundário no desenrolar dos acontecimentos. Não pode mais continuar a ser levado pela correnteza e já não acredita na possibilidade de uma nova fuga. Ao relembrar tudo que passara desde Cuba e tudo que alcançara até então, ele conclui que não há outro caminho, não há porta a ser alcançada e, desta forma, ele reafirma intimamente sua decisão:

Desaparecerei de maneira decisiva e pelo menos não serei mais um nessa engrenagem mecânica que não vai à parte alguma... Atrás, havia deixado um mundo ao qual não quero regressar nem recordar. E, sem dúvida, esta outra realidade era também para ele um mundo que precisava modificar para que se tornasse habitável. E se era certo que não podia mais tolerar o que havia deixado (embora apesar de tudo tampouco esquecesse), também era certo que não podia permanecer na realidade que havia encontrado (ARENAS, 1995, p.135).

A citação demonstra uma das principais teses da Geração Mariel: a incapacidade de se inserir tanto no projeto cubano da ilha, quanto no projeto cubano-americano de Miami, o que caracteriza o sentimento de não pertencimento do grupo. O porteiro, para o autor, é um típico representante dessa Geração Mariel, sempre em busca de uma nova fuga, à procura de uma porta. Contudo, Juan já não acredita encontrar a porta e, inclusive, prepara-se para abandonar aquele mundo que tanto o maltratara. A sua vida seria seu último sacrifício. Porém, ao entrar no elevador do edifício ele se depara com uma voz feminina a saudá-lo. Mesmo sem haver nenhuma pessoa no recinto, Juan procura a autora da façanha. Para sua surpresa, a voz é de Cleópatra, uma cadela egípcia do milionário senhor Stephen Warren. Abaixo podemos observar este inusitado diálogo:

– Boa noite – disse nesse momento uma voz feminina vinda do elevador. – Boa noite – voltou a repetir a voz sempre em inglês com sotaque britânico, agora em um tom mais alto, não restando a Juan alternativa a não ser voltar-se e saudar.

Mas na porta aberta do elevador não havia ninguém. Quem estava ali era Cleópatra, a famosa cadela egípcia de propriedade dos Warren. O animal, avançando sempre com grande parcimônia, aproximou-se do porteiro e outra vez, em inglês impecável, lhe deu boa-noite. E como Juan permanecesse estupefato, a cadela acrescentou:

– Espero que não se surpreenda de saber que falo, pois me sentiria verdadeiramente ofendida.

– Não, não, claro. De maneira alguma – disse o porteiro ainda mais confuso.

– Bem – prosseguiu Cleópatra. – Não temos muito tempo agora. Escapei do apartamento aproveitando a confusão de fim de ano, mas de

um momento para outro começarão a me procurar – aqui a distinta cadela apontou com os olhos para o alto -, motivo pelo qual nossa conversa tem que ser muito breve. Ouvi suas palavras e seus gritos. Eles – Cleópatra voltou para o teto – por sorte nada ouviram... Escute-me: eu e um grupo de amigos precisamos falar com você. É importante. Tudo está acertado para que possamos nos encontrar amanhã pela manhã às dez no porão...

Rapidamente, sem perder a solenidade, Cleópatra entrou no elevador e desapareceu (ARENAS, 1995, p.135-136).

Arenas encerra a primeira parte da sua novela com a introdução deste fenômeno fantástico. A segunda parte é caracterizada pelas reuniões do porteiro com Cleópatra e os demais animais pertencentes aos moradores do prédio. Na primeira reunião, conduzida por Cleópatra, Juan percebe do que se trata. Ela diz que há muito tempo eles estavam observando o comportamento do porteiro em relação aos moradores do prédio e notaram sua dedicação para com eles, embora nenhum deles houvesse se mostrado interessado por ele e, inclusive, já tivessem decidido demití-lo. Cleópatra continua sua explanação afirmando que, ao contrário do tratamento dispensado aos humanos, o porteiro jamais se preocupava com a existência dos animais do prédio, os quais viviam sob a dominação daqueles com os quais ele tanto se preocupava. Por fim, Cleópatra propõe um acordo ao porteiro:

Nossa proposta é a seguinte – prosseguiu a cadela egípcia, dirigindo-se ao porteiro. – Primeiro, que você nos escute; segundo, que medite; finalmente, que se una a nós.

A essas palavras de Cleópatra, o porão se encheu de grunhidos, miados, piados e latidos de aprovação.

Uma vez de acordo – continuou Cleópatra, acima da barafunda, tentaremos encontrar uma solução ou, como você mesmo disse, uma saída ou uma porta. Uma porta para você e para nós. Não para eles, os moradores, que dela não necessitam, porque sequer percebem que estão presos (ARENAS, 1995, p. 147).

A partir deste ponto, Reinaldo Arenas, por meio da narrativa da comunidade cubana de Miami, descreve os diálogos entre vários animais e o Porteiro. Trata-se de uma espécie de manifesto aos exilados do porto de

Mariel que eram vistos nos Estados Unidos da América e em Cuba como a escória da sociedade cubana. Os *marielitos* são metaforicamente representados por esses animais. Para o autor, os moradores eram a comunidade histórica cubana, a esquerda norte americana, milionários norte-americanos e todos aqueles que, mesmo não tendo inventado aquele mundo, adaptaram-se a ele e o admiravam. Por isso, não conseguiam entender a angústia de Juan, que era a mesma de milhares de novos refugiados que jamais poderiam adaptar-se a este modelo pronto e acabado, e também não podiam retornar à ilha, de onde haviam escapado após as decepções de uma revolução social. Eram estes *marielitos* metaforizados em animais que ansiavam por uma nova fuga, por uma outra porta. Na novela, somente os animais do prédio deram ouvidos ao porteiro. Para Reinaldo Arenas, somente a nova comunidade exilada, a Geração Mariel, poderia entender os significados da proposta Mariel de identidade e sua busca por uma alternativa de existência e a busca por uma porta, uma nova fuga.

As reuniões no porão eram sessões em que cada um dos animais do prédio narrava separadamente sua trajetória de vida e dava sua opinião a respeito do caminho que deviam tomar para alcançarem a porta. A narrativa continua a ser feita pelos agentes da comunidade cubana de Miami que, inclusive, não se mostram tão surpresos com a conspiração da fauna, eles como monitoravam tudo nunca eram completamente surpreendidos. Reinaldo Arenas, que foi um dos fundadores da revista *Mariel de Arte e Literatura*, parece descrever na novela as seções da revista que dedicava seu espaço para que os refugiados do porto de Mariel, escritores ou não, narrassem suas experiências na ilha e as suas urgências no exílio, como se viu no capítulo anterior.

Arenas inspirou-se nos refugiados do porto de Mariel, que ele conheceu no exílio, para criar os estereótipos desses animais. Desta forma, ele procura figurativamente analisar as experiências, os temores e as esperanças da Geração Mariel no exílio. Esta Geração Mariel, para ele, não se restringia aos escritores que lançaram a revista, mas referia-se a todos os que atravessaram o Estreito da Florida em pequenas embarcações saídas do porto de Mariel, bem como a todos os refugiados que, mesmo não tendo saído pelo porto de Mariel, passaram pelas mesmas experiências e decepções na ilha e compartilharam a dura realidade do exílio nos Estados Unidos da América. Este foi o caso de Guillermo Rosales e Heriberto Padilla que,

embora tivessem saído pelo aeroporto internacional de Miami em 1980, participaram do grupo e de sua revista.

É inviável analisar aqui todos os depoimentos dos fantásticos personagens desta novela, mas passemos à observação de certos trechos de alguns deles, iniciando pela pomba-trocaz:

Sem dúvida, é a fuga o que vou colocar em questão, eu, que desde que vivo esta situação não penso senão nela... O tempo e o cativo me fizeram perder a destreza em todos os meus músculos, a leveza para voar, a visão aguda, a astúcia para driblar a escopeta ou a armadilha e talvez até a persistência para procurar sozinha o meu próprio sustento. Vocês também perderam essas coisas, ou coisas semelhantes, embora talvez não queiram reconhecer isso... Também me pergunto se por acaso poderíamos viver lá de onde há tanto tempo partimos. Aqui temos certas comodidades e até uma certa segurança, não nos falta comida e, em geral, podemos dizer que ninguém virá nos matar (ARENAS, 1995, p.154).

A pomba quer alçar novos voos, mas não tem certeza de consegui-lo. O autor faz alusão aos refugiados que, após muita coragem, conseguiram fugir da ilha, mas que já se encontram tão calejados pela luta que não conseguem reunir as forças necessárias para uma nova fuga e, mesmo infelizes, deixam-se envelhecer na segurança do exílio, embora isso não signifique a renúncia de seus princípios. Porém, faltava-lhes força para uma nova aventura, um novo combate, uma nova fuga.

Outro personagem marcante da novela é o coelho, que em seu depoimento diz que tudo se resumia à construção de buracos para impedir a ação dos predadores:

Vejam suas cidades: buracos que o medo incessante multiplica. Buracos com marcas e alarmes, com armadilhas, policiais e porteiros. Nosso porteiro é um porteiro de buracos. Nosso porteiro é o porteiro do medo. Se não houvesse medo, para que teria que existir o porteiro. [...] Não sabem vocês como se faz um buraco? Se não sabem, estão perdidos. Porque se somente contam com o medo e não com o buraco, então sim não têm escapatória... Na realidade, creio que mesmo com o buraco não temos escapatórias... Mas façamos os buracos. Co-



mecemos a fazer buracos, buracos, buracos! Agora mesmo!

Aqui o coelho, sem deixar de tremer, quis fazer uma demonstração prática de como fazer um buraco, mas seus dentes e suas unhas bateram no cimento do chão. O coelho deu um grito de espanto.

– Vêem – disse, a ponto de morrer de um colapso, estamos metidos em uma armadilha. Isto não é mais que uma jaula. Estamos presos! Que medo! [...] Então o coelho, dominado pelo pânico, começou a gritar que o matassem, que se retratava por tudo o que tinha dito, que não levassem em conta aquelas palavras para nada, que era um mentiroso e que faria qualquer coisa em troca de que, de um momento para o outro não lhe cortassem a cabeça, e o deixassem sair dali imediatamente (ARENAS, 1995, p.189-190).

O coelho é usado pelo autor para representar os refugiados que, após as prisões, as torturas psicológicas e as perseguições sofridas em Cuba, tornaram-se indivíduos paranoicos e depressivos que não conseguiam mais controlar suas emoções, nem mesmo conduzir suas vidas. São mutilados da coragem necessária para uma vida constituída cotidianamente de combates. Arenas refere-se claramente a casos como o de Padilla que, depois da prisão e da retratação pública, jamais pôde ser a mesma pessoa nem o mesmo poeta que fora outrora. No capítulo “O caso Padilla”, de seu livro *Antes que anoiteça*, ele afirmou que Padilla jamais voltou a ser mesma pessoa depois da retratação pública.

Outro personagem aqui selecionado é o macaco que, diferentemente da pomba e do coelho, não desabafa, mas aproveita a sua vez para fazer um discurso. Ele defende a tese de que a vida seria um jogo que deve ser jogado com humor e com o objetivo único da diversão em si, sentido que a humanidade perdeu e que, para o macaco, devia ser por eles valorizado como a única forma de encontrar a porta. Vejamos parte do seu discurso:

Só somos autênticos se mudamos constantemente. Caminhemos em quatro patas, em uma, em duas, e em nenhuma. Corramos! Saltemos! Voemos! Arrastemo-nos! Nossa verdadeira identidade é uma fantasia incessante, uma piada infinita. O solene é a tumba. Desconfiemos das caras sérias, elas têm uma máscara que por ser usada há tanto tempo, grudou no rosto. Aí está outra diferença entre nós e o homem. Nós não temos máscaras, somos. Eles, para ser, têm que viver em

perpétua batalha para mostrar que são. Nesse jogo, que é a vida, eles sempre perdem, porque estão contaminados pela hipocrisia. Infringiram as regras do grande carnaval. Já não cometem travessuras, mas mesquinhas. Não são joviais, nunca o foram, são criminosos e, o que é pior, desmancha-prazeres e cretinos e, o que é ainda muito pior, solenes e esnobes (ARENAS, 1995, p.197).

Arenas valoriza na citação acima a ideia do prazer, da diversão, da sexualidade, de um sarcasmo sem limites e sem contraindicações. Os indivíduos devem ter não somente o direito de serem eles mesmos, como também de manifestarem-se livres dos preconceitos sociais aos quais estão constantemente submetidos. Arenas usa o macaco como seu porta-voz, num chamado à revolução pelo prazer, pela carnavalização. Ele parece convocar a todos os marielitos a se libertarem de toda hipocrisia.

O macaco, o coelho e a pomba são apenas três exemplos entre os diversos testemunhos dessa novela que decidimos priorizar. O que deve ser ressaltado é que todos os animais que viviam dentro do prédio são metáforas de tipos de refugiados políticos cubanos saídos pelo porto de Mariel. O autor pretende demonstrar que estes refugiados, a exemplo dos animais da novela, estão condenados a viver num ambiente estranho e hostil à sua natureza.

As reuniões no porão são interrompidas quando o macaco concluiu o seu discurso. Os animais, entusiasmados pelas suas palavras e gestos obscenos, juntam-se a ele em algazarra, o que alarma todos os moradores do prédio e culmina com a internação do porteiro no hospital psiquiátrico municipal de Nova York. Ele é acusado de, entre outras peripécias, perturbar os animais. No hospital, os psiquiatras ficam interessados no caso do paciente que acredita poder comunicar-se com os animais e que pode produzir vários sons simultâneos. Financiados pelo milionário Stephen Warren, proprietário de Cleópatra, a cadela líder do grupo, os médicos começam a fazer várias experiências utilizando vozes de animais gravadas, vídeos, filmadoras, enfim, tudo que supostamente precisassem para desvendar as manifestações de uma raríssima doença recém-descoberta e denominada por eles ventriloquismo magnético. O senhor Warren era o único que não estava certo se Juan era louco ou se realmente conseguia se comunicar com os animais.

Enquanto os especialistas procuram uma razão para sua demência, o porteiro passa horas ouvindo gravações de animais, como se estivesse num verdadeiro zoológico, do qual ele próprio faz parte. Em meio a essa atmosfera, o solitário Juan efetua uma viagem de regresso ao seu passado:

Assim, Juan voltava ao passado. E o que encontrava? Encontrava-se a si mesmo, mais magro e jovem, tentando entrar na casa de seus pais, cuja porta havia sido fechada por dentro com a tranca, pois nesse dia, depois de mil artimanhas e riscos, seu pai conseguira carne de porco e Juan, o filho, estava excluído do jantar. Agarrado à porta, junto à fechadura, ele ouvia o pai e a mãe mastigarem com verdadeira paixão. Teria que esperar o fim da refeição para poder se esticar no sofá da sala e dormir... Só restavam as ruas vigiadas, o risco de aventurar-se por elas, sendo jovem e além disso com o cabelo comprido – o cabelo que, num gesto de inconsciente rebeldia, se negava a cortar... (ARENAS, 1995, p. 204).

O autor conduz seu protagonista de volta à adolescência em Havana com o objetivo de desconstruir a imagem de que o socialismo houvesse transformado os cubanos em cidadãos solidários e livres da mesquinha humana. Na citação acima, Arenas parece pretender sustentar que a ditadura de Fidel Castro somente reforçou o distanciamento entre as pessoas, inclusive dentro das próprias famílias. Ele utiliza como exemplo a repressão do governo cubano, que em 1980 ainda considerava oficialmente como conduta imprópria o uso de cabelos compridos por jovens do sexo masculino. Juan continua seu retorno às suas memórias em busca da sua juventude, que para o autor não é passado, pois segundo ele vivemos sempre presos a ele, como podemos ver a seguir:

Antes, antes, no passado que é para nós sempre presente, pôde ver-se, agora um menino, querendo dormir entre as pernas da mãe, bem dentro, bem dentro, enquanto ela batia nele... Mais adiante, mais adiante, mais adiante, nessa época, nesse passado que para nós não existe, já que queiramos ou não vivemos sempre nele, Juan se vê caminhando enfurecido pelas praias vigiadas de seu país, averiguando, tentando medrosamente averiguar como cruzar o mar, e já se via num globo gigantesco e azul (armado sobre o terraço do prédio coletivo em que

vivia), subindo ao céu para sempre, para sempre. Para sempre fugindo daquele lugar onde toda sua infância e adolescência, sua vida, não haviam sido mais que uma tentativa frustrada de ser acolhido por algo que não fosse o campo de trabalho, o serviço militar obrigatório, a reunião, a concentração pública, o encontro oficial e inapelável para que ele entregasse a única coisa que possuía e que de nenhuma maneira poderia desfrutar, sua efêmera – e precisamente por isso maravilhosa – juventude (ARENAS, 1995, p.205).

Juan está preso ao seu passado porque este jamais pôde ser apagado. O passado, o presente e as suas expectativas quanto ao futuro são partes indivisíveis dele mesmo. A memória, com efeito, não pode ser vista como um simples passado morto ou um fantasma do que se é hoje. Ela é companheira das horas mais insólitas e, por vezes, conduz as atitudes das pessoas no presente, e estas, por sua vez, interferem diretamente em seu futuro. Nesta passagem, o autor, conscientemente ou não, aproxima-se da meta-história. A partir do retorno imaginário de Juan à sua conturbada juventude em Cuba, o autor interpreta as angústias e traumas que acompanham o porteiro no presente. Suas expectativas quanto ao futuro também estão relacionadas ao seu passado e ao seu presente. Como ele mesmo diz: “o passado [...], para nós, é sempre presente”.

A adolescência de Juan fora problemática e rebelde, o que não é incomum nesta fase da vida. O que distingue Juan de outros jovens é o fato de ele ir de encontro a uma das mais românticas e propagadas revoluções da história ocidental recente. Reinaldo Arenas pretende contradizer o governo cubano e a esquerda ocidental demonstrando a trajetória de vida de um *marielito*, no intuito de desconstruir a imagem oficial de dissidência contrarrevolucionária. Juan é um adolescente pobre que tem problemas familiares e opta pela rebeldia expressada nos cabelos longos e na crítica ao modelo político vigente em seu país. E este é um modelo que impõe à juventude um código de conduta extremamente restrito, com serviço militar obrigatório de três anos, proibição da entrada em determinadas praias do país destinadas exclusivamente ao turismo, condenação moral do homossexualismo, restrição política à difusão de obras literárias não conformistas e de ritmos musicais como o rock, além da condenação à recuperação em campos de trabalhos forçados daqueles jovens que insistem em manifestar a sua má conduta. Na visão do autor, restam à juventude apenas o mar e o céu como

expectativas de fuga da ilha, que é considerada por vários estrangeiros mal informados como um paraíso social. A seguir pode-se ver como Juan expressa o desespero de não poder sair de Cuba:

Eu grito no meio do mar, no campo de trabalho, debaixo d'água, caminhando pelo calçadão à beira-mar, sob as árvores ou no meio do trânsito, dentro do trem ou sob a neve ou sob uma palmeira e sobre a areia, quarenta dias e quarenta noites, abrindo e fechando a porta, eu procuro a saída. Então já veremos, já veremos cavalos e elefantes, já veremos céus e corredores, fontes borbulhantes, trepadeiras e desertos, e um caranguejo na lua... (ARENAS, 1995, p.205-206).

Esta passagem pode ser lida como o poema de um desesperado que luta com todas as suas forças para se evadir de um ambiente hostil à sua natureza, assim como ocorre com os animais domesticados da novela. Juan é um animal enjaulado percorrendo a ilha em busca de uma porta, que por certo se abriu com o fenômeno Mariel; com ele saíram milhares de jovens, de animais enjaulados, uma geração desesperada, a Geração Mariel, que após dez anos de exílio nos Estados Unidos já não podia mais seguir vivendo naquele país, tampouco retornar à sua origem. Só restava a esta geração a busca incessante por uma nova porta.

Com o tempo, os psiquiatras se desinteressam pela pesquisa sobre a doença do porteiro. A dedicação dos médicos vai cedendo à medida que o interesse do senhor Warren pelo caso diminui. A situação de Juan se complica e ele está para ser transferido para um hospital-prisão. Os advogados da comunidade cubana entram em ação, mas não podem fazer muito, já que o porteiro insiste em dizer que havia falado com os animais, ou pior, que os animais é que haviam falado com ele. Os narradores afirmam que a comunidade já não pode fazer mais nada para salvar o porteiro, porque não cairia bem a uma comunidade tão influente como a deles defender uma pessoa que julga poder falar com animais, ainda que eles soubessem ser esta a verdade, como pode ser observado na citação abaixo:

Imaginem o prefeito de Miami (um cubano de destaque), ou o de Hialeah (outro cubano proeminente), ou o presidente da Coca-Cola (certamente um cubano), ou o presidente da Universidade Internacional da Florida (outro cubano), ou o diretor da Editorial Playor (também cuba-

no), ou outras personalidades tão respeitáveis como as mencionadas assinando um documento em favor da alta do hospital de um jovem que afirmava ter ouvido uma mosca falar. E sem dúvida, não apenas ele havia escutado, mas nós também! (ARENAS, 1995, p. 216-217).

O porteiro está condenado à sua própria sorte, quando o bando de Cleópatra põe-se em ação e o resgata do hospital psiquiátrico antes que ele fosse transferido. Após o resgate, Cleópatra convence Juan e os integrantes do bando que uma nova fuga se fazia necessária:

Como nós sabemos o que queremos, o que precisamos é consegui-lo. Cada um de vocês, além da grande vontade de fugir, aspira algo diferente, ou pelo menos não exatamente igual ao que o outro quer. É impossível, então, encontrar um lugar onde se possa viver em relativa harmonia? Não acredito. Se caminharmos rumo ao oeste encontraremos o mar e, andando na direção sul, por toda a costa, encontraremos algum dia uma grande montanha. Em sua base, sob o mar, viverão os peixes, entre as árvores ficaram tranquilos a pomba e os demais pássaros; haverá, naturalmente, algum lago ou arroio ou lagoa para a tartaruga, pedras quentes para a serpente, terras para os que desejarem cavar, montes para os que quiserem miar ou saltar e, no alto, haverá neve e o urso poderá construir sua residência (ARENAS, 1995, p.220-221).

O grupo aceita a deliberação de Cleópatra e marcha em direção ao mar à procura da montanha. No caminho, o grupo vai recebendo novos adeptos que também desejam encontrar a “porta”. A caravana chega ao seu destino, na costa do Pacífico, depois de 49 dias de viagem. Alcançado o objetivo, Cleópatra comunica sua decisão de partir e convence o porteiro a assumir o seu lugar como líder do grupo. Embora Juan e os demais integrantes do grupo insistam que a líder deve continuar com eles, Cleópatra desaparece para sempre e o grupo continua em seu paraíso desconhecido pelo mundo.

Arenas conclui sua novela defendendo a tese de que uma nova fuga é possível, como também o é a convivência entre os diferentes refugiados do porto de Mariel em torno de uma causa, pois, para ele, a porta de saída que eles tanto almejam está na união desses exilados. Enfim, seu ponto de vista era que a construção da identidade da Geração Mariel seria a única esperança

para esses exilados, os quais estavam destinados a um papel secundário, tanto em Cuba quanto no exílio. Arenas publicou este livro poucos meses antes de sua morte, em 1990, já bastante debilitado pela AIDS e com absoluta certeza de não estar presente caso sua geração encontrasse essa “porta”. Provavelmente Arenas se autorrepresentou como Cleópatra, que conduziu a diáspora dos animais sabendo que jamais poderia viver no destino sonhado, como Moisés conduzindo os judeus pelo deserto à procura da terra prometida.

Como se percebe nas três obras trazidas aqui, ao mesmo tempo em que elas apresentam semelhanças em suas narrativas, principalmente quanto às dificuldades encontradas nas experiências vivenciadas; seja em Cuba, quando por motivos semelhantes suas personagens se tornam (assim como os autores) *outsiders* da proposta revolucionária do homem novo e da nova sociedade; seja no exílio, quando não conseguem se adaptar ao *American way of life*, nem tampouco serem aceitos pela maioria da comunidade cubana estabelecida em Miami. Contudo, encontramos também diferenças, sobretudo nos horizontes de expectativas dos autores.

Miguel Correa afirma em tom agressivo que nada poderia ser pior do que as experiências vividas em Cuba, e que a Geração Mariel, formada pelos escritores e artistas cubanos que iniciavam uma nova trajetória no exílio a partir de 1980 nos Estados Unidos da América, havia sido forjada pela resistência e estava preparada para enfrentar quaisquer adversidades. Guillermo Rosales, por sua vez, via esse grupo como uma geração alquebrada, irremediavelmente perdida. Por fim, Reinaldo Arenas, em um tom messiânico, propõe a junção de todos os *marielitos*, escritores ou não, em busca de uma nova forma de representação social e de identidade. Eles deviam apoiar-se em sua experiência de vida e urgências do presente para pavimentar um novo futuro que, inevitavelmente, deveria enfrentar os projetos de nacionalidade e de identidade dos dois polos hegemônicos em conflito constante na cultura política cubana: os revolucionários em Cuba e a representada pela hegemonia da comunidade cubana de Miami.

Podemos falar desta forma que o que sedimentava a Geração Mariel eram as experiências comuns compartilhadas na afirmação de suas diferenças frente a outras representações identitárias cubanas. Desse modo, o grupo, por meio de sua existência fugaz, não teve tempo de consolidar completamente um projeto coerente de identidade Mariel na qual as expectativas de futuro certamente teriam que ser cedo ou tarde contrapostas.

## Considerações Finais

Ainda hoje o tema que aqui acabamos de apresentar é polêmico e carregado de conotações ideológicas, muitas delas inevitáveis, já que cada pesquisador que se debruça sobre o tema possui uma posição ideológica formada sobre a revolução cubana e o mundo no qual vivemos. É preciso, contudo, evitar que esta opção ideológica se torne asfixiante a ponto de desacreditar a pesquisa, o que esperamos ter conseguido atingir em alguma medida.

Nosso objetivo principal foi compreender a proposta de construção da identidade Mariel por um grupo de escritores e artistas cubanos que se autodenominaram no exílio nos Estados Unidos da América como a Geração Mariel. Para isso, foi necessário estudar a produção literária dessa Geração (em específico as três obras selecionadas) e a revista-manifesto *Mariel de Arte e Literatura*. A partir da constatação de que a unidade do grupo se deu por fatores extraliterários, revisamos a documentação relativa aos anos de 1960 e 1970 em Cuba com o objetivo de ressaltar o modelo de formação do “homem novo” proposto pelo comando revolucionário nesses anos e a posterior sovietação antes da saída de milhares de cubanos pelo porto de Mariel. Também enfatizamos no estudo do fenômeno Mariel o fato de ele não ter ficado restrito aos acontecimentos de 1980 em Havana, mas que ele se ressignificou nos Estados Unidos da América com a chegada de milhares de *marielitos*. Procuramos mostrar, por uma parte, como a imprensa



cubana e de Miami representaram o fenômeno Mariel a partir de charges, fotografias, discursos, entrevistas, reportagens. E, por outra, fizemos uma análise seletiva de obras literárias representativas da literatura, também chamada *marielita*, e da revista *Mariel de Arte e Literatura*, com o intuito de expor como os integrantes desse grupo reagiram no exílio aos acontecimentos vivenciados.

Outra preocupação que tivemos foi fugir de um dos maiores problemas quando se estuda a experiência revolucionária cubana, a bipolarização entre Cuba e os Estados Unidos da América. Não podemos ver os problemas internos de uma nação exclusivamente a partir de suas relações com outra, porque isso implicaria, no mínimo, uma total falta de autonomia política da nação cubana em relação à norte-americana. Não pretendemos com esta afirmação evitar ou contornar os problemas políticos que cercam os dois países vizinhos. O que afirmamos é que essa relação não pode explicar cada movimento interno cubano numa teoria de causa e efeito que, além de simplista, significaria que quaisquer acertos e erros se devessem exclusivamente à hegemonia norte-americana, o que, de fato, é infundado, como prova a própria revolução cubana e a sua longevidade.

O nosso objeto de estudo, a Condição Mariel, é, antes de tudo, um fenômeno com raízes na cultura cubana e é explicado pelas lutas internas em Cuba nos anos que se seguiram à revolução, o que, evidentemente, não exclui os Estados Unidos da América, mas o coloca em seu devido lugar, ou seja, ocupando um papel secundário na explicação dos atritos que colocam parte da juventude cubana em oposição ao governo revolucionário de seu país, sobretudo no início da década de 1970.

Como observamos ao longo desta exposição, a principal tarefa do governo revolucionário, a partir de 1961, foi preocupar-se com a construção de uma nova sociedade e, sobretudo de um “homem novo”, capaz de dar sentido à perpetuação da revolução. Tentamos indicar até que ponto a intenção de construir uma juventude revolucionária nos moldes exigidos pelo comando revolucionário cubano serviu como estopim para a deflagração do êxodo do Mariel. A nosso ver, a formação da juventude por meio da ética do trabalho foi o paradigma da revolução cubana na década de 1960. Foi precisamente em torno desse paradigma que a Geração Mariel teceu suas principais críticas, revelando o caráter repressivo utilizado pelo regime para converter os jovens cubanos em revolucionários.

A ansiedade por transformar a ilha e por mudar o presente levou a revolução a enfrentar algumas tradições da sociedade cubana e a tentar impor uma nova moral. As religiões, a boemia, a prostituição e a homossexualidade passam a serem encarados como sintomas de decadência de um passado indesejado. O novo código ético e moral implantado pelo governo e a crença redentora na reeducação moral por meio do trabalho levaram à criação das UMAPs nos anos 60. Posteriormente, após o caso Padilla e o Congresso de Educação e Cultura de 1971, acentua-se o controle comportamental por meio de leis (de extravagância, de vacância, etc.) que aumentaram a repressão ao homossexualismo em Cuba. Essa temática é uma das principais questões que a Geração Mariel vai discutir no exílio, tanto na revista *Mariel de arte e literatura* como em duas das obras aqui analisadas, *O porteiro*, de Reinaldo Arenas, e *Ao norte do inferno*, de Miguel Correa.

Dessa forma, a Geração Mariel foi vista aqui como um grupo político-literário que almejou construir uma nova identidade a partir do desterro nos Estados Unidos da América. Assim, a consolidação do grupo se deu especialmente a partir das discussões em torno da criação de um projeto que os unificasse. Daí surge o despertar da consciência de não-pertença. Acreditamos ter demonstrado que a situação vivenciada pelo grupo, tanto em Cuba como nos Estados Unidos, fez deles uns *outsiders*, e é precisamente a partir dessa ótica que eles escreveram e se manifestavam.

Inicialmente vimos que um dos primeiros e principais projetos do comando revolucionário foi a tentativa de “desconstruir” o sistema de valores pré-existentes na sociedade cubana e fazer uma nova configuração social que pudesse afastar a ideologia capitalista das novas gerações da recém-criada nação socialista. Contudo, não foi simples estabelecer uma fronteira entre o novo e o velho sistema de valores, o que mais uma vez confirma que quase sempre o novo já nasce velho. A alternativa de redirecionar o imaginário coletivo da ilha por meio de uma espécie de cirurgia depurativa revelou os limites culturais contra os quais o regime cubano esbarrou ao tentar modificar algumas tradições e práticas culturais. Nem a sociedade cubana se transformou dentro das dimensões propostas pelo comando revolucionário, tampouco esse próprio comando estava imune ao tradicional sistema de valores que pretendia fazer desaparecer. O tratamento dispensado à homossexualidade, à rebeldia comportamental juvenil, aos intelectuais

descontentes ou à liberdade de expressão mostrou suas próprias raízes, muito semelhantes à antiga tradição ibérica e cristã da ilha.

Na segunda parte, evidenciamos como um incidente histórico, a invasão da Embaixada do Peru, desencadeou uma das maiores evasões do bloco socialista em direção ao centro do capitalismo em plena guerra fria. Após os meses em que se deu a travessia do canal da Flórida, ocorreu uma outra surpresa: pela primeira vez após a revolução de 1959, o governo cubano e a comunidade exilada em Miami convergiram numa mesma opinião, ou seja, na convicção de que os homossexuais, doentes mentais, prostitutas, jovens cabeludos, alcoólatras, entre outras formas de “desajuste social” que representavam os dissidentes que haviam deixado a ilha pelo porto de Mariel, envergonhavam a nação e a cultura cubana. Os cubanos que saíram pelo Mariel em meio a ritos coletivos de repúdio que os chamavam de escória, antissociais e *gusanos* passaram instantaneamente a ser estigmatizados em Miami como *marielitos*. Atravessaram a fronteira da guerra fria, mas carregaram consigo as marcas indelévels do estigma.

A Geração Mariel desterrada nos Estados Unidos da América passou a desafiar o papel que lhe era destinado tanto na ilha quanto no exílio. A saída foi construir uma alternativa de identidade que desafiasse os projetos políticos hegemônicos existentes na “cubanidade”. A fórmula encontrada foi a publicação da revista *Mariel de Arte e Literatura*, por meio da qual o grupo passou a questionar a experiência socialista na ilha, a postura da esquerda latino-americana e norte-americana que, em 1980, apoiava o governo cubano irrestritamente, bem como a comunidade cubana de Miami por causa do seu machismo, conservadorismo e integração ao *American way of life*.

A Geração Mariel empreendeu não só uma tentativa de construção de uma identidade a partir da diferença, mas também engajou-se numa luta pela história de suas próprias vidas. Uma história na qual eles eram os protagonistas, e não mais apenas números estatísticos, como o eram para a historiografia oficial cubana e para os cubanólogos, na época, interpretações de cunho economicista e que tratavam quase via de regra o êxodo pelo Mariel em função da crise econômica que afetou a ilha com a crise do petróleo nos anos 1970 ou do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos da América. As divergências se davam apenas no campo ideológico, entre os que defendiam o governo cubano e os que o criticavam.

A historiografia oficial cubana comodamente preferia não trabalhar com fenômenos recentes e os historiadores cubanos de Miami recusaram-se a analisá-los. Mesmo hoje, o fenômeno Mariel é uma lacuna na historiografia cubana, embora não se possa dizer o mesmo com relação à historiografia cubana realizada nos Estados Unidos da América, que tem aumentado consideravelmente o seu interesse pela literatura dos exilados cubanos.

A opção teórica de interpretar o fenômeno Mariel a partir da narrativa dos integrantes da Geração Mariel levou-nos à utilização da meta-história de Koselleck como nosso principal suporte. A perspectiva hermenêutica dessa teoria em muito favoreceu nosso trabalho, pois pudemos concentrar-nos na visão do grupo sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas, sem questionar se a interpretação do grupo era equivocada ou não. O que pretendíamos era, a partir do horizonte de expectativa e espaço de experiência destes indivíduos, analisar o processo de construção da identidade Mariel, sem supervalorizar ou desvalorizar esta opção.

O diálogo com a literatura por meio das obras de alguns dos componentes do grupo foi uma experiência notável, pois pudemos ver até que ponto o exílio causa sequelas naqueles que, por circunstâncias históricas específicas, perdem a possibilidade de retorno às suas origens. A memória, nestes casos, não é apenas mais um instrumento capaz de colocar à prova ou de falsear detalhes confusos ou esquecidos do passado. A memória, para os representantes da Geração Mariel, era a única fonte de sentido. Eles não acreditavam na história oficial cubana e tampouco em qualquer narrativa histórica do exterior referente ao seu país e à sua realidade social, a qual, na opinião deles, somente os que lá haviam nascido e crescido conheciam. A opinião de consenso desses escritores e artistas era que ou se escrevia em defesa da revolução ou se escrevia em defesa da comunidade cubana de Miami, ou seja, não havia nada imparcial quando o assunto era Cuba. A Geração Mariel não se sentia representada pelas narrativas que pouco lhes dizia sobre o que eles haviam vivenciado.

O grupo literário Geração Mariel, ao narrar sua história de vida, por certo não interpretou os acontecimentos de maneira completamente imparcial. Sabemos que a memória é sempre seletiva e parcial, e que o grupo analisou a história de Cuba tendo a si mesmo como protagonista evidentemente utilizou a interpretação dos acontecimentos a seu favor. A narrativa da Geração Mariel é também, como vimos, uma luta pelo reconhecimento

social. Contudo, não se pode, com esse argumento, rejeitá-la. O grupo tem o direito de narrar sua própria versão, de defender seus argumentos e de tecer sua narrativa histórica, mas isso não nos autoriza a tomar essa versão como sendo a verdade dos fatos. Se existe a possibilidade de nos aproximarmos de uma objetividade histórica de forma científica, é bem provável que possamos encontrá-la por meio de diversas narrativas e não em apenas uma, supostamente mais verdadeira.

Os integrantes da Geração Mariel passaram a vivenciar uma nova realidade que em pouco tempo se manifestou com os contornos de uma identidade, o que não implica uma proposta de substituição da identidade cubana, mas sua ressignificação. Não eram mais simplesmente cubanos e tampouco meros cubanos exilados. Não pretendiam ser confundidos com a próspera comunidade cubana de Miami. Eles eram os cubanos da Geração Mariel e necessitavam construir uma justificativa ideológica para esta identidade. Segundo Ricoeur (1977, p.68) a ideologia expressa, antes de tudo, a necessidade de um grupo social de se conferir uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar. Desta forma, a Geração Mariel, ao iniciar o processo de construção de sua identidade, passou a construir sua versão da história, suas justificativas e suas expectativas, aquilo que constituía a ideologia do grupo.

O exílio é recorrente não só em Cuba ou no Caribe, como em muitas outras partes do mundo. Expressá-lo na literatura também não é incomum. O que torna especial o fenômeno Mariel é a rejeição destes exilados pela sua própria comunidade. A rejeição dos próprios compatriotas é algo incomum no que se refere a comunidades de exilados políticos, que na maioria dos casos lutam para trazer o maior número possível de compatriotas para viver no exílio. A comunidade cubana de Miami efetivamente procurava trazer os dissidentes para os Estados Unidos da América e, inclusive, ela mesma custeou as embarcações que recolheram os refugiados do porto de Mariel. A rejeição e estigmatização desses novos refugiados cubanos deu-se, exclusivamente, ao fato de eles não corresponderem às expectativas dos que já se encontravam em Miami.

Devemos ressaltar que a proposta deste estudo não foi condenar a experiência revolucionária cubana, que teve êxitos sociais inegáveis. Mas, ao mesmo tempo, não podemos deixar de apontar suas ambiguidades e equívocos, o que seria uma ofensa à própria dialética marxista. Por um lado,

acreditamos que somente ao explorar os equívocos e contradições da experiência cubana é que se poderá evitar que estes se reproduzam em novas alternativas de transformação social. Por outro lado, sem crítica, a alternativa cubana jamais se oxigenará; o que, com efeito, é o mesmo que condená-la mais cedo ou mais tarde ao retorno do que era antes da revolução de 1959, o que acreditamos não ser uma alternativa aos problemas que expusemos ao longo deste trabalho. Não acreditamos que a esquerda não deva criticar pressupostos que ela condena apenas por se tratar de Cuba, e tampouco explicar tudo como consequência do bloqueio norte-americano. Não é sendo condescendente com a revolução cubana que os seus equívocos desaparecerão. Acreditamos que se deve estudar qualquer sociedade e a sua estrutura de poder, e que essa é uma tarefa que jamais deve ser interrompida em nome de qualquer argumento ideológico. Defendemos a representação do intelectual proposta por Edward Said: um *outsider* que deve sempre ter autonomia para questionar o poder estabelecido em qualquer configuração social e política.

Para finalizar, é preciso ressaltar que o grupo de escritores que constituiu a Geração Mariel procurou construir uma identidade que estivesse mais próxima da sua condição marginal e da sua história de vida. Portanto, esta identidade é também uma forma de protesto contra um modelo de história que limita a participação dos indivíduos na construção de suas próprias histórias de vida.



## Referências

1. ABREU, Juan. La pasión de Ruby Rich. *Revista Mariel de Arte y Literatura*. Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de1984, p. 34-35.
2. \_\_\_\_\_. Pequeño elogio de la escoria. *Encuentro de la Cultura Cubana*. Madrid, n. 8/9, p.135-139, primavera/verano, 1998.
3. ALBERTO, E. *Informe contra mi mismo*. Madrid: Editora Santillana, 1997.
4. ALMENDROS, Nestor; JIMÉNEZ-LEAL, Orlando. *Conducta impropia*. Madrid: Editorial Playor, 1984.
5. ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
6. \_\_\_\_\_. *Imagined communities*. Londres: Verso, 1983.
7. ARENAS, Reinaldo. La generación del Mariel. *Noticias de arte*, Miami, año 6, n. 11, p. 2, 1981.
8. \_\_\_\_\_. La isla en peso con todas sus cucarachas. *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, año 1, v. 2, p.20-24, 1983.
9. \_\_\_\_\_. La generación del Mariel. *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami Año 2, v. 6, p.34-35, 1984.
10. \_\_\_\_\_. *Antes que anochezca*. Barcelona: Tusquets, 1992.
11. \_\_\_\_\_. *O porteiro*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1995.
12. \_\_\_\_\_. Desgarramiento y fatalidad en la poesía cubana, Confluencias, José María Heredia, Juan Clemente Zenea y Gertrudes Gómez de Avellaneda, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de 1984, p. 22-23.
13. \_\_\_\_\_. Con el oleaje en la mirada. In: *Al norte del infierno*, Nueva York, Artimaña Libros, 2007, p. XI- XIII.



14. BANSART, A. et al. (Orgs.). *Memoria, nostalgia y exilio*. Caracas: Aveca, 2000. 107 p.
15. BARQUET, Jesús J. Sección Cartas, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, año I, No.4, invierno de 1984, p.25
16. \_\_\_\_\_. La generación del Mariel. *Encuentro de la cultura cubana*. Madrid, No. 8/9, primavera/verano de 1998, p. 110-125.
17. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
18. BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o iluminismo e revolução francesa*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.
19. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
20. BUFFIL, Elio Alba. La narrativa de Labrador Ruiz, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº 3, otoño de 1983, p. 20.
21. CABRERA, Infante Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
22. CARTA de los lectores, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, verano de 1984, p.28
23. CARTA de Scott Tucker a *The New York Native*, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p. 11.
24. CASTAÑEDA, Jorge. *A utopia desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latinoamericana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
25. CASTILLÓN, Juan Carlos. *Miami: exílio y literatura II*. Disponível em: <http://www.Penultimosdias.com/2006/09/01/Miami-exilio-y-literatura-ii/>
26. CASTRO, Fidel. Editorial, *Bohemia*, año 72, nº 28, 11 de julio de 1980. p.3.
27. \_\_\_\_\_. Editorial. *Bohemia*, La Habana, año 72, nº 28, 11 julio de 1980, p.03.
28. \_\_\_\_\_. *Hoy somos un pueblo entero conquistando el porvenir*. 3. ed. México: Siglo XXI, 1976.
29. \_\_\_\_\_. *Análisis histórico de la revolución cubana*. La Habana: Editora Política, 1982.
30. \_\_\_\_\_. *En marcha victoriosa hacia el futuro*. La Habana: Editora Política, 1988.
31. \_\_\_\_\_. *Presente y futuro de Cuba*. La Habana: Oficina de publicaciones del Consejo de Estado, 1991.
32. \_\_\_\_\_. *Rectificación*. Sobre el proceso de rectificación en Cuba. La Habana: Editora Política, 1990.
33. \_\_\_\_\_. *Un país dueño de sus destinos*. La Habana: Editora Política, 1990.
34. \_\_\_\_\_. Cuando la política de un Estado poderoso carece de principios y sus gobiernos carecen de moral. *Bohemia*, año 72, Nº 17, 25 de abril de 1980, pp. 48-49.
35. \_\_\_\_\_. Discurso de clausura del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura, 30 de abril de 1971. Disponível em: [www.cuba.cu/governo/discursos/1971](http://www.cuba.cu/governo/discursos/1971)

36. \_\_\_\_\_. *A história me absolverá*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.
37. \_\_\_\_\_. Discurso 5 de março de 1960. Disponível em: [www.cuba.cu/governo/discursos/1960](http://www.cuba.cu/governo/discursos/1960).
38. \_\_\_\_\_. *1961a*, Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, 16 de abril de 1961. Disponível em: <http://cuba.cu/governo/discursos/1961/esp/f160461e.html>.
39. \_\_\_\_\_. *1961b*, Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuados en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961. Disponível em <http://www.cuba.cu/governo/discursos/1961/esp/f300661e.html>.
40. \_\_\_\_\_. *Periódico Granma*, La Habana, 14 de abril de 1966, p. 3.
41. CIFUENTES, René. Los parámetros del paraíso, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p.12.
42. CRESPO, Francisco Julio. *Banditismo en el Escambray 1960-1965*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1986.
43. COLINA, José de la. Perfil Heberto Padilla, *Letras Libres*, Madrid, 2000, p.90-92.
44. CONFLUENCIAS, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº1, primavera de 1983, p.18
45. CONFLUENCIAS LEZAMA LIMA, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº 1, primavera de 1983, p. 18-20
46. CONFLUENCIAS VIRGILIO PIÑERA, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº 2, verano de 1983, p. 17-21.
47. CONFLUENCIAS LABRADOR RUIZ, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº 3, otoño de 1983, p. 18-20.
48. CONFLUENCIAS CARLOS MONTENEGRO, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año I, nº 4, invierno de 1984, p. 18-20.
49. CONFLUENCIAS JOSÉ MARÍA PÓVEDA, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, nº.5, primavera de 1984, p. 18-20.
50. CONFLUENCIAS JOSÉ MARÍA HEREDIA, JUAN CLEMENTE ZENEA Y GERTRUDES GÓMEZ DE AVELLANEDA, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.6, verano de 1984, p. 20-23.
51. CONFLUENCIAS GASTÓN BAQUERO, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.7, otoño de 1984, p. 18-20.
52. CONVENCION sobre la eliminación de todas las formas de discriminación contra la mujer, artículo 6. Disponível em: [www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html](http://www.mujeres.cubaweb.cu/cedaw/texto/03.html).
53. CÓRDOBA, José de. Discriminan cubanos a los de Mariel, *El Nuevo Herald*, Miami, 04 de outubro de 1985, p.1.

54. CORREA, M. Generación del Mariel. In: *Festival de las Artes/3er. Aniversario del Mariel*. Cuba: pintores y escritores en el exilio. Miami: Ediciones Miami, p.30-31, 1983.
55. \_\_\_\_\_. *Al norte del infierno*. 3ª ed. Nueva York: Editorial Artimaña Libros, 2007.
56. DECLARACIÓN DE LA UNEAC. [Comité Director de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba] 15 de noviembre de 1968. Disponível em [www.literatura.us/padilla/uneac.html](http://www.literatura.us/padilla/uneac.html). 2007-julho.
57. DÍAZ, Manuel Martínez. Intrahistoria abreviada del caso Padilla. [www.literatura.us/padilla/diaz.html](http://www.literatura.us/padilla/diaz.html). 2007
58. \_\_\_\_\_. El caso Padilla: crimen y castigo. *Encuentro de la cultura cubana*, Madrid, nº 4/5, p.88-97, primavera/verano, 1997.
59. DICTAMEN del Jurado del Concurso de la Uneac, 1968. [Cohen, J.M; Calvo, César; Lezama Lima, José; Tallet, José Z.; Diaz Martinez, Manuel]. Disponível em [www.literatura.us/padilla/dictamen.html](http://www.literatura.us/padilla/dictamen.html). 2007-julho.
60. DOCUMENTÁRIO, *Miami - Havana* dirigido por Estela Bravo, coprodução Cuba/UK/US, 1994, duração 52 minutos.
61. DOMÍNGUEZ, Jorge I. *Cuba: order and revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
62. \_\_\_\_\_. Cuba 1959-1990. In: BETHEL, L. *História de América Latina, México y el Caribe desde 1930*. Barcelona: Editorial Critica Grijalbo Mondadori, tomo 13, p.145-227, 1998.
63. Eagleton, T. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
64. Ecay, Roberto Madrigal; Ballagas, Manuel F. Editorial. *Término*, Primavera/Spring, 1983, publicação trimestral, Ohio, p.3
65. ECHARRY, Alfredo. Los chicos del cuarto mundo. *Juventud rebelde*, 10/10/1968, p.3-4.
66. EDITORIAL, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, año 1, No.1, primavera de 1983, p.2
67. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
68. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
69. ENCINOSA, Enrique C. *Cuba en guerra*. Historia de la oposición anti-castrista 1959-1993. Miami: Cuban American Studies, 1994.
70. ENTREVISTA de Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/05/1980). Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.
71. FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
72. FRANQUI, Carlos. *Retrato de família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
73. FUENTES, Fulvio. Marcha de la combatividad. *Bohemia*, 25/04/1980, p. 48-50.

74. FURIATI, C. *Fidel Castro – uma biografia consentida*. Tomo II. Do subversivo ao estadista. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
75. GARCÍA-PÉREZ, Gladys Marel. *Insurrección y revolución 1952-1959*. Havana: Unión, 2006.
76. GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.
77. GONZÁLEZ-PANDO, Miguel. Development stages of the “cuban exile country”. *CTP*, Cuba Transition Project, Intitute for Cuban & Cuban-American Studies. University of Miami, Miami, Florida, August 2004, p.50-65.
78. GOTT, Richard. *Cuba, uma nova história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
79. GUEVARA, Ernesto Che. El hombre nuevo. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.319-334.
80. \_\_\_\_\_. Discurso 08/08/1961 In: *Escritos y discursos*. La Habana: Ediciones políticas, 1977.
81. HABLEMOS CLARO, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, Miami, p.9.
82. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
83. HAMM, Mark S. *The abandoned ones: the imprisonment and uprising of the Mariel boat people*. Boston: Northeastern University Press, 1995.
84. HAY QUE HERVIRLOS. *Revista Mella*, La Habana, 07 de junho de 1965, p.
85. HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. São Paulo: Globo, 2003.
86. HOBBSBAWM, E; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
87. HOMENAGE A JOSÉ MARTÍ, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Año II, No.8, invierno de 1985, p. 1-28.
88. HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: 34, 2003.
89. IBARRA, Isabel. *Cultura y poder en Cuba (1980-1990)*. Memorias, experiencias y silencios de la revolución. 2000. 297 p. Tesis Doctoral, Universidad Complutense, Madrid.
90. JAUSS, Hans Robert. *La historia de la literatura como provocación*. Barcelona: Península, 2000.
91. KAROL, K.S; POMERANS, A.J. *Guerrillas in power: the course of the Cuban revolution*. New York: Hardcover, Hill & Wang, 1970, p.139.
92. KOHAN, Nestor. La revolución bolchevique en el Río de la Plata, 04 de novembro de 2007. Disponível em: [www.boltxe.info/berria/?p=7286](http://www.boltxe.info/berria/?p=7286).
93. KOSELLECK, R. *Futuro pasado: para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1993.

94. KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
95. LA GRAN batalla del estudiantado, *Mella*, La Habana, 31/05/1965, p.
96. LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.
97. LA POSICIÓN de Cuba, *Bohemia*, La Habana, 11 de abril de 1980, p. 51-52.
98. LA ÚLTIMA página, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.8, invierno de 1985.
99. LARZELERE, A. *Castro's ploy – America's dilemma: the 1980 Cuban boatlift*. Washington: National Defense University Press, 1988.
100. LEVI, G.; SCHMITT, J.C. *História dos jovens*. 2 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
101. LEY No 3 del Ejército Rebelde de 1958. La Habana: Ed. Lex, 1959.
102. LEYES cubanas contra el homosexualismo, *Revista Mariel de Arte y Literatura*. Nova York, Año II, nº 5, primavera de 1984, p.8.
103. LORENZO, Ismael, Fort Chafee, *Término*, Ohio, primavera de 1984, p.7.
104. LÖWY, Michael (Org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, 585 p.
105. \_\_\_\_\_. *El pensamiento de Che Guevara*. México: Siglo Veintiuno, 1987.
106. \_\_\_\_\_. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
107. MARX and Engels Through the Eyes of Their Contemporaries. Progress Publishers, 1972. Disponível no site <http://www.marxists.org/archive/lafargue/1890/xx/marx.htm>
108. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1978.
109. MATOS, Olgária. Prefácio. In: LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.
110. MAO JR, J. R. *A revolução cubana e a questão nacional (1868-1963)*. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.
111. MÁS QUE UN episodio Mariel, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, año II, nº 5, primavera de 1984, p.2.
112. MEIER, Cristian. Sobre o conceito de identidade nacional. *História: questões & debates*, Curitiba, n. 10, p. 329-347, jun./dez., 1989.
113. MESA-LAGO, Carmelo. *Breve historia económica de la Cuba socialista: política, resultados y perspectivas*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
114. \_\_\_\_\_. *Dialéctica de la revolución cubana: del idealismo carismático al pragmatismo institucionalista*. Madrid: Editorial Playor, 1979.
115. MIGNOLO, Walter. Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. Lima/Berkeley, n. 41, p. 9-31, 1995.

116. MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura e política em Cuba: os debates em Lunes de la revolución*. Dissertação de Mestrado, USP, 2000.
117. \_\_\_\_\_. Os intelectuais cubanos e a política cultural da revolução (1961-1975). Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2005.
118. \_\_\_\_\_. A política cultural no início da Revolução Cubana: o caso do suplemento cultural *Lunes de la revolución*. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edições/06/out6-07.pdf>. p. 77-90.
119. MÖLLER, Haidy G., Los homosexuales en la Cuba actual, *Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, primavera de 1984, p.13.
120. MONSIVÁIS, Carlos. La Revolución Cubana: los años del consenso. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 16/17, p. 74-80, primavera/verano, 2000.
121. MORGADO, Márcia, No muy lejos del mar, Confluencias, Carlos Montenegro, *Mariel de Arte y Literatura*, Año I, nº 4, invierno de 1984, p.20.
122. NOTICIAS del Mariel. *Bohemia*, La Habana, año 72, nº 17, 25 abr., p. 45, 1980.
123. NUEZ, Iván de la. Mariel en el extremo de la cultura. *Encuentro de la Cultura Cubana*. Madrid, nº 8/9, primavera/verano de 1998, p. 105-109.
124. NUÑEZ JIMÉNEZ, A. *En marcha con Fidel*. La Habana: Letras Cubanas, 1982.
125. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Iberoamericana, 1967.
126. PACTO DE CARACAS, 20 de Julio 1958. Disponível em:
127. <http://www.newsgroups.derkeiler.com/archive/soc/soc.culture.cuba>. Acesso em: 12 de dezembro de 2008.
128. PADILLA, Heberto. Fuera del juego. Disponível em [www.literatura.us/padilla/fuera.html](http://www.literatura.us/padilla/fuera.html). 2007
129. \_\_\_\_\_. El escritor y el exilio. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 19, p.5-9, invierno, 2000/2001.
130. PATTERSON, E. La revolución de Fuera del juego. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 19, p. 21-40, invierno, 2000/2001.
131. PAZ, Juan Valdés. *Procesos agrarios en Cuba, 1959-1995*. Havana: Editorial Ciencias Sociales, 1997.
132. PEDRAZA, Silvia. *Political disaffection in Cuba's revolution and exodus*. New York: Cambridge University Press, 2007.
133. \_\_\_\_\_. Cuba's refugees: manifold migrations. CTP, Cuba Transition Project, Institute for Cuban & Cuban-American Studies. University of Miami, Miami, Flórida, 1995, p. 311-329.
134. PÉREZ, Eugenio Suárez. Campaña de Alfabetización 1961. Una batalla verdaderamente épica. Disponível em: [www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html](http://www.bohemia.cu/2006/12/05/historia/alfabetización.html).
135. PÉREZ JR., Louis A. *Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2006.

136. PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado*. Madrid: Editorial Colibri, 1993.
137. PÉREZ VIDAL, Ángel. *Muchas Gracias...Marielitos. Siete años después*. Miami: Ediciones Universal, 1988.
138. PESAVENTO, S.J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n.29, p.9 -27, 1997.
139. PIÑERA, Ileana Pérez. La pequeña Habana: la narrativa cubana y la construcción de patria en el exilio. In: BANSART, A. et al. (Orgs.). *Memoria, nostalgia y exilio*. Caracas: Aveca, 2000. p. 69-79.
140. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p.200- 212.
141. \_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, p.3-15.
142. PONCE, Aníbal. *Educación y lucha de clases*. Havana: Imprenta Nacional de Cuba-Ministerio de Educación, 1961.
143. \_\_\_\_\_. *Humanismo burgués y humanismo proletario* (prólogo de Juan Marinello). Havana: Imprenta Nacional de Cuba, Ministerio de Educación, 1962.
144. PORTES, Alejandro; STEPICK, A; CLARK, Juan. *Three years later: the adaptation process of 1980* (Mariel) Cuban and haitian refugees in south Florida. Miami: Latin American and Caribbean Center, Florida International University, 1985.
145. ¿Que Carazo se trae Carazo? *Bohemia*, La Habana, 16 de maio de 1980, p.48-49.
146. RAMOS, Reinaldo Garcia. Póveda, nuestro aspirante a maldito, Confluencias, José Manuel Poveda, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Año II, nº 5, primavera de 1984, p. 20.
147. \_\_\_\_\_. Los narradores perseguidos. *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, año 1, v. 2, p.27-28, 1983.
148. RETRATO de um cubano gay em Miami, entrevista de Ana Maria Simó a Alex Oyanguren, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, Año II, No.5, primavera de 1984, p.14-15.
149. RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologías*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
150. \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Tomo 3. São Paulo: Papirus, 1997.
151. RIPOLL, Carlos. La generación del Mariel, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Nova York; Miami, año I, nº 2, verano de 1983, p.29-30.
152. RITTER, Arch R.M. Estrategias de movilización y recursos humanos en Cuba revolucionaria. *Cuadernos de Economía*, Instituto de Economía de la Pontificia Universidad Católica de Chile, vol.11, 1974.
153. RIVERO, R. Heberto Padilla: tiempo al tiempo. *Encuentro de la cultura cubana*, Madrid, n. 19, p.19-21, invierno, 2000/2001.

154. RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1983.
155. RODRÍGUEZ-CRUZ, J. Carlos. *Hombres del Escambray*. La Habana: Editorial Capitán San Luis, 1990.
156. ROJAS, Rafael. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971), *Tempo social*, vol. 19, nº 1, São Paulo, 2007.
157. ROS, Enrique. *La Umap: el gulag castrista*. Miami: Ediciones Universal, 2004.
158. ROSALES, Guillermo. *Boarding home*. Miami: Universal, 1984.
159. SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
160. SANTIAGO, Fabiola. Miles de entrantes del Mariel siguen sin llenar inscripción, *El Nuevo Herald*, Miami, Flórida, 20 de janeiro de 1985, p.1.
161. SARTRE, Jean Paul. Conferencia de Araraquara. In: *Sartre no Brasi*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
162. SENA, C. S. *Os dois Brasis: um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil*. 2000. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
163. SERRANO, Pio. Notas para una posible lectura de Gastón Baquero, Confluencias, Gastón Baquero, *Revista Mariel de Arte y Literatura*, Año II, nº 7, otoño de 1984, p. 20.
164. STARITA, Joe. Mariel: alta tasa de criminalidad, *El nuevo Herald*, Miami, Flórida, 24 de abril de 1983, p.4
165. SUÁREZ AMADOR, José. *La lucha contra bandidos en Cuba*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1981.
166. SZULC, T. *Fidel: um retrato crítico*. São Paulo: Best Seller, 1987.
167. THOMPSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História 15*, São Paulo, n. 15, p.51-85. Editora PUC-SP, 1997.
168. VALERO, R. La generación del Mariel. *Término*, Miami, año 2, v. 5, p.14-16, 1983.
169. VALPER, E. El noticiero de la embajada, *Bohemia*, La Habana, Año 72, n. 20, 16/05/1980, p.
170. VARGAS LLOSA, Mario. *Diccionario amoroso da América Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
171. VICTORIA, Carlos. Fragmentos del Mariel. *Encuentro de la cultura cubana*. Madrid, No. 8/9, primavera/verano de 1998, p. 133-135.
172. VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. Programa de pós-graduação em História Social da USP, 2006.
173. WASHINGTON mantém silêncio estrito sobre a sabotagem ao navio francês. Disponível em: <http://www.granmai.cubasi.cu/portugues/2006/marzo/mier15/12lacoubre-p.html>.





ESTA PUBLICAÇÃO FOI ELABORADA PELA EDITORA  
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
E IMPRESSA NA GRÁFICA E EDITORA AMÉRICA LTDA

---

Rua Colônia, Qd. 240-C, Lt. 26 a 29, Chácara C2, Jardim Novo Mundo.  
CEP. 74.713-200, Goiânia, Goiás, Brasil. Secretaria e Fax (62) 3946-  
1814. Livraria (62) 3946-1080



Impresso



E-book